

## O CASAMENTO DE MENTIRINHA DE KATIE SIMPSON – MINA FORD

Abas

Katie Simpson desistiu de amar. Depois de flagrar seu namorado com outra chegou à conclusão de que relacionamentos simplesmente não valem a pena um momento difícil de sua vida no qual ela precisa como nunca do apoio de melhores amigos.

George, Janice e Sam, porém, estão ocupados demais com seus próprios problemas e interesses para darem a devida atenção a Katie. Janice começou a frequentar velórios em busca do seu homem ideal: bem velho e bem rico. Sam convive com uma idéia fixa: um interesse inexplicável por mulheres muito, muito magras. E George está à beira do desespero porque o visto de David, seu namorado australiano, vai expirar.

Uma idéia porém, pode salvar a pátria. Já que Katie não quer mais se envolver seriamente com homens, por que não fazer um casamento de mentirinha com David para que ele obtenha um visto permanente e possa ficar junto de George? Uma solução e tanto.

Evidentemente, as coisas não correm como deveriam. Afinal Katie pode ter desistido do amor. Mas será que o amor desistiu de Katie? O resultado é um romance muito divertido e inteligente de uma das revelações da nova literatura feminina britânica. Um livro sem meias-palavras, engraçado e totalmente inovador.

Mina Ford estudou letras e viveu na França antes de aceitar um emprego em uma empresa de comunicação francesa sediada em Londres. Depois de muitos anos de fúria nos metrô lotados, resolveu fugir para a relativa paz e tranquilidade de Bath, onde escreveu este seu primeiro romance.

Capa de Glenda Rubinstein.

Contracapa

“Leitura obrigatória.” – The Sun.

“Uma história honesta e muito engraçada.” – Evening Herald.

“Literatura feminina provocadora.” – The Daily Mirror.

“Momentos hilariantes.” – Company.

Depois do fim traumático de seu namoro, Katie Simpson precisa desesperadamente do apoio de seus amigos. Mas justo nessa hora eles estão mais preocupados com os próprios problemas. Janice está em uma busca insana por um marido velho e rico. Sam não pensa em nada além de mulheres extremamente magras. E George está em pânico. Pois o visto de seu namorado australiano vai expirar.



Todos estão ocupados demais para pensar em Katie, até que ela resolve se casar. Será apenas um truque para atrair novamente a atenção dos três? Ou ela está mesmo disposta a levar seu plano até o fim?

Um Romance de estréia engraçadíssimo sobre uma mulher moderna e inteligente que tem mais preocupações e interesses do que ir às compras ou o próximo namorado.

## PRÓLOGO

- Eu vou me casar.

- O quê?

Queixos pairam sobre o assoalho enquanto meus amigos digerem a última novidade.

Para ser honesta, eu mesma estou um tanto chocada.

Há seis meses, jurei que comeria meu próprio cabelo e me sufocaria com uma bola de pêlo antes de me render. Mastigaria pedaços de unha cortada antes de comprar o enorme vestido de merengue, apertar meus pés, sempre à vontade, em um sapatinho de salto idiota e permitir que um homem-porco-cachorro de casaca de brocado me arrastasse, gritando e me debatendo, para o altar. Agora, olhe só para mim. Katie Simpson, solteirona convicta, prestes a abrir mão de minha preciosa independência e me transformando em Senhora...

Buggeration.

Hã? Senhora o quê?

Por mais surpreendente que seja, com toda a agitação louca dos últimos dias, nunca me ocorreu perguntar que porcaria é o sobrenome dele, fico repetindo para mim mesma que não faz a menor diferença. Podia ser Pratt ou Shufflebotton, dá tudo no mesmo. Podia ser Clutterbuck ou Blenkishop, realmente, tanto faz, foda-se.

Até parece que eu tenho a intenção de usá-lo de verdade, pelo amor de Deus.

Bom, pelo menos não durante um bom tempo.

Mas estou me adiantando...

Primeiro de janeiro. Quatro meses, três semanas e dois dias se passaram desde que eu entrei no banheiro de Jake Carpenter e deparei com Frase Calcinha de Peixe, a Motoqueira de Balham, agarrada ao suporte de toalhas com as pernas escancaradas, calcinha fio-dental cor de cereja, bem vulgar, pendurada em um pé, e a bunda branquela de Jake subindo e descendo como uma britadeira entre as coxas bronzeadas. Afundo-me no sofá molenga de camurça cor de caramelo. Tiro um resto de esmalte verde-limão com purpurina que sobrou na unha do dedão do pé e dou uma olhada no anúncio de classificados pessoais, que rabisquei ontem à noite em um maço de cigarros, sob efeito de vodca barata.

“Ruiva desajeitada que ficou para titia, viciada em bacon e com uma estranha obsessão por gays, procura homem heterossexual com jeito de gay que não seja ruivo e odeie esportes para relacionamento sério. Maníacos por TV, viciados em Playstation, que tenha fetiche pela mãe ou cabeludos tipo cientista louco nem precisam se dar ao trabalho de responder.”

Dou um golão no Milk-shake de banana, arregaço o pijama xadrez desajeitado para eliminar um pêlo encravado da canela e examino meu anúncio mais uma vez. Daí transformo o papel em uma bolinha e, com um lance, acerto na lata de lixo.

E tomo a decisão inabalável de continuar solteira.

Daqui por diante, sou uma mulher de uma noite só.

Aquele negócio de dizer que eu sou ruiva não é uma informação muito precisa. Faz pouco tempo que meu cabelo ganhou a cor de Nectarina. Bom, era o que dizia na caixa – mas, depois de ver o resultado, acho que seria apropriado batizar a cor de Tangerina Néon.

A parte que fala que estou à procura de um homem também não PE absolutamente verdadeira. Eu posso até ser solteira, mas não tenho nada a ver com aquelas coitadas desesperadas que a gente vê pelos bares jogando o cabelo de um alado para o outro e se afogando em taças de Chardonnay porque têm a bunda grande e estão sem namorado. Eu, não.

Não estou dizendo que seja perfeita. Às vezes, sou a maior vaca. Já tive fama de fazer xixi na escova de dente de quem me enchia a paciência. Tenho fascínio mórbido por notícias de tragédias horrorosas no jornal. É comum ficar uma semana sem tomar banho. Pois é, eu tenho lá os meus defeitos.

E meu péssimo gosto por homens com certeza está bem no começo da lista.

Sou um horror para escolher homem. Para começar, meu gayzômetro veio com defeito. Sou admiradora serial de gays. Se me aparece pela frente um homossexual galopante, eu tento seduzi-lo. Meu critério de seleção é reconhecidamente ruim. De acordo com a minha Ficha Pessoal Amorosa, já cruzei com o cara certo três vezes. Ah, o primeiro cuidava bem de mim, bem mesmo, comprava bugigangas quando eu estava deprimida e não era nem um pouco egoísta na cama.

Ou, pelo menos, era o que eu pensava.

Só fui descobrir o que ele queria de verdade quando abri meu presente de aniversário de 24 anos. Rasguei o papel cor-de-rosa brilhante toda animada, e fiquei absolutamente

chocada ao me ver boquiaberta diante de um conjunto cravejado de coleira e uma guia de cachorro. E daí ele me bateu com aquilo. Disse que sempre achou que eu era um pouco comportada demais na cama. Parece que eu o deixaria com muito mais tesão se me dispusesse a ficar de quatro de vez em quando e latir um pouquinho.

Só consegui soltar um “au” bem fraquinho antes de me desmanchar em lágrimas, pegar o casaco e sair dali sem olhar para trás.

Apaixonei-me pelo Senhor Cara Certo Número Dois por uma razão muito simples. Ele comia rápido. E isso fazia com que eu parecesse positivamente delicada quando íamos a restaurantes. Infelizmente, não demorou até que aquele jeito dele de devorar a comida me desse nos nervos e eu ansiasse por uma linha mais satisfeita de comportamento para a hora do jantar.

E daí apareceu Jake. E eu simplesmente fui lá e me apaixonei por ele. Caramba.

Eu me recuperei de cada relacionamento que tive o azar de experimentar. Desde que cheguei à puberdade, a agulha do meu Barômetro de Besteira tem estado permanentemente no nível “Perigosamente Alto”. Já engoli tanta merda que seria uma boa candidata para terapia de choque de desintoxicação.

Depois daquele fiasco no banheiro, parecia que eu estava andando pelo esgoto.

Reconheço que já está mais di que na hora de eu me conformar com o agito da vida de solteira. Tudo bem, é verdade que as coisas neste momento não estão assim muito agitadas, mas tudo muda, não é mesmo? Pelo menos já sou bem grandinha para admitir que, na corrida do romance, eu não posso competir. No meu cardápio pessoal de namoro, Homem está em falta. Já experimentei relacionamentos, e prefiro torta. Veja só toda a tristeza que Jake me causou. E nem dá para comparar com o que os outros dois me aprontaram. Estou totalmente decidida. Os únicos homens que permitirei entrar na minha vida no futuro são Ronald Mcdonald, Senhor Kopenhagen e Senhor Kipling.

Com eles, não tem erro.

E já que estamos falando deste assunto, de modo que você já sabe qual é minha posição em relação à comida, já vou logo dizendo que não faço regime. Em vez disso, prefiro carne de porco, torta, sanduíches e chouriço frito na banha. Engulo qualquer coisa, menos bala de anis e aquelas partes melequentas do ovo que parecem catarro. Há dois anos, quando estava terminando com Tom, desisti de contar calorias. Tom era um poeta que trabalhava em uma loja de roupa de nenê para fazer as mulheres pensarem que ele era um cara sensível. Quando eu afinal resolvi que ele talvez não fosse o Senhor Cara Certo, mas que era Porra, Quase Isso, descobri que ele tinha sido preso por porte de GBH e que era casado.

O que imediatamente o transformou em Senhor Saia Fora da Minha Vida.

Eu me senti a maior otária. Engolia uma tortinha de morango atrás da outra e devorava potes de pudim mais rápido do que conseguia abrir a geladeira. Percebi que já tinha muito com o que me preocupar para perder tempo imaginando se ia ou não ter que esconder a barriga com uma daquelas calcinhas modeladoras. Eu teria bastante tempo para reclamar do meu peso quando tivesse verdadeiras bisnagas amarradas nas coxas e meus pêlos púbicos tivessem desaparecido sob camadas de banha iguais às do bonequinho da Michelin.

E foi aí que conheci o Jake.

E de repente o mundo se transformou em um lugar mais feliz e mais brilhante.

Jake, homem de verdade, designer gráfico e dono de um maravilhoso pênis avermelhado, infiltrou-se na minha vida há pouco mais de um ano, durante um lançamento de gel de cabelo em Kensington. Obviamente, eu preferiria morrer a ser vista em um evento de puxa-saco desses, mas esse específico tinha sido organizado pelo meu amigo mais antigo, Sam. Quando nasceu, Sam foi abençoado com um sorriso igual

ao daquelas moças que fazem natação sincronizada e com a capacidade extra de puxar o saco, de modo que estava no caminho certo para se transformar em fodão na empresa de relações públicas em que trabalhava no Noho (para quem não sabe, é assim que eu chamo a região no fim de Tottenham Court Road). O lançamento marcava um ponto crucial na carreira dele, e implorou para que eu fosse, para engrossar o público. E apesar de eu preferir virar um frasco de desinfetante de privada goela abaixo de uma vez só, cumpri minha tarefa, fiz escova no cabelo, passei maquiagem até ficar com aparência brilhante e me enfiei em um vestido verde-ácido, só para ir lá e ficar em pé, na pontinha dos dedos, cheia de ansiedade e me sentindo mais deslocada do que um cara que não fez circuncisão no Chanucá, enquanto Sam corria de um lado para o outro com bandejas de petiscos que oferecia a hordas de meninas do marketing com vestidos justíssimos. Como era de se esperar, foi o pior tipo de festa possível: o tipo em que se bebe champanhe e que as pessoas se cumprimentam com beijinhos sem encostar no rosto umas das outras, em que todo mundo se odeia mas finge que não e em que todo mundo fica tão obcecado com a aparência que nem consegue se divertir.

Principalmente eu.

Fiquei no lugar que costumo ocupar nas festas, a pole-position do bufê, devorando canapés de salmão com queijo cremoso com uma mão e tentando equilibrar um copo de gim fizz e um Marlboro Light na outra. Como sempre, fiquei me xingando em silêncio por não ter colhão para recusar convite nenhum. Sempre acontece isso comigo. Quando me chamam na chinha, fico tentando inventar alguma desculpa aceitável antes de me render, dizendo aos sopetões que ficaria muito feliz em poder comparecer à festa de Ode às Virgens da Jemima ou à noite temática de Nux Vomica, ou qualquer porra de evento para o qual me convidem. Então, quando a hora vai se aproximando, eu me vejo rezando por uma dose contagiosa de ebola e imaginando se vale a pena agüentar a humilhação de ligar para a anfitriã e mencionar a palavra diarreia.

Na noite que conheci Jake, eu infelizmente estava saudável como sempre. Estava com os peitos duros de frio naquele vestido minúsculo e olhando para ninguém em especial, quando senti um tapinha nas costas e me virei para deparar, a um centímetro do meu nariz, com um mostro de sete barrigas e cabelão Black power. Esse espécime raro não demorou em envolver meu peito esquerdo em uma conversa comprida a respeito de seu assunto preferido. Ele mesmo. Era negociador, segundo disse, e falou inchando tanto o peito que parecia ainda maior. Na Bolsa de Valores. O que é que ele negociava, precisamente, não faço a mínima idéia. Mas contanto que não fosse fluidos corporais comigo, por mim, tudo bem.

De qualquer modo, torci para que meu peito estivesse ouvindo, caso ele fizesse alguma pergunta depois, porque é certeza absoluta que eu não estava escutando nenhuma palavra. Estava calculando quanto tempo eu demoraria para alcançar a saída. Será que eu devia simplesmente ir correndo até lá, ou seria melhor tirar os sapatos antes, para não cair de bunda no chão pelo caminho? Quando o Cabelão Black Power finalmente acabou de babar, lembrando-se dos modos por um instante e perguntando ao meu peito o que ele fazia, dei uma sacudida e gritei:

- Vamos lá, responda ao moço.

Foi alto o suficiente para que um grupo de moçoilas designers ao meu lado ouvisse. Pararam de fofocar um instante e tiraram a cabeça daquele mundinho delas para ver quem era a louca que tinha dado um grito histérico daqueles em um lugar daqueles. Fiquei da cor de tomate maduro. Rezei para que o chão se transformasse em uma massa de pudim de maisena cor-de-rosa para que eu pudesse me afundar nele graciosamente.

Por milagre, a salvação veio na forma de um homem-fada de olhos brilhantes e cabelos encaracolados, que mandou na minha direção um sorriso conspiratório antes de agarrar meu braço e dizer:

- Ah, você está aqui, querida! Procurei por você em todo lugar...

E então, dando um sorrisinho que era pura malícia, fingiu que cochichava:

- Esse aí ganha a vida tirando foto das pelancas dos outros. Você não vai querer se meter com um cara desses, não é? Alias, meu nome é Jake. Como vai?

Foi o destino. Jake me salvou das páginas dos tablóides e eu fiquei abobada. Ele me tirou da lá e me levou para o Soho, para comer num chinês gorduroso, e daí me acompanhou até em casa para “tomar um café”. A partir daí, eu virei uma exceção à regra da maldição do SAPO (Sexo Apressado na Primeira Oportunidade), que deixa bem que claro que, se você é uma daquelas vagabundas que vai para a cama com um cara assim que o conhece, é absolutamente improvável que vá sair com ele de novo. Mas Jake era bom demais para ser verdade. E o sexo era simplesmente maravilhoso. No começo.

Fizemos com que o Kama-Sutra se parecesse com desenho animado para criança. Transávamos em tudo que era lugar. Sob pilhas de casacos em festas, dando risadinhas como se fôssemos adolescentes. No banheiro de um avião a caminho de Amsterdã. Nenhuma pedra ficou no lugar durante nossa busca por Lugares Novos Para Trepar. E Jake me ensinou muita coisa. Nunca soube que uma barra de Toblerone podia ser usada de tantas maneiras.

Por azar, toda aquela animação se desgastou rapidinho. Depois de seis meses, eu me pegava imaginando desenhos de coelhinhos e borboletas na sombra da bunda dele que subia e descia na parede, só para passar o tempo. Mas resolvi dar a ele e a sua técnica aleatória o benefício da dúvida. Afinal de contas, era mais do que natural as coisas caírem no lugar-comum depois de um tempo, não é mesmo?

Caramba, mas como é que eu ia saber? Mas uma coisa é preciso dizer. Se eu soubesse que Jake estava mandando ver na Fraser Calcinha de Peixe, eu teria feito mais do que imaginar bichinhos fofinhos durante a transa. Eu teria mesmo pedido que ele me passasse um cinzeiro para eu enfiar no traseiro dele.

Bom, mas não vou mais me meter nesse tipo de merda de novo. Estar solteira, digo a mim mesmo com firmeza, será uma coisa maravilhosa. Pense só nas vantagens! Vou poder usar meus Levi's rasgados – aqueles que Jake odiava, que deixam aparecer a bunda, todo dia, se eu quiser.

Vou poder deixar meus pentelhos crescerem até o joelho.

Assistir porcaria na TV sem precisar fingir que só estou sendo irônica.

Andar pelo apartamento coberta de clareador de buço.

E deixar resto de pêlo raspado na banheira à hora que eu quiser.

Ah, e já que estou falando nisso, também não vou mais precisar ficar toda ansiosa cada vez que o telefone toca e depois é só algum dos meus amigos. Talvez Janice, para contar a história de um motorista de caminhão que ela pegou em algum restaurante a quilo. Ou talvez George, ligando para falar detalhes horríveis sobre a tendinite. Então, no final das contas, acho que a vida vai ficar bem mais fácil.

Meu primeiro dia de Solteirice Oficial coincide com o primeiro almoço de Fumantes e Escória. Vou me encontrar com meus três amigos mais chegados para devorarmos pizza juntos. E se eu não apressar para me aprontar, vou chegar atrasada.

Que droga.

Vou arrastando os pés pelo corredor, derrubo meu copo de Milk-shake e faço um rio de meleca amarela que escorre pelo assoalho. Subo a escada correndo, arranco uns Doritos do café da manhã que sobraram nos meus cachos cor de laranja, pulo para dentro do

chuveiro e me esfrego toda com meu sabonete líquido de grapefruit para eliminar o resto da minha ressaca de vodca. Espero alguns minutos para que minha máscara de algas faça efeito e logo saio correndo, escorregando no pântano em que transformei meu banheiro, enrolo-me em uma toalha de banho branca e vou em disparada para o quarto, quase tropeçando em Graham e Shish Kebab, que estão enrolados no patamar da escada como se fossem dois croissants ruivos.

Não dá tempo de secar o cabelo com secador, o que significa que vou ficar com um halo de cachos em volta da cabeça, como uma alienígena do Planeta Púbico. Passo uma montanha de condicionador antifrizz para compensar da melhor maneira possível e encontro um fru-fru amarelo-limão para fazer um rabo de cavalo com toda aquela maçaroca. Fico com cara de garotinha, mas não dá tempo de me preocupar com isso agora. Jogo um pó para dar um jeito na pele, que neste momento se parece com carne enlatada, e passo um pouco de rímel e uma camada de gloss nas locais indicados. Dou uma revirada na gaveta de calcinhas e só acho as que uso quando estou menstruada, mas hoje não faz mal, tendo em vista que as chances de ficar com alguém são limitadas. Adiciono Levi's desbotados, uma malha preta velha e justa, uma meia cor-de-rosa e uma outra horrorosa, cor de pêssego, enfio um par de tênis que fedem a queijo e me dirijo para a escada, localizando as chaves, os cigarros, a bolsa e o celular no caminho até a porta.

O ar congelante me golpeia direto no peito. Credo. As ruas de Balham estão desertas. Quem é sensato ficou em casa, bem quentinho, bem enroladinho na frente da TV, enterrando os ossos das ceias de fim de ano ou jogando alguma coisa. Tremendo, enfio as mãos nos bolsos do casaco de couro bem gasto e vou caminhando rápido, passando direto pela pet shop, agradecendo a Deus por uma vez na vida ter me prevenido e ter um maço de cigarros novinho comigo, para não precisar me aventurar pelo ambiente úmido da lojinha da esquina. Passo pela casa laranja cor de vomito, com aqueles azulejos verdes de redemoinhos, que normalmente se colocam em lareiras, no parapeito das janelas. Passo também pelo pátio deserto da escola e sob a Ponte do Cocô de Pombo, ao lado da estação de metrô. Passo por vários bares de comida árabe e de hambúrgueres até que, depois de alguns minutos, vejo o luminoso em néon cor-de-rosa da nossa pizzaria preferida brilhando e, já babando com o cheirinho do pão de alho que toma conta do ar úmido e poluído de Balham High Road, empurro a porta, entro e dou uma olhada, à procura dos meus três melhores amigos no mundo.

DOIS

Como sempre, sou a última a chegar. Lá estão eles, já confortavelmente instalados na nossa mesa preferida de canto. Janice, escolhendo azeitonas e enchendo o cinzeiro com bitucas cobertas com o batom que é sua marca-registrada (Harlot Scarlet). Janice é, absolutamente, minha melhor amiga, porque tem VMA que, na linguagem-Katie,



significa Valor Muito Alto. Ela é quase vinte centímetros mais baixa do que eu, os peitos dela se parecem com bolas de praia, tem mais curvas do que uma pratada de espaguete e uma massa de cachos redondos no tom daqueles drops amarelos limão, bem estufados, para que pareça mais alta. Janice é absolutamente engraçada, não espera que os outros façam as piadas e, apesar de ela provavelmente descrever a si mesma, de maneira irritante, como uma pessoa de “muita personalidade” e poder ser terrivelmente mandona e um pouco desajeitada antes de mostrar seu lado amigo, eu a amo do fundo do coração, porque ela faz mesmo qualquer coisa para ver alguém rir.

George, com um lado da bundinha linda erguida da cadeira de fórmica enquanto procura o maço de cigarros coloridos no bolso traseiro, está empoleirado na frente dela. Vestido com uma camiseta cor de sorvete de morando agarradinha, calças prateadas justas e um par desajeitado de sapatilhas de ciclista, parece pálido. Os olhos dele se afundaram quase até o fundo do crânio e ele está claramente detonado. O que não é surpresa nenhuma. Afinal, é primeiro de janeiro, e George é gay. Deve ter passado a noite de ontem se acabando com os doces dos clubes e dançando ao som de Dana International.

- Passou a noite em claro, foi? – brinco com ele.

- Por acaso uma atriz internacional tem passaporte? – resmunga ele, mostrando a língua. Sorrio para ele e olho o outro lado da mesa, para Sam. Ele parece, preciso reconhecer, um tantinho desconfortável. Mas nem precisa ser gênio para descobrir que é porque Janice parece ter se colado com Super Bonder ao lado dele. Coitado de Sam. Janice gostou dele desde o dia que os apresentei, nos tempos de faculdade. Qualquer menção do nome dele na presença dela suscita, sem exceção, muitos comentários e movimentos sugestivos do punho fechado com o braço para cima. Sam morre de medo dela. Não tenho coragem de contar a Janice, mas ele já disse que preferia ir para a cama com a avó. Ele diz que ela se parece demais com uma integrante de bandinha de colégio para o gosto dele, apesar de George achar que Sam deve ser uma bicha enrustida. Mas para George todos os homens são. Principalmente quando ele quer ir para a cama com algum deles.

George, devo dizer, é uma vadia com V maiúsculo.

Conheço Sam há muito mais tempo do que os outros dois. Janice e George são amigos de faculdade, ao passo que Sam e eu éramos vizinhos desde crianças. Passamos a infância estragando os brinquedos um do outro, detonando o máximo que podíamos tudo o que o outro tinha. Eu quebrei a bola de elástico dele; ele cortou fora as pernas da minha Sindy Jogadora de Futebol com um canivete. Ele pisou em cima do meu cavalinho de balanço; eu joguei os órgãos do jogo Operação dele na privada. Fomos expulsos juntos do playground por nos pendurarmos nas cordinhas da descarga do banheiro dos meninos (porque eu tive a idéia), até que elas não agüentaram e se soltaram. Às vezes, a gente se divertia.

E outras vezes, não.

Quando tínhamos 4 anos, abri a cabeça dele com uma pazinha de brincar no tanque de areia porque minha mãe deixou que ele sentasse no colo dela. O que, para mim, pareceu bem justo. O corte sangrou tanto que o cabelinho louro de anjo dele ficou todo cor-de-rosa. Chocada, proibi-o de contar isso a qualquer pessoa. Só fui desmascarada quando nos sentamos para assistir televisão e minha mãe viu as borbulhas de sangue que iam se espalhando rapidamente pelo espaldar da cadeira de balanço de palhinha. Ah, eu era totalmente a favor de compartilhar as coisas, desde que não fossem as porras das minhas coisas que estivessem sendo compartilhadas. Eu era filha única, pelo amor de Deus. Eu era sensível.

De algum modo, Sam e eu conseguimos continuar amigos. Acredito que o fato de o pai dele e minha mãe continuarem morando na mesma rua contribua para o fato: eles se

visitam regularmente para tomar um drinque e trocam as coisas que plantam na hortinha do quintal quando lhes dá na telha.

Sam mudou um pouco desde que éramos crianças. Agora ele tem 1,90 m e uma cabeleira loura que se recusa a ficar penteada, por mais que ele passe um monte de meleca caríssima nela, e Sam se joga de coração em tudo que se propõe a fazer. Aproveita a vida aos bocados, como se ela fosse uma enorme e deliciosa torta de maçã. As mulheres o adoram. Ele diz: “Pula”; e elas perguntam: “Quer que eu pule só de calcinha?”. Ele estala os dedos e elas vêm correndo, todas molhadinhas. Acho que deve ser o entusiasmo dele. Porque não é especialmente bonito.

Está certo, tudo bem, teve uma época que eu era meio a fim dele. Deixei ele pegar na alça do meu sutiã na frente do cinema quando tínhamos 14 anos. Mas foi só porque ele comprou para mim um saco tamanho-família de bombons e deixou eu comer todos do tipo que eu gostava.

Ah, e também demos uns amassos na festa de formatura do ensino médio. Mas para mim isso aí tem o menor valor.

Então Janice me vê, dá um pulo e me envolve em um enorme abraço de urso que cheira a Giorgio.

- Alguém está com um cheirinho bom – digo, apertando as costas dela. – Sua perua de classe.

- E você está linda – retribui ela, apressar de eu saber muito bem que estou parecendo um abacaxi ruivo gigante.

- É mesmo?

- Claro que sim. Meu Deus, Katie, você é a perua mais sortuda por não ter peito.

- Hmmm... obrigada.

- Ah, é verdade – ela olha toda desanimada para o próprio peito, deixando o queixo cair como todas nós mulheres fazemos ao examinar o próprio decote. – Qualquer coisa que eu visto fica pendurada na ponta dos mamilos e fica parecendo que eu estou grávida.

- Você está ótima – digo.

E está mesmo. A blusa apertada de manga comprida enfatiza suas curvas e a barriga, achatada como uma panqueca. Mas dá para ver que ela não acredita em mim nem um pouco.

Nós duas atribuímos tanta insegurança ao lugar onde trabalha. Ela tem um emprego ótimo em uma agência de publicidade. Mas, por azar, é obrigada a ficar o dia inteiro sentada ao lado de idiotas que ficam jogando o cabelo de um lado para o outro e soltam frases-feitas ridículas como: “Vamos ter que ver qual é a posição do cliente, Roger” ou “Não sabemos bem o que esta aqui vai dar, Frank, vamos ter que arriscar e ver”. Todas as mulheres que trabalham lá usam preto e são tão magras que nem têm bunda. Em breve, acho que vão ter que mandar acolchoar as tábuas de privada para não terem que encarar processos por danos físicos no trabalho. Coitada de Janice, que é obrigada a trabalhar em um ambiente desprovido de bundas. O meio em que ela vive tem traseiros light. E a pressão para ser magra é enorme. Ela já experimentou todas as dietas da moda que apareceram. Das proteínas. Vigilantes do Peso. Do Elton John. O regime que deixava comer tudo que quisesse, desde que fosse só um de cada. Aeróbica. Natação. Salto ornamental. Tentou até fazer com que eu me juntasse a ela na ginástica localizada. O que, claro, seria algo totalmente impossível. Minha idéia de exercício é abaixar para colocar no forno uns croissants de chocolate e esquentá-los bem. E também sou alérgica a roupas de ginástica, que colam tanto no corpo que acabem achatando a bunda.

No momento, está seguindo as recomendações de um ou outro guru do regime que lhe aconselhou a não ter nenhum tipo de comida em casa. Mas não está dando muito certo.

Quando chega a hora de dormir, o estômago dela ronca tanto que ela fica histérica e engole frascos inteiros de vitaminas e de pastilhas antiácido, só para enganar a fome. Coitadinha. Não que ela tenha algum tipo de distúrbio alimentar. Mas ela bem que gostaria de ter. fica louca da vida por não ter força de vontade necessária para ser anoréxica. Para ela, a anorexia é um objetivo impossível. É mais ou menos como olhar um par de sapatos Dolce & Gabbana que ela sabe que nunca poderá comprar, mesmo se guardar dinheiro durante uma década.

- Estou morto de fome – George tira um cigarro cor de tutti-frutti do maço e o examina cuidadosamente.

- Não se preocupe – eu lhe asseguro -, combina direitinho com a sua camiseta. E você, Sam? – pergunto quando ele me dá um beijo estalado de Ano-novo na bochecha. – Você está com fome? O que é que você vai comer, seu canalha gordo?

- Pelo menos posso engordar se quiser – ele me provoca. – E isso significa que eu não ando por aí parecendo um taco de hóquei magricelo e ruivo.

- Ha há. Bom, vamos pedir. Eu poderia comer um boi inteiro.

- E eu também vou comer o que me der vontade – Janice olha para o cardápio com resignação, lutando contra sua vontade de parecer uma lambisgóia versus seu desejo de comer torradinhas de queijo com alho, espaguete à carbonara e sorvete de chocolate.

- Faça isso mesmo – dou uma força.

- Foda-se – concorda ela. – Depois eu posso vomitar se estiver a fim.

Até parece.

Pedimos cogumelos recheados de mussarela, saladas bem temperadas e pizzas gigantes para todos e encomendamos mais uma garrafa de vinho branco. George pese duas pizzas. Ele está se sentindo tão mal que pensa que está com meningite, então fica achando que pode estar mesmo. Mas isso não é nenhuma novidade. Para começar, ele sai tanto à noite que está sempre completamente virado. E é hipocondríaco clássico. Tem um enorme Livro dos sintomas em casa, que fica folhando aleatoriamente, convencendo a si mesmo de que tem sintomas furiosos de cada uma das doenças contidas ali. Aids aparece toda semana. Assim como enfisema. Na semana passada, estava absolutamente convencido de que estava com trombose vascular profunda. Na semana anterior, tinha sido doença da vaca louca. E já teve raquitismo e fraturas na canela só Deus sabe quantas vezes.

Eu adoro nossos jantares. É ótimo ver que meus três melhores amigos se dão tão bem. E, enquanto esperamos a comida chegar, tagarelamos como matracas, cada um contando para os outros o que fez no Natal. Sam, com um boné de beisebol virado para trás na cabeça, conta como a sobrinha gostou da casa de Barbie. E depois, com os olhos brilhando de tanta animação, arregala as mangas do moletom folgado e tagarela sobre a casa nova. Ele finalmente conseguiu se mudar na semana antes do Natal e não agüenta esperar para começar a fazer a decoração.

- Espere só até você ver, Ruiva – e pisca para mim. - É fantástica. Cheia de luz. E quando eu acabar de desencaixotar tudo, vou usar um dos quartos do andar de cima como escritório.

- Para quê? – os olhos castanhos de George brilham, cheios de maldade. – Achei que você fosse precisar de uma cama extra. Daí você já pode pegar a próxima vagabunda antes da anterior ir embora. Nem vai precisar esperar os lençóis esfriarem. É só mandar a moça para a cama fria e pronto.

- Como se você fosse santo – Janice sacode o cigarro e deixa cair um torrão de cinzas dentro do meu copo de vinho. – Você já ficou com mais homens do que a minha mãe, toda coradinha. E isso é algo de extraordinário.

Tenho pena da mãe da Janice. Ela se recusa a contar quem é seu pai, e todos nós gostamos de dizer que é porque ela não sabe. O que deve ser, claro, completamente falso. E se você pegar Janice de lado e perguntar sério, ela vai confessar que nunca viu a mãe com homem nenhum. Mas a gente prefere a história da vagabunda. É bem mais divertida.

- Será que eu posso continuar? – Sam está rindo.

- Agora eu. Agora eu. – brinco com ele.

- Vocês não querem saber por que eu preciso de um escritório?

- Não, não – continuo, acendendo um cigarro que pego de Janice e cutucando as costelas dele.

- Vou montar minha empresa – anuncia, orgulhoso.

- De quê? – pergunta George. – Acompanhante para mulheres?

- Só que ninguém ia ter que pagar – digo. – Não é verdade, Sam?

- Depende da oferta. Obviamente posso fazer descontos para os meus melhores amigos. Mas vocês três, seus chatos, claro que iam ter que pagar o preço cheio, de tanto que vocês me encham o saco. Bom, mas o negócio é que alguns clientes da empresa em que eu trabalho não estão muito contentes, e tenho certeza de que consigo convencê-los a me contratar. Fico achando que eles estão a fim de um toque mais personalizado.

- Espero que não seja personalizado demais – Janice ri.

Sam revira os olhos em direção aos céus.

- Que legal – afirmo. – Apesar de ser uma coisa um tanto assustadoramente adulta.

Vamos lá, pessoal. Um brinde. À empresa de Sam.

Janice e eu tilintamos o copo cheias de entusiasmo, e então George, louco para fofocar, acende mais um cigarro e conta como está rolando seu emprego no programa de encontros amorosos e culinária na TV. Na semana antes do Natal, um casal gay ganhou férias na Martinica por causa da força de suas receitas de bife e torta de fígado. É compreensível, estavam exultantes. E, na festa de comemoração que se seguiu ao programa, George conseguiu fazer com que se separassem.

- Peguei um perto do armário de material de escritório e levei o outro para o banheiro das mulheres – dá risadinhas diabólicas. – Mas acho que ter dado o número do meu celular depois foi um pequeno erro.

- Para qual dos dois? – pergunta Janice.

- Para os dois – ri George. – Anotarem, cada um, em um post-it cor-de-rosa. Barry achou o meu número no bolso de Steve e caiu a ficha. Ligaram do aeroporto. Parece que eu estraguei as férias. Quer dizer, só Deus sabe o que isso tem a ver comigo. Claro que toda a porcaria da culpa caiu em cima de mim. Eu me lembro muito bem de não ter prometido fidelidade a nenhum deles. Devem ter ficado putos da vida um com o outro.

- Você falou com eles depois disso? – pergunta Sam.

- Não – George joga a cabeça para trás e solta fumaça pelo nariz, como se fosse um dragão. – Fui passar o Natal na casa da minha mãe. Bebi vinho do Porto e limonada e joguei palavras cruzadas com ela. E joguei meu celular no laguiño.

- E você contou para ela? – pergunto, toda séria de repente. George, apesar de ter quase 30 anos e ser mais afetado do que a pior bicha que você conhece, continua recusando-se veementemente a contar para a mãe que é gay. Tem alguma coisa a ver o fato de ela ser idosa e de ele ser filho único. Para mim, não passa de idiotice.

- Não.

Sam serve mais vinho e todos concordamos que George tem muita sorte de não ter sido demitido. Janice diz que gostaria de ser demitida, porque detesta demais todo mundo no trabalho, e eu digo que vou ser demitida se não começar a escrever um texto que preciso

entregar amanhã. Então brindamos de novo, entre um coro de votos de Feliz Ano-Novo. O que dá corda a Janice mais uma vez.

- Resoluções. Quem fez suas resoluções de Ano-Novo? E não estou falando de coisas fúteis, como mais Croissant no Café da Manhã – dá a última tragada no cigarro e apaga a bituca no pratinho de manteiga.

Croissant no Café da Manhã é o eufemismo de Janice e Katie para sexo oral: já que não o recebemos com muita frequência, é quase a mesma coisa que comer croissant no café da manhã em vez de torrada.

- Ou se livrar dos amigos por obrigação – continua ela. – Não estou falando dessas coisas.

- O que é um amigo por obrigação? – pergunta Sam.

- São aqueles que vivem ligando – esclareço. – Você nunca liga porque não faz a menor diferença se nunca mais voltar a vê-los.

- Exatamente – concorda Janice. – Mas esse povo não se toca.

- Os porras se recusam a desaparecer – explico. – A única maneira de se livrar deles é mandando matar.

- Quer dizer – Janice acende outro cigarro e engole mais vinho -, acho que todos nós deveríamos pensar em alguma coisa que vai mudar a nossa vida neste ano.

- Tipo o quê? – pergunto. Para ela, é fácil falar. Ela tem uma carreira de verdade. Assim como Sam. A empresa de RP em que trabalha é provavelmente uma das três melhores no país. Até George tem um melhor do que o meu. E ele nem precisa. Ele tem uma herança que vai lhe garantir tênis da DKNY até o fim da vida. Mas o trabalho dele de produtor no programa de TV (que tem algum nome bobo como Está Pronto Vamos Transar, sei lá) consiste em botar um monte de gente para transar. E ele gosta bastante disso. Basta ver a história de Steve e Barry. Ele pega a nata dos participantes gays, dá o maior amasso neles no banheiro e depois joga fora, como um sanduíche ruim. Parece que ele nem trabalha de verdade, tendo visto o número de e-mails que me manda todos os dias.

Aliás, eu faço a mesma coisa.

Meu trabalho é uma porcaria. Simplesmente vou passando pela vida na esperança de, algum dia, encontrar alguma coisa que eu esteja a fim de fazer para pagar as contas. Ainda não rolou.

- E aí, vocês querem saber qual é a minha resolução? – pergunta Janice. – Ou talvez não.

- Não – diz George.

- Sim, queremos – eu digo. – Não queremos, Sam?

- Claro.

Janice respira fundo, espalma as mãos sobre a mesa e olha fixamente para nós.

- Neste ano – toma fôlego – vou me casar com um homem rico.

- Como é que você sabe? – pergunta George.

- Porque vou me esforçar para caralho – responde ela. – É por isso que eu sei. Chega de ficar com caras da minha idade.

- Do tipo que se orgulha do número de cervejas que consegue mamar em uma noite e passa o tempo sonhando com a Lara Croft e botando fogo nos peidos? – pergunto.

- Exatamente.

- Bom, Sam, então você está fora – dou uma risadinha.

Será que estou imaginando coisas ou vi mesmo uma onda de alívio passar pelo rosto dele?

- Não se preocupe – Janice dá tapinhas carinhosos no joelho dele. – Desta vez vou apostar nos mais velhos. É o único jeito. Vou atrás do ouro.

- Ouro velho – digo, pensativa.
  - Não estou nem aí com a beleza – Janice divaga. – Mas também não quero nenhum gordo. Nem ruivo.
  - Obrigada.
  - Desculpe, Katie. Não quis ofender.
  - Não ofendeu.
  - Estou interessada em finanças, não em romance – prossegue ela. – De agora em diante, é olá carteira cheia, adeus pau duro. Não dá para ter tudo. Hoje em dia, a gente precisa encarar uma relação como um fundo de aplicações alternativo. Ou um fundo TGCOP – morre de rir. – Transferência de Gastos para a Conta de Outra Pessoa.
  - Sam parece chocado. Também, não é para menos. Janice é igualzinha a ele e George. Conhecida por se relacionar com os homens da mesma maneira que uma mosca se relaciona com a merda. Ela precisa de sexo regular e variado da mesma maneira que eu preciso de cigarros, chocolates e produtos de beleza em embalagens bonitas. Os últimos três namorados que teve deram o pé na bunda dela porque a pegaram com outro. como é que ela vai ser fiel a um homem só? Especialmente se ele tiver idade suficiente para ser pai dela?
  - Mas você vai investir nos velhos de verdade? – George parece preocupado. – Não, tipo, com incontinência urinária e babando, né?
  - Pode ser.
  - Deus do Céu – ele revira os olhos. – Que baixaria.
  - Vai se foder. – Janice cutuca Sam. – E você, Sammo? Alguma resolução? Além da de ser dono do próprio nariz?
  - Sei lá. – Sam parece envergonhado. – Vou fazer 30 este ano. Talvez tenha chegado a hora de me comprometer com alguém especial.
  - Ah, ta, falou – morro de rir. – Até parece! Se a gente guardasse as camisinhas que você usou com todo mundo que comeu e largou, já teríamos borracha suficiente para saltar de bungee jump de um penhasco. Não vá fingir que agora você vai mudar. Você não consegue, nem se tentar.
  - O que aconteceu com a Pilaff? – pergunta George.
  - Pia – Sam o corrige.
  - Coitada da Paella – exclamo. – Ele deu o pé na bunda dela.
  - Para falar a verdade, ela é que me deu o pé na bunda. – corrige ele de novo.
  - Só porque você deixou bem claro que o conteúdo das calcinhas dela não interessava mais.
- Pia era só mais uma de uma lista muito comprida das e muito magra das tontinhas de Sam. Durou três meses, e eu a odiava apaixonadamente. Parcialmente porque ela era mignon e chique e ficava bem mesmo de cabelo curto, ao passo que eu não sou nada disso, mas também porque ficava batendo na tecla de que veio de Tenerife. O que, como eu tentei dizer a Sam vezes sem fim, é totalmente impossível. Caralho, ninguém vem de Tenerife. As pessoas só vão passar férias lá.
- Ainda assim, não posso deixar de sentir um pouco de pena daquela vaca. Qualquer um via que Sam não gostava dela de verdade. Ele me convidou para um jantar no dia do aniversário dela porque eu tinha acabado de levar um pé na bunda. Para começar, ela deve ser meio tonta para ter se envolvido tanto com ele.
- Ela achou que ele estava ficando frio e o convidou para um passeio em Wandsworth Common – explico aos outros. – Queria conversar.
  - Na verdade...
  - Cala a boca, Sam. Deixa eu contar. Eu sei melhor do que você.
  - Isso porque você inventa metade.

- Chiu. Bom, mas primeiro eles passaram em um barzinho e tomaram um vinho. Daí, quando se sentaram para conversar, ele caiu no sono. A vaca esperou uma hora e meia até ele acordar. E quando ele acordou, adivinhem só?

- Ele mandou o velho “não é você, sou eu” para cima dela e se mandou? – Janice arrisca um palpite.

- Na mosca. Que desperdício de sábado à tarde. Ela devia ter ido fazer umas compras.

- Você é um cafajeste, Sam – exclama Janice. Mas ela pisca os olhos quando fala. Os olhos dele se arregalam de pavor e ele se afasta levemente dela.

- Você é um cafajeste, Sam – faço coro com Janice. – Você é um mercenário Ereção Rápida Instantânea, igualzinho aos outros.

- Não sou.

- É sim. Você não teria saído impune se fosse comigo, seu canalha – digo a ele, em termos nada questionáveis. – Eu teria puxado seu pau para fora da calça e deixado você lá com ele pendurado. Não que alguém fosse notar, porque o seu parece um espaguete.

- E como é que você sabe? – sorri maliciosamente.

Ele tem razão. Pode até ser que a gente se conheça a vida toda, mas eu não faço a mínima idéia se o pau dele é ou não do tamanho do um salsichão. Mudo de assunto.

- E você, George? Qual é a sua resolução de Ano-Novo?

Por um segundo, George parece pensativo, o que não tem nada a ver com ele.

- Um bebê – revela, com firmeza. – Queria ter um filho. Meu instinto maternal está se manifestando. Ontem à noite, mal consegui dançar no clube porque a batida do meu relógio biológico não estava combinando com a da pista.

Pelo amor de Deus.

- Eu vi um tão fofinho outro dia no supermercado...

- Um relógio?

- Um bebê – dia ele, desconsolado. – Que bochechinhas lindas, para alguém tão pequeno. E ele estava usando aquela coisinha fofa de cashemere da Gucci, com bolinhas. Acho que você não se colocaria à minha disposição, não é mesmo, Katie?

Tipo fornecer o forno para eu assar meu pãozinho?

- Vá se foder – respondo. – Não ia trepar com você nem que você fosse o ultimo homem na terra.

E nem é verdade. George é o tipo de cara que não se chutaria da cama por saltar um peido. Se ele fosse hétero, seria um partidão. Eu, por exemplo, ficaria com ele em um piscar de olhos. Para mim, é uma tragédia pessoal o fato de ele, como diz minha mãe, “pegar o outro ônibus”. Se ele me oferecesse a oportunidade de dar uma rapidinha, eu a agarraria de um salto. Mas acho que isso não é muito provável. George sempre preferiu usar a porta de trás. No que diz respeito à perereca, ele passa longe.

- Pare de ser ridícula – ele joga na minha cara. – Você não tem pênis. Por que é que eu ia querer transar com você?

- O que você quer, então?

- Achei que a gente podia mandar fazer um – explica ele. – Igual àqueles gays da novela. Você sempre disse que não queria ter filhos.

- E você está coberto de razão – balbucio. – Dar à luz deixa a gente com veias de queijo gorgonzola nas pernas e cachos de uva pendurados na bunda.

- Peraí, estamos comendo – reclama Sam, passando os dedos pelos cabelos desgrehados, deixando-os ainda mais arrepiados.

- Do que você está falando? – pergunta George, todo inocente.

- Estou dizendo – explico toda séria – que eu seria louca de tentar fazer passar o Empire State Building por um canudinho só para satisfazer o seu ego e carregar uma criança por aí como se fosse uma bolsa Prada. A resposta é não, George. Nem pensar.

- Você não agüentaria o parto, George – observa Janice.
  - A Katie também não – Sam engole uns bolinhos.
  - Todo aquele sangue e os pontos fariam você vomitar – lembro a George.
  - Com os caras que você já teve, provavelmente nem ia precisar de pontos – brinca Janice. – Seria a mesma coisa que passar o dedo em um túnel.
  - E você? – revido. – não sou eu quem fica na porta de grandes empresas para achar um partido. E se você não gostasse da cara dele? – volto para George e meu bebê por encomenda imaginário. – Você não ia poder devolver. Não dá simplesmente para encomendar um bebê como se fosse uma pizza e daí devolver se não gostar. E se sair feio que nem o cão?
  - Isso não vai acontecer – afirma, todo confiante. – Por sorte, tenho uma composição genética exemplar, fofa. Ninguém come hambúrguer e batata frita barata na minha família.
- Olho cheia de desejo para ele com seus quadris languídos, bíceps musculosos, olhos cor de chocolate e cabelo pretíssimo, cortado bem rente à cabeça para ressaltar seu maxilar que parece ter sido esculpido.
- Tenho certeza que sim – afirmo. – Mas eu sou meio ruiva, caso você não tenha reparado. E você não ia querer que uma coisa desses estragasse a sua composição genética preferida, não é mesmo?
  - Não dá para ter certeza a cara que vai ter até sair. Nesse aspecto, é tipo uma tômbola genética – Janice explica. George fica com cara de legume. Está claro que ele não faz a mínima idéia di que é tômbola.
  - Isso não é bem verdade – Sam faz um trejeito com o garfo e pega mais pizza. Reparo que ele escolheu o pedaço com ovo. Que coisa mais típica de homem. – Em breve vamos poder escolher a cara dos nossos filhos.
  - Que maravilha – George se enche todo. – Eles vão vir com os traços adequados. O mundo vai ficar cheio de pessoas lindas. Iguaizinhas a mim.
  - Isso parece horrível – faço uma careta. – Vamos sofrer uma infestação de Bebês por Reembolso Postal. Embriões para Viagem. O delivery vai adquirir um significado todo novo.
  - Vai dar até para encomendar um estoque completo de partes sobressalentes, caso alguma coisa dê errado com o bebê – emenda Sam, com conhecimento de causa.
  - Cale a boca, espetinho – digo.
  - Eca. – Janice bebe mais vinho e, bêbada, acende a ponta errada de um cigarro. Tipo Banco de Trocas Fetais.
  - Não vou ter um filho para você, George, seja ele de grife ou não. – declaro. – Depois de nove meses, a novidade já vai estar desgastada e ele vai sobrar para mim. Não se pode levar bebês a clubes, sabe? Nem que se vista os pobrezinhos com couro e lantejoulas.
  - E você, Katie? – Sam, engolindo torradas de alho, quer saber. – Qual é a sua resolução?
- Todo mundo se vira para me olhar.
- É mesmo – ecoa Janice. – Qual é a sua?
- Durante um segundo, fico confusa. Daí me lembro do meu Voto de Solteirice.
- Resolvi me divertir.
  - O quê?
  - É isso aí. Sozinha. Estou abrindo mão de todos os relacionamentos – informo, bem à vontade. – Não vou mais me incomodar com esse tipo de coisa, se vocês querem mesmo saber.
  - Você o quê? – Janice parece estupefata.



- Ah, pelo amor de Deus – murmura George. – Você virou lesbica, não é mesmo? Você virou a maior sapatão e está com medo de contar para a gente.

- Eu disse que estou abrindo mão dos relacionamentos – explico. – Não dos homens.

- E o sexo? – Janice parece horrorizada.

- Janice, você é a última pessoa que vai vir me dizer que a gente precisa de um relacionamento para transar – respondo.

- É verdade – admite ela.

- Os caras que eu conheço são tão úteis quanto OBs de chocolate – avalio. – Portanto, vou seguir o princípio do ACHo. Agir Como um Homem.

- O quê?

- Transar e dispensar. Trepar e jogar fora. Inflar e esvaziar. Agora só quero saber de ficas de uma noite.

- Mas você não vai se dar bem com isso – argumenta Janice. – Você vai acabar dando trepadas beneficentes como se não houvesse amanhã. Vai ficar com gente de quem tem pena. Olha só para aquele nerd de computador que você catou na faculdade. Qual era mesmo o nome dele? Bruce?

- Bryan – balbucio através de dentes cerrados. – O nome dele era Bryan.

Vinho jorra das narinas de Janice. Até Sam tenta não mijar nas calças de tanto rir.

- Bryan – Janice se mata de rir. – Ele usava umas cueconas de velho cor de mostarda e...

- Está bem, está bem – concordo com eles. – Foi absolutamente hilário.

Passei uma semana na banheira, esfregando-me toda, cheia de vergonha, depois do Bryangate, e até hoje não tive permissão para esquecer. Ah, ele parecia bem bonitinho quando demos uns beijos na mesa de sinuca no bar do grêmio estudantil. Mas quando chegamos ao quarto obscuro dele, os efeitos das sete cervejas variadas que eu consumira se amenizaram o bastante para que eu percebesse que o cabelo dele era escorrido e oleoso e que ele era coberto de espinhas. Mas, por ser do tipo que evita confrontos, achei que teria menos problemas se simplesmente tapasse o nariz e seguisse em frente. Credo, talvez eles tenham razão. Sou péssima de ficar com qualquer cara. Mas daí, como é que eu vou saber se não experimentar?

## TRÊS

Eu já disse como odeio o meu trabalho? Escrevo para uma revista feminina de estilo de vida, o que não é assim tão glamoroso quanto parece. Para começar, a vida de firma não é para mim. Ah, é ótima para roubar selos, fazer longos telefonemas pessoais, falar mal das roupas das revistas de celebridades e comparar recheios de sanduíches, mas fora isso, não enxergo nenhuma vantagem do meu ponto de vista.

O que me salva é que às vezes me deixam trabalhar em casa. O que também não PE exatamente tão fantástico quanto parece. Não que eu fique recostada sobre lençóis de grife com um laptop de última geração, vestida com camisolinha azul-bebê, tomando café em xícaras enormes que fazem as mãos parecer delicadas, como geralmente se faz

nos seriados americanos. Eu tenho problemas motivacionais. Detesto ter que me acorrentar ao meu Mac geriátrico acompanhada de uma caixa de bombons e de um ou dois caramelos de amêndoas, fazendo força para escrever alguma coisa inteligente e esperta, quando preferia estar de pijama na frente da TV, jogando paciência e assistindo a um programa vagabundo que discute a bulimia das adolescentes.

Até agora.

Recentemente, percebi que de vez em quando até gosto de ir para o trabalho. Um pouquinho antes do Natal, a redação da revista Suki adquiriu seu próprio Sr. Pausa para uma Coca Light. Fresquinho, vindo da terra dos cangurus e Kylie Minogue, David (ou O David, como foi apelidado, devido a sua impressionante semelhança com a obra-prima igualmente tesuda de Michelangelo) está passando seu ano sabático aqui, vindo desde Sidney, e se transformou na menina dos olhos de todo mundo desde que adentrou a redação. Ele senta bem na minha frente, o que me garante diversas oportunidades de paquera acanhada, e devo dizer que a vista melhorou consideravelmente, já que antes eu só enxergava um calendário de gatos da Gorda Claire no pedaço de parede estreito que separa minha mesa da máquina de café.

Por causa disso, ando cuidando da aparência mais do que de costume, hoje uso calças pretas de corte reto limpas e um top cor-de-rosa com gola em V que só fede um pouquinho a cigarro por causa da última vez que foi usado. Até me maquiei, para disfarçar o efeito de ressaca da garrafa de vinho tinto da noite passada com uma base hidratante que está rodando no meu banheiro há séculos, e passei um pouco de blush rosado no lugar em que minhas bochechas foram vistas pela última vez, por volta de 1992. Então me dirijo para o metrô, onde passo quarenta minutos balançando de um lado para o outro na Linha da Tristeza, com o nariz enfiado no sovaco fedorento de alguém. Pessoalmente, acho que deveria ser grátis andar de metrô em Londres. Afinal, não tem absolutamente nada de agradável na viagem. E não tem nada pior do que gastar quase cem libras todo mês só pelo prazer de ir trabalhar, sendo que eu preferia mil vezes estar aninhada embaixo do edredom com um saco de balas e um bom livro.

Principalmente nesta época do ano.

Desço na estação de Sloane Square e caminho todo o longo trajeto até o prédio da IBS Magazine, de modo que dá para fumar um cigarro calmamente antes de entrar. A já conhecida onda gigantesca de letargia se abate sobre mim no segundo em que arrasto os pés para subir os degraus e cometo o delito de apagar o cigarro na parede ao lado da entrada. TAM alguma coisa agudamente deprimente em relação ao cheiro do prédio, de carpete novo misturado com respingos de café velho, que me dá vontade de dar meia-volta e fugir correndo para o mato.

Ou, pelo menos, para as lojas.

Marsha, a recepcionista tóxica, ergue os olhos do esmalte roxo que passa nas garras quando eu entro, fazendo uma careta para o alegre vaso de gordas papoulas vermelhas e rosas cor-de-rosa sobre o balcão da recepção.

- Passou bem o Natal? – pergunto, mais por educação do que qualquer outra coisa. Na verdade, estou pouco me lixando para como foi a porra do Natal dela. Ela é tão ensimesmada que nem deve ter notado que outras pessoas também passam o Natal. Deve achar que toda a temporada de festas de fim de ano é organizada só para ela.

- Foi demais – ronrona. – Falei para você que eu ia para as Maldivas?

- Umas mil vezes.

- Meu Bradley me pediu em casamento na praia. Tãããããããã romântico.

Enquanto fala, ela agita as mãos um monte, de modo que não dá para evitar enxergar o diamante do tamanho de Gibraltar que reflete o raio de sol que entra pela janela. No entanto, se ela acha mesmo que estou com inveja, é mais burra do que eu pensava. Eu

preferia beber urina a encostar no Bradley Dela com uma vara de três metros de comprimento. O Bradley de Marsha é tão gostoso quanto bocadinho servido em cantina de escola. Ele usa loção após barba demais e parece ter 12 anos. Na verdade, a própria Marsha só se interessa por ele porque é bem equipado: milionário. Ele trabalha em uma corretora na City, o distrito financeiro. É um bobalhão dos piores que existem.

- Atrase de novo – então Marsha enquanto eu me arrasto miseravelmente até o elevador. – E você também folgou bastante antes do Natal. Estourou todos os prazos. Imogen estava louca da vida.

É irritante essa mania que Marsha tem de me confundir com alguém que dá a mínima.

- Eu tive gastroenterite – minto.

- Ahhh, que sorte a sua – exala. – Aposto que perdeu um monte de peso. Bem a tempo das festas de fim de ano.

- Hmmm, ta.

A redação já está zunindo de tanta atividade. Lá está Melanie Língua-Solta. Espalha fofoca igual a margarina barata sobre o pão e é tão inofensiva quanto uma aranha de jardim. Delilah, que tem pregas no pescoço de tanto fazer regime e está sempre com cara de quem engoliu um coquetel de gasolina e produto de limpeza. Audrey, que acabou de ter um par de gêmeos e está com os peitos que parecem duas ogivas nucleares. Os homens se aglomeram ao redor dela igual a um enxame de moscas em volta de uma bosta de vaca fresquinha e ela diz que a gravidez fez maravilhas pela vida sexual dela. Hilary, que nunca fala mas cospe no sanduíche do namorado toda vez que brigam. A Gorda Claire, com os braços pelancudos à mostra, como de costume. Ela gosta de toda a bobajada holística que existe. Aromaterapia. Reiki. Todo tipo de feitiço de ervas. Não sei para quê. É óbvio que não funciona. Se não, ela já teria conseguido dar um feng shui ou qualquer coisa assim na celulite dela, e sua bunda gigantesca já seria coisa do passado. Tem também a Serena Puxa-Saco, a maior bajuladora da redação. Ela passa tanto tempo agradando à editora que não sei como acha tempo para trabalhar.

Jabba, a Vagabunda, com todos os seus cem quilos, engolindo um bolinho glaceado. E assim por diante.

- Oi, Katie – cumprimenta Audrey, limpando uma mancha de leite da blusa.

- Oi – respondo. – Os gêmeos aproveitaram bem o primeiro Natal deles?

- Ah, aproveitaram sim – e imediatamente começa a falar com uma voz idiota de nenê. – O Tobyzinho e o Teozinho se divertiram muito. Adoraram as luzes das fadinhas. Eu disse ao Jim: “Eles estão absorvendo tudo”.

- Que amor – digo. O Tobyzinho e o Teozinho “estão absorvendo tudo” desde o nanossegundo que nasceram. Já estão esperando ansiosamente o dia que um deles vai chegar em casa completamente bêbado. Ou alto de cheirar cola. Audrey e Jim ficarão “tão decepcionados...”

Claro que eu tenho total noção de que os dias de bebedeira do Tobyzinho e do Teozinho ainda vão demorar uns quinze anos para chegar. Então, espero mesmo não estar presente na primeira vez que tomarem uma garrafa de vinho. E juro por Deus que, até lá, não vou mais estar me matando para ganhar dez centavos por palavras para escrever para a Suki. É bem provável que antes disso ocorra algum evento que vá mudar a minha vida.

Coloco meu leite com groselha na mesa e estaciono a bunda na minha cadeira de rodinhas, pensando na possibilidade de ir buscar um sanduíche de lingüiça na lanchonete lá embaixo. Já comi um croissant de chocolate de tamanho industrial, mas alguma coisa no trabalho faz com que eu tenha vontade de engolir comida o dia inteiro.

- Oi, Katie – a voz espessa e pastosa da Gorda Claire escorre de trás da máquina de Xerox. – Passou bem o feriado?
- Não – balbucio, ligando meu i-Mac cor de uva. – E você?
- Foi fantástico. – Ela abre seu sorriso gordo. – Encontrei o meu QI.
- Que gracinha – faço uma careta. – Estava olhando para você do fundo de um saco de batata frita?
- O quê?
- Eu disse que você deve estar mesmo feliz com isso.
- Ah. – Ela parece surpresa. – E estou mesmo. Você devia experimentar. Eu me sinto tão... tão...
- Bom, que ótimo para você. – Viro para o outro lado cheia de determinação e enterro a cabeça em um monte de papel.

Credo, que coisa deprimente. Odeio o zumbido dos computadores, os telefones que não param de tocar, o burburinho irritante das conversas. Para falar a verdade, a conversa até que não seria tão ruim se o pessoal não fosse tão Eunuco do Humor. Este lugar é tão divertido quanto a AIDS. A única pessoa que já riu de uma piada que eu fiz foi David. O lindo e sexy David. Às dez e meia ele entra no recinto, bastante ambrosiaco com uma blusa branquíssima e Levi's desbotadas, que se agarra cheia de sedução à bundinha lindinha dele. David consegue chegar todo dia ainda mais atrasado do que eu sem levar bronca, porque é homem. Não tem nenhum homem na redação desde que o faxineiro, Maurice, foi embora. Um cara tão comível como David nunca tinha penetrado nos nossos domínios, de modo que não existe protocolo referente a atrasos masculinos ou então ninguém está nem aí mesmo. Por conseguinte, David poderia arrancar os olhos da editora fora com as unhas que todo mundo ia ficar sorrindo com indulgência. Às vezes, quando ele está muito cansado, coloca um post-it na parte de trás da cabeça que diz: “Por favor, me acorde às 14h.” E daí fica dormindo na mesa o horário de almoço inteiro. Nós, o resto da redação, achamos que somos sortudas quando temos horário de almoço.

Ao observá-lo sorver sua batida de caramelo e comer seu muffin duplo de chocolate, solto um gigantesco suspiro. Apesar de toda a lindeza de David, não consigo parar de me sentir péssima por ter que voltar a trabalhar.

- Oi, David – estrila Melanie Língua-Solta.
  - Oi.
  - Olá, David – ronrona Serena Puxa-Saco, rebobinando a fita do gravardozinho dela para tirar uma entrevista.
  - Oi – ele responde educadamente, antes de voltar a atenção para mim. Fico corada de alegria ao perceber que todo mundo da redação, principalmente Serena e Mel, ficou da cor de pimenta-malagueta de tanta raiva.
  - Passou bem o Natal? – pergunta para mim.
- Ouve-se uma respiração coletiva quando eu lanço aquele tipo de olhar “E isso mesmo, ele fez uma pergunta para mim”.
- O de sempre – respondo. – Tempo horrível, presentes horríveis e programação da TV ainda mais horrível. Se eu ouvir mais uma vez aquelas musiquinhas de Natal, vou gritar. E você?
  - O de sempre. – Ele sorri, mostrando uma fileira homogênea de dentes muito brancos.
  - Tempo maravilhoso, presentes ótimos e nada de TV.
  - Você não tem TV? – digo, incrédula.
  - Estava ocupado demais tomando banho de sol.
  - Ah, você voltou para a terra das Barbies, das praias e do sol que não pára de brilhar, né? – ofereço-lhe meu sorriso mais sedutor ciente de que todo mundo na redação está

assistindo com uma inveja profunda. – Achei mesmo que você estava um pouco bronzeado demais.

- Foi só uma semana.

- Ei, você não tem motivo para ficar convencido, também – aviso. – Pode até ser que o tempo seja sempre ótimo por lá, mas lembre-se de que vocês são culpados por um monte de seriados vagabundos que passam na TV. Portanto, acho que as coisas por lá não devem ser tão maravilhosas assim.

Ficamos conversando a respeito do feriado durante alguns minutos e daí o telefone de David toca. Bom, quando isso acontece, eu tomo para mim a responsabilidade de escutar o máximo possível. Nenhuma de nós conseguimos descobrir, até agora, se David tem ou não namorada. Mas, dessa vez, parece que ele está falando de trabalho. E passa horas falando disso, de modo que eu mando uns e-mails pessoais e me resigno a escrever o texto que deveria ter entregado antes do natal. Um artigo sobre creme brûlée. É meu serviço inventar e testar receitas para a seção Lanche Chique no fim da revista. Claro que é a seção de menor relevância, junto com todas as entrevistas com celebridades e as reportagens. Vem ainda depois das páginas e páginas, uma atrás da outra, de fotos de esmaltes derramado e batom esmigalhado, que formam As Melhores Dicas de Beleza do mês. Para falar a verdade, nunca achei que era isso que me sobriaria para fazer. Eu queria ser chef quando estava na escola. Mas, quando sai da faculdade de culinária, não percebi que quando a gente quer algo de verdade, tem que dar a cara para bater e ir atrás do que deseja, em vez de ficar esperando que caia no seu colo. Então, eu me perdi. Depois de meses de tentação, acabei aqui.

Escrevendo sobre comida em vez de cozinhar.

“Conseguir um creme brûlée é a mesma coisa que construir um relacionamento”, digito, sombria. “Se a meleca de baunilha que fica por baixo não for forte o bastante para agüentar a casquinha de caramelo dura e dourada, a estrutura toda vai afundar, molenga e flácida, igual a um...”

Meu Deus, olha só o que me faz pensar em pênis. Preciso me concentrar.

Pensando bem (olho para David), que diferença faz?

Passei tanto tempo testando receitas durante o feriado que tem caramelo saindo pelas minhas orelhas. Mas acho que finalmente consegui definir os ingredientes e o tempo certo. Por azar, os relacionamentos são um tantico mais complicados. Se eu tivesse a receita infalível para essa faceta da vida, sairia pela rua dando risada. Mas como é que isso seria possível? Nem posso seguir o exemplo dos meus pais. Papai deu no pé quando eu tinha 14 anos. Não me surpreendeu. Os alarmes de aviso da crise de meia-idade já tinham começado a soar havia meses. Era 1984. ele tinha parado de aparar a grama nos fins de semana e, em vez disso, começara a usar jeans stretch e polainas. Discos de Howard Jones e Nik Kershaw começaram a aparecer na sala com certa regularidade. Em um fim de semana, cheguei em casa do cinema (Os Caça-Fantasmas, caso você se interesse) e descobri que ele tinha sumido durante uma ida à loja para comprar um freezer com mamãe. Ele desapareceu no éter ao norte de Finsbury Park com um filipino encomendado por reembolso postal. Minha mãe ficou acabada. Logo ela, que tinha tanto orgulho de nunca ter comprado nada de um catalogo.

Acabo de escrever a introdução do meu artigo e ligo para Janice.

Ela está deprimida. Coitada de Janice. Ela trabalha de verdade, e trabalha muito. Ela morava em um lugar horrível, frequentou uma escola horrível e se matou de estudar para conseguir se formar no ensino médio, a partir daí, esforçou-se mais um tanto até atingir a universidade. Onde me conheceu. Passamos o primeiro ano no mesmo dormitório e depois dividimos uma antiga casa vitoriana perto de Southsea, em Portsmouth, onde ela de fato se abriu para mim a respeito de seu passado. Toda semana

tínhamos uma conversa besta de menininha, quando ficávamos horas colocando o mundo em seu devido lugar com máscaras de lama no rosto, henna no cabelo e enormes copos de vinho na mão. Agora, ela é tão bem cuidada e polida que ninguém jamais diria que cresceu em um conjunto habitacional do pior tipo imaginável. E ela quer que as coisas continuem exatamente assim.

- Se aquela porca com bunda de vespa vier cochichar mais uma vez no meu ouvido que eu preciso de um enorme creme com vitaminas, querida, vou fazer com que ela engula aquela porcaria de porta-cartões rotativo dela. Vaca de peito chapado!

- Nem todas nós temos a sorte de ter peitos versáteis o bastante para colocar um em cima de cada ombro e amarrar atrás como uma gola fofinha, sabia?

- Desculpa.

- Tente apenas ser um pouco mais sensível em relação àquelas entre nós que caímos na fila do ovo frito quando estavam distribuindo peitos. – Espero que alguns elogios a deixem um pouquinho mais animada.

- Bom, eu nunca pedi para ter – responde, ríspida. – Se quiser, pode ficar com os meus. Ah, meu Deus. A Bunda de Vespa, chefe de Janice, tem um problema terrível de autoconfiança (tem em demasia). Assim como a maioria das mulheres que trabalham na agência dela. Janice não reconhece, mas sente que precisa ficar constantemente provando alguma coisa porque não se acha boa o suficiente.

- Achei que você estivesse se dando superbem no trabalho. – Acendo um cigarro e jogo a fumaça de propósito na cara de Gorda Claire. – Você recebe promoções e carros e aumentos e essas coisas o tempo todo. Olhe só para mim. Continuo na base dos dez centavos por palavra. Comparada a mim, você é praticamente uma executiva.

- E esse é exatamente o problema – resmunga ela. – Ser a única responsável pela conta do creme anticelulite na bunda não é assim tão glamouroso quanto parece. Para falar a verdade, está começando a me deprimir.

- Por quê?

- Bom, parece que, quanto mais eu ganho, mais esperam que eu trabalhe.

- Que ridículo! – exclamo, chocada. – Todo mundo sabe que quando a gente chega ao topo, a única tarefa a fazer é ficar mandando nos outros. Por que você não manda ela enfiar o creme com vitaminas no lugar onde o sol não brilha e cair fora?

- Não dá – continua ela, tristonha. – Fiz certas escolhas na vida. Diferentemente de você, comprei meu apartamento. E preciso pagar o financiamento. Não tem como eu pensar em largar tudo até encontrar o Podre de Rico. Daí eu digo a ela exatamente onde enfiar este precioso emprego. No burquinho de mijar.

- Ai.

- Ah, Katie... – ela se lamenta. – O que é que eu vou fazer? Estou por aqui do meu emprego, e além do mais minha mãe me convidou para um “chá” no domingo. E nem é chá da tarde, é jantar mesmo. O que significa que eu devo me sentar no topo daquele prédio rançoso e comer alguma coisa que passou do ponto e vem acompanhado de repolho ensopado. E você sabe bem como isso me deixa deprimida.

- Você quer que eu vá com você?

- Não. Vou tentar escapar desta. Só de olhar para aquele cubículo onde eu dormi os dezoito primeiros anos da minha vida já me dá vontade de cortar o pescoço.

- Hmmm.

A mãe de Janice – Deus a abençoe – redecorou o antigo quarto de Janice recentemente. Achou exemplares de Elle Deco e outras revistas de decoração em um sebo e resolveu jogar tinta bem colorida nas paredes e espalhar almofadas felpudas pelo apartamento para ver se conseguia atrair Janice à casa dela com um pouco mais de frequência. Mas agora que Janice conseguiu escapar, vai ser preciso um pouco mais do que uma lata de

tinta Rosa Exótico e algumas mantas com lantejoulas para arrastá-la de volta a suas raízes. Ela tem sua casa própria agora; um pequeno oásis de calma e linhas clean de que ela não abre mão por nada. Para falar a verdade, é meio triste.

- E aquela agência de casamento em que me inscrevi foi um desastre total – prossegue ela.

- Ah, não!

- Ah, sim – suspira miseravelmente. – Até agora, tomei café da manhã com o Baixinho Demais, almocei com o Ordinário Demais... vou contar para você, depois de ver ele ficar lá coçando o saco, nem deu para sonhar em pedir lingüiça... e jantei com o Cheio de Pintas Demais.

- Meu Deus.

- E daí fui ver Cats com o Podre Demais... ele me fez dividir a conta... e Les Misérables com o Casado Demais. O que só serve para mostrar como eles são criteriosos com os clientes. Já gastei tempo e dinheiro demais para comprar roupas novas para essa enxurrada de fracassados. Acho que vou partir para outra.

- Muito bem.

- Então, você vem comigo depois do trabalho?

- Para onde? A agência de casamento? Mas eu não quero me casar.

- Não. Outro lugar. Conto quando chegarmos lá. Vamos nos encontrar no metrô de Balham às seis e meia em ponto? Perto do ponto de táxi da ponte Cocô de Pombo.

- É uma ordem, não uma sugestão.

- É sim.

Pode ser. Não tenho mais nada para fazer. E agora que a minha linha de raciocínio foi interrompida, não consigo me ver trabalhando muito nesta manhã. Acho que vou ao banheiro tirar um cochilo.

Esgueiro-me para dentro do banheiro feminino, olhando furtivamente à direita e à esquerda para assegurar-me de que ninguém me viu, entro em um reservado, abaixo a tampa da privada, estaciono meu traseiro firmemente em cima dela e recosto a cabeça na parede de gesso fria. Geralmente, consigo ficar assim até uma hora, dependendo do trânsito do dia. Às vezes, quando tem alguma reunião editorial importante, ou se um chef famoso ou um decorador da TV vem fazer uma visita, entra um monte de gente lá ao mesmo tempo, tagarelando, jogando spray no cabelo, passando rímel e redelineando os lábios para se preparar para a visita, e é quase impossível repousar os olhos. Mas, às vezes, uma boa meia-hora se passa antes que alguém entre ali, e mesmo que entre, eu geralmente consigo ficar escondida. Só não posso roncar, claro. Se eu ficar em silêncio, as pessoas se imbuem de uma falsa noção de segurança. Acham que estão sozinhas. E pode ser bem reconfortante ouvir diretoras soltar peidos barulhentos e depois sair sem lavar as mãos.

Mas, hoje, Melanie e Serena chegam matraqueando antes que eu tenha tampo de cochilar. Rapidamente, ergo os pés de modo que elas não possam me ver. A gente aprende muito a respeito da política da redação quando se esconde no reservado.

- Você viu só? – Melanie começa a despejar, antes mesmo de a porta principal bater atrás dela.

- Vi. – A voz de Serena está um pouco distorcida por causa da careta que faz para passar o batom. – Ela é tão patética. Acha que está linda na foto. Até parece que ele ia se interessar por alguém como ela. Ele sorriu para mim no refeitório outro dia.

Refeitório? Que porra ela estava fazendo no refeitório? Ela nem come...

- Ele segurou a porta da arte para mim quando eu estava carregando todos aqueles radinhos – dia Melanie, toda exibida. – Acho que ele gosta de mim.

- E ela nem é boa no que faz.

- Eu sei. Estão falando que vão mandá-la embora.
- Quando?
- Logo.

Não precisa ser nem boba para saber que elas estão falando do David. Afinal, ele é o único homem da redação. Preguiçosamente, fico imaginando quem será “ela” que vai ser demitida. Pode ser qualquer uma. Afinal, todo mundo o paquera. E por ele ser tão educado, todo mundo teve, em uma ou outra ocasião, a oportunidade de achar que talvez ele se interessasse por elas. As mulheres mais velhas ficam maternais perto dele e lhe oferecem bolinhos recheados de creme, que ele divide comigo, e as mais novas só ficam babando na bunda dele. Pode ser a Gorda Claire. Eu sei que houve uma certa animosidade porque ela acabou de receber um aumento desmerecido.

Mas antes de que eu possa assimilar qualquer outra informação, uma musiquinha robótica surge das profundezas da minha bolsa, em volume cada vez mais alto. Merda. A porra do celular. Remexo na bolsa tentando desligá-lo, mas não antes de Serena e Melanie darem no pé em cima dos saltos nove, para a segurança da tela de computador das duas.

É o David.

- Obrigada – digo. – Estava agora mesmo escutando umas boas fofocas da redação e daí você tinha que estragar tudo.
- Cadê você?
- No banheiro. Estava tirando uma porcaria de um cochilo.

Ele ri.

- Volte logo. Estou jogando Forca, mas é muito chato fazer isso sozinho.
- Não dá – digo, firmemente. – Estou cansada.
- Tem uma tortinha de cereja na minha gaveta.

Coloco-me de pé e volto para a minha mesa onde, depois de três partidas de Forca, David volta ao trabalho. Ele continua sendo o Rapaz Novo, então, pelo menos tem que parecer interessado. A tarde se arrasta como uma lesma. George telefona uma vez, para perguntar se eu quero ir ao almoço de aniversário da mãe dele em Kent daqui a umas semanas. Ela anda fazendo perguntas do tipo “Quando é que você vai se casar?”, que podem desaparecer se de vez em quando eu for lá com ele e nós ficarmos nos abraçando um pouco. Eu adora a mãe de George, de verdade, especialmente quando ela faz torta de maçã com creme, mas acho que merece saber a verdade, portanto recuso.

- Por que você não vai sozinho e conta logo que é um lindo e radiante homossexual? – pergunto. – Será mesmo tão difícil assim? Ela é bem bacana, sabia?
- Não quero chatear minha mãe.
- Não vai chatear.
- Ela é idosa. Pode ficar chocada. Pode desistir de respirar ou qualquer coisa assim. Não consigo imaginar minha mãe caminhando por Turnbridge Wells usando uma camisa de tipo “Adoro meu filho gay”. E ela não tem mais papai, está lembrada?
- Eu sei. – Pego um clipe e começo a torcê-lo em formas cômicas. – Mas ela tem os clubes de amigas e de chá. E, para ser honesta, acho que vai ser um alívio para ela descobrir por que você usa aquele casaco cor de malva horroroso. Ela vai ficar bem.
- Sei lá.

Daí ele tenta mais uma vez fazer com que eu alugue para ele o meu útero um tempo. Só nove meses, insiste. Ele não consegue perceber qual é o problema. Será que eu estou sendo deliberadamente cabeça-dura, só para irritá-lo? E nem vai ser um inquilino permanente. Entra e sai sem que eu nem mesmo perceba.

Mantenho minha posição com firmeza.



- Não. Não e NÃO. – George sabe ser bem convincente e eu não quero concordar sem querer, de repente.

- Credo, você é tão egoísta – reclama. – Fico aqui o dia inteiro agüentando esse monte de babaca que quer aparecer na TV e você só me deixa deprimido. Você sabe como essa porcaria de trabalho é difícil?

- Hmmm, para falar a verdade, sei sim.

- Sabe mesmo? Eu tenho que entrevistar peruas acabadas com pele cor de laranja e chinelinhos todos os dias da minha vida, querida. Gente que vem de umas famílias ordinárias e que fala TOALETE e SALA DE ESTAR. Gente que mora em uns barrancos e acha que está tudo bem.

- Olha só...

- Hoje, Linda, de Dunstable, veio aqui no estúdio. A bunda dela é do tamanho de um sofá de três lugares. E Cherise, de Romford, que achava que espagete em lata era, nas palavras dela, “chiquerésimo”.

- Olha, sinto muito por você, mas...

- E Wayne, de Luton, achava que uma balaclava era algo que se colocava na cabeça para segurar o cabelo. Você sabia...

- George.

- Pois não?

- Vai se foder. – Coloco o telefone no gancho. O meu trabalho já é bem ruim sem ter que ficar ouvindo George do outro lado da linha reclamando do serviço dele o dia inteiro. E vou dizer que o emprego dele não é nem um pouco extenuante. Ele só tem que ficar andando pelo estúdio, conhecendo gente e batendo papo, fazendo perguntas a respeito de suas vidas pessoais para ver se são emocionantes o bastante para aparecer em um programa vespertino de TV. Não é algo exatamente difícil. Não é minha culpa se ele é um esnobe tão filho da puta.

Passo o resto da tarde olhando para a tela do computador, desejando que minhas idéias se desembaraçassem sozinhas e se transformassem em um texto limpo e lúcido. Às vezes pego uns pedaços de papel e coloco na mesa de novo, para tentar parecer ocupada. Preparo xícaras de chá. Digo a mim mesma que vou riscar hoje do calendário o começar tudo de novo amanhã. Arranco uma casquinha da mão, ela cai no teclado e não consigo tirar a porcaria dela, mesmo passados horas cutucando as teclas com um clipe.

Às cinco e meia em ponto, David recua a cadeira, desliga o monitor e pega a bolsa.

- Quer tomar um drinque?

Ele está falando comigo.

Olho em volta da redação e fico contente de ver que Melanie ficou absolutamente chocada.

- Tudo bem – respondo. – Seria ótimo.

Vamos ao bar de vodca que fica na esquina. Muito cromo e vidro e enormes sofás cor-de-rosa molengas. Sentindo-me frívola, peço logo uma dose dupla. Sabor de bala. David pede cereja negra, escolha que aprovo de todo o coração. Pelo menos ele não vai tirar o brilho da noite bebendo chope o tempo todo, como qualquer cara faria.

- E aí, você está gostando? – Pergunto. – Quer dizer, do trabalho. O que você acha da Imogen?

Imogen é nossa editora.

- Tem culote. – observa ele.

Fico deliciada. Um homem de boa aparência que sabe ser maldoso. Que coisa reconfortante.

- E as outras? – pergunto, enrolando minhas pernas uma em volta da outra, em um movimento que, espero, seja um pouco sexy. – Melanie?

- Usa acrílico demais.

- Serena?

- Tem cara de bunda de cachorro.

- Audrey?

- Meio sem sal, afinal, ela vai trabalhar com vômito no ombro.

Rio de tanta satisfação. Estamos nos entendendo tão bem. Não sei o que me deixa mais animada. A perspectiva de uma ficada ou a possibilidade de ter um parceiro de fofoca no trabalho. Quem sabe onde tudo isso vai dar? David pode ser minha primeira trepada e dispensada do ano.

Mas é claro que eu vou tratar o assunto com a máxima delicadeza. Não vou ter coragem de dispensá-lo com crueldade, porque preciso ficar sentada na frente dele o dia inteiro. O que é um pouco decepcionante, mas há outras maneiras de fazer com que uma ficada de uma noite não vá em frente.

- Outra vodca?

- Ah, sim.

- A mesma?

- Desta vez, quero chocolate com laranja.

- E eu quero de limão – diz ele. – Um pouco menos enjoativa.

Fico observando quando ele se locomove até o bar. Nossa, ele é gostoso. Tem um daqueles pescoços bronzeados, macios, absolutamente másculos que dá vontade de morder. O único problema é que nos entendemos tão rápido que quase me esqueço de que ele não é meu namorado de verdade. Portanto, não tenho permissão verdadeira para tocá-lo ou acariciá-lo. Percebe, estou me divertindo tanto com ele que abraçá-lo e me enrolar em volta dele simplesmente parece a coisa mais natural a se fazer.

- Então, onde é que você mora? – pergunto quando ele volta com as bebidas; chocolate com laranja como eu pedi e uma dupla de mirtilo para arrematar. Já estou começando a calcular a logística da coisa toda. Para começar, será que vai dar tempo de ele dar uma passadinha rápida em casa para trocar de roupa? Engolindo minha vodca de mirtilo, imagino, em uma névoa, se ele está tentando me deixar bêbada. Provavelmente. Deve ter passado todo o feriado juntando coragem para me convidar para um drinque.

- Earl's Court.

- Eu sabia. – Dou risada, e seco os dois copos em uma rápida sequência, já agitando a mão para chamar o garçom. Preciso de um garçom. Não tenho condições de ir caminhando até o bar. Minhas pernas já estão bambas demais, apesar de eu não ter a mínima idéia se isso acontece porque David me convidou para sair ou se é por causa da vodca. – Nem me diga – balbucio. – Você divide uma casa com dez pessoas. Vocês fazem turnos para dormir.

- Desculpe decepcioná-la – ri David. – Mas moro sozinho.

- Que atitude mais não-patriótica, essa sua. – Inclinou-me sobre a lousinha e escolho outro sabor. – Vamos tomar duas, não, quatro vodcas de framboesa e algumas de caramelo, por favor.

Às oito, já estamos os dois fora de di. E temos tanta coisa em comum que já começo a me ver formando um casal com ele. Quer dizer, obviamente, não quero apressar as coisas. Ainda não nos vi morando juntos nem comprando eletrodomésticos juntos. E neste ano devo fugir da monogamia. Mas nunca se sabe, não é mesmo? Talvez o problema seja que o cara certo nunca tivesse aparecido antes. Ou isso, ou ele apareceu e era George, e portanto estava indisponível para alguém como eu.

Talvez David seja o cara certo. Quem sabe?

E daí, penso, bêbada, virando mais bebida goela abaixo. Que legaaaaaal.

Às oito e meia, meu celular toca. É Janice.

- Caralho, cadê você, sua vaca?

- Em um bar – digo alegremente. – Com vodca. Muita vodca. Por quê? Quer vir?

- Você tinha marcado de me encontrar – berra, claramente puta da vida. – Fiquei na porra do metrô congelando a bunda durante uma hora. Você tinha que ir ao Evergreen Club comigo.

- O quê? – grito. – Bom, onde é que fica? Estamos indo para aí.

Bêbada, resolvo que a idéia de David e eu dançando embaixo de um enorme globo espelhado de uma boate brega no sul de Londres é o que eu mais gostaria de fazer neste instante. E, por estar bêbada, posso fazer exatamente o que quiser. Sou mais inteligente, mais rica e mais bonita do que qualquer outra pessoa do bar. E dou um pau em quem se atrever a dizer o contrário.

E também provavelmente estou mais bêbada do que qualquer outra pessoa. Mas ela...

- Não seja idiota – explode Janice. – Agora já está tarde. Não é um clube para dançar, é um clube social.

- Ah. Não faz mal. Deve ser divertido, você não acha? Lá vende bebida? É chique de matar? Você é sócia?

- É um clube para caras com mais de 60 anos, sua vaca louca. Estou caçando o Podre de Rico.

- Bom, tome cuidado. – Dou risada. O efeito da vodca está causando um curto-circuito no meu cérebro e, conseqüentemente, a total ausência de arrependimento. – Você já conhece os perigos de ficar com pentelhos nos dentes.

- O quê?

- Imagine só que horror, ter dentes nos seus pentelhos. – Fico rindo enquanto David traz alguma coisa roxa com aparência nociva para a mesa. – Cuidado.

Acho aquele último “cuidado” tão hilariante que começo a rir. E daí não consigo mais parar. Janice desliga o celular enojada e eu fico rindo sozinha. Estou me divertindo tanto que nem ligo para o fato de ela estar puta da vida comigo.

- Ela vai ficar bem. – Sorrio para David, virando o drinque roxo de uma vez só. – Ela sempre fica remoendo as coisas quando está junto com um cara. Não que nós estejamos, sabe como é, juntos.

- Não. – Ele parece sério. Provavelmente um pouco nervoso. Dou um apertão na perna dele para deixá-lo à vontade.

- Mas nós estamos nos divertindo, não estamos? – soluço

- Estamos.

Quando o bar fecha, estou tão lesada que David, Deus o abençoe, fica preocupado que eu não consiga chegar em casa sozinha. Talvez, disse ele, todo preocupado, eu deva ir dormir na casa dele.

- Ai, ai – brinco. – Conheço seu truque.

Ele ri. É mais perto, diz. Assim não vou precisar chacoalhar na linha Northern inteira para chegar em casa. E é fácil ei trabalhar de manhã da casa dele. Ele explica tudo tim-tim por tim-tim. Além disso, ele também quer provar para mim que não divide a cama com uma centena de outros antípodas.

Quando chegamos à casa dele, já é meia-noite. E antes de eu me afundar no sofá cor de banana elegante da cozinha dele, dá tempo de notar que a casa dele é bem antimacho.

Tem um monte de apetrechos de cozinha da Alessi. Uma torradeira cromada da Dualit. Um liquidificador clássico da Waring...

- Quanta coisa legal – articulo quando ele me entrega uma xícara de chá.

- Obrigado.

Ficamos no sofá-banana um pouco, daí David, de repente sério, olha para o relógio.

- Amanhã tem reunião editorial – diz. – Acho que devemos ir dormir.

Bem como eu pensei. Ele está louco para ir para a cama.

Transbordo de ansiedade enquanto ele me conduz escada acima. Parece que ele passa uma quantidade insana de tempo no banheiro, escovando os dentes e passando fio dental neles, mas digo a mim mesma que é legal conhecer um cara que cuida da aparência, e me concentro em examinar meus próprios dentes para ver se não sobrou nenhum pedacinho de espinafre.

Quando ele sai, uma toalhinha branca enrolada na cintura esguia e deliciosa, já estou na cama. Minhas roupas formam o montinho amassado no chão de sempre. Amaldiçoando a mim mesma porque minha calcinha e meu sutiã não combinam, tirei o sutiã cinza sujo e escondi embaixo da camisa. Conjeturei a respeito de ficar com a calcinha roxa, mas resolvi ser ousada e ficar com tudo à mostra. Sob os lençóis, estou nua em pêlo.

Que ousadia!

Ele parece surpreso.

- Eu ia falar para você dormir no quarto de hóspedes – diz. – Mas...

- Ah, tudo bem – sorrio, toda corajosa. – Afinal, nós dois sabemos por que eu estou aqui. – Por que sujar outro conjunto de lençóis? Não que eu esteja, claro.

- Não que você esteja o quê?

- Suja. – Dou risada, inclinando-me perigosamente na direção dele quando ele se senta do lado dele na cama com uma cara desconcertada.

- Katie, eu...

- O quê? – Inclino tanto o corpo que, no estado de embriaguez em que me encontro, caio com a cabeça no colo dele.

- Eu...

- Aaah – digo, colocando a mão no pênis dele, e rindo. – Isso aqui é um pepino ou você... Ah.

Digamos que ou ele é broxa ou não está nem um pouquinho excitado.

- Veja bem – diz com firmeza, afastando a minha mão.

- Tudo bem – apreso-me para reconfortá-lo. – Não quero me casar com você, sabe como é...

- Katie...

- Isso é porque você é obrigado a sentar na minha frente no trabalho? – faço uma tentativa. – Porque podemos esquecer tudo amanhã, sabe como é. Você não vai precisar me namorar. Nem ficar me comprando coisas caras, nada disso. Eu deixo você se safar na boa. Não conto para ninguém.

Apesar de talvez eu ter que pedir uma camiseta dele para ir trabalhar, claro. Uma que ele já usou alguma vez. Para que Melanie e Serena saibam.

- Não. – Ele diz. – Não é por causa disso.

- Então, o que é? – estou estupefata.

- Bom...

- Ah, já entendi – digo. – Você é casado. Você tem uma Sheila esquentando a barriga no fogão lá na sua terra. Bom, você sabe o que dizem por aí. O que os olhos não vêem...

Credo. Não dá para acreditar que estou sendo tão volúvel.

- É porque eu sou gay.

- Não faz mal – digo.

- Katie, eu sou gay – diz, segurando minhas mãos com firmeza. E de repente eu me toco.

A cozinha linda. O visual imaculado. O senso de humor maravilhosamente picante.

Claro que ele é completamente gay. Quando é que um hétero já foi assim tão perfeito?

Puta que pariu.

Tudo pára. Dá para ouvir o tráfego se movimentado lá fora, mas tudo está muito distante. Será que ele acabou mesmo de dizer o que eu acho que ele disse? Tudo parece surreal. Tipo um sonho esquisito.

- Não é você – ele se apressa a me reconfortar, ao perceber meu olhar de terror.

Como é que eu pude cometer um erro assim tão básico?

De novo.

- Você não pode ser... – faço uma tentativa rápida e insana. Afinal, já cheguei até aqui.

Eu que me dane se permitir que ele me escape por entre os dedos desse jeito.

- Por que não?

- Você odeia o Abba.

- É, mas...

- Você deixou o Steps passar batido.

- Eu sou australiano.

- Você nem sabe dançar “YMCA” – agora já estou soluçando. – Eu vi você na festa de Natal. Você não fazia a mínima idéia.

- É, mas...

- Você é um porra de australiano, puta que pariu. Você devia ser um machista da porra. Um casca grossa de marca maior. Um porco chauvinista total. Você não se importa de tomar cerveja na lata. E você gosta de comer carne de porco. Não acredito. É só uma desculpa para não transar comigo, não é? Bom, deixa eu dizer uma coisa, eu não ia mesmo transar com você. Nem que a ponta do seu pau estivesse coberta com o sorvete mais delicioso do mundo. Você tem cara de ser péssimo. Pronto. Então pronto.

Credo. Estou me fazendo de completa imbecil. Tem catarro escorrendo do meu nariz e tudo o mais, mas eu nem ligo.

Puta que pariu.

Por que é que esse tipo de coisa sempre, sempre acontece comigo?

Pulo para fora da cama, totalmente ciente de que cada pedacinho do meu corpo está a mostra. Minhas bochechas ardem de tanta humilhação. Parece absurdo para ele me ver pelada depois do que acabou de dizer.

- Ah, Katie, por favor, não faça isso – ele implora enquanto eu saltito pelo quarto, ridícula, com um pé enfiado em uma perna da minha calcinha roxíssima, tentando vesti-la a todo custo.

- Olhe, se eu fosse hétero, você seria a primeira pessoa que eu ia querer agarrar. Sério.

- Ah, por favor, me poupe – imploro. – Não tente fazer com que eu me sinta melhor.

Nunca fiquei tão envergonhada na vida. Vou pedir demissão. Você não vai precisar olhar para mim nunca mais.

- Não precisa fazer isso. Por favor, vamos tomar mais uma xícara de chá e...

- Não. – Coloco a camisa rosa que, depois da noite de bebedeira, está toda amarfanhada em um montículo no chão, antes de sair correndo escada abaixo, atravessar a porta e sair para a rua antes que ele consiga proferir outra palavra.

Vou cambaleando na direção do metrô, conseguindo, com dificuldade, chamar um táxi e dizer ao motorista que me leve para Balham.

Quando entro no carro, fico olhando amuada pela janela.

- Cafajeste – sibilo.

- A senhorita está falando comigo? – pergunta o motorista.

- Ah, não, desculpe – balbucio. – Acabo de descobrir que o cara que eu achava que ia transar comigo é gay. Estava falando dele. É bem compreensível, o senhor não acha?

- Claro que sim, querida – diz o motorista do táxi. – Só posso dizer que esse negócio de que eles gostam é nojento. Vai contra a natureza, se quer saber a minha opinião. Quer dizer, não era a intenção do Senhor, não é mesmo, afinal de contas?

Sinto a bile pela garganta. Acho que é a vodca, mas toda aquela choradeira soluçante também não ajudou em nada. Engulo com força. Eu realmente não quero deixar o almoço em um táxi. Não tem nenhum recipiente à mão. Não tem lata de lixo. Nem mesmo um saco de supermercado amassado. Talvez eu pudesse usar o bolso do casaco, mas acho que isso é ir um pouco longe demais, até para mim.

Por sorte, consigo segurar o conteúdo do estômago até finalmente estacionarmos na frente da minha porta, quando o taxista olha para mim com tanta gentileza que eu acho que vou explodir em lágrimas de novo.

- Prontinho, querida – ele sorri. – Vá para casa e tome uma bela xícara de chá, está certo?

Acordo na manhã seguinte me sentindo quase normal. Absolutamente de ressaca, mas não tão envergonhada assim, levando em consideração a situação.

Em primeiro lugar, mais uma vez consegui me interessar por outra bicha frenética.

George vai ficar histérico quando descobrir que eu lancei olhares para o que ele – e só ele – classificaria gentilmente de “cavalgador de pau”.

E, em segundos, já são nove e meia. Eu tinha que estar na redação há meio hora.

Teclou o número do trabalho. Claro que não tenho condições de ir trabalhar, já está tarde demais, para começar, e eu realmente preferia não ter que enfrentar a idiotice completa que cometi na noite passada, muito obrigada. Vou ter que falar com Imogen e inventar alguma desculpa.

Digo que estou com intoxicação alimentar. Sei que não é muito original, mas parece que um passarinho cagou no meu céu da boca e não consigo me mexer sem achar que estou prestes a vomitar.

- Acho que você vai ter que vir, sim. – A voz de Imogen corrói a linha telefônica como se fosse ácido hidrocloreídrico. – Temos reunião editorial.

- Eu sei, mas...

- Katie, faça o favor de vir logo para cá, está certo? – ela cospe, e bate o telefone na minha cara.

- Ela bateu o telefone na minha cara – digo a Graham e Shish Kebab em estado de choque, antes de arrastar minha carcaça para fora da cama e procurar umas roupas mais limpinhas para vestir.

Eu odeio toda aquela gente.

Como é que eu vou conseguir encarar o mundo?

## QUATRO

Finalmente, rastejo para o trabalho às 10h37.

Marsha olha para mim como se soubesse de algo que eu não sei.

- A Imogen quer que você vá à sala dela imediatamente. – Parece feliz da vida. – Está esperando.

- É para falar do texto do creme brûlée?

Ela dá de ombros.

- Tente descobrir.

- Entre – late Imogen quando adentro os domínios da sala dela, do tamanho de um campo de futebol. Estou tão nervosa que esqueço temporariamente a vergonha da noite passada, que ficou rondando a boca do meu estômago durante todo o trajeto até aqui. Em vez disso, retorço os dedos, aterrorizada. Credo, como estou de ressaca. A necessidade de correr para o banheiro e mandar um supercocô alcoólico é quase insuportável. Sinto-me absolutamente rançosa.

- Você chegou atrasada ontem – ela solta, girando a cadeira azul-clarinho de um lado para o outro e apertando os olhos amarelados na minha direção, de maneira desconcertante.

- Desculpe – tento aliviar a pressão. – O trem passou e eu não estava lá.

Imogen me manda um olhar que me dá toda a certeza de que ela me acha tão engraçada quanto falência do fígado, antes de fazer um gesto para que eu me sente em uma das cadeiras do conjunto de camurça azul-clarinho na frente de sua mesa em forma de feijão. Observo que ela baixou a minha uns dez centímetros, para poder me olhar de cima e se deleitar enquanto eu tremo.

- Não vou nem me incomodar em oferecer um café – cospe. – Acho que você não vai ficar muito tempo aqui.

- Vou morrer logo – falo para dentro.

- O que você quer primeiro? – pergunta ela. – A boa ou a má notícia?

- Hmmm... a boa? – falo involuntariamente. Meu Deus. Espero que ela seja rápida. Eu preciso mesmo ir ao banheiro.

- Tudo bem. – Ela arregaça as mangas do terninho preto com corte imaculado até os cotovelos e olha para mim de cima.

- A boa notícia é que fui promovida. De novo. Desta vez, passei a fazer parte do conselho.

- Que bom – digo, quase completando: “Então você não ficou com o braço cansado de tanto puxar o saco dos outros por nada.”

- E não é mesmo? – ela retorce o nariz de tanto rir. – Claro que vou precisar de alguém para substituir Audrey.

- Audrey vai embora?

- Não.

- Então, por quê?

- Porque ela já foi. Faz menos de dez minutos.

- Por quê?

- Mandei embora. Não estava mais dando para confiar nela. Sempre saia mais cedo para ir correndo para aqueles pirralhos remelentos. Dormia nas reuniões. E estava sempre derramando leite em cima da mesa de conferência. E ela sabe muito bem que sou alérgica a laticínios.

Na opinião de Imogen, qualquer vislumbre de instinto maternal é indicação de fraqueza fatal. De acordo com ela, é a mesma coisa que homem comendo quiche.

Então, a má notícia é que a coitada da Audrey foi mandada embora. Mas por que é que ela está contando isso para mim? A não ser que... Claro. Ela quer que eu fique com o trabalho de Audrey. Além do meu, sem dúvida. E provavelmente ganhando menos, se é que eu conheço a porra deste lugar.

Mas se eu vou trabalhar por duas, vou ter que ganhar mais, não é mesmo? E se ganhar mais, vou poder pagar por um lugar melhor para morar. Algum lugar com jardim, talvez. E uma portinhola para Graham e Shish Kebab.

E se vou fazer o trabalho de Audrey, provavelmente não vou mais precisar sentar na frente de David. O que será um tremendo alívio depois da noite passada.

- Você deve estar aí imaginando o que tudo isso tem a ver com você – diz Imogen, bem assertiva.

- Bom, estava meio que pensando mesmo.

- Agora você quer ouvir a má notícia, sem dúvida.

- Eu achei...

- O quê? – os olhos dela brilham, cheios de triunfo. – Você achou que a demissão daquela lactante com goteira era a má notícia? Ah, não, querida, você ainda não ouviu nem a metade.

Ela se espreguiça, preguiçosa, igual a um gato no sol, saboreando o fato de estar me prendendo como uma mosca em uma teia de aranha. Estou meio passada. Não por me importar particularmente com o que ela tem a me dizer, mas porque estou desesperada para sair daqui e dar uma cagada.

- A má notícia – sorri – é que você também está demitida.

Demoro um segundo para absorver o que ela acabou de dizer. Quando compreendo, fico com falta de ar.

- Eu até diria que sinto muito – ela fala enquanto olho para ela de boca aberta de incredulidade. – Mas não sinto. E você me conhece. Não sou mulher de meias-palavras. Não é mesmo.

Ela vai direto ao assunto.

- Se você tem algum pertence pessoal na redação, sugiro que leve com você agora, porque darei instruções severas a Marsha para que não a deixe mais entrar no prédio a partir de agora. Certo?

- M-mas você não pode...

- Acho que posso. Agora sou a chefona.

Ela está se divertindo à beça.

- Eu podia ser freelancer, se for o caso...

- Está mais para folgada, na minha opinião – debocha ela. – Não, obrigada, querida. Isto aqui não é um problema de corte de custo. Eu já contratei outra pessoa, com salário mais alto, para fazer o seu trabalho. O problema é o seu comportamento.

- O quê?

- Você é tão confiável quanto uma camisinha furada. Se não fosse pela sua conta gigantesca de telefonemas pessoais, eu não saberia por que você vem trabalhar.

- Mas daí eu não vou ganhar nada.

- Não, querida, não vai. – Ela me presenteia com um sorriso salpicado de cianureto. – Mas isto aqui é uma organização lucrativa, não de caridade. Não levamos os miseráveis



muito em consideração por aqui, amorzinho, de modo que é melhor você ir dando o fora loguinho, antes que eu mande chamar a segurança. Estou indo para a reunião editorial agora. Você pode sair por conta própria.

E, com isso, ela sai batendo os saltos, e me deixa sozinha na sala dela. Tiro um pedaço de chiclete de uma hora atrás da boca e coloco na cadeira dela. O modelito Prada daquela perua vai gostar bem deste presentinho.

O primeiro pensamento que cruza minha mente quando saio da sala dela, no andar mais alto do prédio, e me dirijo para o elevador, é que pelo menos não vou ter que encarar David. A reunião editorial já deve ter começado a esta altura, de modo que ele estará seguramente trancafiado na sala de conferência.

E, para meu alívio, ele não está na mesa dele. Enquanto Melanie e Serena observam eu encaixotar minha coleção de marca-textos e minha reserva de emergência de barras de chocolate, sinto-me estranhamente desempregada. Estou transtornada, claro. Acabei de perder o emprego. Mas uma partezinha de mim se sente aliviada. Aliviada porque alguém tomou a decisão para mim. Não preciso resolver ir embora e descobrir o que quero mesmo fazer. Agora ter que procurar outro emprego. Realmente não tenho outra escolha nesse aspecto.

Sinto-me estranhamente exultante ao deixar o prédio da IBS pela última vez. Aqui estou eu, no meio da manhã, sem absolutamente porra nenhuma para fazer.

Que maravilha!

Claro que tem uma coisa que eu posso fazer.

Compras.

Mas, em primeiro lugar, preciso fazer um pit-stop no McDonald's da King's Road.

Estou passando na frente da Whistles quando vejo David o Homossexual Gay bem na frente da Body Shop do outro lado da rua. Uma onda quente de vergonha toma conta de mim e eu me enfio em uma loja para que ele não me veja. Neste instante, uma pontinha de dúvida passa pelo meu cérebro. Será que ele é gay mesmo?

Ou será que a idéia de ter que meter em mim é tão completamente repulsiva que ele precisou fingir?

- Vá se foder – digo em voz alta.

- Perdão? Posso ajudá-la? – Pergunta a vendedora com boca de chupar limão.

- Não – digo sem pensar. – Não, você é vendedora, não terapeuta de casal. Francamente, duvido muito.

Saio da loja sem proferir mais nenhuma palavra e piso firme, caminhando em direção ao portal dourado, sentindo-me a última. Porra de David. Quem diabos ele acha que é, andando assim pela rua, exibindo toda sua gayzisse, estragando completamente meu dia de liberdade?

Que cafajeste.

Entro se supetão no McDonald's, peço um Mcfish e um Big Mac com refrigerante e batata-frita. Quem é que precisa de homem quando dá para comer junk food? Heim?

Afinal, se o marrom é o novo preto e ficar em casa é o novo sair, quem é que vai dizer que o McDonald's não é o novo sexo?

Heim?

- O que você gostaria de beber? – pergunta o atendente coberto de espinhas.

- Fanta. Não. Coca.

Esqueço tudo a respeito de David e de ser demitida e me concentro no assunto do momento: deglutir meu hambúrguer duplo em tempo recorde. Quando termino, volto minha atenção para a terapia do varejo. Dou uma passada na Lush para babar em cima dos pedaços de sabonete com cor de pedras preciosas, empilhados como tijolinhos de Lego, e bombas de banheira efervescentes, arranjadas no balcão como se fossem bolas

de sorvete. Gasto uma fortuna em óleo de banho com cheiro de violeta e gel de banho sabor laranja. Compro tortas brancas com redemoinhos azuis de banho de espuma quase do tamanho de tijolos e talco em embalagens fofíssimas. Quando termino as tarefas dali, vou correndo até Georgina vom Etzdorf para escolher um cachecol de veludo para usar durante o resto do inverno. Não consigo escolher entre o preto com rosa tutti-frutti e o preto com verde-hortelã, de modo que compro os dois. Eu mereço, afinal de contas. Não é hora de economizar. Esta não é a hora de economizar. Então é a hora de cheirar produtos de beleza na Boots antes de escolher vários CDs, velas perfumadas, canecas da Whittard, um blusão da Kookai e quatro conjuntos completos de lingerie.

Só quando chego em casa é que percebo quanto gastei. Somando tudo, parece que acabei de desperdiçar umas 600 libras em um monte de bobagens em uma tarde. Tudo só para me alegrar.

E agora que carreguei tudo para dentro de casa, de repente já não me sinto assim tão alegre.

Na verdade, estou mesmo me sentindo péssima. Olho para mim mesma no espelho, fazendo a minha cara de “venha para a cama”, só para ver como devo ter parecido tristemente patética quando estava tentando seduzir David na noite passada.

Put a que pariu.

Será que eu fico mesmo com esta cara quando estou paquerando?

O pobre cafajeste deve ter achado que eu estava com dor de barriga.

Ligo para o celular de Janice. Ela está saindo do trabalho.

- E aí?

- Acabei de ser demitida.

- Você acha que isso é ruim – ela solta. – Devia ter visto a seleção de naftalina com que deparei ontem à noite no festival de pudim.

- O quê?

- No Evergreen Club. – Ela parece levemente irritada. – Honestamente, Katie, depois de me dar o cano, achei que você pelo menos ia fingir que estava interessada.

- Fui demitida.

Credo, como ela consegue ser insensível às vezes.

- Está bem, já disse. Mas presumo que você tenha se dado bem na noite passada para compensar.

- Para fala a verdade, não.

- Não? – ela se ilumina.

- Não.

- Então, tudo bem. Quer dizer, achei que a minha noite tinha sido ruim. Fui lá esperando encontrar um veterano de guerra e o que vi?

- O quê?

- Bolachas amanhecidas, baba e carteados – ela parece desacorçada. – Vou ter que refazer meus planos.

- Ah.

- Mas pelo menos não fui demitida – continuou ela. – Você deve estar mesmo puta da vida.

- Obrigada, Janice. Posso sempre contar com você para me sentir melhor.

- De nada. – Toda ironia se perde com ela. – Aliás, recebi uma boa notícia.

- É?

- Acabei de ser colocada em uma conta de muito prestígio no trabalho, de cereal matinal.

- E isso é bom?

- È bom demais. Tem uma perna de girafa sem bunda chamada Thalia que fez um boquete em um dos filhos do dono e foi descoberta. Foi mandada embora mais rápido do que dá para dizer caralho. E eu fiquei com o trabalho dela.

- Que bom.

- Claro que isso significa que eu vou ter menos tempo para procurar marido. Mas talvez, agora que você não tem porra nenhuma para fazer, quem sabe pode procurar para mim.

- Ah, certo.

- bom, bem que você podia, não é mesmo? Ir a umas festas e paquerar alguém por mim. Ou então podia dar uma olhada na internet. Bom, mas eu preciso desligar. Não tenho tempo de conversar o dia inteiro. Agora eu sou toda importante e ocupada.

E, com isso, desliga o telefone.

Frente à distinta falta de solidariedade de minha amiga, opto pela segunda alternativa.

Ligo para George.

Infelizmente, ele está em êxtase. Está apaixonado. Apaixonado. O mundo se transformou em um marshmallow cor-de-rosa em uma tarde.

- Conheci um cara.

- Ah – me arrepio. Não consigo evitar a sensação de ciúme cada vez que George se declara apaixonado. Afinal, David não foi o primeiro gay que eu tentei traçar na vida. Como já disse, sempre tive uma queda por George. Tentei implorar. Disse a ele que não me importava se ele quisesse que eu colocasse um saco de papel na cabeça e fingisse ser um gostosão da novela. E mesmo assim ele recusou.

Que cafajeste ingrato.

Para minha sorte, e a do meu monstro de olhos verdes do ciúme, os relacionamentos de George não são nada além de breves. Ele acha que está apaixonado pelo menos duas vezes por semana, antes de perceber que não tem absolutamente nada em comum com a outra pessoa a não ser a orientação sexual. Por consequência, ele já teve mais casos passageiros do que todas as calcinhas que eu já tive na vida. E mais alguns além desses.

- Então, vocês já foram para a cama? – pergunto.

- Não.

- Não? – ecôo. – Meu Deus, deve ser sério.

- Acabei de conhecê-lo na hora do almoço, no parque.

- Isso nunca o impediu de agir.

- Aaah – George guincha. – Que gracinha. Qual é o seu problema?

- Também conheci uma pessoa – confesso. – No trabalho.

- Ele é legal?

- Ele é gay.

- Ah, Katie – reage ele, cheio de tristeza. – Você não foi lá dar mais um daqueles seus showzinhos, foi?

- Acho que sim – respondo, com voz trêmula. – E agora ainda fiquei sem emprego também.

- Ah, querida. – Ele parece compreensivo. – Bom, isso tudo é muito triste, mas acho que agora não vai dar para parar para conversar. Vou me encontrar com o gostosão agora.

Ele vai me levar ao Quaglianos para jantar.

- Ah.

Fico escutando abedientemente durante uma meia-hora enquanto George fica falando como a vida é maravilhosa agora que ele achou esse alguém especial número 453. ele ainda não parou de falar quando eu coloco o telefone no gancho e recorro à minha última alternativa.

Sam.

Normalmente, nem perco tempo incomodando Sam com minhas histórias de tortura. E realmente não sei por que estou fazendo isso agora. Ele deve estar saindo com uma daquelas vagabundas magricelas que ele chama de namorada. Eu não daria a mínima, mas elas sempre têm uns nomes tão estúpidos e empolados, como Coco e Índigo, que me dão nos nervos mesmo antes de conhecê-las.

Fico agradavelmente surpresa. Ele está sozinho.

Sam mora a quatorze quarteirões de mim, na Calbourne Road. Ele abre a porta da casa nova, todo descabelado e desalinhado. Traz um pincel na mão e tem manchas de tinta de parede azul-claro, tipo ovo de pato, no nariz e na franja. Parece tão familiar e tão... normal, uma coisa tão Charlie Brown, que eu simplesmente perco a linha e me desfaço em torrentes de lágrimas.

- CTCA? – pergunta, gentil

CTCA quer dizer chá, torrada e cigarro AGORA.

- Ou talvez prefira uma pizza.

Concordo com a cabeça, desconsolada.

- Mas acho que primeiro é melhor você tirar esse monte de molho de Big Mac da sua franja – ele sorri. – E daí você pode me ajudar a pintar meu escritório novo. Escolhi azul.

- Não brinque.

- Acho que vi um sorriso. Só um pequenininho. Mas já é um começo.

- Peça uma pizza – sorrio apesar do que sinto e entro na cozinha de Sam, onde sua preciosa coleção de placas de metrô está apoiada em uma parede enquanto ele pinta a outra.

- Peço sim – e vai direto para o bule. – Assim que você me contar qual é o problema.

- Tentei seduzir um homossexual.

- Mais um?

Concordo com a cabeça, envergonhada.

- Caralho, pára de rir.

- Ah, Katie – ele se mata de tanto gargalhar. – Quando é que você vai aprender?

- Pode tirar o chapéu de professor – desabafo, sentando em cima da mesa e aceitando a xícara de chá quente que ele me oferece. – Você não é tão legal assim, sabia? Veja só as pobres coitadas com que você sai. Desculpa, eu disse sair? Devia ter dito trepar e dispensar.

- Minha intenção não é trepar com elas e dispensá-las. – Por um instante, Sam parece momentaneamente deprimido. – Só que no fim elas sempre ficam chatas de verdade, só isso.

- È engraçado como você só repara nisso depois de ter ficado com elas de tudo quanto é jeito, não é mesmo? – provoco. – Depois que você já gastou bem seu salsichão?

- Isso não é justo.

- È sim. Você é um mercador: pega as moças, faz gato e sapato delas e dispensa. Mas, de qualquer jeito, se elas são todas tão chatas assim, acho que você deveria experimentar umas diferentes. Tipo uma que seja levemente mais inteligente do que a ameba de plantão. E tem sempre a Janice. Quer que eu dê uma ligada para ela?

Sam parece aterrorizado.

- Não se preocupe – digo. – A Janice estava falando sério quando disse que mudaria sua política de relacionamentos. Agora ela está atrás de capital sólido, não de gostosão, de modo que você vai ficar seguro por algum tempo.

- Você precisa arrumar um namorado de verdade – Sam me diz mais tarde. – Um que seja hétero. Alguém que vá cuidar de você. Daí você vai poder esquecer toda essa besteira de ficadas de uma noite e talvez possa ser feliz de fato.

- Homens são todos iguais.

- Não, não são. – Ele troca de canal e coloca no futebol.

- Você está zapeando – grito, comprovando meu ponto.

- Você não devia ser assim tão rígida – ele ri, e volta para a novela por causa de mim. – Nem todos nós somos iguais ao Jake, sabe? Alguns de nós na verdade são até bem legais.

- É, e a maior parte de vocês é igual menstruação – retruco. – Ficam rodeando igual a um cheiro ruim quando não são desejados e daí quando a coisa chega a uma questão de vida ou nascimento, somem tão rapidinho quanto a calcinha de uma stripper. Não, obrigada. Posso me virar sem vocês. Todos vocês.

Quando Sam descobre que fui demitida, tente me convencer a contar para minha mãe. Afinal, diz ele, eu preciso de todo o apoio possível.

- Pelo menos conte ao meu pai.

- Você não vai contar para o Jeff – digo com firmeza. – De jeito nenhum. Ele já acha uma porcaria. E provavelmente vai contar para minha mãe. Ela vai ficar acabada se souber que eu fui demitida. Coisas assim não acontecem na nossa família.

Aliás, esse é todo o problema da minha mãe. Ela é legal de mais. Não posso dizer o quanto desejei, em todos esses anos, ter uma mãe igual à de Janice. Uma que andasse de calça de moletom comprada no supermercado e que nem consiga lembrar quem é o pai dos filhos. Eu até me contentaria com uma que me criticasse o tempo todo. Sabe como é. Que ficasse me enchendo para eu emagrecer, arrumar um trabalho melhor, fazer um curso de especialização. A vida seria muito mais fácil. Azar o meu se tudo é difícil para mim. Quando eu ferro com tudo (tipo quando passo mais tempo no bar do grêmio estudantil do que na biblioteca), recebo um agradinho na cabeça e um: “Tenho certeza de que você fez o melhor que pôde”, em um tom consolador. Ela confia tanto em mim que chaga a doer. Vivo em constante estado de culpa.

Sam promete que não vai contar nem para a minha mãe nem para o pai dele, desde que me comprometa a pensar muito seriamente a respeito do que quero fazer para ganhar a vida. Talvez até ir a uma agência de empregos temporários para adquirir novas capacidades.

- Então preciso escolher entre me enfiar em um tailleur com meia-calça fina ou decepcionar a minha mãe, é isso?

- Se você quiser pensar assim.

Opto pela primeira alternativa. Prometo que vou pensar a respeito.

E pensar a respeito é exatamente o que eu pretendo fazer a esta altura. Afinal, depois de tudo que eu passei, algumas semanas de ócio caem superbem.

- Então, o que é que você acha? – Sam olha para mim cheio de expectativa.

- Como assim?

- O que você acha que gostaria de fazer? – pergunta.

- Você está dizendo que eu preciso pensar agora?

- Estou.

- Mas eu quero assistir a Buffy.

- Bom, não vai dar. – Sam tira o controle-remoto da minha mão e aperta o botão de desligar com firmeza. – Você precisa tomar as rédeas da sua vida, você sabe muito bem. Quanto antes, melhor. Tem que existir alguma coisa que você gostaria de fazer.

- Não consigo pensar em nada – digo honestamente. – Mas não quero voltar a trabalhar em uma firma de nenhum tipo. O ambiente de meia-calça e bolsinhas não serve para mim. E ser a moça nova é um horror. Ninguém faz a gentileza de mostrar indo fica o banheiro e a gente acaba sempre tendo que preparar o próprio chá porque o das outras pessoas tem gosto de peixe e vem com uma película por cima.

Sam joga a cabeleira para traz e urra de tanto rir.

- O quê?

- Você é muito engraçada. – Ele dá um puxãozinho na minha orelha. – Não dá para acreditar que você chegou até aqui sem ter a menor noção do que quer fazer.

- Não tem nada de engraçado. – Abaixo a cabeça e olho tristonha para a xícara de chá. – O que costuma acontecer com gente como eu, Sam? O que acontece com essas pessoas?

- Tenho a impressão – ele me puxa na direção dele e me dá um abraço de irmão – de que elas acabam descobrindo que precisam se ajudar sozinhas.

- Era o que eu temia. – Volto minha atenção para o exemplar da revista GQ na mesinha de centro. – Caralho. Olha só para o estado dela. Tem mais luzes do que uma sala de operação.

Sam joga a revista para longe com delicadeza e olha para mim.

- Vamos lá, Simpson. Tem que existir alguma coisa de que você gosta.

- Não tem. – Sacudo a cabeça com tristeza. – Só sou boa em beber, fumar e trepar. E nisso aí nem sou muito boa. Ainda.

- Você é boa na cozinha.

- Sou? – volto os olhos para ele, surpresa.

- Claro que é – ele diz. – Aquele curry malaio que você fez no aniversário de Janice estava simplesmente estupendo.

- Obrigada. – Fico contente. – Mas aonde é que isso vai me levar? Não quero ser dona de casa.

- Não precisa ser. Já pensou em ser chef, digamos? Ou banqueteira?

- Já – digo, com honestidade. – Mas daí eu fiquei enrolando demais e não rolou.

- Bom, e o que você acha disso?

- Não tenho experiência nenhuma – reclamo. Agora já estou me sentindo realmente péssima. – Credo, Sam, por que tudo tem que ser tão difícil? Não é minha culpa se eu acho difícil me dedicar a alguma coisa. E ninguém me consultou antes de me jogar em um mundo em que a gente precisa trabalhar para viver. Acho que eu ia me dar melhor como herdeira ou qualquer coisa assim.

- Você podia ir trabalhar umas semanas em um restaurante para pegar experiência. – Sam sugere, com expressão séria. – Já pensou em trabalhar um pouco como garçomete? Só para ganhar algum dinheiro e ver o que está rolando?

- A única coisa que já pensei a respeito das garçometes é que elas têm um trabalho horroroso, servil e que paga pouco – digo. – Credo, Sam, já me diverti mais tratando um ataque bem forte de cistite.

- E o que você acha de montar seu próprio negócio? – Sam de repente tem uma iluminação.

- Do quê?

- De banqueteira. – Ele sorri. – Posso até contratar você para os lançamentos de alguns dos meus clientes.

- Não tenho dinheiro para abrir uma empresa.

- Você pode pedir um empréstimo.

- Vou pensar no caso.

- Bom, pense mesmo. – Sam me dá outro abraço de urso. – E eu também vou pensar.

Quem sabe surgem algumas idéias.

Nas semanas que se seguem, me sinto tão bem com o desemprego quanto um patinho na água. Em uma sexta-feira, encontro Janice no Exhibit para tomar uma taça de vinho e ouvir todas as fofocas do trabalho dela. E é quando me toco de que não tenho

absolutamente nada para contar. Quer dizer, que graça tem uma cena do tipo “acordei, me vesti, comprei pão” para uma executiva da publicidade que fica tão ocupada de segunda a sexta que mal tem tempo de limpar a bunda?

- Qual é seu problema?

- Estou entediada – reclamo. – Não tenho nenhuma expectativa.

- Tem sim, querida. – Ela me dá um cigarro e acende um para si. – Você vai dar uma festa.

- Não vou, não.

- Vai sim. Você vai dar uma festa para comemorar seus 30 anos porque eu conheci um cara e preciso de uma desculpa para convidá-lo para sair.

- Por que ele não convida você para sair?

- É delicado.

- Por quê? Ele derrete se sair à rua?

- Não.

- Onde foi que você o conheceu?

- Em um enterro.

Imediatamente me sinto culpada.

- Ai meu Deus, Janice, sinto muito. Não fazia idéia de que alguém tinha morrido.

- Ninguém morreu. – Ela parece surpresa. – Ah, já entendi. Bom, sim, alguém morreu. Na verdade, foi a mulher dele. Mas eu nunca a tinha visto mais gorda, então não estou muito abalada.

- Então, o quê...?

- ...eu estava fazendo no enterro? Bom, eu não estava avançando nem um pouco com aquela porcaria de agência de casamento, você sabe muito bem. E o Evergreen Club também não serviu para absolutamente nada. Muito obrigada, mas por enquanto não estou preparada para lidar com incontinência. Quero alguém que tenha uma certa disposição para agitar. Caso que precise levá-lo a algum lugar público.

- Certo.

- De modo que dei uma passada de olhos nos anúncios de morte do Torygraph. Para ver se alguém interessante tinha batido as botas. Achei que talvez haja por aí uns viúvos bacanas dando sopa. E esse aí parecia bem promissor. Então coloquei um terninho preto, enfiei uns sapatos de marca, me desloquei até Waterloo e peguei um trem.

- Sei.

- Fiquei no fundo da igreja, claro. Não tinha necessidade de chamar atenção. Foi bolinho. Depois, apertei a mão dele no cemitério. Disse que era amiga da esposa. Disse que tínhamos feito trabalho voluntários juntas.

- Ah, sei.

A coisa mais próxima que Janice fez de trabalho voluntario foi dar uma chupada em um marinheiro americano carente de sexo que conhecemos no bar Mucky Duck, em Portsmouth.

- Fiquei feliz por não ter me aproximado antes – prossegue ela, ignorando meu olhar chocado. – Porque o pastor falou tanto de como ela era uma mulher maravilhosa que no fim eu me senti como se a conhecesse há anos. Quase achei que ele ia começar a dizer como ela era boa de cama.

- Mas...

- Bom, mas aí fui até a casa dele para a recepção. Bem grande. E o champanhe era de boa qualidade. Não era aquela porcaria que a gente compra em qualquer supermercado. E nos demos hiperbem. Depois, ele deu um beijo na minha mão e disse que esperava que mantivéssemos contato. Então achei que o seu aniversário seria a desculpa perfeita para alegrá-lo um pouco.

- E trepar com ele para ficar rica – digo.
- Mais ou menos.
- Ela estava doente? – pergunto.
- Credo, não. Morreu totalmente de nada. A vaca tonta esquiou direto de encontro a uma árvore. Estragou as férias inteiras, como você pôde imaginar. O pobre coitado teve que voltar para casa na mesma hora. Que egoísmo.
- Janice!
- O que é? Do que você está reclamando? E você vai ganhar uma festa de aniversário por causa disso. E eu vou convidar um montão de G&Ts. Para você, quer dizer. Eu provavelmente já vou ter um para mim.
- G&T é a sigla para gostoso e tonto. É uma frase reservada para homens decorativos que têm merda na cabeça.
- Vai ter que convidar mesmo – digo. – Porque eu com certeza não conheço nenhum.
- Então você está dizendo que vai fazer?
- Parece que sim.
- Ah, que bom – ela se entusiasma, servindo a última taça de vinho. – Agora me fala. Que bolsa você acha que eu devo usar para a ocasião? A rosa da Tocca ou a preta da Gucci?
- Quantos anos ele tem?
- Sessenta e nove.
- Então, acho que você pode usar um saco de supermercado – dou risadinhas. – Não, falando sério, a única bolsa que ele vai conhecer é a que estiver acoplada ao estômago dele por um tubo de plástico, então é bem provável que ele não esteja nem aí.
- Ele não é TÃO velho assim – ela reclama.
- Tem idade de vovô – resalto. – E, para mim, isso é bem velho.
- Ela veste um casaquinho.
- Vejo você no sábado, então?
- Vê?
- Claro. Para a festa, dããããã.
- Não pode ser na sexta? É que o meu aniversário é na sexta.
- Não, não dá. – Pega o maço de cigarros. – Na sexta ele não pode. Tem uma reunião.
- Coisa de velho?
- Trabalho – ela bufa. – De qualquer jeito, tem que ser no sábado. Se não, ele não pode vir. E esse é o motivo principal.
- Achei que era minha festa de aniversário.
- Isso também, claro.
- E os convites?
- Já cuidei de tudo. – Começa a contar nos dedos. – Chamei todos os nossos amigos. Além de umas Sem Bunda do trabalho. Eu ganho pontos com isso, sabe como é.
- Ótimo.
- E a Poppy e o Seb. Daí a gente vai poder passar um bom tempo sem ter que sair com eles.
- É verdade.
- Poppy é a nossa amiga por obrigação. A colega de faculdade de quem não conseguimos nos livrar de jeito nenhum. Ela é tão legal que não há nada que façamos que consiga afastá-la.
- E o George convidou um monte de amigos. O Didier vai. E o Sylvain. O Christian. Fran, o Trans. Felix e Olivier. Archie e Hugo. O Gordo Dexter. Colin e Huw. Sheena e Kath. E todos os amigos do Sam vão. Ah, e o George convidou o cara novo dele.
- Como ele è?



- Sei lá. Ainda não conheci. Sei lá. Preciso ir. Preciso ligar para o Jasper.
- Quem é Jasper?
- O cara do enterro, sua burra. Preciso dizer para ele que está em pé. Ah, falando nisso, você vai ter que organizar tudo. Estou presa ao fax pela cordinha do meu absorvente interno neste momento, portanto não vou poder ajudar. Foi mal.

## CINCO

Por alguma razão, fico tão puta da vida por ter que organizar minha própria festa que quase cancelo toda a função.

Quer dizer, até que George se oferece para fazer todas as compras.

- E vai pagar também? – pergunto. – Não se esqueça de que estou desempregada.

Ele chega ao meu apartamento às nove da manhã da sábado, como combinado, bem no momento em que as lágrimas quase me vêm aos olhos por causa do cartãozinho de aniversário que minha mãe enviou. Tem também um do pai de Sam, Jeff. Os dois demonstram tanto otimismo em relação ao meu futuro “brilhante” que eu simplesmente não tenho coragem de lhes contar que sou um fracasso completo.

Ainda nem contei a eles que fui mandada embora.

- Prepare uma xícara de chá para mim – George ordena, jogando-se todo melodramático no sofá e acendendo um cigarro. – Quero Earl Grey, nada de chá genérico, faça o favor. Não sou um qualquer. Vamos lá. Ande logo. Acho que estou com difteria. Caguei igual a uma bruxa a manhã inteira e estou profundamente desidratado.

- Você só está de ressaca – informo. – E não temos tempo para tomar chá, genérico ou outro qualquer.

Ele quer fazer compras na rotisserie italiana, onde gasta uma pequena fortuna toda semana em fatias de presunto de Parma, gordura, azeitonas verdes reluzentes, pedaços de queijo taleggio frutado e porções individuais de panna cotta. Digo a ele que um hipermercado nos arredores da cidade, onde poderemos escolher entre as promoções de grandes quantidades, será muito mais adequado. Às dez horas, depois de Earl Grey e torradas, pulamos para dentro do Balde Enferrujado, que se parece mais com um abrigo de castores do que com um carro, e nos dirigimos para Wandsworth, um pouco fora de Londres.

- A que horas começa a função? – pergunta ele, enquanto demonstro como colocar uma moeda de uma libra no lugar apropriado para liberar um carrinho de supermercado.

- Você é que deveria saber – respondo. – Você que organizou a farsa, não eu. E espero que você e Janice tenham pensado em convidar uns ficantes em potencial para mim.

Porque, se eu tiver que passar minha festa sozinha enquanto vocês dois ficam agarrando os caras de vocês, vou pegar uma agulha de crochê e puxar para fora o intestino delgado de vocês dois, bem feliz. Sacou?

- Óbvio, óbvio. – George toma o carrinho das minhas mãos. – Agora me diz o que fazer. Dá para fumar aqui ou eu deveria ter trazido meus adesivos de nicotina?

Enquanto fazemos compras, recuso-me a deixar que ele fale a respeito do cara maravilhoso que arrumou. Egoísta, posso até ser, mas a coisa todo só vai durar mesmo umas semanas. George é tão mau quanto Sam. Os dois deviam ter portas giratórias na entrada do quarto.

- Espero que as pessoas não fiquem achando que estamos juntos – comenta ele, jogando uma caixa de baguetes no carrinho. – Você está parecendo um arbusto desde que ficou desempregada e parou de pentear o cabelo.

- Obrigada.

- O pessoal pode começar a pensar que sou eu o responsável. – ele examina um pacote de ninhos de suspiro e torce o nariz. – Vão achar que eu levei você para casa e a comi tanto que você perdeu os sentidos. E por mais que eu a ame, querida, e por mais que queira que você seja a mãe do meu filho de laboratório, só a idéia da ação toda faz com que eu tenha mais vontade de levar lá atrás.

Enquanto George saltita alegremente pelo supermercado inteiro, divertindo-se com o que chama de “imitações de gente comum”, gritando “Winona, Kylie, Mazola. Obedeçam à babá enquanto a mamãe acende um cigarro”, fujo para o corredor de salgadinhos e encho o carrinho com todas as castanhas de caju, bolinhas de queijo e palitinhos salgados que cabem lá dentro. Quando atravesso a seção de fraldas, resolvo que é melhor procurá-lo, antes que ele comece a brincar com as bombas de leite. Não quero que ele tenha a oportunidade de mandar mais indiretas de Útero de Aluguel para mim. Não no dia do meu aniversário.

Vou empurrando o carrinho instável pelo corredor e me surpreendo quando meu olhar cruza com alguma coisa conhecida.

Assustadoramente conhecida.

Ai meu Deus.

Será que...?

Meus intestinos se liquefazem e minha boca se enche de bile. Fico enraizada ao chão. É.

Jake e Calcinha de Peixe.

Estão no fim do corredor, olhando babadores com um personagem de desenho animado. O que me parece bem estranho.

Achei que Bacardi Breezers eram mais o estilo dela. Até que olho para baixo, claro, e percebo que a Calcinha de Peixe parece meio gorda. Ela está enorme, com a barriga saltada, gordona. A menos que esteja muito enganada, ela está prestes a soltar um pirralho no cavalo da calça de moletom branco, e isso pode acontecer a qualquer minuto.

O que, de novo, é estranho.

Visto que eu e Jake só nos separamos há cinco meses.

Cafajeste.

Os pacotes de biscoitos infantil que ladeiam o corredor se transformam em uma mancha rosa e azul e o lugar começa a rodar. Meu Deus. Preciso sumir antes que eles me vejam. Sinto-me enjoada.

Tarde demais. Antes que eu consiga dar meia e dar o fora, Jake percebe a minha presença. E como fica óbvio demais que eu vi que ele me viu, não tem como evitar o encontro. Não sem parecer que ambos não temos educação. E isso não seria muito legal, não é mesmo? Portanto, apesar de provavelmente nós dois preferimos beber o sangue da menstruação de uma vaca a isso, trocamos cumprimentos. Um silêncio desconfortável

se instala quando nos lembramos de que a última vez que nos cruzamos foi quando o peguei com a Calcinha de Peixe presa à ponta do pênis dele como uma foca no arpão.

- Você está bem?

- Não podia estar melhor. – Meu Deus. Eu bem que podia ter passado um pente no cabelo desgrenhado. Aposto que estou com cara de quem acabou de sair do banheiro. – E você?

- Vou bem. – Ensina um sorriso. – Nós, hmmm... – Dá uns tapinhas carinhos na barriga da Calcinha de Peixe e eu percebo que, sim, acho que vou vomitar mesmo. Futuros papais não deveriam ter permissão para ser tão gostosos. Ele devia estar lavando o carro ou aparando a grama. Não paseando pelo supermercado, bem na minha frente.

- Ah, eu percebi. Bom, acho que vou indo... – desvio o assunto, pouco à vontade. – Preciso preparar uma festa.

- Tenho certeza de que precisa. Aliás, parabéns.

Meu estômago se revira como uma ginasta olímpica. Ele lembrou.

A Calcinha de Peixe está com uma cara de quem vai dar um tapa na cara dele.

- Obrigada. – digo. – Bom, melhor eu ir. Tudo de bom para... sabe como é. A criança.

- obrigado. – Ele sorri.

Enquanto me afasto, digo a mim mesma que o fato de ele ter se lembrado do meu aniversário não significa nada. Eu o peguei transando com outra pessoa, caramba. E não foi exatamente como se ele tivesse se importado em me mandar um cartão, não é mesmo?

Vago pelo supermercado tonta, pegando coisas e jogando dentro do carrinho de maneira arbitrária. Nem sei o que estou comprando. Seguro uma caixa de suco de laranja quando uma voz estridente grita às minhas costas:

- Devolva isso, já.

Fico tão confusa que imagino se fui pego roubando. Então me viro e vejo George pulando para cima e para baixo como uma fadinha zangada.

- Precisamos de suco de laranja para preparar drinques. – Reclamo. – O Sam vai levar um monte de destilados.

- Isso aí tem escrito economia na embalagem – ele ressalta. – Não dá para comprar isso aí. Vão lá pegar do tipo caro e confiável.

- Qual é a palavra mágica?

- Imediatamente.

Enquanto esperamos na fila, conto a ele o que acabei de ver.

- Eles já deviam estar transando há meses quando eu descobri – digo, toda triste. – O que você acha?

- Acho – começou ele, alegremente –que gostaria de ver a cabeça dela em um espeto. Espero que ela tenha cáries e os dentes todos caiam. Espero que ela pegue uma candidíase horrível.

Alegro-me um pouquinho.

- E herpes genital – acrescento, contente.

- E queimação quando ela fizer xixi – ele adjunta. – A vida inteira.

- E alopecia.

- E espero que o bebê nasça com lábio leporino – guincha George.

- Ah, não – imploro. – Não é culpa do bebê se o pai dele pensa com o pau e a mãe é uma vagabunda fogosa. Será que não dá para a gente desejar só uma marca de nascença em forma de morango? Talvez nas costas, de modo que os outros só percebam quando ele estiver trocando de roupa para nadar.

- Se você preferir. – Ele morde o lábio. – Mas, credo, você é legal demais. Para começar, foi por isso que deixou ele tratar você igual merda, querida. Então, ao perceber como estou triste, me dá um abraço.

- Vamos lá – consola. – Deixe eu pagar isto aqui é daí a gente vai dar uma voltinha de bicha pelas lojas.

Quando nos aproximamos do caixa, o homem na nossa frente se apressa em arranjar sua lasanha congelada, seu detergente e seu pacote de meai dúzia de cervejas Calsberg em uma pilha constipada, para que não haja a menor chance de alguma das nossas coisas encostar nas dele e as infectar. Eu jogo tudo na esteira. Tomates-cereja escarlate. Queijo de cabra curado. Malate amargo. Creme duplo. Ameixas secas graúdas. Brie melequento. Cheddar. Frango. Bifes. Um abacaxi. A loura oxigenada do caixa passa os últimos produtos pelo leitor de barras e, ajeitando os lábios com cobertura de pêssego em uma linha rígida, diz quanto devemos.

- Será que você pode nos dar mais umas sacolas? – peço, com educação.

Ela joga mais dois invólucros na minha direção e George lhe entrega seu Amex.

- Muito obrigada, Jean – diz, apontando para o crachá dela. – Que prazer negociar com você, não é mesmo?

- Perdão, eu...

- Imagino que você saiba ler, não? – pergunta ele, ríspido. – Apesar de trabalhar em um supermercado? Então você sabe o que está escrito aqui. – Cutuca a placa em cima da cabeça dela.

Jean olha para a placa com cara de quem agüenta uns quarenta casais histéricos por dia.

- Aí diz Caixa de Atendimento, não é? – ressalta ele. – Não diz Caixa de Grosseria. E o crachá que você está usando diz “Estou aqui para ajudar”, e não “Estou aqui para ser mal-educada”. Talvez seja bom você se lembrar disto no futuro.

E, com uma fungada final, ele sai bailando com o carrinho, jogando um último olhar de “vaca azeda” na direção dela.

Agradeço a Deus por não fazer supermercado ali com frequência e mentalmente elimino o estabelecimento da minha lista de compras futuras.

## SEIS

George e eu ganhamos uma sessão de sauna grátis, já que passamos o resto do meu grande dia trabalhando como escravos na frente do um fogão quente. Preparo costeletas de porco chinesas no bafo e mexo a sopa picante e amarga. Coloco camarões graúdos suculentos no leite de coco para preparar um curry verde cheiroso e douro pedaços de frango com tomate picado para fazer um picadinho indiano bem temperado. Fatio mangas. Esquento açúcar. Preparo biscoitos de camarão, caldo de peixe e pimentas. Misturo e amasso, mexo e ferver. Faço minitortinhas de fígado com lingüicinhas de

aperitivo por cima. Na medida em que a cozinha vai se enchendo com uma mistura de aromas deliciosos, começo a suspirar de satisfação. É de dar inveja àqueles chefs chiques que ensinam receitas na televisão.

Enquanto vou me alegrando na cozinha, percebo que não me sinto assim tão relaxada há semanas. Estou incomodada por causa de Jake. E por causa daquele negócio com David. E por ficar sem emprego, aliás. Mas não demora muito até eu perceber que me sinto mais feliz quando cozinho para os outros. Talvez eu devesse mesmo tentar usar minhas qualificações, em vez de simplesmente tê-las.

Enquanto cozinho, George enche a sala de cravos cor-de-rosa em vasos de vidro bojudos e cobre os consoles de lareira da casa inteira com velas de igreja grossas e de cera. Pendura cordões de luzinhas cor-de-rosa por todo lado, de modo que ficarão piscando todas fofas ao anoitecer. Quando os dois terminamos nossas tarefas, o apartamento está em perfeito clima de festa.

- E agora, a pièce de résistance – George, dando um sorriso maior do que o rosto, faz um meneio e revela um pacote chato. – Abra.

É o faço. Dentro da caixa, aninhado entre camadas de papel de seda, está o vestido mais bonito que eu já vi. A saia é de rosa mais pálido e esvoaçante, e a parte de cima, justa, de um rosa-shoking forte, bordado de dourado. Deve ter custado umas 500 libras.

Mas, bem, ele tem condições de pagar.

- Que lindo. – Dou-lhe um abraço.

- Então vão lá vestir. – Ele devolve o abraço. – Eu também preciso me montar.

- Precisa se montar?

- Ah, é – concorda com a cabeça. – Vou vir de drag completa.

Às sete da noite o Fusca modelo novo cor de ameixa de Janice sobe na calçada e ela vai tropeçando até a porta sobre sapatos de plataforma de dez centímetros de altura e um vestido decotado que diminui a barriga e mostra os peitos de modo espetacular.

- Feliz aniversário, minha querida. – Ela me dá um enorme abraço e me entrega um buquê de tulipas da minha cor preferida, rosa mashmallow, e uma sacola cheia de docinhos e presentinhos embrulhados em papel furta-cor. – E não se preocupe. Convidei uma seleção maravilhosa de G&Ts para você.

- Ahh, que bom. – Sorrio. – Aliás, você está linda.

- Você também – retribuiu automaticamente, antes de perceber que ainda estou de roupão. – Para um boxeador. – completa, e as duas caímos na gargalhada.

Às sete e meia, o conversível de Sam encosta na frente e ele entra dançando, trazendo nos braços uma enorme caixa cheia de garrafas tilintantes e me dando um beijão estalado na bochecha.

- Feliz aniversário, madame.

- Não estou tão velha assim, obrigada.

Enquanto todos os meus amigos se cumprimentam, rolhas de champanhe estouram e Janice, servindo um copo cheio de borbulhas para mim, me enxota para o quarto para que eu coloque o vestido cor-de-rosa. Enxugo o primeiro copo com um gole, meu estômago se revira com uma mistura de animação para a festa e uma tristeza secreta ao pensar em Jake e Calcinha de Peixe e o nenezinho deles, bem quentinho no forno dela.

- Então, que tal esse cara que você arrumou? – pergunto a Janice. – Vou gostar dele ou vou ficar achando que você sofreu uma lobotomia quando o vir? Vamos lá. Conte logo tudo. Por enquanto, só tenho o nome. E, julgando por isso, ele parece ser a porra de um labrador.

- Digamos que ele vai lhe parecer adequado.

- Você faz com que ele se pareça com um cartão American Express.

- Exatamente. – Ela sorri. – E já vou estar em um programa de milhagens e de compras no supermercado antes do que mês terminar. Agora, vamos lá para você se arrumar. Vai ficar linda de morrer quando eu terminar. Os caras vão se estapear para ver quem fica com você.

- Bom, se eles só estiverem a fim de uma ficada, tudo bem – brinco. – Prefiro enfiar garrafas quebradas no cu a ter que sair com algum dos caras que a gente conhece. E, cá entre nós, eu estou me sentindo, hmmm...

- O quê?

- Estou meio esquicita.

- Por quê?

- Vi o Jake hoje.

- Ah, meu Deus, ah, querida. Tudo bem com você?

- Tudo. – Engulo em seco.

- Ele estava...

- ...com ela? Ah, estava sim. Ela está prestes a parir, aliás.

- Nããããããão creio!

- Acredite. Pelo jeito, deve nascer logo. Para ser bem honesta, estou puta da vida.

- Eu sei – balbucia ela em tom calmante, passando glitter nas minhas pálpebras. – Você vai se sentir muito melhor assim que der uma agarrada em outro. Sério.

Ela me dá um abraço reconfortante e volta a trabalhar no meu rosto. Quando desço, a festa já está a toda. Sam está cuidando do bar. Ele arrumou uma mesinha no canto e serve a todos coquetéis decadentes.

- Uau – exclama quando me vê com o vestido novo.

- Não me venha com safadeza – dou bronca nele. – E me dê logo uma margarita. Eu adoro margaritas.

- Aaah, eu também – diz uma lombriga com um vestido branco transparente. – Também quero uma. Meu nome é Kimberley, aliás – junta um pouco acanhada, piscando com os cílios longuíssimos na direção de Sam.

- Lá vamos nós – reclamo com ela, e digo – me dê logo minha bebida que eu já deixo vocês dois à vontade.

Sam está mesmo animado esta noite. Mas não só com a perspectiva de traçar Kimberley, seja lá quem ela for. Ele acaba de convencer um dos seus clientes mais importantes a ir com ele quando abrir a RP Freeman. O que é um grande golpe. O chefe dele vai ficar furioso, mas isso significa que outros se seguirão a ele. E ele estará feito. Só sei disso porque minha mãe me contou quando ligou à tarde para desejar feliz aniversário.

- Jeff está feliz da vida – contou. – Acabou de ir para o jardim plantar umas batatas, ele está mesmo muito contente.

- Que bom – comentei. Credo, o que é a animação na vida de certas pessoas. Será que ele não poderia ter virado um uísque duplo de uma vez ou algo assim? De qualquer modo, fiquei rindo sozinha a pensar em Jeff no mesmo jardim onde Sam e eu costumávamos brincar quando crianças, comendo terra e fazendo casas para as minhocas. Olhando para ele agora, vejo que Sam cresceu muito mesmo desde então, tão à vontade e cheio de confiança, preparando drinques alegremente para gente que nunca viu, feliz com a certeza de que tem uma carreira brilhante pela frente e com um pai tão orgulhoso dele que resolveu plantar tubérculos em homenagem a ele. Nesse ínterim, o que foi que eu fiz?

Fui demitida por ser preguiçosa demais, foi o que fiz. Não tenho muito do que me orgulhar.

Dou uma olhada geral na sala. Lá está George, lindo com shortinhos justos de couro preto, meias arrastão, saltos agulha de 15 centímetros e uma perucona vermelha no formato do cabelo de Margie Simpson.

- Você está lindo. – digo a ele. – Seu cara novo vai ficar passado. Quando é que ele chega?

- Deve chegar logo – George cacareja. – Você também está um luxo só. Eu sabia que este vestido tinha sido feito para você.

- Obrigada. – Devolvo o sorriso, começando a me divertir. A sala está se enchendo rápido. A boa e velha Janice estava certa. Tem uma tonelada de G&Ts por aqui. Talvez eu até me dê bem. Ah, e lá vai a campainha de novo.

- Flores para a senhorita Simpson.

- Sou eu.

Um homem me entrega um buquê de rosas cor de algodão-doce.

Levo-as para a cozinha, rasgo o envelope do cartãozinho e leio. De quem serão?

Puta que pariu.

“Feliz aniversário”, diz o cartão. “Em nome dos velhos tempos.”

Dentro dele, um garrancho familiar demais. “Adorei ver você hoje. Aproveite. Beijos, Jake.”

Meu estômago revira. Mas não dá tempo de parar e pensar. Janice está quase em cima de mim, arrastando o cara da esposa morta atrás dela. Jogo as rosas em um canto. Onde ninguém pode vê-las, e me preparo para conhecer o futuro marido dela.

- Tudo bem com você?

- Tudo, só estou tomando um pouco de ar. Sabe como é.

- Este aqui é o Jasper.

- Oi.

- Oi. – Ele sorri.

Hmm. Nada a ver com o que eu estava esperando.

- Você parece... – paro.

- Pois não?

- Achei que você pareceria mais triste.

- Como assim?

Bom. Afinal, a mulher dele morreu. Ele devia ter a decência de parecer um pouco abalado, em vez de ficar despindo Janice com os olhos, na cara dura. E ele é velho demais para ela. Na verdade, ele parece levemente ridículo. Quem é que está tentando enganar?

Janice, claro.

Quer dizer, não ia ser tão mal se ele não tivesse tantas rugas. A cara dele parece um maracujá que secou ao sol.

Cordeiro vestido de porco.

Carneiro vestido de cordeirinho.

A campainha toca de novo e, agradecida, peço licença. Não faço a menor idéia do que devo dizer para esta estranha criatura. Janice vai ter que fazer sala para ele sozinha.

Abro a porta.

E tenho o maior choque da minha vida.

- Que porra você está fazendo aqui? – o convidado da minha festa e eu berramos ao mesmo tempo?

- George me convidou – David gagueja. – Não fazia idéia de que você estaria aqui.

- Caralho, eu moro aqui – rosno. – É meu aniversário. É minha festa.

E eu grito quando quiser.

- Tentei ligar para você – diz David. – Depois que você saiu da IBS. Mas você nunca estava em casa.
  - Pois estava – respondo. – Só que não queria falar com você.
  - Tudo bem com você?
  - Nunca estive melhor. E você?
  - Vou bem. Feliz, para falar a verdade. Conheci um...
  - George – digo. – Você já disse.
  - Você o conhece?
  - Ele é um dos meus melhores amigos.
  - Ai meu Deus.
  - Tudo bem – digo. – Para ser honesta, fico um pouco aliviada de descobrir que você é mesmo gay. Achei que você não era muito de queimar a rosca. Você parecia tão... bom... tão...
  - Tão o quê?
  - Tão hétero, acho. Pensei que fosse só uma desculpa para não transar comigo.
  - Então, estou perdoado?
  - Neste momento, não posso fazer mais nenhum inimigo – dou risada. – Tenho uma melhor amiga que está desesperada para se casar com aquela ameixa seca ali e outro colado àquela criatura lá Vestindo Transparente. Kimberley eu qualquer coisa assim.
  - Credo – balbucia ele. – Que nome horroroso. Parece o nome de um bar de vinho de segunda linha.
  - Não é mesmo? – dou risadinhas.
  - Ah, é bom ver você. – Ele ri e me dá um abraço. – E sinto muito pelo seu trabalho. E, bom, no outro dia...
  - Esqueça. – Dou de ombros. – É legal ver você também.
- E é mesmo. Eu meio que sentia falta de David, de um jeito esquisito.
- E desculpa por ter feito você olhar para minha xoxota.
  - Xoxota? – Ele sorri. – Que xoxota?

George cumprimenta David como se eles já se conhecessem há anos. Janice vai passando de sala em sala com seu vestido minúsculo, achando charutos, bebidas e petiscos para seu futuro noivo. Sam e a mesa de bebidas estão se dando hiperbem. Tiro cinzas de cigarro que caíram sobre o meu pufe molenga cor-de-rosa preferido e me jogo ali, imaginando se alguém vai se lembrar de coversar comigo. À medida que a festa vai progredindo, vejo meus três melhores amigos se divertindo com outras pessoas, bebendo o bar inteiro, fumando cigarros coloridos e comendo a minha comida. Sinto-me tão bem-vinda na porra da minha festa quanto um cheese-bacon em um Bar Mitzvah.

Mas deixe estar.

Afinal, a sala está se enchendo de homens traçáveis, não está? E tenho, de fato, uma afirmação a fazer. Como é que Jake tem coragem de me mandar flores e estragar a minha festa? Cinco meses se passaram e ele continua fazendo joguinho, o sacana. O merdinha provavelmente esperava que as flores causassem uma onda de nostalgia tão forte que me incapacitasse de traçar qualquer outra pessoa. Bem, para começar, ele pode esquecer a idéia. Aqui estou eu. Jovem (bom, 30 não é exatamente velha.). livre. E louca para ficar com alguém. Então, chega a hora da decisão. Será que devo atacar um bom pedaço de G&T ou devo me garantir e Pegar Logo um Feio?

Estou considerando as opções quando George me entrega uma bebida. Janice dá um tapinha no meu ombro e me oferece outra taça de champanhe.

Bem, então eles não esqueceram totalmente de mim.



- Katie, este aqui é o Max. – Janice puxa algum pobre coitado pelo pescoço. – Max, Katie. O Max e eu trabalhamos juntos.

Ela está agindo de maneira tão formal que quase espero que o informe a respeito de detalhes sobre a minha vida pessoal tipo: “Katie está desempregada e enche a cara sempre que pode. Max trabalha feito um louco, mas os passatempos dele são cheirar calcinhas e ler as Páginas Amarelas.”

Só que ele não tem cara de quem possa ler as Páginas Amarelas por diversão. Na verdade, parece bem legal.

- Você está muito bonita – elogia quando Janice sai dançando para se juntar ao Podre de Rico.

- Obrigada. – Dou mais uma olhada nele e mentalmente apago qualquer idéia de Pegar um Feio Logo. Max é lindo. Belos olhos. De um castanho delicado e caloroso. Igual a chocolate derretido. Não, espera. São mais parecidos com os de uma...

- E você tem olhos de vaca – solto.

Caralho. Por que é que eu disse isso?

- Credo, desculpe – viro minha bebida. – Não estou muito acostumada a paquerar. Eu geralmente só gosto de gay e de cafajestes, sabe? E, tendo visto que você não é um nem outro, acho que é melhor informá-lo que não tem muita chance comigo.

Droga. E ele também tem cara de ser bem legal. Tinha que ser eu para estragar tudo logo assim no começo.

Rapidamente, lembro-me de que “legal” é o tipo de palavra que as pessoas usam para descrever bolos divertidos. Não tenho planos a longo prazo para este homem, só o quero para ser meu primeiro cara para Transar e Dispensar. De modo que, por que eu devo me importar com o que ele pensa sobre mim?

Ainda assim, talvez seja melhor ser honesta com ele. Dizer que o máximo que pode esperar é uma visita ao meu quarto, no andar de cima, onde vou trepar com ele até cair e depois oferecer um chocolate pós-coito tirado da minha gaveta de calcinhas.

Ou talvez seja mais prudente tentar a aproximação sutil.

Janice tem razão. Não sirvo para dar só umas ficadas. Não faço a menor idéia do que fazer a seguir.

Por sorte, Max parece conhecer bem o formulário. Com os lábios tremendo por segurar a risada, ele pergunta como é que eu tenho certeza de que ele não é um cafajeste completo.

- Quer dizer, você está certa – informa ele. – Não sou mesmo, mas tenho certeza de que dá para incluir uma cláusula de espancamento diário no contrato pré-nupcial, se você quiser.

- Hã?

- Aliás, isso foi uma piada.

- Ah... certo.

- Vamos viver uma noite de cada vez, pode ser? – Ele sorri. – Não precisamos planejar o casamento já.

A história de “uma noite” me pega. Cheia de alívio, percebo que as intenções dele são tão maldosas quanto as minhas. Ele quer dar umazinha. O que significa que não vai ficar esperando que saíamos juntos depois. De modo que eu não vou precisar colocar um vestido glamouroso nem ficar pastando folhas de alface a noite inteira, sendo que o meu desejo é colocar roupas com cintura de elástico e encher a cara de espaguete. A gente pode ir direto ao ponto.

Ainda bem que eu me lembrei de trocar os lençóis.

O resto da noite foi tão brilhante quanto o meu vestido. E apesar de ter pegado George e David se agarrando apaixonadamente mais de uma vez, e de a mão de Sam estar colada

ao peito da Vestido Transparente, não me importo. Porque Max é maravilhosamente divertido. Ele até dança melhor do que George.

O que já diz a respeito de um cara hétero.

- Você tem certeza de que não é gay, certo? – pergunto outra vez, para me assegurar, enquanto caminhamos até o “bar”.

- Tenho certeza. – Max sorri, preparando enormes Bellinis para nós dois.

- Quanta certeza?

- Muita certeza.

- Mesmo?

- Olha – pega a mão dele na minha. – Estou muito, muito a fim de você. E se você pudesse parar com todas essas suas boas maneiras, de ficar bebendo e dançando, posso muito bem levá-la lá para cima para mostrar como posso ser completamente não-gay quando é preciso.

Dou risadinha.

- Achei que você nunca iria sugerir isso.

Agradecendo ao meu anjo da guarda por ter depilado a xoxota, como se deve, desta vez, e não de qualquer jeito, deixo que ele me conduza até o pé da escada enquanto os outros dançam e caem bêbados pelas paredes à nossa volta. Quando a voz de Sam vem flutuando atrás de nós. Ele entra no corredor, seguido de perto pela Vestido Transparente.

- Katie?

- Vou para a cama – dou risadinha, toda safada. – E não estou sozinha.

- Tem certeza de que você está bem?

- Não se preocupe. Já sou uma menina crescida. Sei cuidar de mim mesma.

Abro a porta do quarto, empurro Max na direção da cama e o ataco como uma leoa. Um urro sai de baixo das cobertas.

- Foi você? – Ele parece assustado.

- Foi só o gato. – Assinto com a cabeça, enquanto Graham dispara, cheio de indignação, para dentro do guarda-roupa.

A pele de Max tem um cheiro delicioso. Sal do mar e limão. E ele é tão lindo que só estar perto dele já me dá arrepio até a ponta dos dentes. Quando ele finalmente me beija, um raio me atinge na cabeça e vai até meus genitais e eu me derreto contra ele, apertando meu corpo contra o dele com cada vez mais vontade. E ao fazer isso, sinto que ele também faz o mesmo. E percebo o quanto ele me deseja.

De repente, me refreio.

E se ele estiver a fim de algo mais permanente?

Será que eu serei capaz de dizer não?

Provavelmente não. Max parece ser do tipo bem apetitoso. Aliás, perigosamente apetitoso. Igual a chocolate.

E não qualquer chocolate barato. Estou falando daquele chocolate escuro, suculento, excepcionalmente suave.

Uma mordida e a gente já vicia.

- Qual é o problema?

- Nada.

- Você não quer?

Quero?

Ah, foda-se.

Na medida em que vou me entregando completamente, e Max lentamente remove o vestido rosa esvoaçante de George, fico enormemente feliz com o fato de ter me lembrado de combinar o sutiã e a calcinha uma vez na vida.

Mas nem precisava ter me preocupado. Logo não estarão mais no meu corpo. Enquanto ele vai se livrando da cueca, uma operação delicada, que envolve tomar cuidado para que o pau duro não fique preso na abertura, fico feliz de ver que ele é um sujeito bem dotado. Ele é dono de uma bela vara. Não agüento mais esperar. Mas me lembro de ser sensata. Formigando de ansiedade, ajudo-o a desenrolar a camisinha. Daí, com um “vai se foder, Jake Carpenter” silencioso, abaixo meu corpo em cima do pau pulsante dele.

Merda. Faz tanto tempo. É maravilhoso.

É egoísta.

Êxtase.

- Pare – ofego. – Não, por favor, não pare. Não pare nunca mais.

- Você é linda – ele balbucia, segurando meu quadril e enfiando tão fundo em mim que já não sei mais onde eu termino e onde ele começa.

- Aaah, não pare – ofego de novo. – Isso. Pare. Agora. Caralho, dá para parar? Max.

Estou falando sério.

- O quê?

- Saia de cima de mim. AGORA. Tem alguma coisa errada. Aconteceu alguma coisa com a minha... AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAARGH.

Depois, Janice disse que daria para ouvir os meus gritos no interior do país.

Aparentemente, uivei igual a um cachorro. Guinchei igual a um porco no espeto. De qualquer forma, foi o bastante para fazer com que Sam, Janice, David e George (com o boa de penas enrolado nas pernas, na pressa) entrassem de supetão no meu quarto, onde Sam, achando que eu estava sendo atacada, agarrou Max (agarrou de verdade, como se os dois estivessem brigando mesmo) e mandou ele dar o pé.

- Pelo menos deixe ele colocar as cuecas. – George sugeriu, olhando para Max em toda sua glória que rapidamente ia detumescendo.

- De jeito nenhum – gritou Sam, - Saia daqui já, seu pervertido, antes que eu enfie minha mão inteira na sua goela.

- Ei, espere aí – consegui gaguejar. Mas não adiantou nada. Sam quase cuspiu de fúria. Só posso imaginar que o pobre rapaz esperou até estar na rua para tirar a camisinha de morango, porque ainda estava pendurada na ponta do pau dele quando saiu correndo do quarto. E só quando já era tarde demais, quando consegui recuperar a capacidade de articular, fui capaz de dizer que ele não tinha tentado me estuprar. Estava em agonia. Uma agonia insuportável, que me queimava, e eu não sabia por quê.

- Como é que pode? – Janice piou. – Você não é exatamente virgem.

Em todo caso, chamaram uma ambulância, e ela atendeu ao pedido, tocando a sirene, enquanto os voyeurs do outro lado da rua abriam as cortinas e aproveitavam a sorte grande. Seis homens feitos me viram tremendo, pelada, na cama, um travesseiro espremido entre as pernas para tentar acalmar a dor.

- Qual é o problema dela? – Sam gritou para todos eles, o rosto cheio de preocupação. – Saiu sangue?

- Não quero que o Sam veja a minha bunda – soluzei, lágrimas de vergonha caíam dos meus olhos enquanto os seis estranhos me viam peladona. – A gente se conhece.

Graças a Deus, o exame é curto. Não é necessária a hospitalização e logo já estou sentada em uma banheira de água gelada, ainda com dor, tremendo, cheia de tristeza e ganindo para os quatro, que estão sentados em fila ao lado da banheira, fumando. É absolutamente a última vez que ajudo a cortar pimenta e depois manuseio uma camisinha.

- Eu sou tão tonta – soluço. Catarro escorre pelo meu rosto e se mistura com o que sobrou de meu batom.

- Não é não – os quatro fazem coro, por obrigação.
- Sou sim. – tremo. – Não consigo manter meu emprego e nem consigo dar uma ficada quando tenho vontade sem estragar tudo. Vocês têm tanta sorte. São mesmo umas putas, todos vocês.
- E somos mesmo bons nisso, também – George se envaidece.
- Obrigada – ofende-se Janice.
- Eu sou o maior fiasco da ficção – choramingo.
- Não e não.
- Sou sim. Sou uma porra de um contraceptivo humano.

Parece que Sam está prestes a rir, mas Janice, Deus a abençoe, o silencia metendo o salto na canela dele.

- Você acha que se deu mal – ela conta. – Imagine como eu estou me sentindo. Hoje à noite Poppy me disse que vai se casar, porra. Antes de mim e tudo.
- Bom, ela tem namorado – explico. – Acho que isso ajuda.
- Ela está com Seb há seis anos – George ressalta. – E eles formam o casal perfeito.
- Eles não estão só trepando? – diz ela, amarga. – E vocês ainda nem ouviram a pior parte.

- O que foi?

- Ela me convidou para ser madrinha.

- Ai meu Deus.

- Eu sei. Ela não é ridícula? Eu nem a convidaria para o meu casamento e ela vem e me pede para ser a porra da madrinha.

- Meu Deus – digo de novo. – Coitada de você.

Então, por alguma razão, caio no choro. Um choro cheio de lágrimas, soluços e catarro. Janice parece se sentir culpada.

- Vamos lá, querida – ela me conforta. – Tente não chorar. Essa história de dar umas ficas vai ficar bem mais fácil com a prática.

- Bom, ela pode treinar com você se quiser, mas comigo não tem chance – George solta.

- Não sou um carrossel vermelhinho.

- Não – estouro. – Você se parece mais como uma vaga de estacionamento de período limitado.

- Ela nem ia querer treinar com você, não é mesmo? – Janice tira um sarro. – Você gosta de empurrar cocô, caramba.

Gosta é de amassar o chocolate. Desculpa, David. Não quis ofender.

- Não ofendeu.

- E você gosta de galãs brega – ressalto.

- E você não gosta? – David está com cara de quem vai rir.

- Ela está inventado isso para se vingar de mim – diz George. – Porque eu posso ir para a cama com você e ela não pode.

- Eu fico com você se você quiser, Katie – diz Sam, gentil.

- Não seja ridículo – eu me irrita. – Prefiro ficar com um careca dentuço.

Sam parece ficar meio abatido, mas logo se recupera.

- Afinal, quem era esse cara?

- Um amigo meu – diz Janice. – Do trabalho.

- Acho que não é mais – David observa.

- Merda, você está certo – Janice percebe. – E ele se dá bem com o meu chefe. Caralho, Katie, você sabe mesmo escolher a dedo.

- Foi você que nos apresentou – sinto um arrepio de indignação. – Foi você quem o escolheu para mim. Apesar de eu ter dito a você que não tentasse encontrar um par para mim.

- Você vai ter que ligar para pedir desculpa – ela ordena.
- Não dá. Como é que eu vou fazer isso? Ele não vai querer falar comigo. Não depois do que aconteceu. Vou ser tão bem-vinda quanto uma exibição de Garganta profunda em um casamento real.
- Pode sim – diz Janice. – E é o que vai fazer. Aliás, é melhor que faça mesmo, porra. Não vou ser mandada embora por sua causa.
- Obrigada, Janice – digo. – Estou comovida.

## SETE

Não é estranho como uma coisa bem tranqüila pode se transformar em maldição e obscuridade?

O cheiro de cigarro amanhecido mal saiu da sala quando minha amiga por obrigação Poppy liga para dizer que a comida da minha festa estava “divina”. Fico surpresa. Nem me lembro de que Poppy tinha ido à festa, o que demonstra a) como eu estava lesada e b) como ela é importante na minha vida. Mas ela quer saber se eu me importo em dizer para ela qual foi a empresa que forneceu a comida. Quando digo que fiz tudo sozinha em uma tarde, a voz dela se desmancha toda e ela cai em lágrimas.

- O que foi? – Reviro os olhos para o céu. Pelo amor de Deus. Eu é quem devia estar preocupada, não é mesmo? Não tenho trabalho, ninguém para dar uns agarrões e ainda dói lá embaixo. Ao passo que Poppy tem dinheiro à beça, graças a um namorado rico, ainda que meio chato, e uma bunda bem pequena. Não era eu que deveria estar chorando por apoio aqui?

- Aconteceu um dessss...

Credo. Desembuche logo, querida. Não tenho o dia inteiro. Na verdade, até tenho, mas não é muito divertido ficar ouvindo alguém choramingar do outro lado do telefone.

- Dessss. Dessssastre.

- Ah, querida – demonstro falsa solidariedade, torcendo, cheia de crueldade, para que Seb tenha lhe dado um tremendo pé na bunda. – O que foi? Será que posso ajudar?

- O sssss...

- Sacana? – forneço, tentando ajudar. Credo, ele deve mesmo ter feito alguma coisa horrível, se é verdade que Poppy Perfeita está pensando em usar uma expressão não muito educada.

- NÃO. – Parece chocada. – Serviço de bufê. O bufê que contratamos para o casamento foi à falência. Está tudo indo por água abaixo.

- Está mesmo? – Sorrio do outro lado da linha, torcendo para que ela não perceba pela minha voz.

- Creio que você não...

- O quê?

- Creio que você não vá querer tentar, será, Katie? Claro que eu pagaria. Só que a gente não vai conseguir ninguém mais em um prazo tão curto. Mamãe já tentou todo mundo. Ela até procurou na internet.

- Não sei. – Hesito. Francamente, isso me parece um pouco demais. Quer dizer, eu sei que Sam diz que eu sou uma cozinheira maravilhosa, mas fazer uma ou duas tigelas de byrami para os meus amigos é uma coisa (principalmente porque eu sei que eu mesma vou acabar comendo a metade). Confeccionar docinhos de marzipã em miniatura e servir tarteletes de tomate minúsculas em bandejas de prata para duzentos estranhos é bem diferente. Como é que se faz esse tipo de coisa? E se eu ferrar com tudo? O dia mais feliz da vida daquelas pessoas vai ser um fiasco completo.

Droga, droga, inferno.

- Eu não me preocuparia muito – Janice me assegura quando ligo para ela. Está fazendo uma sessão de bronzeamento artificial porque acabou de ver uma foto da mulher falecida de Jasper, sempre bronzeada. – Metade das pessoas lá vão ser bulímicas mesmo – completa. – Vacas sortudas. Elas vão estar no banheiro vomitando tudo antes que se consiga dizer saumon-em-crôte. Você provavelmente vai poder atender outra festa só com as sobras.

Sam, é claro, me convence de que é uma idéia fantástica.

- É a oportunidade perfeita para você – ele se entusiasma. – É para alguém que você conhece, e provavelmente lá vai ter um monte de gente para impressionar. Aí você vai poder fazer mais contatos e...

- Está certo, acalme-se – digo. – Nem todos nós queremos ser RP, sabe como é.

- Mas você vai aceitar? – pergunta, ansioso. – Ah, aceite, Simpson. Experimente. Você vai ser brilhante. Eu sei que vai.

- Bom...

- Bom? – Ele mexe no meu cabelo.

- Está bem – digo, animada.

- Fantástico.

Dou um sorriso fraco. Não tenho outra escolha a não ser aceitar. Meu cheque especial já virou uma bola de neve. E eu simplesmente não tenho mentalidade frugal. Se desejo alguma coisa, convenço a mim mesma de que preciso dela. De modo que compro. Imediatamente. Se não achar um jeito de ganhar dinheiro logo, vou ser obrigada a mandar Graham e Shish Kebab para o olho da rua.

Janice acha que é uma ótima idéia e, magnânima, oferece a casa para que eu cozinhe lá como um tipo de teste prévio. Como sempre, tem algum truque por trás da idéia. Eu preciso fingir que ela fez todo o trabalho. Se não, como é que Jasper vai perceber a esposa perfeita que ela daria? De qualquer modo, ela bufa, quando observo que isso seria propaganda enganosa (ela é a única pessoa que eu conheço que esquenta macarrão enlatado no grill do forno), a oferta está de pé. É pegar ou largar, caralho.

Pego. Afinal, não tenho mais ninguém com quem treinar. E, aparentemente, Janice e Jasper estão se dando muito bem. Já jantaram juntos e foram ao teatro. Ele até a levou à ópera, onde traiu suas raízes e caiu no sono, entediada de morrer, babando na gola do terno dele. E ela está colocando um freio na parte do sexo. Não quer que ele caia fora. Então, ele já pegou no peito dela e até olhou um pouquinho, mas foi só isso.

- Estou dando corda aos pouquinhos. – Ela ri. – Estou dando uma de misteriosa. Bom, mas a gente se fala amanhã. Vamos resolver o que você vão fazer para o jantar.

George diz que eu devia ir pelo menos a um casamento antes. Afinal, faz séculos desde que fui a uma recepção pela última vez. E, para a minha sorte, ele foi convidado para uma dessas no fim de semana que vem. Ele não está com muita vontade de ir porque dizem que a noiva é uma vagabunda avarenta, alpinista social, puxa-saco, ordinária que

arrumou para si um bom pedaço de riqueza, e portanto está tendo idéias acima de seu nível, mas agora que pensou melhor, David vai estar fora, então por que eu não vou com ele? Assim ele não precisa ir sozinho.

- E você pode pegar umas idéias – diz Sam, entusiasmado.

Eu me deixo ser conduzida através da coisa toda. E, no sábado seguinte, entro em um modelão de lamê dourado e encontro com George no Bierodrome, na Upper Street, para tomar uma cerveja com batatas fritas e maionese antes de nos descolarmos até Holloway Road, onde compramos mules vermelhos brilhantes número 45 e pulamos, de bom humor devido às borbulhas de cerveja, em um metrô rumo a South Kensington.

A recepção acontece em uma casa espaçosa perto de Eaton Square. Cambaleando pelo terraço de mansões brancas idênticas, com o número pintado em preto em uma coluna, identificamos os acordes de jazz que escapam para a rua e seguimos o som escada acima, atravessamos a porta, percorremos um corredor forrado dos dois lados e desembocamos em uma espécie de tenda grande e despojada, presa atrás do número 12. moças com vestidos bufantes com formato de abóbora e rapazes de smoking rodopiam pela pista em uma nevoa de seda escarlate flamejante, veludo macio cor de esmeralda e cetim brilhante azul-escuro. Ferraduras prateadas e fios dourados espalham-se deliberadamente por entre as rolhas e xícaras de café abandonadas sobre as mesas próximas e uma menina com uma boca que George chama de comum e maquiagem cor de laranja está vestida como uma pavlova gigante e dança com o bisavô de alguém no palco.

George parece acreditar que apresentações são algo supérfluo.

- Não adianta nada ser educado – ele gorjeta, todo alegre, acendendo um cigarro cor de banana e caminhando diretamente para as bebidas. – Já sei de todo o babado. O noivo é Zachary Faulkner. O pai é zilionário. Esta casa é dele. Ou é uma das casas dele, devo dizer, querida. A noiva é a vagabunda de sempre, com chinelinho nos pés. É a união abençoada do Bacana & Rico e da Pobre & Nojenta, baby. O Rapaz de Balgravia e sua Noiva de Basildon. Não é maravilhoso? Os pais dele estão furiosos. Olhe ali. O Bulldogue Inglês fumando charuto e a Lambisgóia de Tweed chupando limão. O tema Black-tie do casamento foi idéia da noiva, claro. Quer dizer, quem é que faz uma coisa dessas hoje em dia, querida? Que brega. Ah, e lá estão os pais da noiva. Chapéu Qualquer Nota Bala de Alcaçuz Cor-de-Rosa e Terno Marrom Brilhante. Está vendo? Volto o olhar para o lugar onde um casal desbotado, com cara de triste, na casa dos 50, está sentado, os dois estupefatos e obviamente a quilômetros de profundidade em relação a seu habitat natural. Ninguém nem perde tempo em ir falar com eles. Que tristeza. E é casamento da própria filha.

George entra em ação. Vê uma garrafa de champanhe cheia e aberta em uma mesa próxima e aponta para ela.

- Vamos pegar ou não? – pergunta, cheio de más intenções.

- Vamos – respondo, enquanto ele se inclina para pegá-la, fechando as mãozinhas ávidas em volta do gargalo folheado de dourado e bebendo diretamente na garrafa, todo alegre, e desaba em uma mesa que tem uma mulher sozinha com um decote igual ao traseiro de um mendigo e algumas damas de honra púberes, todas com babados cor-de-rosa perolados e aparelho fixo nos dentes. Repito o gesto dele, arrastando-me em um par de sapatos de puta ridículos que deixam meus pés com aparência de presunto embalado a vácuo. Sentindo-me mais do que só um pouquinho boba, acomodo minhas pernas compridas no filetinho de espaço entre o mastro da cobertura e a mesa. Infelizmente, como me sinto um tanto desconfortável, bebo. Muito. E porque sei que o mais provável é que nunca mais volte a ver estas pessoas na vida, as coisas logo fogem do controle. A garrafa de champanhe roubada seco com a velocidade de uma corrida de Fórmula Um e

logo estou tão animada como uma criança em festa de aniversário, quando a espuma dourada invade o meu cérebro e explode lá dentro, junto com borbulhas de possibilidade. Talvez eu possa mesmo me dar bem nesse negócio de serviço de bufê. Não demora muito e já estou enrolando a língua, escaneando o lugar para encontrar possíveis ficantes e, bêbada, agarro a câmera descartável que alguém largou no meio da mesa de propósito. Acabamos com o filme tirando fotos tolas um do outro, fazendo sinais com o dedo e mostrando as calças, e só quando me levanto para descobrir onde fica o banheiro feminino é que me lembro por que fui até lá. O serviço de bufê. Preciso conversar com o pessoal do serviço de bufê.

Merdarama.

Onde é que fica a porra da cozinha?

- Fique aqui quietinho – instruo George, que está ocupado demais esvaziando o conteúdo de todos os copos abandonados na nossa mesa e nem neta que eu saí.

A casa é um emaranhado de corredores. Caramba, de quantos aposentos a família do Rapaz de Belgavia precisa? Na minha busca pela cozinha, tropeço em umas dez salas de estar, atulhadas de antiguidades e sofás fofos convidativos, e decoradas com todas as cores do arco-íris. Rosa cor de bala. Verde-esmeralda e dourado. Cor de algodão-doce suave. Azul puro. Amerelo-picante. Laranja-quente. Esse pessoal leva mesmo a decoração de interiores a sério.

Acho um banheiro (com papel de parede listrado em tom pastel e charges com piadas de banheiro nas paredes) e já quase perco a esperança de achar a cozinha (talvez o Rapaz de Belgavia e sua família saiam para comer todos os dias) quando tropeço no salto do meu sapato de puta cintilante ao descer as escadas. Desemboco em um enorme aposento brilhoso de aço inoxidável. Um sujeito de aparência apetitosa, vestido de Armani dos pés à cabeça, está curvado sobre o balcão, com a cabeça loira nas mãos. Bom, acho que é Armani que ele veste. Nunca fui muito de identificar marcas, a não ser se for para contar os ingredientes dos rótulos de embalagens de cômoda, de modo que não posso ter certeza absoluta. Sou dessas pessoas que sempre lêem legendas em revistas que descrevem Gwyneth Paltrow como “elegante, como sempre, em um Prada cinza-escuro”, ou Madonna como “radiante em rosa-shoking da Voyage” e fico imaginando como é que quem escreveu aquilo sabe, só de olhar. Vejo os anúncios das revistas femininas e leio Versace como Verass. De modo que o terno com aparência cara podia muito bem ser Paul Smith. Ou Hugo Boss. Podia até ser uma peça da porra da C&A. vai saber.

E daí?

Ainda assim, pode ser bom trocar uma idéia com ele. Ele bem que pode me dar algumas dicas úteis. Afinal, para servir a comida em uma festa chique desses, ele deve ter bastante experiência. E apesar de geralmente eu achar essa história de fazer contatos tão interessante quanto pegar uma doença venérea, estou tão bêbada que não faz a menor diferença. De modo que vou em frente.

Ele ergue o olhar quando eu me estatelo no chão reluzente e se ouve um barulho do tecido rasgado que vem da minha bunda.

- Ops.

Abaixo o corpo para ver o tamanho do estrago.

Gigantesco.

Bem-feito, acho. Mas, também, quem manda uma girafa desajeitada como eu ter a idéia de colocar calças tão justas que fazem minhas pernas finas parecerem polpudas?

- Só eu mesma – digo, amaldiçoando as palavras assim que saem da minha boca. Quem é que fala uma coisa dessas? – Seu trabalho já terminou? – balbucio, tirando cigarros do bolso da calça e rasgando o celofane da maneira mais sedutora possível para alguém



com as unhas roídas, pintadas de esmalte rosa-Barbie que já vai descascando. Estou mais para uma menina de 12 anos mas, ei, estou até as tampas de champanhe. Dane-se.

- Espero que sim, caramba. – Ele dá de ombros. – Estou ferrado. E o pior de tudo é que nem posso encher a cara.

- O quê? – pergunto, chocada. Se servir comida em casamento não envolve algumas taças grátis de espumante, então talvez seja melhor eu pensar duas vezes. Todo trabalho tem que ter suas vantagens, não é mesmo? – Apesar de você ter feito toda a comida e de ter arrumado tudo? Acho que eles vão deixar você soltar a franga para aproveitar o finzinho, não? – Digo.

- Pode ser. – Ele parece confuso. Não me surpreendo. Parece estar arrasado.

- Para falar a verdade, eu estava pensando em abrir um serviço de bufê- confesso, caindo sobre o banco ao lado dele e oferecendo um cigarro. – Alguma dica?

Ele dá de ombros.

- Acho que não.

Ótimo. Fechado com uma ostra. Obviamente não vai entregar seus segredos assim na lata. Mas deve estar acostumado a atender todo tipo de evento glamouroso. Pelo modo como se veste, deve ter feito o casamento de Brad e Jennifer. Deve ser amigo íntimo dos Beckham. A última coisa que deseja é uma novata como eu roubando as idéias dele.

Mas sempre existe a possibilidade de embebedá-lo. Daí ele cantaria como um canarinho.

Ou talvez eu pudesse agarrá-lo e fazer com que falasse.

Melhor ainda, embebedá-lo e depois agarrá-lo. Isso não falharia.

Ou será que é muita vagabundice para uma iniciante?

- Quer que eu traga uns champanhes escondidos para você? – digo, cheia de maldade. – Você pode beber aqui. Ninguém vai ficar sabendo.

Ele me dá um sorriso torto.

- Vá lá. Mas não deixe ninguém vê-la. Se ela me pegar enchendo a cara, me mata.

- Noiva nervosa? – digo, cheia de solidariedade.

Bom, tudo bem. Acho que de vez em quando vão aparecer um ou dois clientes difíceis. É de se esperar.

- Acho que dá para colocar assim. – Ele dá uma piscadinha.

Sorrio. Normalmente, não me sinto atraída por homens de terno. Por alguma razão, nunca fui capaz de imaginar um homem de terno como possuidor de algo como um pênis. Não sei por quê. Sempre foi assim comigo. Imagino que eles sejam completamente lisos por baixo da roupa. Mas este cara é diferente.

Não é muito o meu tipo (para começar, é loiro, e eu geralmente prefiro as morenos novinhos). Mas ele é macho. E parece ter pulso firme. E, depois do desastre com Max, quem sou eu para dar uma de fresca?

Volto para a festa na ponta dos pés, acho uma garrafa meio bebida de Moët em cima do piano de cauda, e me esgueiro de volta à cozinha com ela, arrumando a parte de trás do cabelo no caminho. Tenho total noção de que nunca vou ter cara de clean e chique, de modo que. Em vez disso, tento ser sensual e desgrehada. Infelizmente, um pedaço de folheado de salsicha cai no chão quando eu paro na frente dele, mas eu o espanto com a mão, como se estivesse espantando fumaça e acho que ele não repara.

- Então, o que é mesmo que você está fazendo aqui? – ele pergunta quando lhe entrego a garrafa.

- Perdão?

Que droga, droga. Fui pega, tentando arrancar segredos de mercado de um profissional.

- Noiva ou noivo? Tudo bem, não diga que nenhum dos dois. Porque sei muito bem disso.

- Ah.

- O negócio – ele agarra a garrafa de Moët e dá um gole agradecido – é que acho que nunca fomos apresentados, fomos?

- Hm. Não.

- Achei que não. – Sorri preguiçosamente. – Tenho certeza de que eu me lembraria. Ele está me paquerando.

Meu Deus, ele é lindo. Bom, na verdade não, não exatamente lindo, mas é salvagemente OK. Mais ou menos. Tem olhos azuis. E um sorriso sacana. Um pouco rosado, talvez (o rosto dele tem aquele tom avermelhado dos aristocratas terminais). Faz com que eu pense em um rato recém-nascido. E os cílios dele são meio cor de areia, o que o deixa com cara de quem sempre está com os olhos apertados. O tempo todo, fico com vontade de dizer que ele está com remela no olho.

E ele é um pouco aristocrático demais para minzinha, para dizer a verdade. O nome dele provavelmente é Tarquin ou Rupert. Mas o raciocínio bêbado me diz que tanto faz se ele não é perfeito. Se estou a fim de uma ficada de uma noite só, não vou querer ficar soluçando pelos cantos por causa dele amanhã. Isso acabaria com o objetivo de toda essa história de transar e dispensar. As regras de Agir Como um Cara exigem séria falta de piedade. Preciso ser durona. Tão corrosiva quanto soda cáustica. E por tanto é vitalmente importante que eu permaneça total e completamente alheia à coisa toda. De modo que uma leve falta de atração sexual sem dúvida é um bônus.

- Bom, para ser honesta – confesso, engolindo mais um golão de álcool e me inclinando, descuidada, na direção dele-, eu nunca vi nenhum dos dois mais gordo.

- È mesmo?

- Quer dizer, claro que já vi a noiva. Aquele vestido branco meio que entregou quem ela é. Mas eu não reconheceria o noivo se ele viesse passar a mão nela, perigosamente perto da minha xoxota.

Mentalmente, confiro se sinto algum sinal de excitação.

Nenhum.

Absolutamente zerinho.

Seco como um osso. Nem um arrepiozinho. Meus mamilos continuam tão flácidos quanto massa de panqueca.

Mas eu comecei, então é melhor terminar.

E, por ser dono de um serviço de bufê de primeira linha, será um ótimo contato para mais tarde.

Melhor eu fazer tudo direitinho.

“E como é que você vai fazer isso?”, martela uma voz irritante no meu cérebro. “Sexo casual não é com você.”

Reprimo o som.

Ele me puxa levemente em sua direção e se aperta contra mim, passando a língua pelo meu lábio inferior.

E o que é que faço?

Dou risada. E é naquele momento em particular que minha boca resolve matraquear sem parar.

- Eu não tenho o hábito de entrar de bico no casamento de gente totalmente desconhecida – balucio, idiota, enquanto ele se levanta, puxando-me junto com ele. Reparo que é um pouco mais baixo do que eu, mas não faz mal. Significa que podemos trepar em pé. – Vim com o George, sabe, ele está lá embaixo, não é meu namorado, você compreende. Ele trabalha com o noivo.

Ele leva o dedo aos lábios e me conduz pelos ombros para uma despensa que é maior do que o meu apartamento inteiro. Fecha a porta firmemente atrás de nós, me levanta e me coloca em cima de um freezer vertical, e me beija.

Fico surpresa de constatar como é fácil fazer um cara transar com a gente. Até agora, eu não precisei fazer praticamente nada.

É um beijo melequento, de confeitaria, com gosto de cereja e vinho doce de sobremesa. Interessante. As mãos dele percorrem as minhas costas, apertam minha bunda, e abraço-lhe a cintura com as pernas. Olhando bem nos meus olhos, ele tira minhas calças e rapidinho abre o zíper das dele. Apoio-me, desconfortável, sobre o dedão do pé, para facilitar a entrada, afinal sentindo aquele puxãozinho de excitação no quadril.

E é quando percebo.

Estou prestes a transar com um estranho completo.

Porque estou podendo.

Eu nem sei o nome dele.

Podia ser mais legal?

Falando nisso, o sexo é curto, afoito e doce como chocolate vagabundo. Ele parece achar que está em um filme pornô, pois julga necessário comentar a situação o tempo todo.

- Do que é que você gosta? – pergunta sem parar. – Do que é que você gosta?

Tendo em vista, no entanto, que acabamos de nos conhecer, mandar ele enfiar a cabeça no meio das minhas pernas e ficar lá até que eu me sinta satisfeita não parece muito adequado, por isso digo:

- Ah, isto está ótimo, obrigada – como se estivesse elogiando um prato de restaurante bem insípido. Assim é mais fácil.

Além disso, estou ocupada demais murchando a barriga, tentando para disfarçar meu umbigo proeminente para começar a questioná-lo a respeito dos conhecimentos básicos que ele tem do Kama-Sutra. No geral, no entanto, a coisa corre bastante bem na minha primeira vez como puta. E, pelo lado positivo, o pau dele não se parece com uma lingüiça apimentada. E não tem umbigo peludo.

Ele nem pede para que eu me masturbe para ele ficar olhando, o que Janice me garantiu que é uma boa para ficadas de uma noite.

Tudo bem, então eu não tenho Croissants, mas isso é um evento tão raro na minha vida quanto um hambúrguer de carne francesa.

Ah, e ele aparece com uma camisinha sem que eu nem precise pedir, o que é muita sorte, porque em toda aquela excitação do sexo casual, duvido que eu me lembrasse de mencionar o assunto. E esse cara não tem o maxilar adequado para a doação de esperma. Se eu fosse ficar grávida por acaso de propósito, acho que preferia o de George. E iria escolher alguém um pouco mais alto de que eu.

Depois que terminamos e nos recompomos, ele na verdade parece mais aliviado do que enojado quando o empurro para longe e visto a calcinha, parando só para colocar minhas sandálias de vagabunda e dar uma última olhada na ereção dele que desinfla rapidamente antes de sair fora, mas quem se importa? Eu sou poderosa. Posso fazer o que quiser.

Nado lá para baixo em uma nuvem de elação pós-coito. George vai ficar absolutamente impressionado. Vou ganhar pontos extras por ter trepado em um casamento. Ele percebe minha aproximação no momento em que piso no salão de baile.

- Onde você se meteu? – questiona em tom acusatório. – Estou aqui me acabando de tristeza sem o David, querida, e aí você pega e some.

- Está com saudades do David, é? – tiro um sarro da cara dele. – Isso merece ser registrado. Eu não me preocuparia com ele. Deve estar por aí comendo uma mulher qualquer. Ele paquera de montão, você sabe. Provavelmente, é bi.

- Querida, ele é tão veado quanto o Bambi saltitando por campos floridinhos. E ele parecia estar bem interessado em mim, muito obrigado, de modo que vou conceder-lhe o benefício da dúvida antes de condená-lo a uma vida inteira de assistir futebol, beber chope e falar de peitos, você não acha?

- Sei lá.

- Então, onde foi que você se meteu? – pergunta, levemente abalado, quando faço uma pausa para pegar um enroladinho de salsicha.

- Estava transando.

- Não, fala sério.

- È isso mesmo que acabei de dizer.

- Nããããããão.

- Siiiiiiiiiiim.

- Ah meu Deus, querida. – Ele faz o vinho gorar dentro do copo. – Espero que você tenha tomado uma chuveirada depois. Quer dizer, sei que isso é um avanço enorme na sua vida e tal, sendo que você é quase hermeticamente selada, mas a noiva já vai jogar o buquê.

- E daí?

- A gente não vai querer que você o pegue com a coisa escorrendo pela perna, não é mesmo? Vamos deixar toda esta região chique da cidade cheirando a peixe. E isso vai ser um horror. Quer dizer, eu sei bem do que estou falando. Espero pelo menos que você tenha sido seletiva, amorzinho.

- Meio que fui.

- Ah, vamos lá, querida – ele me apressa, esquecendo minha conquista como se já fossem águas passadas. – Ela vai jogar agorinha mesmo. Que jeitinho de empregada ela tem. Daria uma babá perfeita. Mas vamos lá, você é uma moça. Prontinho.

- Mas...

- Nada de mas, querida, vamos lá. Junte-se a elas.

E antes que eu possa reclamar, George, como uma mãe insistente em um concurso de balé, me empurra fisicamente entre a horda de garotas com vestido de Cinderela, todas pulando para cima e para baixo ao lado da área do palco, onde a noiva de Basildon está parada, segurando um buquê de rosas cor de salmão, envolvidas em nuvens revoltas daquela coisa branca nojenta que está sempre presente nos postos de gasolina.

- Um. Dois. Três. – A multidão de Cinderelas faz coro, quando aquela coisinha de dar dó é lançada aos rodopios no ar.

Todo mundo se amontoa para ser a primeira a pegar. Sou tragada pela horda. Minha mão se fecha em volta de um punhado de talos. Afastando-me das outras mãos ávidas, seguro meu prêmio com cara de “não estou nem aí”, enquanto duas garotas se atacam em mim como gaivotas enlouquecidas e tentam arrancá-lo das minhas mãos.

- Eu peguei, Jô.

- Não, eu que peguei.

- Devolva aqui.

- Larga.

- Ai.

Eu me rendo graciosamente, largando a minha ponta antes que perca um olho, e voltando até onde está George, que sorri da platéia, como um Pai em dia de Jogo na Escola. Está sozinho, percebo. O que é estranho, já que o lugar deveria estar lotado com

os colegas dele. E conheço colegas de trabalho de George. Então, por que nenhum deles está com ele?

E é então que a ficha cai, como um tijolo.

- George.

- Pois não.

- Você não conhece nenhuma pessoa daqui, não é mesmo?

- Não – confessa. – Mas este aqui é um dos maiores casamentos de socialite do ano, querida. Vai estar nas revistas de celebridades e tudo o mais. Fiz isso por você. Achei que você se sentiria melhor se visse uns banqueiros em ação. Vai ser uma boa experiência para você.

Fico emocionada, apesar de desconfiar que a verdadeira razão por trás da preocupação de George seja que ela não tinha nada melhor para fazer do que entrar de bico em um casamento chique, e que não queria fazê-lo sozinho.

- Obrigada mesmo. – Dou-lhe um abraço. Afinal, eu o adoro do fundo do coração. E ninguém pode dizer que a vida com George seja tediosa.

Vários minutos depois, ainda estamos nos abraçando quando a coisa toda se desenrola, e eu não estou nem um pouco preparada para o que acontece a seguir. Em um minuto, estou aninhada nos braços de George, demorando-me só um pouquinho a mais do que o normal enquanto, sorradeira, sinto o cheiro delicioso de coco que o cabelo dele tem e tento suprimir a sensação esquisita que toma conta do meu estômago sempre que encosto nele. No minuto seguinte, a Noiva de Basildon aparece não sei de onde e vem na minha direção que nem um tanque da ONU, com um cigarro king size em uma mão e um celular Nokia prateado na outra.

- Acho que não conhecemos vocês, não é mesmo? – Ela joga a permanente cacheada demais e lança um olhar gélido para George e eu. Ela parece bem ameaçadora. Por um instante, fiquei preocupada. Mas, tonta com um monte de champanhe na cabeça, depois de transar e com o desrespeito explícito de George por aquele amontoado de seda, assumo minha posição.

- Acho mesmo que não – digo, corajosa, tomando um gole desafiador de um copo de champanhe de uma mesa próxima. – Porque a gente não conhece você.

- Perdão. – George sorri, tentando acalmar os ânimos. – Parece que ela saiu direto de um cortiço, não é mesmo? Aliás, eu sou o George – ele pronuncia as palavras com sotaque francês, para ficar mais sofisticado – e esta aqui é a Katherine.

- Hmm. – A Noiva de Basildon não parece nada convencida. Daí ela grita para o outro lado do salão. – Ei, Zac, esse pessoal aqui é seu amigo ou o quê?

Bom, eu não faço a mínima idéia de quem seja Zac, mas tenho a impressão que ele deve ser grande e ameaçador. Mas, por sorte, de repente vejo o banqueteiro vindo na minha direção, do outro lado do salão. Rápida como um raio, corro na direção dele, pego seu braço e digo:

- Rápido, finja que estou com você. Pode dizer que sou garçonne. Fui abordada.

- Não dá – ele assobia por entre os dentes, afastando-me com violência e olhando para mim como se eu fosse uma desvairada.

Fico furiosa. Lívida. Como é que ele tem coragem de me rejeitar? Se alguém vai rejeitar alguém por aqui, que seja eu, porra.

- Tudo bem, não precisa tirar as calças – digo, esquentada. Se ele vai agir assim, vou me assegurar de que ele nunca mais vai ter trabalho neste bairro. – Quer dizer, se você conseguir – digo. Ao primeiro sinal de vozes erguidas, uma multidão se junta. – Ah, é – digo ao pessoal. – Este cara aqui tem a petulância de fingir que não está comigo, sendo que há vinte minutos estava muito alegrinho me comendo em cima do freezer. O que é que vocês acham disso?

Em uma fração de segundo, o salão se enche de sussurros e murmúrios, parece que tem um monte de larvas se agitando na superfície. Olho para a Noiva de Basildon. A Noiva de Basildon olha para mim. E daí ela olha para o banqueteiro.

- Zac? – pergunta, horrorizada. – É verdade?

Zac. Puxa, onde é que a gente já ouviu este nome? Parece estranhamente familiar.

Ah, caralho.

Puta que pariu.

Zac é o Rapaz de Balgravia.

E eu simplesmente fui lá e transei com a porra do noivo.

- Corra! – assobio por entre os dentes para George, mas ele está preso ao chão.

- Não dá. Quero ver o que vai acontecer agora. Isso aqui é muito melhor do que uma novela vagabunda.

E ele logo consegue o que deseja.

- Saia daqui! – A Noiva de Basildon me pega pelo cotovelo apertando forte de verdade e se prepara para me levar para fora.

- Aaaah, ela é igualzinha à Jackie Dixon – ouço George dizer.

- Você é uma porra de uma mentirosa. E você vai se dar mal, sua vagabunda.

Ai meu Deus.

E daí ela se volta para George.

- E você – guincha ela. – Você também entrou de bicão, não é mesmo?

- Creio que sim, amorzinho – concorda George. – Mas eu não me vangloriaria disso, para falar a verdade, não estou me divertindo muito. Aliás, para ser franco, essa coisa toda aqui me cheira mais a Asti Spumante. E os convidados estão mais para ovo com batata frita do que para gratin dauphinoise, querida, e falando da comida, ninguém teve a decência de me oferecer nada além de enroladinho de salsicha mole desde que cheguei.

- Vamos lá, George – assobio por entre os dentes, preparando-me para sair correndo. A noiva, apesar de todas as camadas de babados, parece louca da vida, e não tenho a menor dúvida que, se achar necessário, não vai pensar duas vezes antes de quebrar uma garrafa na minha cabeça.

Mas nada detém George.

- Isso aqui tem mesmo tanta classe quanto o canal de vendas da TV – cospe ele. – Belgravia? É? A gente podia estar em qualquer espelunca.

É a gota d'água. A língua ferina de George coloca o último prego no meu caixão. Tiara torta na cabeça, a Noiva de Basildon se joga para cima de mim em uma fúria sibilante de seda suja cor de creme, me agarra pelo pescoço e joga uma bebida no meu casaquinho dourado, e começa a se esgoelar dizendo que, se eu não tiver dado o pé quando ela contar até dez, ela vai quebrar a minha cara.

Eu acredito.

- Quanta elegância – respondo toda corajosa, dando um chute na canela dela e reparando, com certa satisfação, que abri um buraco em sua meia-calça. Bom, esta aqui com certeza não é uma escada que vai me levar para o céu, mas por que é que o marido dela foi resolver meter um mim algumas horas depois de se casar com ela, logo eu, uma ruiva desgrehada e completamente bêbada da zona sul de Londres, bem no dia do casamento?

- Só serve para comprovar minha tese, querida – George observa, cheio de despeito. – A gente pode tirar a vagabunda da moradia popular, mas é impossível tirar a moradia popular da vagabunda. Eu tomaria cuidado se fosse você, querido – comenta com Zac, enquanto rezo para que o chão se abra e nos engula. – Não ficaria surpreso se a lingerie de casamento dela não tivesse calcinha.

Então, com um “aliás, seu vestido é horroroso”, ele me puxa pela mão e saímos tropeçando, morrendo de rir, com uma gargalhada bem maldosa, noite adentro.

## OITO

O primeiro jantar formal de adulto a que Janice e eu fomos foi durante o ensino médio. Enchi o cabelo de produto para clarear os fios e coloquei óculos escuros que escondem o rosto todo e uma saia rodada quadriculada horrorosa. Fiquei me sentindo o máximo. Janice alugara um vestido especialmente para a ocasião: um modelinho da década de 50, pretíssimo, acinturado, feito de hectares de tule esvoaçante e com trilhões de minúsculas contas pretas como breu. Aí ela agarrou o gostosão da escola, sujou todo o vestido de esperma e me obrigou a entregá-lo na loja enquanto ela me esperava do lado de fora no Austin Maxi da minha mãe com o motor ligado.

Desta vez, ela tem plena certeza de que tudo será perfeito. A garota que troca de homem igual troca de calcinha não existe mais. Jasper marca o início da vida adulta dela, e ela vai ficar mesmo muito triste se as pessoas acharem que ela é aquele tipo de mulher que fica dando chupadas em caras bonitões com egos inflados.

Para ser honesta, a idéia de que ela vai deixar essa vida para trás me deprime. Sinaliza que ela está assumindo responsabilidades. Vida adulta. E me lembra de que preciso fazer alguma coisa da minha, antes que seja tarde demais.

Claro que eu não preciso. Sempre acho outra opção. Poderia abrir um centro de bronzeamento artificial ou fazer um curso para dar aulas de aeróbica. Daí não ia precisar ficar sentada em um escritório. Poderia me vestir permanentemente com roupas de ginástica e andar por aí de jipe. Mas, antes disso, tenho uma chance verdadeira de resolver se quero ou não abrir meu serviço de bufê: Janice organizou seu jantar e enviou os convites. Nós nos encontramos no Moon Under Water no domingo para beber shandy (shope misturado com soda não conta como bebida, portanto é absolutamente apropriado para a véspera de um dia útil) e conversamos sobre o menu.

- Pensei em sopa de cenoura, coco e cominho para começar – ela avisa, toda mandona. – Seguida por costeleta de carneiro assada com crosta de polenta com hortelã e legumes refogados e depois uma torta de musse de chocolate bem suculenta com mascarpone na sequência. Peguei tudo no livro de culinária do Sugar Club. O que você acha? Vai parecer que eu demorei um século para preparar?

Não se. Mas sei que eu vou demorar um século para preparar. Qualquer pessoa normal ficaria contente com massa ao pesto. Ou espaguete com almôndegas, pelo menos. Eu vou ter que dar a ela crosta de polenta com hortelã.

- Ah, e também tem que parecer bem glamouroso – ela avisa. – Convidei mais umas outras pessoas também. E vou me arrumar toda, então você vai ter que colocar pelo

menos um pouco de maquiagem e um vestido. Não quero ficar com cara de alguém que fez um esforço totalmente inútil, não é mesmo? O que estou dizendo é que a minha intenção é que ele ache que eu sou assim o tempo todo.

O que ela quer dizer é que sua intenção é que eu não faça os outros pensarem mal dela.

- Será que não dá para eu só cozinhar? – pergunto. – E depois dar o pé? Posso até fazer tudo em casa e mandar para você de táxi, naquelas marmitinhas de alumínio que a gente compra no supermercado.

Aparentemente, não. Janice não quer nem saber dessa idéia. Afinal, sou eu quem vai fazer a comida, ela ressalta. De modo que posso muito bem me sentar lá e comer, mesmo que eu morra engasgada com ela.

Para colocar a coisa de maneira delicada, estou puta da vida. Vai demorar horas para preparar um jantar desses. Provavelmente vou ter que começar bem cedo na sexta.

- Mas você vai fazer as compras, não é?

- Vou, é? – ela ronca, rindo, cuspiendo espuma de chope em mim. – Achei que isso ia ficar por sua conta, tendo em vista que não faz nada além de se jogar pelo apartamento com o dedo no cu. Tenho um trabalho em tempo integral que preciso manter até me casar, está lembrada?

Bom, que ótimo, não é mesmo? Provavelmente vou perder mais do que um dos meus programas de TV preferidos para dar tempo de ir até o supermercado primeiro.

- Mas eu deixo um vinho na geladeira – concede ela. – Assim você pode abrir quando chegar e eu me junto a você quando terminar de limpar merda para a Bunda de Vespa. Não que eu possa ajudar muito, acho. Esta semana vai ser a maior correria. Vou estar acabada na sexta.

- Então fica combinado.

- E, Katie...?

- Pois não?

- Sinto muito mesmo, mas...

- O quê?

- Será que você dava uma arrumadinha no banheiro e passava um paninho nos móveis? Acho que não vou ficar muito tempo em casa daqui até lá, e o lugar está meio um chiqueiro.

- Que vaca folgada! – George morre de rir quando ligo para contar que não vou poder participar da nossa sessão de fofoca no almoço no Café Flo porque vou ter que planejar a coisa toda direitinho, agora que vou servir um monte de amigos de Jasper.

- Ela não PE uma vaca folgada. – digo.

- Hã?

- Ela é uma porra de uma vaca folgada.

- E é mesmo. Com todos os acessórios.

- Está tão preocupada em mostrar para o Podre de Rico que daria uma mulher de executivo maravilhosa que nem está aí para a gente. Vai saber por que ela está tão abalada por causa dele. Ele tem quase 70 anos, caramba. O rosto parece uma avelã retorcida.

- Aaah, é – George diz, satisfeitiíssimo. – Tipo uma panqueca que não deu certo, todo ferrado.

- Só devo dizer que ele deve ter o pau ao braço de um bebê segurando um grapefruit.

- Aaah.

- Mas ele não parou de trabalhar. De modo que talvez não seja assim tão antigo. Mas estou dizendo que ela nem sabe o que ele faz. Até onde sabe, podia ser faxineiro de banheiro. Ou lixeiro. E não tem nada de executivo nisso. Mas na maneira como ela fala, até parece que ele é a porra do Richard Branson, que é dono do império Virgin ou algo



assim. Está tão ocupada procurando sinais de fortuna que se esqueceu totalmente de mim.

- E ela clareia o cabelo.
- Qualquer coisa poderia estar acontecendo na minha vida agora, e ela nem ia reparar. Meu namorado podia estar me espancando.
- Você não tem namorado – George ressalta. – Ele largou você há meses.
- Na verdade, fui eu quem largou ele. E só porque ele prefere mulheres que usam calcinhas de náilon sujas a garotas normais como eu.
- Querida, se você é normal, eu sou o Papa.
- Mas, hipoteticamente, eu bem que podia ter um namorado, não podia?
- Acho que podia sim. Se você desse um jeito nesse cabelo.
- E ele bem que podia estar me espancando.
- Ele podia estar usando sua cabeça como alvo de dardos – diz George, todo feliz.
- E minha bunda como tábua de cortar carne.
- E apagar bitucas de cigarro nos seus braços – grita de alegria.
- Exatamente – digo. – E aquela ingrata nem ia reparar. Como amiga, estou praticamente negligenciada. Podia até prestar queixa.
- Podia mesmo.

- A boca dela vai virar para baixo quando “viagem de luxo” significar entrar em um trem lotado para passar o dia na praia, em Clacton – observo.

E isso não é tudo, penso com meus botões, cansada de tanto tirar poeira da minha coleção de recortes de receitas. O que vai acontecer daqui a dez anos, quando a casa dela toda cuidadinha começar a feder a gente velha? A xixi e bacalhau cozido? Acho que ela não vai ficar muito contente. E ela não vai poder redecorar, se a pintura não combinar com o carrinho de subir escada.

Às vezes, tenho minhas dúvidas se ela chegou a pensar no futuro. Para ela, a cerimônia de casamento é o futuro. E depois disso... nada! Janice está tão envolvida na fantasia que criou que ainda não percebeu que o casamento é, com toda probabilidade, muito parecido com a camisinha feminina. Amplamente superestimado. Se ela parar para pensar além da lua-de-mel, vai perceber que para uma garota, que até recentemente nem se importava de conhecer o primeiro nome antes de trocar vastas quantidades de fluidos corporais com um cara, provavelmente vai achar bem difícil de engolir a tarefa de ter que lidar com fraldas de incontinência tão cedo na vida.

Na sexta-feira, faço questão de esperar meu programa terminar antes de ir até o supermercado em exatos cinco minutos, alegremente mastigando salgadinhos. Depois de comprar tudo de que preciso, dou uma passada em casa para dar comida a Graham e Shish Kebab. Graham se enrola nas minhas pernas, ronronando igual a uma motocicleta enquanto eu coloco um envelope de meleca com gosto de pato na tigela dele. Até pouco tempo atrás, a comida deles saía de lata, como acontece em qualquer casa, mas essas coisas em envelopes são muito mais práticas. É o equivalente felino de uma lasanha congelada de marca genérica, mais ou menos.

Depois de observar as duas bolinhas peludas encherem a cara gorda e ávida, levo todas as compras até o apartamento de Janice e destranco a porta. Quando abre, sinto uma lufada do cheiro dela. É esquisito. Quando dividíamos um apartamento, eu nunca percebia que Janice tinha aquele cheiro de “outra pessoa”. Mas, agora que sou visitante, não dá para passar batido. E o número 152 da Calbourne Road cheira a uma mistura de CK One, limpa-tudo antibacteriano, spray de cabelo e tinta fresca. Está tudo tão limpo que grita: “Caprichada e Única Dona”. Enquanto minha choupana alugada não recebeu

nem uma demão de tinta desde que eu estou lá, Janice vive em clima de constante decoração. Na verdade, com relação ao apartamento, Janice é tão retenção anal que nem deve precisar de um aspirador. Deve andar pelos cômodos chupando as migalhas com o cu, em vez disso. Não últimos seis meses, pegou a febre da decoração. Parece uma daquelas decoradoras de televisão, só que é loira e tem peitos muito maiores. Vive pintando isto e envernizando aquilo. Tudo precisa ser coordenado. Ela é conhecida por entrar em uma loja de móveis trazendo nas mãos um cinzeiro de resina violeta que alguém do trabalho lhe deu de presente e pedindo para ver toda a cartela de cores baseada naquela porcaria. A única coisa que eu comprei para o meu apartamento é o sofá molenga adorável. E isso só porque o que eu tinha antes tinha sido regado com o esperma de Jake, quando eu o masturbei depois de um jantar (e foi a última vez, também), e eu não agüentava olhar para a mancha sem ter ataques de nostalgia. Se não, preferiria deixar compras assim para quando crescesse. Ou para quando conseguisse comprar um apartamento para mim. Quando isto vai acontecer, precisamente, como sempre digo a minha mãe, não sei com certeza. Acho que quando um financiamento cair no meu colo. Sou uma Proprietária Virgem, pelo amor de Deus.

Não faço a menor idéia de como essa coisa toda funciona. E não me entenda mal. Eu já tento. Perguntei a George há alguns meses se ele sabia alguma coisa de financiamentos. Mas ele fez uma cara de completo pavor. “Financiamento?”, guichou. “Que financiamento? Eu moro em Islington, você sabe muito bem. Não faço a mínima idéia. A casa sempre foi minha.”

Largo as sacolas de compras na mesa da cozinha de Janice e dou uma olhadinha rápida no apartamento. Como sempre, tudo parece bacana, calmo e elegante. Pouco depois de se mudar, ela teve um ataque de espaço, derrubou algumas paredes e abriu buracos ovais em outras. O chão agora é um rinque de patinação de faia polida e o lugar parece ter pulado diretamente das páginas de uma revista feminina de decoração. Suprimo um suspiro de inveja e digo a mim mesma que ela merece morar em um lugar bonito, Deus abençoe suas meias  $\frac{3}{4}$ . Ela trabalhou igual a uma camela para fugir da moradia popular em Wlathamstow, onde cresceu, sentada na frente de um aquecedor minúsculo e comendo porcarias de lanche, com uma mãe de calça de moletom como companhia. Ao entrar no banheiro de paredes lilás, com a banheira de aço inoxidável inteiriça e chão de mosaico em tons pastel, recolho diversas roupas limpas, incapaz de conter um sorriso, ao imaginar minha melhor amiga experimentando todos eles para um encontro com o Podre de Rico. Consigo enxergá-la mentalmente, retorcendo-se um pouco na gente do espelho de corpo inteiro ao lado da porta, e então colocando de lado cada um dos conjuntos, cada vez mais exasperada, ao ver que nada dá certo. Conto quatro blusinhas pretas, duas brancas, uma peça bonitinha de renda cor de damasco e um vestido molenga roxo com bolinhas cor-de-rosa com um decotão nas costas. Três sutiãs, duas calcinhas fio-dental, quatro pares de sandálias e um de sapato de salto agulha de matar jogados no chão perto do espelho. Pego toda a coisarada e enfio no guarda-roupa. Resgato outras peças espalhadas pelo apartamento inteiro.

Daí vou até a cozinha para desempacotar as compras e preparar o jantar. Pico cenouras e cebolas, fervo um caldo cremoso de coco e despedaço maços de coentro. Passo tudo pelo liquidificador e envolvo o pedaço de cordeiro com o preço mais astronômico que pude encontrar em uma camada de hortelã recém-picada. Cozinho batatas e as amasso grosseiramente com um garfo para que fiquem deliciosamente crocantes quando forem assadas com alecrim picado e fios de óleo bem quente. Corto abobrinhas em fatias bem fininhas e tiro as ervilhas das vagens. Derreto chocolate de primeira em uma frigideira e bato claras de ovo até formar montanhas tipo Everest. Ao fazer tudo isso, uma onda de alegria se abate sobre mim e eu quase consigo me desligar totalmente da realidade. Eu

sempre me sinto assim quando cozinheiro para os amigos. De certo modo, me acalma. Eu adorava cozinhar para o Jake. Toda sexta-feira à noite fazíamos banquetes improvisados e depois passávamos a noite toda assistindo programas idiotas de competição na TV, com uma chupada ocasional no decorrer dos acontecimentos. Preparei tudo que é comida do mundo para aquele desgraçado ingrato. Cozinha francesa, italiana.

Tailandesa. Chinesa. Por azar, como se revelou, a única coisa de que ele gostava, no final das contas, era Apimentada e Holandesa, mas até me consola o fato de saber que quem cozinha agora é a Fraser Calcinha de Peixe. Isso quer dizer que ovo e batata frita é o limite. E, sem dúvida, de agora em diante, as coisas só tendem a piorar. Logo, ele vai estar vivendo de purê de cenoura e papinha de maçã.

Bem-feito para ele.

Quando Janice chega em casa do trabalho, tirando o terninho enquanto entra dançando na cozinha para anunciar que precisa de uma chuveirada quente e de uma boa meia hora para se arrumar, tudo já está quase pronto. O cordeiro já está quase da cor rosa perfeita em seu molho suculento e só falta colocar os legumes em água fervente por alguns minutos quando os convidados chegarem. Com certeza, até ela consegue fazer isso.

Enquanto espero que ela saia do chuveiro, coloco meu pretinho básico se sempre, meias-calças pretas foscas para esconder minhas pernas que mais parecem carne enlatada e me jogo no divã de camurça para tomar um copo de vinho. Ela coloca uma máscara azul brilhante, esfolia as pernas, toma um banho de perfume e coloca uma coisinha frente única de cota de malha prateada que comprou especialmente para a ocasião.

- Tchan tchan! – Ela desce a escada cheia de pompa, em uma nuvem de D&G, e dá uma voltinha para eu ver. – O que você acha? Estou maravilhosa ou o quê?

- Hmmm...

- Preciso de um sutiã, não é mesmo? – diz, irritada. - Preciso. Uma porra. De um sutiã. Eu sabia. E não tenho nenhum sem fecho atrás. – Ela está com um problema de hiperventilação. – Puta que pariu. O que é que eu vou fazer? Por que por que por que eu tinha que ter esses peitos iguais a balões?

Entrego-lhe um saco de papel para ajudá-la a respirar. Por sorte, sei exatamente como lidar com esta crise em particular. Os seios fartos e roliços de Janice são sua maldição. Ela é simplesmente bem servida demais para ficar sem sutiã. Há anos ela deseja usar tops decotados e justinhos, mas em vão. Por mais que emagreça, os peitos simplesmente se recusam a diminuir. Eu sou o oposto completo. Minha barriga não é uma tábua, mas meu peito é. Lisinho de tudo. E ela tem inveja. De mim! Que louca. Já tentei ressaltar que meus peitos são tão pequenos que praticamente apontam para dentro, igual a dois buracos de mijo da neve, mas ela nem quer me ouvir. Quer dizer, posso vestir tops minúsculos e vestidos frente-única o quanto eu quiser, e aparentemente essa é a minha vantagem. É um exemplo clássico de “a grama do vizinho é sempre mais verde”. No passado, já quis muito ter peitão. Peitos enormes, iguais a um úbere de vaca que eu pudesse apertar dentro de um decote. Ou que se parecessem com um bundão. Igual o pessoal da era Edwardiana usava. Eu trocaria de lugar com ela, feliz, qualquer dia.

No fim, o vestido de cota de malha é totalmente descartado, devido ao fato de dois ovos cozidos em um lenço não serem exatamente o look da estação. Peitão, Janice garante, não está com nada. Em vez disso, coloca um modelo de seda cor de ametista, bem sensual, e (preciso reconhecer) ela fica estonteante quando afinal está pronta. Colocou um litro de alisador no cabelo, o que faz com que pareça 12 centímetros mais baixa do que o normal. De repente, percebo que a minha melhor amiga na vida está transformada. Virou um modelo mais chique e mais sofisticado. Passou de um Escort de corrida para um Alfa Romeo Spyder em minutos. Até a maquiagem está mais assentada.

Nada mais de batam escarlate assanhado e delineador preto grosso. No lugar disso, gloss neutro nos lábios e um leve rímel nos cílios. Ela quase não tem nada a ver com Janice. Se ela vai ficar assim quando se casar com o Podre de Rico, preferia que não se desse ao trabalho. Já estou com saudades do cabelão e da maquiagem gritante. Não gostei muito da nova Janice. Parece que estou sendo ludibriada com uma versão desbotada.

Comparada à figura elegante e seca de Janice, eu pareço pútrida. Tenho certeza de que tenho restos de batata e pedaços de hortelã picada no cabelo. Minhas mãos fedem a alho amassado. E eu já consegui desfiar a porcaria da meia-calça. Quando Janice termina de se admirar, olhando primeiro de um lado e depois do outro, logo examinado os dentes no espelho para ver se o batom não borrou, vira-se e olha para mim aterrorizada.

- Pelo menos passe um batonzinho – implora. – Você está branca como uma folha de papel.

Já coloquei uma camada de gloss transparente e passei um pouco de rímel quando a campainha toca e Janice abre a porta para achar Jasper andando de um lado para o outro na entrada, garrafa de champanhe em uma mão, enorme buquê de rosas cor de ferrugem na outra. É óbvio que ela não dá a mínima para ele, mas positivamente estremece de prazer quando vê as flores caríssimas. E quando ele a pega nos braços e beija sua testa. Conformo-me com uma noite em que vou me sentir invejosa e miserável. Por que diabos ela me faz passar por isso? Será que ela não quer um pouco de privacidade?

- Vou colocar as flores em um vaso – tilinta, dirigindo-se para a cozinha em um rastro cintilante de roxo. Odeio a maneira como muda a voz só para falar com ele. Ela também inventou um jeito de andar de um lugar ao outro de uma maneira sedutora, em vez de andar pesado como sempre faz. Fico louca da vida, de verdade, porque sei que ela não é assim. Toda essa frescura não faz o menor sentido. E enquanto bate umas panelas na cozinha para fingir que está fazendo os últimos preparativos para o jantar, fico sozinha com o velhote. Acanhada, meio que dou de ombros e ensaio um sorriso amarelo quando me sento, ao mesmo tempo em que confiro a roupa dele. Camisa azul simples, aberta no colarinho, revelando um carpete de pêlos. Calças de sarja azul-marinho substituíram as calças cargo ridículas que usava na minha festa de aniversário. Ainda assim, há uma quantidade ridícula de jóias de ouro à mostra. Seria um medalhão que vejo ali no meio dos arbustos?

Que pavor.

Isto aqui vai ser a porra de um pesadelo.

Jasper tira da embalagem um charuto cubano do tamanho de uma ratazana quando a campainha toca de novo. Nos 20 minutos seguintes, Janice vai e volta da cozinha à porta da frente, conduzindo loiras produzidas para a festa e seus parceiros para a sala e entregando-lhes enormes copos de gim tônica. Mas, quando a campainha toca pela última vez, ela de repente está ocupada demais para atender.

- Deve ser o Colin – ela conta da cozinha. – Você pode abrir a porta, Katie?

Obedientemente, viro-me em direção ao corredor, mas é Jasper quem se levanta de um pulo. Por que é que eu não me sento, como uma boa garota? Ele mesmo abre a porta. Então, com as duas mãos na minha cintura, comete o pecado cardinal. Pega e me coloca fisicamente de lado, como se eu não passasse de uma peça de mobília. Como se fosse um carrinho de supermercado na frente das tortas! Raiva fervilhante como lava me sobe ao peito enquanto ele vai se dirigindo, com o charuto do tamanho de uma ratazana na mão, para a porta. E, de repente, sinto a maior vontade de chutá-lo para fora e bater a porta na cara dele. Por que Janice está se metendo com um machista idiota destes?

Afinal, ela é a garota que, ao perceber uma mão estranha na bunda dela no metrô no ano passado, agarrou os dedos transgressores com toda a força e ergueu a mão do cara, para

todo mundo ver, gritando: “De quem é essa mão que está pegando na minha bunda?”, o mais alto que pôde, para todo mundo ouvir. Há um ano, ela teria preferido injetar celulite nas coxas a agüentar esta bobajada, então por que é que está fazendo vista grossa agora?

Na verdade, é uma pergunta bem idiota. Sei muito bem por que está fazendo vista grossa para isto agora. Ela já está ouvindo o tilintar da caixa registradora abarrotada e nada, nada mesmo, vai desviá-la de seu propósito.

Desde o segundo em que Colin entra na sala, suspeito que tenha as palavras “Par da Katie” tatuadas nas partes baixas. O que é uma vergonha gritante, para falar a verdade. Pode até ser que eu esteja tentada a não ter moral nenhuma para ficar com caras, mas isso também não quer dizer que eu queira ir para a cama com alguém que se chama “Colin”. É um nome bem idiota, de uma pessoa lerda que como flocos de milho. Parece nome de gripe. Se ele tivesse qualquer outro nome, tipo Luke ou Will ou até Giles (bom, para falar a verdade, talvez Giles não; é um nome tonto de garoto que frequenta escola particular), talvez eu até fosse dar alguma bola para ele. Apesar do meu histórico em relação a caras de terno. Mas Colin?

Parece um corretor de imóveis, não é mesmo?

Já mencionei que Colin não é especialmente alto? Desculpe. Estou falando bobagem. Perto de mim, Colin é um pigmeu. E tem uns 40 e tantos. O que já o transforma em Colin, o Passado.

Que inferno.

- Que porra você acha que está fazendo? – assobio entre os dentes para Janice, enquanto ela tenta, sem sucesso, refogar a vagem.

- Estou preparando vagem. – E enfia um garfo na panela.

- NÃO – quase grito.

- O quê? Droga. Olha só o que você fez. Parece que eu mijei nas calças.

- Por que é que você precisava arrumar um cara para mim?

- Mas ele é legal, de verdade- insiste ela, arregalando os olhos. – Ele é um sujeito adorável.

E todo mundo sabe o que isso quer dizer.

Quer dizer que ele é feio como o pecado.

- Não fique olhando para mim com esta cara – sibilo de novo. – Você não me engana mesmo. E eu vou ficar com ele. Ponto final.

- Que pena. – Ela dá de ombros. – Ele tem uma nota preta. E vai tudo se desperdiçar. Ele mora em um apartamentinho e não tem ninguém para gastar com ele.

- Por que não?

- Porque é solteiro, sua tonta. E nunca se casou, de modo que não tem nem pensão para pagar. É cheio da nota.

- Qual é o problema dele? – Pergunto. – Além de uma séria desvantagem vertical?

- Nada. Ele simplesmente ainda não encontrou a mulher certa, acho.

Quanta bobagem. E ela sabe muito bem disso.

Mas Colin tem dois pontos a favor.

É homem.

E está aqui.

A presença dele não exigiu o mínimo esforço da minha parte. Ele simplesmente apareceu na porta, igual a uma entrega de pizza. Um ficante delivery. Um MacTransa. E como minha intenção é acumular fidadas de uma noite neste ano e (até agora) só consegui alcançar o número deplorável de um e meio (considero que Max só conte por meio, considerando que abandonou o local bem antes de ter terminado o serviço), acho que devo mandar ver por educação.

Afinal, ele se deu ao trabalho de passar loção após barba e tudo o mais. O que é muito gentil mesmo, pensando bem. E ele é bem mais educado do que os caras com quem estou acostumada, do tipo que só precisa de um chope antes de partir para a ação. Então talvez eu também seja educada.

Posso pelo menos tentar não enfiar o cabelo no molho e evitar soltar palavras.

O jantar é interminável. Janice e Jasper ficam de tanta conversinha que me fazem esquecer completamente do cordeiro. Jasper se gaba do barco novo que deve comprar no verão. E do cinema que vai mandar instalar na casa de Winchester. E como acha que seria boa idéia se Janice aprendesse a montar, porque ele vai comprar mais um cavalo. Que tédio. Ela não vai ter o menor problema com ele. Francamente, acho a atitude dele paternalista. Não dá para acreditar que Janice sorri de uma orelha à outra. Ela parece feliz de verdade.

O resto da festa está tão distante que eu nem consigo identificar o que estão dizendo.

Fico brincando com a comida no prato enquanto o pessoal à minha volta fica se gabando da inteligência dos filhos.

- Colocando a Liddy em uma pré-escola francesa – exhibe-se uma loira com dentes de água. – Ela é muito, MUITO avançada para a idade.

- Ah, claro, claro – relinha uma mulher chamada Clarissa. – O Felix e a Elsie estão tão crescidos que deixei os dois em casa sozinhos.

- Quantos anos eles têm? – pergunto educadamente, entediada até os ossos.

- Três e um e meio.

- Mas isso não é ilegal?

- Ah, não se preocupe. – Ela ri. – Ligamos a babá eletrônica e deixamos o receptor com um casal simpático que mora na mesma rua.

- M-mas...

- É muito mais barato do que contratar uma babá, não é, Hugh? – Dá tapinhas carinhosos no marido.

- A menos que a casa pegue fogo, acho – digo. – Não dá para ouvir fumaça, dá? Mas ninguém parece dar a mínima. E Janice lança na minha direção um olhar de reprovação. Estes são os amigos pavorosos de Jasper. Eu deveria ser simpática com eles. Mas estou de saco cheio. E, enquanto a noite se arrasta, caio no sono pelo menos duas vezes e acordo assustada. Falo palavrão três vezes antes da sobremesa e sou obrigada a fazer uma visita ao banheiro logo depois da entrada só para relaxar um pouco e conseguir manter a compostura. E Jasper está me dando nos nervos. Já pedi as contas de quantas vezes ele “relou o braço” ou deu tapinhas em bundas desde que chegou aqui. Que porco chauvinista. Se eu começo a conversar com ele para ser educada, já vai colocando a mão nas minhas costas, como se eu não pudesse bater um papo sem apoio, senão posso cair. Eu sou, afinal, só uma mulher. E o rosto dele está com mais cara de uva-passa do que nunca. Além disso, ele parece achar que, como eu e Janice somos mulheres, temos ouvidos tão sensíveis quanto açúcar de confeitiro. Cada vez que algum homem solta um “droga” ou “cafajeste” (bem educado para os meus padrões), ele pede desculpas na mesma hora, revirando os olhos na nossa direção e dizendo: “Perdão, senhoritas”. Isso realmente me enfurece. Depois da terceira vez, não consigo me segurar.

- Quem é que você está chamando de senhorita, porra?

Questiono, olhando-o bem nos olhos.

Ninguém ri. Janice me dá um chute doído por baixo da mesa. A única pessoa que esboça um sorriso é Colin. E, no fim, resolvo que Colin é o único naquela sala que parece vagamente humano. De modo que preciso conversar com ele. E, para conseguir, bebo. E bebo. Para falar a verdade, bebo tanto que, no fim da noite, Colin está cada vez

com menos cara de Colin e mais cara de Paul. Ou até mesmo de Steve. E às 11, quando as loiras da festa e seus parceiros já foram embora para a casa delas, para encontrar a babá ou o monitor de bebê, o álcool já está tão bem alojado que eu nem me lembro de ficar incomodada porque o assunto preferido de conversa de Colin são os peitos de homens gordos. Nem ligo para o fato de que, pela cara dele, seu apartamento deve se parecer com um hotel de beira de estrada. Ou que ele provavelmente tenha uma prensa de passar calças. Eu nem ligo mais para a remela que está dançando no canto do olho esquerdo dele desde o fim da sobremesa.

E, quando chega a hora de ir para casa, convido-o a me levar para a minha.

## NOVE

- Conte de novo. - George esfrega as mãos de tanta alegria.
- Conte exatamente como foi.
- O quê?
- A sua ficada com o velhinho.

Janice, George e eu estamos sentados na cozinha de Janice tomando cappuccino espumante da máquina nova azul-claro que Jasper lhe deu de presente. É a véspera do casamento de Poppy. Em meia hora, vamos até a estação de Paddington para pegar o trem para Bath. Tudo está organizadinho até a última drácea de amêndoa. O bolo (uma extravagância suculenta de chocolate do tamanho de uma rotatória pequena) está assado, confeitado e enfeitado com centenas de pedacinhos de geléia e violetinhas a pedido de Poppy. Desde o jantar de Janice, tenho trabalhado sem descanso. Tenho falado pelo telefone com Poppy a Perfeccionista e sua mãe todos os dias, criando cardápios, a decoração das mesas e coisas afins, até os mínimos, os mais minúsculos detalhes. O que é maravilhoso. Fez com que eu esquecesse tudo a respeito do fiasco com Colin.

Ou teria feito, se Janice e George não tivessem ficado tão animadinhos com todo o episódio lamentável. Eles riram tanto que Janice quase fez xixi nas calças. E não importa quantas vezes eu conte a história do que aconteceu quando levei Colin Comédia para a minha casa, eles sempre me obrigam a contar tudo de novo quando aparece alguém que ainda não ouviu.

Mostro o dedinho para eles.

- O pau dele era minúsculo - conto pela enésima vez. – E se chamava Alfred.
- Então você não encarou? - provoca George, todo alegre. - Deu uma desculpa e caiu fora?

Sacudo a cabeça.

- Preciso contar tudo de novo mesmo?

Eles já sabem a história de trás para frente. E que história mais lamentável. Fomos para a minha casa. Coloquei um CD do Massive Attack e fiz um café. Nos beijamos. E fiquei surpresa e um tanto grata ao descobrir que ele beijava superbem. E era um beijo que definitivamente conduzia a algo mais. E de repente percebi que estava precisando

mesmo, mesmo, de uma trepada. Não me importava, dizia a mim mesma enquanto enfiava a mão dentro da calça dele, com coisas bobas e fúteis como o fato de ele ser mais baixo do que eu. Ou mais velho do que eu. Eu nem ligava para o fato de os pêlos do peito *dele* serem grisalhos. Só podia ver que os olhos dele eram tristes e solitários. E queria fazer com que ele se sentisse melhor. De modo que não daria a mínima se a bunda dele fosse mole e flácida, igual à pele de um elefante. Achei que poderia alegrá-lo. Tipo umas férias com um algo a mais.

Ah, foda-se. Para ser bem honesta, o que importava ... o que realmente, realmente importava naquele momento embaçado e completamente bêbado, era que ele tivesse um adorável e grande ...

Ah, pelo amor de Deus.

A palavra que me veio à mente quando toquei no pauzinho de Colin foi "bolota".

- Apresento-lhe Alfred. - Ele sorriu, enquanto eu engolia em seco, horrorizada. Porque, pode dizer o que quiser, mas tamanho é documento, não é?

Claro que é.

E fiquei preocupada. O coitado do Alfred não ia nem conseguir encostar nas laterais. Ia ser a mesma coisa que passar com um carrinho de mão pelo meio da Holloway Road. Ou acenar uma salsichinha no meio do túnel do canal da Mancha. Transar com Colin, percebi enquanto deixava que ele soltasse meu sutiã, ia ser bem parecido com uma visita ao dentista. Ele podia muito bem me fazer deitar e dizer: "Não se preocupe, você não vai sentir nada." Caramba, será que ia dar para contá-lo como uma ficada de verdade? Será que dava para fazer mais uma marquinha na cabeceira da cama? Ou será que eu continuaria sendo Katie Oito Ficadas e Meia Simpson?

Oito e meia! Não é muito, não é mesmo?

Então, quando Colin sacou uma camisinha do bolso e anunciou: "Acho que o Alfred precisa de um chapéu", me preparei para a maior das trepadas por caridade do mundo. Nem teria ligado, mas ele parecia muito disposto a dormir lá. E você acha que teria a decência de sair sorrateiro no meio da noite, enquanto eu dormia, como um cafajeste ordinário? Pouco provável! Ah, não, Colin estava bem do meu lado quando acordei. E Alfred já estava todo animadinho para dar mais uminha. Por sorte, enquanto eu me preparava para mais uma invasão da minilingüiça, o telefone estrilou. Era Poppy, completamente em pânico. Ela e a mãe quase tinham se estapeado durante a discussão se eu devia ou não enrolar bacon nas vagens. Elas precisavam mesmo da minha opinião. De modo que consegui pedir licença e sair fora.

Poderia ter abraçado Poppy de tanta alegria. Nunca fiquei tão feliz de receber um telefonema de uma amiga por obrigação na vida.

Agora, sentada na mesa da cozinha de Janice, rangendo os dentes enquanto os dois se matam de rir com a minha história lamentável mais uma vez, confiro a lista mentalmente. Não consigo deixar de me preocupar, apesar de já ter repassado a lista do cardápio do café da manhã do casamento uma dúzia de vezes. Tudo está prontinho. Postas rosadas de salmão e ostras brilham com a água do mar, arranjados em caixotes, que chegaram fresquinhos de Dublin hoje mesmo. Sam, Deus abençoe suas meias de surfista, acondicionou tudo direitinho na van refrigerada do pai, e vai levar para lá mais tarde. Mas o fato de que tudo parece estar sob controle não impede que eu tenha ataques de diarreia nervosa a cada cinco minutos.

Preciso de algo que me faça pensar em outra coisa.

- Ei, Janice, cadê seu vestido de madrinha? - Tiro um pouco de espuma de cappuccino que se alojou na ponta do meu nariz e olho em volta da cozinha. Janice fica de mau humor cada vez que o tal vestido vem à tona. O que é esquisito. Normalmente, ela adora



se vestir bem e ser o centro das atenções. Por que é que ela não está louca para me mostrar o figurino?

- Lá em cima.

- Bom, então vamos lá. O que é que você está esperando? - Pousa a xícara e me levanto.

- Pode ir mostrando.

Sem proferir nenhuma palavra, Janice nos conduz ao andar de cima, até o quarto dela. Na verdade, está um pouco puta comigo. Fico achando que é porque tenho evitado os telefonemas pós-coito de Colin, privando-a dos agradáveis encontros a quatro que poderíamos ter compartilhado. Mas a idéia de que ela acha mesmo que eu vou sair com um cara que tem um feijão cozido no lugar do pau só porque ela quer é tão chocante que eu nem me dou ao trabalho de me defender. Simplesmente não há nada a dizer.

No instante em que entro no quarto dela, fica claro para qualquer idiota que o motivo da cara de merda dela não envolve apenas a minha incapacidade de apreciar Colin pelo que "ele tem de melhor". O vestido de madrinha de Janice está pendurado atrás da porta, enrolado, como um presente de aniversário, em várias camadas de papel de seda cor-de-rosa e plástico protetor.

- Olhem - diz, arrasada.

- Ahhh - George e eu não conseguimos deixar de exclamar.

- Exatamente. - Janice parece furiosa. - É mais ou menos tão sofisticado quanto um frasco de espumante de pêssego com rolha de champanhe.

Quando ela tira as camadas de papel de seda, vejo o que quer dizer. Posso fazer barulhos do tipo "A cor é ótima, tenho certeza de que você vai poder usar em outras ocasiões" até o fim do dia, mas não dá para disfarçar o fato de que, seja lá como a gente prefira encarar a questão, Janice vai ficar com cara de adolescente sem noção, em uma festa de formatura, por volta de 1985.

- Não posso usar isto - balbucia. - Vou ficar podre com ele.

Detesto ter que dizer isto, mas podre não é a palavra mais adequada. O vestido de madrinha, enorme, de veludo molenga, em um vermelho profundamente carmim, destoa completamente da decoração clean, dos lençóis de linho engomados e dos tons creme, de terra e de verde-musgo do quarto de Janice: como uma árvore de Natal enfeitada em um templo de testemunhas de Jeová. As mangas são bufantes, a saia rodada tem a circunferência de uma roda gigante e bem em cima da bunda tem um laço que mais parece uma hélice de helicóptero. Na verdade, o conjunto é tão gigantesco que duvido que ela consiga vestir a coisa amanhã. Acho que ela precisará pilotar o modelo. Só que não há tempo suficiente para ela tirar o brevê de vôo.

Bom, se pelo menos ela ainda estivesse saindo com caras tipo caminhoneiro, ela podia ter pedido emprestada uma placa de Largura Extra. Agora vai ter que ficar torcendo para que o corredor entre os bancos da igreja seja bem largo.

- Que diabos eu vou fazer? - Ela cospe. - Quando Jasper me vir assim, ele vai sair correndo. E daí não vai ter nada de casamento. Para mim, pelo menos.

O lábio inferior dela treme enquanto vê sua futura mansão de sonhos se desmanchar e ir ao chão, nada mais do que um monte de migalhas.

Nós três engolimos em seco, frente à monstruosidade carmim, em silêncio estupefato. Naturalmente, George é o primeiro a encontrar a língua.

- Pelo amor de Deus - ejacula. - Ela não vai se arriscar nem um pouco não, é mesmo?

Quer mesmo que você fique mais feia do que o cão. Quanto é que as pessoas ganham para dar uma de madrinha? Seja quanto for, não vale a pena.

- George - digo em tom ameaçador.

Janice está prestes a dar um ataque daqueles. Seu rosto esta revoltado. A qualquer minuto, ela vai se jogar em cima da cama, ao estilo Scarlet O'Hara, e vai começar a bater os calcanhares e a urrar.

- Por que você não experimenta? - tento acalmá-la - Talvez possamos dar um pontinho aqui e outro ali. Dar uma aparadinha no laço.

- Não vai adiantar nada - comenta George com a sutileza de um hipopótamo. - Você pode fazer o que quiser, mas ela vai continuar com cara de merengue. Pelo amor de Deus, a Kate Moss ia ficar com cara de personagem de videogame com essa produção. Já a Janice vai conseguir um bico no remake do *Titanic*.

- Ah, não sei - contemporizo, calma. - Acho que está mais para 1982 do que para 1912.

- Estou falando de um papel sem fala. - George não consegue evitar dar uma piscadela para mim. - Ela pode ficar no lugar da porra do navio.

- Fale sério - digo logo, antes que uma veia de Janice exploda. - É prerrogativa da noiva fazer com que as madrinhas pareçam o mais horrorosas possível. A Poppy não ia querer que você brilhasse mais do que ela no dia do casamento dela, não é mesmo? Não seria justo.

- Querida, com aquele vestido, ela não conseguiria brilhar mais do que um porco gordocho - George interrompe.

- Obrigada pela sua observação, George. - Digo. \_ Vamos lá, querida. Dê uma chance. Não pode ser assim tão ruim, pode? Na verdade - seguro o fôlego, será que ela vai ter que pagar por ele ou não? -, acho que a cor cai muito bem em você. E não é fisicamente possível que você fique tão feia assim. Não com o seu cabelo. E a sua silhueta linda.

Janice parece um pouco mais animada.

- Meus peitos são melhores do que os dela, não são?

- Exatamente. E ninguém pode tirá-los de você. Experimente, por favor - imploro.

- Vocês não vão rir?

- Não vamos - digo firmemente. - Agente promete. Não é mesmo, George?

- É - ele diz com uma vozinha que na verdade significa que ele está fazendo muita força para não explodir em gargalhadas agora mesmo.

Janice entra alegremente dentro da criação extravagante e deixa que eu feche o zíper.

- Certo - digo, bajulando-a com a minha vozinha de apresentadora de programa infantil.

- Dê uma voltinha para a gente ver.

Ela obedece, pela primeira vez.

- AimeuDeus - guincha George. - Você está parecendo um daqueles portas-papel-higiênico.

Depois de George desferir seu golpe final, faz-se necessário muito papo e convencimento para conseguir fazer com que Janice saia da cama. No fim, perdemos nosso trem de Paddington e precisamos esperar mais uma hora pelo próximo. Janice fica sentada, cabisbaixa, no banco na frente do Burger King, lendo a revista *Noivas* para se preparar para seu grande dia imaginário, colocando o dedo, de vez em quando, sobre imagens alternadas de modelitos lindos, descolados, sedutores e sofisticados, dizendo, cheia de amargura: "Ela bem que podia ter deixado eu usar isto aqui. Eu ia ficar linda." Enquanto ela faz isso, George fica reclamando dos problemas do transporte público. Eu me sinto um pouco como se fosse uma mãe exausta arrastando dois adolescentes ingratos para uma viagem. Pela maneira como me sinto, podia até fazer o papel de uma mãe de novela. E também estou um tantinho emputecida com a coisa toda. Afinal, sou eu quem precisa de conforto. Estou nervosa. Estamos falando da minha futura carreira. Minha reputação depende do que acontecer amanhã.

- Meu maior medo, querida, trens - George diz com a voz apagada, olhando cheio de medo para os letreiros das partidas.

- Cheios de famílias alegres comendo sanduíches de ovo que as fazem peidar e gente gritona de boné e bermuda.

- Você não pode fumar aqui - uma mulher na nossa frente, comendo um Quarteirão com Queijo, avisa, quando George acende para si um cigarro cor de violeta, cruza as pernas e solta a fumaça ostensivamente.

George a encara.

- Eu não tenho nada contra você ficar aí comendo junk food com esse casaco roxo horroroso, não é mesmo? - questiona. - Não. E por acaso estou usando uma camiseta "Nunca faça permanente em casa"? Acho que não. Então acho que você não vai se incomodar se eu fumar. Eu fumo onde bem entender, muito obrigado. E certamente não vou obedecer a ordens de gente como você.

- Desculpe-me - apresso-me em pedir desculpas. - Ele sofre de esquizofrenia profunda. Estamos levando-o de volta para o hospital agora. Aliás, você por acaso sabe de que plataforma sai o trem para Bath?

- Plataforma três - a Casaco Roxo informa friamente tirando os pickles do Quarteirão com queijo e jogando no chão.

- Por que é que você foi perguntar para ela? - dá para ouvir George reclamando enquanto nos dirigimos para o nosso trem.

- Provavelmente nunca foi mais longe do que Morden na vida. Então, você vai carregar a minha frásqueira ou não?

- Não - respondo, caminhando a passos firmes pela plataforma. Já tive minha cota do mau humor de Janice e dos ataques de George. Este é o meu grande dia. Eu preciso transformar este casamento em um sucesso ou vou ter que voltar para o ambiente das meias-calças e das bolsinhas em um piscar de olhos.

Às vezes os amigos podem ser uns cafajestes egoístas.

A medida que o trem se afasta da estação, engatamos uma conversa do tipo "Os casamentos que eu vi", em parte porque nenhum de nós lembrou de trazer alguma coisa para ler (com exceção da pornografia nupcial de Janice), e em parte para impedir que o lábio inferior de Janice ficasse tremendo sempre que sua atenção se voltasse para o monstro cor de carmim enfiado no porta-malas, fora de vista - e também porque estou definitivamente com os nervos à flor da pele só de pensar no que terei de fazer amanhã.

- Espero que não tenha aquela história de pagar as bebidas - estrila George. - E tão vulgar ...

- Duvido muito - arrisca Janice, animando-se um pouco com a perspectiva de falar mal dos outros. - O pai da Poppy adora dar show. Lembra quando ele costumava ir até a faculdade para visitar a Poppy, Katie?

- Meu Deus, lembro sim. - Dou risada, tentando não espalhar café por todo lado enquanto o trem sacoleja em direção a Reading. - Devia ser membro dos Homens que Almoçam Anônimos. Sempre nos levava todas a restaurantes maravilhosos, bem chiques.

- Era meio idiota, não era, falando sério? - pergunta ela de repente. - A gente nem gostava muito dela, e ela sempre nos convidava.

- Ah-hã. De certo modo, é bem triste.

- Você se lembra do casamento daquela Sarah-Jane, em Leeds? - Janice pergunta. - Que era um jantar mas não colocaram garrafas de vinho nas mesas? Só encheram os nossos copos umas duas vezes. Estávamos loucas para beber alguma coisa, mas não tínhamos levado dinheiro, então precisávamos ficar roubando a bebida dos outros.

- Ah-hã - eu me lembro. - Aliás, nem sei por que ficamos remotamente surpresas. A Sarah-Jane era a maior mão-de-vaca na faculdade. Ela uma vez chorou de verdade porque derrubei um drinque dela que tinha custado uma libra e vinte centavos. Lembra?

- A gente achava que ela tinha nascido com urna moeda de 50 centavos presa na bunda.
- Provavelmente ainda está lá.

\_ E ficamos putas da vida por causa de todo o dinheiro que tínhamos gastado para ir ao casamento.

- Com o que gastamos para ir lá e ficar em um quarto de hotel, dava para ter reformado o banheiro.

- É isso mesmo. E aí a gente levou o presente de volta. Lembra? Pegamos da mesa da entrada quando fomos embora e levamos direto para a loja e pedimos reembolso. E gastamos o dinheiro comendo biryanis de legume e uns keema naans no Punjab Paradise. Passe uma toalhinha, George. Derramei café nos meus peitos.

- Guardanapo. - Ele estremece. - Guardanapo. Mas não ia adiantar muito você reformar seu banheiro, não é, Katie? Já que o seu apartamento é alugado.

Prefiro ignorá-lo. De repente, Janice está muito mais animada.

E eu não quero que uma briga minha com George estrague tudo.

- Você bebeu um monte de Bacardi Breezers e deu uma chupada no padrinho por debaixo da mesa dos noivos relembro a Janice. - Daí vomitou um monte e apagou e precisamos levá-la de volta ao hotel com um monte de pedacinhos de vômito de vinho tinto grudados no cabelo.

- Sóóó.- Janice ri. - Meu Deus, não me deixe fazer isso desta vez. O Jasper teria um baita ataque. Ele odeia mulheres que se embebedam. Acha que não é feminino.

- É a cara dele.

- Desculpe?

- Nada.

- Ah - joga o cabelo para trás. - Eu sei que ele é um coitado de um velhote. E eu provavelmente vou ter que dar o cu para ele antes de colocar a mão na grana. Mas isso não é nada para vocês.

George e eu trocamos olhares arregalados e mudamos de assunto antes que fôssemos obrigados a dizer a ela que Jasper é um bundão total. Nem eu nem George teríamos vontade de passar um milissegundo com ele, nem por todo o dinheiro do mundo. Mas como Janice é minha melhor amiga e eu a amo do fundo do coração, sinto necessidade de protegê-la de minhas opiniões corrosivas para não magoá-la.

- Não se esqueça de que eu reservei um hotel para você amanhã à noite - digo a George.

- Hoje você vai ficar comigo na casa dos pais da Poppy para me ajudar a arrumar tudo.

- Espero que seja um hotel bem caro, não é? - pergunta George. - Não vou ficar em uma pousadinha úmida que fede a xixi de gato e repolho de velho e ser obrigado a comer cereal com fibras de manhã para que meu intestino funcione bem. Quer dizer, agora saímos mesmo de Londres, não se esqueça disso. Na província as regras são outras, você sabe muito bem. "Cardápio Sofisticado" significa "lá em casa, mas com uma espécie de chef mirim". Vamos ter que comer em lugares onde gastamos o maior tempão caçando pentelhos no meio da comida.

- Isso não vai acontecer.

- E todas as garçonetes usam anéis de brasão e avental cor-de-rosa listrado para combinar com o eczema.

\_ Você é tão esnobe - acuso.

\_ Não sou nada. - Ele parece completamente injuriado com tal idéia. - Uma vez, fui para a cama com um cara de Sheffield. E também já fui a Leeds. Agora tem lojas de departamentos chiques lá, sabia?

\_ Que bom para eles.

\_ E na semana passada mesmo conversei um tempão no telefone com uma pessoa do País de Gales.

- Que bom para você.

- Bom, digo conversa no sentido mais amplo da palavra, claro \_ ressalta. - Na verdade, só eu conseguia formular frases inteiras. Sabe que quando eu peguei o telefone, achei que a mulher estava falando outra língua? Só Deus sabe o que os telespectadores vão achar. Ainda assim, era uma escolha entre ela e uma mulher de peito caído de Solihull no final, então ...

- Então?

- Solihull. - George olha para mim como se eu fosse uma espécie de débil mental. - Solihull nas West Midlands? Tipo "bem pertinho de Birmingham"? Não dá para colocar gente desse lugar no programa a torto e a direito, querida. O sotaque embrulha o estômago da gente.

O trem chacoalha por Didcot e atravessa Chippenham e, entediadas, Janice e eu abrimos a cesta refinada da Fortnum que compramos para o casal feliz como presente de casamento e atacamos uma caixa de macadâmias cobertas de chocolate.

- Eles provavelmente só vão abrir os presentes quando voltarem da lua-de-mel- Janice calcula.

- Exatamente. - Enfio mais uma na boca. - E não podemos arriscar que a cesta seja largada perto de um aquecedor ou algo assim para derreter tudo, não é mesmo?

Afinal, a torre sólida da Abadia de Bath aparece na paisagem. Apressada, enrolo o celofane dourado brilhante em volta do que sobrou do presente de Poppy e Seb e amarro tudo de novo com as fitas branca e dourada.

- Você acha que eles vão reparar?

- Provavelmente não vão dar a mínima.

Um sol agitado aquece os amontoados brilhantes de construções cor de creme nas colinas que nos rodeiam quando o trem entra na estação. Bath está absolutamente adorável sob o sol de abril. Pulamos para dentro de um táxi e admiramos a paisagem, fascinados, enquanto o carro serpenteia por ruazinhas estreitas de paralelepípedos lotadas de turistas. Há estrangeiros por toda parte. Japoneses fashion com câmeras penduradas no pescoço, como se fossem máscaras de gás. Americanos gordos com tênis brancos reluzentes e roupas esportivas cor de limão. E filas de crianças francesas tagarelas com mochilas azuis e brancas idênticas nas costas.

Os pais de Poppy moram logo no limite da cidade, em uma casa enorme, bem ao estilo de Bath. Quando chegamos, um certo tipo de festividade já está rolando a toda. A mãe de Poppy, uma mulher minúscula e elegante com um tailleur creme imaculado oferece um copo de vinho temperado quando cruzamos a porta e nos cumprimenta como se fôssemos velhos bons amigos.

- Que maravilha. - Ela irradia. - A banqueteira e a madrinha. Bom, não vamos precisar nos preocupar se vocês vão ou não chegar na hora amanhã, não é mesmo? Imagino que estejam loucos para desfazer as malas.

"Não precisa", eu e George dizemos exatamente ao mesmo tempo, ao passo que Janice manda: "Aaah, por favor."

A mãe de Poppy sobe a escadaria e nos conduz ao quarto. Janice e Jasper ganharam um quarto de frente; George e eu ganhamos um para cada um nos fundos dos quais, ela nos garante, será possível enxergar o canal serpenteando pelo vale quando acordarmos amanhã. Então todos nós descemos para comer, beber e ser felizes.

- Vocês mandaram fazer uma cobertura? – pergunta George enquanto descemos os degraus, eu tentando, sem muito sucesso, não derramar o vinho em cima do tapete macio e imaculadamente amarelo.

- Não. - A mãe de Poppy sacode a cabeça. - O celeiro tem lugar de sobra. Acharmos melhor fazer toda a decoração lá. Tudo bem para você, Katie?

- Hmm. - Vi que não tinha outra escolha.

A casa está abarrotada com os parentes de Poppy, todos bebendo e rindo e dando tapinhas nas costas uns dos outros. E enquanto Poppy corre de um lado para o outro, decorando o lugar com raminhos de visco e de hera e de modo geral dando ataques de pânico em relação a cada coisinha, George, Janice e eu aproveitamos o champanhe grátis pré-casamento, entornando cada gota que colocam no nosso copo, o tempo todo, cheios de alegria.

- Então você é que é a banqueteira? - pergunta uma nadinha que mais parece um graveto alto, de vestido prateado. Ela passou purpurina branca em volta dos olhos, o que lhe confere uma aparência sobrenatural, angelical. Reparo que ela não pára de olhar por cima do meu ombro, para ver se tem alguma paquera em potencial.

- Sou. - Já a detesto à primeira vista. - E também sou uma pessoa.

- Perdão?

- Esqueça.

- Ah. - Ela parece momentaneamente confusa, então dá um tapinha no braço de um garçom de passagem e pisca os olhos cobertos de purpurina para ele, furiosamente.

- Acho que talvez você gostaria de me trazer um canapezinho, será? - pede a ele.

- Pois não, senhorita.

- Muito obrigada. - Ela sorri. Batendo as pestanas de novo. - É que, neste momento, estou com uma certa fixação oral. Estou mesmo com necessidade de colocar alguma coisa na boca.

- O que você acha do meu punho? - Janice, ao escutá-la, cochicha no meu ouvido. - Está a fim?

Mas ela não escuta. Em vez disso, estende uma mão frágil na direção da minha, sorri com os dentes, não com os olhos, e diz:

- Prazer em conhecê-la. Eu sou a Shana.

- Só podia ser - Janice diz baixinho.

Quando Shana se vira para falar com outra pessoa, Janice solta a respiração.

- Caralho. Essa aí é a maior devoradora de homens que eu já vi. É melhor que ela não venha esticar as garras para o lado do Jasper.

- Não se preocupe - afirmo. - Ela não tem a mínima chance. Para começar, não tem peito. Merda, ela está voltando.

- Estes aqui estão bem bons. - E aponta para os salgadinhos cor-de-rosa claro que são meus preferidos.

- Obrigada - digo, toda contente, apesar de tudo. - São tipo quebra-cabeça.

- Achei mesmo que eram. - E empina o narizinho lindo. - Meio ultrapassados, não é mesmo?

- Vaca - balbucia Janice.

Tento ser superior aos comentários maldosos e digo, em vez disso:

- Então, o que é que você está fazendo aqui? É amiga da Poppy?

- Prima. - E joga o cabelo para trás. - Mais ou menos. A mãe dela é prima do meu pai. É o meu pai que está ali. Conversando com a outra irmã dela.

- Qual delas? - pergunto educadamente.

- A gorda - revela, friamente, acendendo um cigarro e apontando na direção de uma mulher cheinha que usa um modelinho bem da moda em lilás. - Ali.

- Ah. - Fico surpresa com a franqueza dela.

- É. Nunca se casou, essa aí. Bom, mas dá para ver por quê, não dá?

- Acho que ela é bonita - digo, ofendida em nome da mulher. - O rosto dela é lindo.

- Nunca vai a lugar nenhum sem aquele cachorrinho, coitada - a moça diz, sem nenhuma gentileza. - Aaah, olhe só. - De repente, ela explode em ataques de risadinha

estridente que parecem um monte de sininhos de prata tocando. Não consigo evitar o pensamento de que ela tem uma risada muito bonita para alguém tão abertamente deplorável.

- O quê? - É impossível eu não virar a cabeça para olhar.

- Olhe só para aquilo! - Ela continua apontando para a mulher cheia. - A saia horrorosa dela está toda melecada. Ela está coberta de baba de cachorro, olhe só. E ela nem percebeu.

- Alguém deveria dizer para ela - afirmo, chocada com o ataque.

- Perdão. - Ela me pega olhando para ela de boca aberta e checa se há algo de errado. - Não sei se estou rindo tanto da baba do cachorro ou se é porque, para começar, ela teve coragem de colocar essa roupa pavorosa.

Afinal consigo me livrar de Shana e pego mais uma bebida. Ou três. Quando chegam onze e meia, percebo que estou completamente lesada. Hora de ir para a cama. Tenho muito a fazer amanhã e realmente não quero transformar a coisa toda em um enorme fiasco. Sigo o trajeto até o quarto e desabo na cama, sem escovar os dentes.

Já devo estar dormindo há uns 40 minutos quando acordo com alguém entrando na cama ao meu lado.

- Que porra ...?

- Chiu – fez uma voz conhecida. No escuro, não consigo ver o rosto direito.

- Sam?

- Pois não?

- É você?

- Bom, claro que sou eu. - Ele ri. - Quem mais poderia ser?

- O Johnny Depp?

- Bem que você queria, Simpson - diz ele e posso ver pela voz que está sorrindo.

- Caramba, Sam, você quase me matou de susto. Que diabos você está fazendo aqui? E tira a mão da minha bunda.

- Desculpa. - Ele se afasta. - Não tinha percebido.

- Então?

- Então o quê?

- Por que você está aqui? Você só devia chegar amanhã.

- A porra da van quebrou.

- O quê?

- Não van em si. A parte da refrigeração. E eu não queria que a comida estragasse.

Então resolvi vir para cá à noite. Fiquei lá fora com o pai da Poppy colocando gelo nos caixotes.

- Ah, Sam.

- O quê?

- Você é um amor. Muito obrigada.

- Não sou um amor. Sou um macho bruto, de sangue quente, muito obrigado. E estou às ordens.

Curvo o corpo para dar um beijo na cabeça do meu amigo. Mas como está muito escuro, o beijo acerta a boca dele.

- Desculpe.

- Sem problema.

Mas ele está sorrindo de novo. Sei pela voz dele.

- Você está rindo de mim.

- Não mais do que o normal.

- Ah, bom.

- Mas vou dizer, você é bem engraçada.

- Valeu.

Bato na cabeça dele com o travesseiro. E agora que ele me acordou, não consigo mais dormir. Estou nervosa demais por causa de amanhã.

- Acho que você vai ter que dormir aqui - balbucio. - E bem quando eu já estava achando que ia ficar com esta camona deliciosa só para mim.

- Acho que vou mesmo - confirma ele. - Desculpe.

Matamos tempo conversando sobre os tempos de escola.

- Lembra aquele casaco de feltro horroroso com mangas de couro branco que você sempre usava? - tiro um sarro.

- Meu casaco de beisebol? - pergunta ele. - Eu adorava aquele negócio.

- Era pavoroso.

- Não era tão horrível quanto aquela sainha amarelo-ácido que você usou na boate da escola.

- É verdade. - dou risada. - Você ficou tirando sarro da minha cara durante semanas.

- Não, não fiquei.

- Ficou sim.

- Não fiquei, não. - Ele parece magoado. - Foi o Mike McDonald. Eu a defendi, sabia? Disse que não tinha sido sua culpa. Que você tinha problemas de estilo.

- Ho ho.

- E ainda disse que as suas pernas não tinham nada a ver com patas de galinha.

- Haha.

- Estou brincando. Para falar a verdade, sempre achei que as suas pernas eram bem bacanas.

- Paquerador.

Mas apesar de tudo, de repente sinto uma vontade incontrolável de beijá-lo. Com certeza está perto o bastante para isso. Mas ele é o Sam. E isso seria muita estupidez. É só porque estou nervosa. E ele é familiar demais.

- Lembra quando você furou a parte de cima da orelha? - digo apressada, como que para esquecer o fato de que ele está ali deitado, tão pertinho. - Minha mãe disse que você era pior do que uma praga.

- E quando o seu pai pegou a gente fumando no barracão ...

Agora ele está ainda mais perto.

- Você se lembra de quando eu quebrei seu disco do Culture Club na sua cabeça porque você contou para todo mundo que tinha lido meu diário?

- Hmmm. Provavelmente foi mesmo o melhor lugar para ele. Aliás, eu não li. - E me dá um beliscãozinho afetuoso na bochecha.

- Eu sei. - Tiro uma mecha de cabelo que caiu sobre o rosto dele. - Se tivesse lido, você não estaria falando comigo agora. Você precisava ver as coisas que eu escrevia sobre você.

- Ah é? - Ele ri.

- É. - Eu sorrio.

E, de repente, estamos tão próximos que nosso rosto quase encosta. Por um nanossegundo maluco, fico achando que ele vai me beijar.

Então, lembro.

Este é o Sam. Meu melhor amigo. Não um qualquer para fazer uma marquinha na cabeceira da cama.

E eu não escovei os dentes. Dê só uma olhada em mim. Que diabos estou fazendo? Devo estar fedendo a álcool.

Afasto-me de um pulo.



- Isso aí - digo.
  - É - diz Sam, ao mesmo tempo.
- Então olhamos um para o outro.
- Vamos dormir.

DEZ

Acordo na manhã seguinte com marreta martelando nas minhas têmporas, por causa do champanhe de ontem à noite. O lado da cama de Sam está vazio. Grunhindo, arrasto-me escada abaixo; George, usando apenas uma cuequinha justa e um par de chinelos cor-de-rosa felpudos, está parado na cozinha, colocando açúcar em uma enorme xícara de café.

- Tudo certo?

- De ressaca. - Ele joga a cabeça para trás e aponta para os olhos, mostrando como estão vermelhos. - Meu bafo é um fedor só. Ainda assim, é melhor mostrar boa vontade, acho, querida. Pronto, aqui está. - E coloca uma taça de champs na minha mão.

- Meu Deus. Já?

- Beber para curar a ressaca. Beber para curar a porra da ressaca. AimeuDeus. - De repente ele se levanta e olha através da janela. - OLHE.

- O quê?

- Ele chegou. Meu queridinho chegou, porra.

E com isso, sai correndo pelo jardim da frente de cueca, dando o maior show na frente da mãe e do pai de Poppy, além de outros convidados reunidos, e dá um enorme abraço de boas vindas em um David levemente atordoado. E, de certo modo, para minha surpresa, isso faz com que eu me sinta um pouco esquisita. Um pouco como eu costumava me sentir quando Jake e eu íamos ver algum filme meloso e quando chegava ao fim eu de repente percebia que estava soluçando e com os olhos molhados. E não por estar triste ou particularmente feliz nem nada, mas porque eu conhecia Jake e nós simplesmente não éramos daquele jeito, nem nunca seríamos.

Bom, como agora nós com certeza não vamos ser mesmo, não adianta nada ficar pensando no assunto. Mas, enquanto vejo David e George se abraçando e rodopiando no jardim, de repente percebo ...

- Ele o ama - digo em voz alta para mim mesma. - George o ama de verdade. - Isso é inédito. Até agora, a única pessoa que George já amou foi ele mesmo. E não consigo evitar sentir um pouquinho de ciúme. Sei que é infantil mas significa que vou receber muito menos atenção de George a partir de agora. Claro que finjo não me importar, tirando o maior sarro da cara deles ao anunciar como é nojento eles estarem apaixonados de um jeito tão brega.

Janice acorda tarde. A cara dela parece uma bunda amassada de novo. Acho que é de pensar que vai ter que usar aquele vestido horroroso.

- Jasper ainda não chegou? - pergunto a ela.

- Não. - Ela sacode a cabeça. - Ele vem para a cerimônia religiosa. Teve que trabalhar hoje de manhã, o velho enrolão.
- Seu pai, querida? - a mãe de Poppy lhe entrega uma xícara de chá English Breakfast.
- Namorado - Janice a corrige.
- Mesma idade - arremeda George.
- Já que você diz. - Janice lança-lhe um olhar. - Eu não tenho como saber.
- Você disse que ele tinha sessenta e tantos.
- Ela estava falando do pai, idiota - digo, brava. – Não do Jasper.

Há um certo tumulto na porta quando o cachorrinho babão da noite passada e um grande golden retriever latem para alguém que está chegando. É Sam, claro. No minuto que o vejo, meu estômago dá cambalhotas com a lembrança de nossa proximidade na noite passada. Ele fez com que eu me sentisse segura. Mas daí reparo que, atrás dele, vem aquela criatura Shana horrorosa da noite passada.

O bom e velho Sam. Nunca vai mudar.

\_ Fomos dar uma caminhada - anuncia a Shana de cara limpa para o pessoal reunido, sorrindo para Sam como se fossem os melhores amigos a vida toda.

\_ Por que é que ela não pára de fazer bico? - David solta e eu rio, contente. Agora me lembrei por que gostei tanto dele em primeiro lugar. A capacidade dele de ser fofo e cortante ao mesmo tempo realmente é um charme. E, de repente, o fato de que eu fui totalmente incapaz de ficar com ele já não importa nem mais um pouco. Ele é tão legal que eu finalmente consigo esquecer toda a humilhação por que passei.

Corro de um lado para o outro a manhã toda, assegurandome que a preparação da comida está mesmo encaminhada. Sam e David insistem para que eu vá à cerimônia religiosa, que é o que Poppy quer. Eles cuidam de tudo até eu voltar. George diz que vai à igreja comigo. Explica que adora um bom casamento. Em particular, chego à conclusão de que ele quer mesmo é escapar do serviço, mas já ajudou tanto, do jeito dele, que não posso proibi-la de ir. Em vez disso, mordo o lábio e não digo nada enquanto ele arranja a tiara incrustada da avó sobre o corte de cabelo máquina dois em um ângulo criativo, arruma a gravata rosa cor de camarão e enfia uma gérbera na lapela. Então tiro a meia-calça que entrou na bunda, nos damos os braços e passamos na frente do bar ao lado do canal, onde os convidados estão tomando um chope pré-nupcial, e percorremos o caminho até a igreja do vilarejo.

Poppy chega atrasada, como de praxe, deixando o meu estômago ainda mais revirado de aflição. E se Sam se esquecer de abrir o vinho tinto? E se David não colocar as ostras no gelo e as pessoas não tiverem nada para petiscar quando chegarem? Será que vão se lembrar de tirar os sanduíches de salmão defumado da geladeira a tempo? E se os pudins secarem? E se eu me esquecer de alguma coisa? E se...

- Acalme-se. - George coloca a mão reconfortante no meu braço.

O organista dedilha as notas de abertura de Handel e a noiva e as madrinhas, uma flotilha de morango e creme, entram navegando pela igreja sobre um tapete de pétalas de rosas vermelhas.

- Oooh. - George cutuca a minha cintura. - Olhe só para a Janice. Ela exala todo o glamour de um carro velho.

- Chiu - assobio, quando uma mulher na fileira da frente, cheirando a naftalina e com um chapéu que mais parece um bolo confeitado, vira-se para trás e dá uma secada em nós com olhos de doce cozido. Aperto os dentes para deter uma onda de riso que vem subindo pelo meu esôfago e olho para os meus dedos do pé, que se projetam, roxos de frio e com as unhas pintadas de marrom-chocolate, de um sapato de salto alto ridículo,

de mulherzinha. Ah, como eu queria estar usando um bom par de botas Timberland. Estou gelada até os ossos aqui. Preciso ficar me beliscando para ver se a pele ainda não congelou.

Seb está em pé ao lado do altar, com um enorme sorriso de quem comeu e gostou. Quando Poppy chega ao lado dele, ele pega a mãozinha dela, e o reverendo faz um sinal educado para que Janice se afaste para o lado porque o enorme laço que enfeita a bunda dela está atrapalhando a visão da igreja inteira. Janice passa o resto da cerimônia com cara de buldogue insatisfeito, enquanto George se refestela enormemente, cantarolando "All Things Bright and Beautiful" com um voz tonta em falsete para chamar atenção, acende um cigarro durante "Jerusalém" e cochicha para todo mundo ouvir, em diversos intervalos durante o sermão: "Tum. É o barulho dos meus peitos caindo de tanto tédio."

Particularmente, estou muito feliz de ter tomado juízo. Ah, sim, é tudo muito romântico. E há um ano, eu provavelmente estaria verde de inveja enquanto Seb, um clichê alto, moreno, bonito, com cartola e fraque, e Poppy, frágil, elegante e com cara de quem está prestes a dançar a Valsa dos Flocos de Neve em seu invólucro de seda pura, pontilhado com milhares de cristais iridescentes minúsculos, assinam o livro de registros enquanto o coral vai engasgando pela versão duvidosa de "Pie Jesu". Eu estaria tão envolvida com o ar romântico da coisa toda que nem teria reparado no frio, que está me deixando mesmo toda arrepiada. Eu estaria desejando ardentemente que toda esta pompa e cerimônia fossem para mim. Fantasiando que as duas daminhas, botõezinhos de rosa meigos com vestidos de veludo vermelho, e as madrinhas, mais velhas, magras e sem sal como cabides, ao lado do cabelão e das curvas de Janice, estivessem lá para *me* homenagear. Sonhando com a minha própria igreja coberta de pétalas de rosas vermelhas e de confete cor-de-rosa em formato de coração. E quando o casal feliz despenda no pátio da igreja, onde florzinhas do campo amarelas salpicam o gramado, agradeço a Deus por ter percebido que o casamento tem todo o charme de um cocô de cachorro fresquinho.

Quer dizer, que porra. Podíamos ser eu e Jake ali, assinando o final da nossa sanidade com uma caneta Bic.

Jake.

Está bem, então, para ser perfeitamente honesta, preciso dizer que sempre que penso em Jake ainda sinto uma coisa meio esquisita, meio melancólica, no estômago.

principalmente quando me lembro de que ele tem um pirralho no forno. Isso dá uma dimensão totalmente diferente às coisas. Se eu o quisesse de volta (mas, obviamente, não quero), haveria uma outra pessoa inteira a ser levada em consideração.

Pelo menos descobri essa porcaria toda antes que fosse tarde demais. Mas o casal perfeito Poppy e Seb é uma história totalmente diferente. Como é que eles podem ter certeza de que serão felizes pelo resto da vidinha imaculada deles? Sebastian, afinal de contas, é homem. Tem um pênis. Então, quem é que pode garantir que, quando declarou publicamente que ele (Sebastian Willoughby Gentle) será fiel a Poppy Cassandra Latimer por todos os dias de sua vida, não estava com os dedos da outra mão, enfiada no bolso, cruzados, pensando: "Até voltarmos de Aruba ou de Antígua ou da porra de Acapulco, sei lá aonde ela resolveu que a gente vai, quando eu pegar um bronzado que baste para convencer a Monica da contabilidade a tirar as calcinhas."

Quando a comitiva do casamento começa a posar para as fotos sob o arco todo enfeitado, saio de fininho da igreja, aproveitando para mostrar a língua para Janice, em uma tentativa desajeitada de fazer com que ela ache graça naquilo. Em vão. Ela está acabada. De volta à casa, fico imensamente aliviada ao descobrir que, sem George para

atrapalhar, David e Sam fizeram um ótimo trabalho. As ostras que eu tirei da casca segundos antes de sair para a cerimônia estão empilhadas em bandejas de prata redondas, e travessas de sanduíches em miniatura de salmão defumado e pão integral sem casca foram distribuídas, como eu mandei, por todo o celeiro. Calculei que as pessoas ficariam menos bêbadas se estivessem com o estômago forrado antes de começar a encher a cara. Sam, que não consegue deixar sua porção RP de lado, me encheu de orgulho com a decoração. O celeiro brilha com centenas de velas de igreja com chamas bruxuleantes, que enfeitam cada mesa e cada parapeito de janela, lançando sombras românticas sobre as antigas paredes de pedra. No centro há um laguinho de pedra, que no passado serviu de bebedouro de gado e hoje é uma massa de velas flutuantes prateadas e douradas e tufinhos coloridos de roxo imperial e carmim profundo. Cerca de trinta mesas redondas aglomeram-se em volta do laguinho, cobertas com toalhas de seda coloridas: verde-oliva, azul-pavão, dourado, prateado, carmim, índigo, verde-floresta. Mais velas, desta vez em candelabros de ferro batido, encontram-se no centro de cada mesa, fornecendo uma atmosfera gótica ao ambiente, e um monte de rosas vermelhas, representando o amor, com os botões amarrados bem juntinhos, formando uma massa de carmim profundo, espalham-se por todos os cantos. Os pratos e copos, que Sam fez aparecer de algum jeito, como que por mágica, dão o toque final. Iridescentes e coloridos como jóias em turquesa, esmeralda, rubi, safira e âmbar, combinam com tudo perfeitamente. Anjinhos minúsculos, dourados e prateados, enfeitam as costas das cadeiras de ferro batido, assim como as caixinhas que enfeitam cada prato e que contêm chocolates em forma de coração, drágeas prateadas e gengibre com cobertura de chocolate – tudo feito a mão por mim.

- Está perfeito - suspiro, com um carço na garganta. Absolutamente perfeito. Obrigada, Sam. E David. Vocês fizeram maravilhas. Obrigada aos dois, mesmo, mesmo.

Nós nos abraçamos enquanto eu tento digerir a roupa de garçom que colocaram especialmente para a situação. Os dois estão lindos e fico aliviada de descobrir que Sam está se comportando de maneira totalmente normal. George, é claro, recusase a trocar de roupa. Ele pode até ter que atuar de garçom por um dia, mas isso não significa, de jeito nenhum, que ele vai ficar com cara de garçom. Coloco um vestido preto de alcinha simples e prendo o cabelo em uma grande trança cor de laranja, para que fique longe da comida.

- Você não vai usar isto. - Sam, colocando abotoaduras prateadas, vem caminhando pelo corredor quando eu saio do quarto.

- Qual é o problema?

- Está perfeito. Você vai chamar mais atenção do que a noiva.

- Há ha.

- Estou falando sério. Você está ótima.

- Estou?

- Está.

- Estou me cagando nas calças.

- Vai dar tudo certo. - Ele me abraça e, por uma fração de segundo, me sinto toda esquisita por dentro de novo. Mas quando nos afastamos, ele está sorrindo para mim. - Boa sorte, Simpson.

- Boa sorte para você também. Você é o garçom. Ah, e se você por acaso derramar sopa no colo de alguma dama, por favor segure-se e não pergunte se pode lamber. Não cai muito bem em círculos refinados.

Sam me dá um tapa nas costas de brincadeira. As pessoas começam a chegar da igreja e a entrar no celeiro. Damas com chapéus floridos, envoltas em tergal dos pés à cabeça. Senhores de terno, eretos ao lado das esposas e parecendo tão encurralados quanto

passarinhos na gaiola. Pais exaustos. Mães elegantes. Solteiros disponíveis. E muitas e muitas loiras. Loiras peitudas. Loiras narigudas. Loiras vestidas de creme para ofuscar a noiva e loiras com bronzeado artificial e chapéus com penas tingidas de turquesa, todo mundo vai entrando, agarrando taças de champanhe com avidez e tagarelando como matracas. Durante a hora seguinte, Sam, George e David, cheios de uma energia maníaca, vão do celeiro à cozinha e da cozinha ao celeiro, servindo bebidas, entregando ostras, colocando Tabasco, espremendo limões e distribuindo sanduíches de salmão, enquanto eu entro em pânico e dou chiliques na preparação das entradas.

- Meu Deus, olhe só para isso. - George, que voltou para pegar mais sanduíches, fala alto, com desaprovação, enquanto uma mulher com seus 30 e tantos anos exhibe nos braços uma criança rosada de uns seis meses para todo mundo elogiar. Há tanta criança por ali que o ar cheira a leite materno, e não a coquetel de feromônios, como eu esperava, mas não dá para ficar pensando nisso agora. Tenho que servir uma refeição.

- As porras dos reprodutores marcando seu terreno – prossegue George. - É isso mesmo - diz, com escárnio. - Não é um amor? Que pena que nem todos nós podemos ter um desses. Mas você bem sabe que ela não devia ficar exibindo a criança deste jeito. Se ela não tomar cuidado, alguém vai roubá-la.

- É um bebê - observo, entregando-lhe mais uma garrafa de champanhe e enxotando-o na direção de uma multidão louca para beber. - Não é um carro conversível.

- E a mãe é tão ordinária quanto chocolate barato – sibila ele. - Ela está usando aquelas botas horrorosas de vagabunda.

Olhe só.

George tem preconceito contra quem usa botas que vão até o joelho. Ele não agüenta olhar para elas. Acha que tem alguma coisa a ver com a higiene pessoal. Ou a falta dela. Só Deus sabe por quê.

De volta à cozinha, tiro assadeiras cheias de tortinhas de caranguejo redondinhas do forno quente e as arrumo rapidamente sobre pratos com folhas variadas e geléia de tomate picante. Mal dá tempo de enxugar o suor do rosto e é a vez das verduras. Para elas, queijo de cabra e tomate seco envolto em massa crocante. À medida que os rapazes vão servindo os pratos, vou checando os medalhões de cordeiro que assam lentamente com galhos de alecrim e dentes de alho inteiros no fogão a lenha da mãe de Poppy. Pico hortelã fresca, rego batatas assadas e refogo cubos de pancetta com manteiga e vagem. Frito pimentões amarelos, cebolas vermelhas, bulbos de erva-doce e alho com quantidades generosas de óleo. Estremeço quando o recém-chegado Jasper, que Janice ainda não viu (agora ela está feliz da vida depois de se livrar da fantasia de joaninha, desfilando com um vestido de festa verde cintilante), pisca para mim, belisca meu bumbum e me deseja sorte.

Faço sinal de positivo para Sam, George e David e sorrio ao pescar pedacinhos de conversa nas mesas. Todo mundo está lá. A lista de convidados normal de qualquer casamento. Aqueles que se esqueceram de que saíram da escola há mais de dez anos e ainda sentem a necessidade de perguntar a todo mundo onde estudaram, só para poder avaliar o *status* social de cada um. Aqueles que gostam de transformar qualquer conversa em competição. Gente que não tem nada a dizer e fica falando de trabalho. Aqueles que acham que estão em uma entrevista de emprego e não param de perguntar a cada uma das pessoas da mesa onde elas acham que estarão, exatamente, daqui a cinco anos. E daí tem aqueles que são iguais a mim. Solteiros, sozinhos, deslocados, como uma governanta de férias no Club Med. Voltando sua atenção para coisas mais importantes como o gim com tônica grátis e olhando em volta furtivamente, morrendo

de vontade de acender um cigarro mas sem querer cometer a gafe social de ser o primeiro a acender um. Todas as moças solteiras foram colocadas, de acordo com a etiqueta dos casamentos, a pouquíssima distância da mesa dos gostosões. Enquanto todo mundo ataca a entrada, colocando cada vez mais vinho no copo um do outro, um zumbido de apreciação toma conta do celeiro e eu capto murmúrios de "que delícia" e "que maravilha" quando as tortinhas de caranguejo são mastigadas e meu molho especial de salada é saboreado. E está bem certo, também. Isto aqui não é a porcaria de cantina de escola que a gente costuma comer em casamentos. Tipo hambúrgueres perfeitamente redondos de peru. Purê de batata instantâneo servido com concha de sorvete. Cenouras apimentadas. Molho empelotado. Ervilhas congeladas. Ah, não. Minha gororoba está à altura do Ritz, pelo menos. Quando o prato principal chega ao fim, não sobra nenhuma migalha nos pratos. E, é preciso reconhecer, estou silenciosamente emocionada.

É hora da minha *piece de resistance*. A versão adulta da velha receita preferida da escola. Pasta de Chocolate. Só que a minha pasta de chocolate é mais escura, suculenta, saborosa, macia e mil vezes mais pecadora do que sua predecessora, com um toque de creme grosso por cima que mal pinga da colher. Ou então, há pudins de torrão individuais, servidos com porções de calda de caramelo. É melhor do que sexo. E enquanto tiramos os pratos, trazemos café e chocalatinhos com menta e pegamos mais champanhe, Poppy vem correndo, tropeçando no vestido de princesa-fadinha, para me parabenizar. Eu fiz o dia dela. Foi um sucesso. Estou com tudo. Sou uma estrela. Mas só quando os discursos terminam é que eu me dou ao luxo de relaxar. E, quando o casal divino, Poppy e Seb, toma a pista para dançar "My Funny Valentine", vejo Sam e Shana conversando. Ela olha para ele com a cabeça um pouco erguida e olhar de adoração, do mesmo jeito que fez com os homens que rodeou na noite passada. Eu quase não consigo assistir àquilo.

- Vaca - Janice, ao me ver espionando o par, diz, cheia de crítica. - Olhe só para ela. Por que ela não pega logo e fala diretamente: "Aaah, Sam, acho mesmo que seu rosto ficaria bem mais bonito se eu estivesse sentada em cima dele."

Ela sempre sabe o que dizer. Ela e Jasper passam o resto da noite se agarrando no jardim de inverno, que Sam e David encheram de lanternas chinesas vermelhas e luzinhas vermelhas e verdes. Observo com desgosto fascinado enquanto eles dão um ao outro damascos e figos de uma tigela, em algum tipo de ritual pré-coito frenético. Bom, eu digo pré-coito. De acordo com Janice, ela ainda não precisou ir para a cama com ele. Há uns dias, ela me contou com todos os detalhes o que aconteceu com um carinho que ela catou no supermercado.

- Mas ele não tem como descobrir, não é mesmo? – ela me perguntou. - Estou falando do Jasper.

- Acho que não. - Suspirei. - Então, você acha mesmo que ele é tão repulsivo assim? Quer dizer, eu sei que ele é bem mais velho do que a gente, mas ele é mesmo tão mau assim?

- Não é isso - respondeu ela. - É só que, se eu entregar tudo logo, ele vai fugir rapidinho. Então, preciso ir me virando de outro jeito, se é que você me entende.

Assenti com a cabeça. Eu entendia muito bem. Não dava para achar que uma garota como ela, tão acostumada a sair com um monte de caras, pudesse ficar mais de um mês sem sexo.

Portanto, enquanto Janice tenta tomar para si um lugar nas afeições (e portanto na carteira) de Jasper, com frutas e beijos roubados, eu assisto, dura de tédio, quando Shana cruza uma tira de linguini sobre a outra e joga a juba dourada para trás, tremendo de tanto rir a cada piadinha que Sam faz. Quem me salva é Poppy, que vem conversar

comigo de novo. Essa história de servir comida é bacana. Preciso pensar em um nome para a minha empresa. Comidinhas Caprichadas, talvez? Nada mau.

Desta vez, no entanto, não é para dar parabéns que ela vem atrás de mim.

- Katie, graças a Deus que você está aqui. É o George.

- O George? Ele está passando mal?

- Não. Foi acusado de roubo por um dos amigos da mãe do Seb.

- De roubo? De roubar o quê?

- Um bebê.

Jesus Cristo. Por que essas coisas acontecem comigo?

Olho em volta à procura de David, mas ele não está à vista. E Poppy está preocupada.

Será que posso acompanhá-la? Agora?

Put a porra que pariu.

Sinto lá no fundo que tudo pode dar errado. Só podia ser o George para fazer de tudo para estragar o meu grande dia.

Mas também não dá para me responsabilizar pelo comportamento de George, não é mesmo? Quer dizer, no final das contas, sou só a cozinheira. Então, desde que eu não envenene ninguém, está tudo certo. Não está?

Ou será que eu automaticamente aceitei a responsabilidade pelo comportamento de Sam, George e David quando pedi que me ajudassem e trabalhassem de garçons naquele dia? Se for assim, então está tudo errado. Eu não sou confiável o bastante para poder ter responsabilidade por qualquer outra pessoa. Não dá para confiar em mim nem para trocar o absorvente interno, pelo amor de Deus.

George está empoleirado entre as pias de mármore "dele" e "dela" no banheiro da mãe de Poppy, com um cigarro rosashocking em uma mão, uma tiara brilhante na outra.

Uma loira com penteado de abacaxi, sapatos de salto agulha de couro roxo lustrado e um vestido-aventil branco de cetim com um sutiã que aumenta os peitos e praticamente mais nada por baixo tenta acalmar um bebê nojento, coberto de catarro, que grita tanto que a boca já virou um quadrado perfeito. Por um instante, esqueço a existência de George e não consigo parar de olhar para aquilo, imaginando se as bochechas da criança vão se abrir como pêssegos maduros demais. É uma cena verdadeiramente horrorosa.

- Pronto, pronto. - Ela faz um agradinho no queixo da criança com um raminho de cereja falso. - Tadinha da Chanel.

Não se preocupe, meu amor. A mamãe já está com você.

- Chanel? - George franze o nariz de desgosto. - Acho que está mais para Lojinha da Esquina, seria mais apropriado. Coitadinha. Acho que essa roupa aí não pode ser classificada como couture, querida. Na verdade, duvido que se possa dizer que é algo comprado em uma boutique. Se não me engano, você pegou isso aí na gôndola dos descontos. E, ainda por cima, está manchado.

- Desculpe - digo a ela. Que porra George está fazendo? Ele quer que o meu negócio deslanche ou não? Não tenho condições de aceitar que um dos meus garçons se comporte desta maneira no meu primeiro serviço. Deste jeito, nunca vai dar certo.

- Você tentou roubar o bebê? - suspiro, ficando toda esquentada e de joelho mole, quando de repente me lembro do pedido que me fez no Ano-Novo para alugar meu útero um pouquinho. E agora que ele resolveu que o David é a melhor coisa que apareceu desde a polenta instantânea, seu instinto paterno deve estar ainda mais forte.

- Claro que não - debocha.

Solto um suspiro de alívio.

- Olhe só para ela, pelo amor de Deus - cospe. - Nem é um bebê muito legal. A estrutura óssea dela é uma porcaria. O maxilar não está com nada, olhe.

Mas a mãe de Chanel tem outras idéias.

- Eu peguei esse sujeito desfilando com ela na frente do espelho, para cima e para baixo - acusa. - E estava segurando pela gola da roupinha. Como se ela fosse a porcaria de um gato.

Acho que está mais para uma bolsa.

Caramba.

- Pela última vez - George ergue as sobrancelhas para o céu. - Eu não estava roubando o bebê. Eu só peguei emprestado. - Parece decepcionado. - Queria ver se combinava com a minha gravata, querida. E como era o tom de rosa completamente errado, já estava voltando para devolver. Não se preocupe - reconforta a mãe. - Não foi nada pessoal. Se eu soubesse que era sua, não teria encostado nela nem com uma vara de três metros. Ah, estava muito fofa mesmo, deitada lá naquele quarto. balbuciando em cima de uma colcha Georgina Von Etzdorf, querida, mas se eu soubesse de onde vinha, teria pensado duas vezes antes de pegar emprestada, estou dizendo.

- George.

- Quer dizer, a frase "o pior do que existe na genética" me vem à mente, preciso reconhecer. E olha que uma frase dessas não é algo que eu diga sempre.

- George. Chega.

-E acho que eu gostaria que a minha filha crescesse sabendo a diferença entre almoço e jantar, muito obrigado.

Por sorte, alguma tonta bulímica com um vestido esvoaçante cor de lavanda escolhe aquele exato momento para entrar correndo e despejar toda a refeição, de modo que no meio do tumulto que se segue todo mundo tenta sair da frente para fugir dos respingos de vômito e eu aproveito para agarrar George pelos punhos e corro escada abaixo com ele para procurar David. Mas não sem que uma mulher da fila olhe para mim, apontando com a cabeça para o cubículo onde a vomitança se desenrola, e dizer:

- Com certeza foi as ostras, aposto.

- *Foram* as ostras - corrijo, sem pensar. - E não, não foram. Elas são absolutamente frescas.

- Tem gente que é fogo! - digo a George enquanto o conduzo à força, de volta ao celeiro. Ele vai reclamando o caminho todo. Não é justo. Algumas pessoas não deveriam poder procriar. Aquela maravilha, coitadinha e sem queixo, lá em cima vai crescer achando que fazer compras no shopping center é o máximo da sofisticação. E dá dó de pensar na vida que ele e David poderiam ter dado a ela, se fosse um pouquinho mais bonitinha.

Não consigo ficar brava com ele durante muito tempo. Afinal, não houve nenhum estrago. E quando ele vê David dançando Steps sozinho e corre para lhe dar um enorme abraço, eu, com um carão na garganta pela segunda vez no dia, consigo perdoá-lo por qualquer coisa.

Além disso, as pessoas, até a senhora com chapéu de bolo confeitado da igreja, não param de me cumprimentar porque a comida estava mesmo maravilhosa. Minha primeira empreitada foi um sucesso total e completo. Distribuí inúmeros cartões de visita e já marquei mais dois eventos. E, quando me olho no espelho naquela noite, cansada demais para me preocupar em tirar a maquiagem, dou uma piscadela e um enorme sorriso para o meu reflexo.

- Katie Simpson - enuncio -, você meteu as caras e se deu bem.

Tomo o trem de volta para Londres sozinha. Estou animada demais para ficar muito tempo em Bath. Quero fazer planos e pensar. Escolher um nome para a minha empresa. Onde fazer propaganda, esse tipo de coisa. E, logo logo, é provável que eu precise alugar um escritório. Encontrar uma casa com uma cozinha maior.



Estou tão animada que nem consigo esperar.

Estou tão feliz comigo mesma que mal reparo que a viagem é tão divertida quanto salmonela. Gente jovem, enjoativa e bem ajustada que passou o fim de semana fora para se divertir enche os vagões com seus cappuccinos, jornais de domingo e conversa irritantemente animada. Mas eu nem ligo. Tudo bem, tenho sérios problemas de ocupação de espaço com o cara sentado à minha frente, que parece achar que é perfeitamente aceitável esticar os pés (de docksiders, reparo - que nojo) até que se acomodem embaixo do meu assento. Onde, precisamente, ele acha que eu vou colocar os meus? Ficar encarando o sujeito com os dentes à mostra, como um cachorro raivoso, mostra-se algo totalmente ineficiente, de modo que, no fim, sou obrigada a atingi-la com força extrema com o calcanhar do meu Nike, ao mesmo tempo em que folheio uma revista como quem não quer nada, fingindo estar muito envolvida com uma reportagem sobre aumento de seios. E, quando ele recolhe os pés com o rosto contorcido de dor e surpresa, já me coloco lá, esticando as pernas o máximo possível e tão rápido que quase acerto o saco dele. E fico lá, sentada, cheia de triunfo vazio, sem ousar a me mover, nem mesmo para dar uma olhada em quem entrou no banheiro, por medo de perder um centímetro do Espaço Que Me Cabe.

Ah, e toda hora que mexo meus pés, sinto-os latejarem horivelmente. E não estou exatamente à vontade porque, graças às quantidades copiosas de álcool que consumi para comemorar meu sucesso da noite passada, estou me sentindo levemente nauseada, mas mesmo assim não me sinto tão mal como normalmente acontece. Fico repetindo para mim mesma como consegui chegar tão longe em tão pouco tempo. Pego o metrô de volta para Balham. Ao trocar de linha em Stockwell, fico contente ao perceber que, pela primeira vez em cerca de um ano, de acordo com a minha experiência, um trem chega em um minuto. Brilhante. Um bom presságio. Infelizmente, não estou exatamente pronta para ele. De repente, me sinto tão enjoada que não tenho coragem de subir, para não mandar a sobremesa toda para o chão do vagão. O que é a maior sorte, como descubro logo a seguir, porque as portas acabaram de se fechar quando eu sinto aquela saliva fina encher minhas bochechas e eu de repente sei (simplesmente sei) que vou botar para fora todas aquelas bolachas.

Merda, puta que pariu, merda. Que diabos eu vou fazer? Não dá para vomitar no meio da plataforma, na frente de um trem cheio de passageiros de olhos esbugalhados, dá? Dá?

Então, tenho uma iluminação. Às vezes, digo a mim mesma, sou um gênio da porra. Penso rápido e, sorrateira, abro a bolsa e mando ver lá dentro, em vez de dar vexame. E, como a bolsa é minha, não é bem um modelo de mulherzinha, mas sim alguma coisa mais parecida com uma mochila preta espaçosa, fico totalmente escondida enquanto chamo o Hugo. E, enquanto vomito silenciosamente nas minhas chaves, no meu celular, na minha reserva de chocolate e na minha agenda, para o mundo parece simplesmente que estou procurando alguma coisa lá dentro, como um chiclete perdido ou uma caixinha de balas.

É claro que, quando o próximo trem vai se aproximando e eu percebo que, ao chegar em casa, vou ter que enfiar a mão lá dentro daquela meleca toda para pegar as chaves, vejo que meu plano tinha algumas falhas, mas agora já é um pouco tarde demais. Empino o nariz para ganhar confiança (o quê? Vômito na minha bolsa? Eu?), junto meus pertences e entro no trem, empurrando duas pessoas que estavam na minha frente, determinada a pegar o único assento disponível e me botando firmemente nele.

- Oi - diz a pessoa sentada ao meu lado. - Katie, não é mesmo?

Viro a cabeça, dolorosamente ciente do meu hálito podre e fechando a bolsa bem rápido para não correr o risco de banhar os passageiros sentados à minha frente com uma mistura de vinho tinto vomitado e chocolate empapado.

Caralho.

É o Max.

## ONZE

Fico extremamente surpresa ao perceber que Max parece culpar-se inteiramente pela maneira lamentável como nosso entreviro terminou no meu aniversário. E, enquanto atravessamos Clapham Common chacoalhando, ele confessa que, na verdade, nunca descobriu por que eu resolvi derrubar a casa de tanto gritar naquela noite. Pensou em perguntar a Janice no trabalho, mas, depois que ela o classificou de estuprador serial na minha festa, ele passou a se sentir incomodado na presença dela.

Dou risadinhas nervosas.

Quando o trem vai se aproximando de Balham, um silêncio constrangedor toma conta do ambiente, ao percebermos que é ali que eu desço. Um de nós tem que dar o primeiro passo agora ou então, provavelmente, nunca mais nos veremos. O que seria uma pena. Porque, do meu ponto de vista, Max continua bem traçável. E, agora que comecei, gostaria muito de terminar.

Bom, mas pode ter muita certeza que não serei eu a dar o primeiro passo. Já me fiz de completa idiota uma vez. Não quero me arriscar a ser rejeitada e ficar me sentindo como uma tonta depois, como inevitavelmente acontece.

- Tchauzinho. - Levanto-me para descer do trem, segurando firme as alças da bolsa para evitar que seu conteúdo respingue.

- Olha. - Ele me puxa de volta, bem quando as portas estão se fechando, mas pensa melhor e, de um pulo, sai atrás de mim.

- Cuidado - digo, segurando a bolsa.

Ele parece um tanto surpreso, mas determinado a seguir em frente com o que tem a dizer. Parece nervoso, o que quase faz com que eu o despreze, mas espero para ver o que tem em mente.

- Acho que você não deve estar a fim de fazer alguma coisa, está?

- Tipo o quê? - Mantenho minha calma, tentando parecer um tanto entediada, como se ser convidada para sair com alguém tão gostoso quanto Max em uma estação de metrô fosse algo que acontecesse todo dia.

- Podíamos dar uma passada no Bedford. Comer uma torta e tomar uma cerveja.

Almoço de domingo. Qualquer coisa que você quiser.

- Não sei. - Mordo o lábio. A mim, parece ser uma certa perda de tempo ter que passar pela rotina da conversa trivial sobre um prato de rosbife e uma bolsa cheia de vômito só

para podermos terminar o que havíamos começado. E se descobrirmos que não valia a pena terminar?

Por outro lado, estou verde de fome.

E suponho que haja mais do que um bocadinho de verdade em um dos ditados preferidos de Janice, que de repente me vem à mente, enquanto estou ali parada na plataforma, tentando decidir o que fazer: Quando estiver em dúvida, Entre, Aproveite, Ganhe um presente, Caia fora.

Foda-se. Acho que vou mesmo aproveitar o que tenho à mão.

- Ah, então tudo bem. - Sorrio. - E daí?

Quando atravessamos as roletas, no entanto, examino a mim mesma. E a minha bolsa cheia de vômito? Não dá para eu ir comer com aquilo chacoalhando do meu lado, não é mesmo? E se uma ficada com Max não for suficiente? Afinal, ele é absolutamente delicioso. Dava para comer os olhos dele.

Mas eu mereço fazer sexo, não mereço? E, até onde posso me lembrar, Max tem um daqueles paus que vale a pena admirar. Depois de Colin e seu micropênis, uma trepada com Max vai ser a mesma coisa que comer uma bela barra de chocolate recheado depois de passar um dia inteiro comendo frutas.

Pelo lado negativo, não tomei banho hoje. E tem uns pelinhos que preciso arrancar da xoxota antes que alguém possa me ver pelada. Isso sem mencionar minhas axilas.

Fiquei tão ocupada com os preparativos para o casamento que elas estão parecidas com uma floresta impenetrável.

E, com a ressaca que estou, devem estar com cheiro de cebolas caramelizadas.

- Em vez disso, podíamos almoçar na minha casa – digo apressada, quando passamos sob a ponte do Cocô de Pombo.

- Não estou muito a fim de comer fora e tenho uma sopa de abóbora no freezer.

- Tudo bem. - Ele sorri. Devolvo o sorriso. Ele é mesmo bem gostosinho. Que sorte foi topar com ele assim.

Tudo bem, a sorte bem que podia ter esperado até um momento em que eu não estivesse com uma ressaca monstruosa, pernas peludas e uma bolsa cheia de vômito para bater sua varinha de condão das fidas mágicas na minha cabeça, mas esse tipo de coisa não costuma acontecer com muita frequência. Estou recebendo tudo de bandeja. Seria falta de educação não me servir.

É um tanto complicado localizar a chave na bolsa, na frente de Max. Não quero que ele veja o conteúdo, de que eu tenho a total intenção de me livrar assim que tiver localizado e desinfetado os itens importantes. Quando afinal entramos no apartamento, não há sinal de Graham, mas faço Max sentar na frente da TV e assistir a novela enquanto me ocupo com a alimentação de Shish Kebab e faço muitos carinhos nele, para o caso de ficar com ciúme. Então, sob o pretexto de desfazer as malas, subo as escadas correndo e entro no chuveiro, raspo as pernas apressada, para não correr o risco de arranhar Max com meus pêlos grossos e passo óleo com aroma de limão no corpo. Delicioso. Eu sei que é um pouco óbvio, aparecer cheirando fresquinha depois de viajar três horas, mas e daí? Não há razão para fingir. Nós dois sabemos por que ele está aqui.

E com certeza não é para comer a sopa feita em casa.

De qualquer modo, ater-me às fidas de uma noite significa que eu não preciso mais ficar fazendo joguinhos estúpidos. Posso deixar bem claro que só estou em busca de uma trepada sem me descabelar, o que faria com que ele perdesse o interesse. A maldição do SAPO já não mais se aplica.

Estou livre.

Oba!

Aliás, devo dizer que transar com Max é bem legal. Joguinhos introdutórios não se fazem necessários e, além disso, nem sinto a necessidade de pedir que ele coloque as pernas para lá para que eu possa tirar o controle remoto do caminho. A cueca dele é limpa e branca, não cinzenta, encardida e de velho, o que considero um bom sinal, especialmente porque não havíamos planejado de nos encontrar hoje, de modo que eu não podia querer que ele estivesse preparado. Claro que isso também pode significar que ele é um desses caras que sempre veste roupa de baixo imaculada para o caso de ser atropelado por um ônibus. O que provavelmente significa que ele é um total filhinho-de-mamãe. Mas como eu não vou vê-lo de novo depois de hoje, que diferença faz? Ele ataca direto nos Croissants. Além do mais, parece saber o que está fazendo. E ele não parece ficar esperando que eu retribua logo que ele termina, e eu me sinto muito grata por isso. Então, levando tudo em conta, bem que eu me divirto. Nada de maravilhoso, por mais que eu me esforce.

Mas é legal. Tipo comer um bolo na padaria. Agradável.

É só depois da transa, enquanto ainda estou envolta naquela névoa aconchegante, que o alarme começa a soar. Em vez de ele apagar o cigarro e virar de costas para mim, como era de se esperar de qualquer cara com quem se fica por uma única noite, Max se ergue sobre um cotovelo e dá tapinhas no espaço vazio a sua frente.

- O quê? - Olho para ele cheia de suspeita. Quer dizer, sinto muito por jogar um balde de água fria nas intenções dele, mas tenho mais o que fazer. Preciso tirar todo o vômito da minha agenda com espiral de ferro antes que comece a apodrecer, para início de conversa. O que é que ele está fazendo? Está achando que eu vou parabenizá-lo pela performance ou o quê?

- Vem aqui me abraçar. - Ele sorri.

Olho para ele boquiaberta, chocada. Bom, devo dizer que não sou especializada em ficadas de uma noite, neste caso, de uma tarde, mas eu sei muito bem que esse tipo de atitude não tem nada a ver. Quer dizer, não é normal, será, querer que eu me derreta toda se a intenção é só dar umazinha? Ele já não deveria estar dando no pé a esta altura? Max sorri de novo para mim, mostrando uma fileira de dentes perfeitamente perolados. Na verdade, não posso deixar de notar que seus dentes estão começando a parecer perfeitos demais. Tipo alguma propaganda brega de pasta de dente.

- Quero saber tudo sobre você. - Ele sorri preguiçosamente, puxando a minha cabeça na direção do peito dele, em um ponto onde pode ficar bem aninhada.

- Quer mesmo? - Aperto os dentes.

- Tudo. - Ele parece esperar que eu fique contente com isso.

Meu Deus, eu detesto quando alguém pede que eu fale de mim mesma. Nunca sei muito bem o que dizer. Ou quantos detalhes devo revelar. Será que Max, por exemplo, precisa saber que eu às vezes faço xixi na escova de dente dos outros quando me irrita com eles? Ou que uma vez eu usei as toalhinhas faciais de uma das namoradas de Sam para limpar a bunda porque o papel higiênico acabou na festa de aniversário dela e eu detesto me sentir suja? Ou será que é informação demais? O que quer que eu diga, é bem ruim quando fica parecendo algum tipo de auto-elogio que as pessoas fazem em jantares meio formais. Falar de coisas assim com alguém que, há alguns momentos, estava com o nariz enfiado nas minhas partes, me parece um pouco demais.

- O que você quer saber? - pergunto, mais do que um pouco perturbada quando ele busca meus pés gelados embaixo da colcha com os quentinhos dele. Isto aqui está íntimo demais para o meu gosto. Será que não dava para a gente parar na trepada? Ou pelo menos nos Croissants. Mas qual é essa do pezinho? Pode esquecer.

- Tudo que você estiver a fim de me contar. - Ele sorri de novo. Relutante, conto-lhe a respeito das partes mais desinteressantes da minha vida na esperança de matá-lo de

tédio. Ou isso ou ele vai ficar com claustro fobia e vai embora. Faço qualquer coisa para ter a cama só para mim de novo. Toda essa atenção é simplesmente assustadora. Conto que fui demitida, devido a problemas de motivação. O que, devo dizer, está ligado à alta qualidade da programação da TV diurna de hoje.

Infelizmente, Max parece achar tudo isso mais interessante do que brochante. E, no final, acabo ficando bem contente por fazê-lo rir com minhas piadas. Tanto que, para falar a verdade, até consigo achar energia para dar mais uminha. Sob as circunstâncias, não era a decisão mais inteligente a ser tomada, mas e daí?

Mal acabo de enfiar a camisinha usada em potinho de iogurte de cereja negra vazio quando sinto uma coisa estranha e arrepiante na nuca. Volto-me e deparo com Max olhando para mim com toda a atenção. Dou uma checada em mim mesma. Será que tem resto de comida em volta da minha boca? Sobras de molho de laranja de kebab embaixo das unhas?

Merda. Será que tem uma melecona pendurada no meu nariz?

Seja o que for, não gosto nada de ele ficar olhando para mim deste jeito. Parece que tem ovos de aranha chocando sob a pele da minha nuca. Só posso dizer que é nojento.

- Você não deveria virar para o outro lado e começar a roncar agora? - brinco.

Na verdade, é só meio brincadeira. Não é óbvio que qualquer cafajeste com respeito por si mesmo teria feito exatamente isso? Será que Max não deveria estar esperando até que eu caísse no sono para que ele pudesse desaparecer, evaporando como uma nuvem de nitrato de alquila na poeira? Ele deveria ter começado a se sentir encurralado no segundo em que ouviu o barulho da camisinha sendo retirada.

Não deveria?

Caramba.

Está ficando tão íntimo que, daqui a pouco, vai fazer xixi na minha frente.

- Eu não. - Ele sacode a cabeça e sorri para mim. - Eu não sou assim.

Azar o meu, então.

- Quero conhecer você do jeito certo. - Ele irradia. - Passar meu tempo com você.

Coisas assim.

- Para quê?

Que maravilha. Sou um fracasso tão completo que nem consigo dar uma ficada de uma noite só.

Meu Deus, por que ele está olhando para mim deste jeito? É óbvio que tem algo de muito errado com ele.

- O quê? - Entro em pânico.

- Nada, é só que ...

- O quê? - pergunto pela segunda vez, com uma sensação estranha, desconfortável e borbulhante na boca do estômago.

- É que você é tão ...

- Estou ouvindo.

- Eu acho você maravilhosa - ele solta de supetão. - Ah.

- Estou falando sério. - Assente com a cabeça. - Você é engraçada, você é linda. Você é simplesmente ... não dá para acreditar ...

- O que é que não dá para acreditar? - exijo saber. Por Deus. Certamente agora ele não vai declarar amor incondicional por mim, não é mesmo? Essa não era a idéia, de jeito nenhum.

Eu sabia que não devia ter dado aquela segunda trepada. Passei a impressão errada.

Permiti que ele se apegasse a mim. Acho que ele está esperando que eu diga alguma coisa amável para ele.

E "amor" é realmente algo com que não estou com vontade de me envolver agora. Até onde eu sei, a palavra que começa com A só quer dizer uma coisa.

Estou falando de "Ausência de Exercício Vaginal".

- Não dá para acreditar que você mudou de idéia.

- Sobre o quê?

- Sobre mim.

- Não estou entendendo.

- Bom, depois de tudo que você disse na sua festa. Quando nos conhecemos. Que você não queria um namorado. Quer dizer, eu não sou mesmo cafajeste e definitivamente não sou gay. Então, por que você mudou de idéia? Não dá para acreditar que eu seja o seu tipo.

- Mas você não é mesmo - explico. - Estou desesperada.

Claro que nem ocorre a Max que eu possa estar falando sério. Ele acha logo que estou brincando. Meu Deus. De vez em quando os homens são arrogantes demais.

Ele fica me admirando com olhar de adoração mais uns dez minutos, em total embevecimento, sacudindo a cabeça, atordoado, como se eu fosse a estrela de Belém, e não simplesmente a velha e boa Katie Simpson, a solteirona ruiva da paróquia de Balham. E enquanto cochilo e acordo em um sono inquieto, resolvo que ele nem é tão bonito assim. Se ele gosta tanto assim de mim, com certeza está cheio de problemas.

Não, resolvo, olhando para o globo espelhado pendurado ao lado da minha janela, ouvindo o ritmo da respiração dele. Ele definitivamente não é meu tipo. A cor dos olhos dele está mais para lama do que para chocolate. E, a menos que eu esteja completamente errada, a cabeça dele ficaria bem melhor na ponta de uma estaca.

É bem típico, não é mesmo? No minuto que resolvo viver uma vida solteira e sem culpa, um cara começa a me perseguir como um cachorrinho doente. Fico lá deitada, no lusco-fusco do anoitecer de domingo, me sentindo traída. A única razão por que me senti atraída por ele em primeiro lugar é porque tinha certeza de que ele era um cafajeste total e completo. Com aquele sorrisinho safado. Aqueles olhinhos brilhantes. Ele tinha a etiqueta "cafajeste" pregada na testa. Mas é óbvio que eu interpretei mal os sinais, completamente. Max estava se disfarçando de cafajeste quando, na verdade, ele é mesmo um cara superbonzinho. É um cordeirinho em pele de lobo. E eu, bobona, caí como uma pata. Ah, ele me enganou direitinho. Escondeu de mim sua verdadeira personalidade. Ah, se eu morasse nos Estados Unidos, poderia processá-lo por me ludibriar.

Ele não é o que eu pedi, e quero meu dinheiro de volta.

Descobrir como Max é de verdade é bem parecido com entrar em um restaurante e pedir o que acredito ser lagosta ao termidor, só para descobrir, quando o prato chega, que na verdade eu tinha pedido um pedaço de bacalhau cozido com molho de salsinha.

Que droga.

Preciso fingir que vou visitar a minha avó para me livrar dele. E quando ele finalmente vai embora, sorrindo e saltitando pela rua igual a um lunático, jogo-me sobre o sofá para delinear um plano. E é então que a vejo ...

Uma aranha do tamanho de um pires está percorrendo o tapete da sala.

Mas que maravilha.

Agora eu não vou conseguir nem fechar os olhos para dormir. E nem posso fugir para a esquina, para a casa de Janice, porque sei muito bem que ela vai passar a noite na casa de Jasper. Ela me disse hoje de manhã. Ela disse que pode até precisar ir para a cama com ele. Há semanas ela inventa desculpas. De acordo com ela, o batalhão vermelho tem estado na ativa há um mês, e Jasper está começando a pensar que ela vive em menstruação perpétua.

No desespero, ligo para Sam.

- O que você está fazendo?

- Assistindo a TV

- Na cama? -É.

- Ah.

- Por quê?

- O que você acha de vir até aqui? - Tento evitar que o tom de pânico tome conta da minha voz. Ainda estou vendo a aranha. Está acocorada,nojenta, no meio do tapete. Que audácia dessa coisa horrorosa, entrar no meu apartamento e se postar bem na frente da televisão desse jeito. Preciso ficar de olho nela, por mais traumático que isso seja, porque se ela se esconder antes que eu possa me livrar dela, nunca mais vou poder colocar o pé no apartamento.

- Agora? - Ele parece surpreso. - Às onze e meia?

- Ah-hã. - Me encolho de pavor quando a criatura horripilante dobra uma pata.

- Algum motivo especial?

- Ah - tento parecer o mais desenganada possível. - Achei que você gostaria de bater um papinho. Tomar uma garrafa de vinho. Tenho um Pinot Grigio bem guardadinho na geladeira.

- Mas a noite está fria. E estou acabado depois daquela de maitre que dei ontem à noite.

- Meu Deus - gozo da cara dele. - Você é o maior quadrado.

- Não sou nada.

Ele é, na verdade. Já não sai mais no meio da semana. Anda tão ocupado com a RP Freeman que não tem mais tempo de ficar de ressaca.

- A gente podia assistir a *Donnie Brasco*.

- Mas amanhã de manhã eu tenho uma reunião muito importante.

- Tão importante assim?

- MUITÍSSIMO. Vou vender meus serviços. É um cliente grandão mesmo.

- Você vai ter que ficar puxando o saco deles e tudo o mais?

- E tudo o mais - confirma ele. - De modo que vou ter que deixar o Al Pacino passar desta vez, creio.

- Estraga-prazeres.

- Tudo bem com você, Simpson?

- Tudo.

- Não, não está nada. Você parece toda abalada.

- Está tudo bem - digo com firmeza.

- Você não parece nada bem. Isto aqui não tem nada a ver com a gente assistir a um vídeo, não é mesmo?

- Não.

- Então, você finalmente resolveu que deseja o meu carpinho. - Ele ri. - Acertei?

- Nos seus sonhos, Sam Freeman.

- Então acho que só pode ser uma coisa - propõe ele.

- Acho que sim.

- Tudo bem. - Ele suspira, e eu ouço os barulhos que ele faz ao sair de baixo das cobertas e se levantar da cama. Imagino-o pegando os jeans, que provavelmente estavam jogados em cima do sofá do quarto dele. Pega uma camiseta branca da pilha que fica ao lado da porta e cobre o peito bronzeado com ela.

- Qual é o tamanho dela desta vez? - pergunta.

- O quê? -levanto a cabeça. Meu Deus, o que eu estou fazendo, pensando no peito de Sam deste jeito? Será que eu não aprendi nada com Max? Por Deus, Simpson, seja sensata.

Saia fora.

- A aranha. - Dá para ver que ele está se segurando para não rir. - Estou achando que esse é o motivo de toda esta confusão.

- Gigante - choramingo. - Dá para você se apressar?

- Gigante como? - pergunta ele, com a risada prontinha para sair no fundo da garganta.

- Do tamanho de um prato de jantar.

- Então, desta vez, não é a roda de um trator. - Ele ri. - Não se preocupe. Jogue um potinho de iogurte ou qualquer coisa assim em cima dela e a gente se vê daqui a dez minutos.

Faço o que ele manda, usando o potinho de iogurte do lado da minha cama, correndo escada abaixo antes que a aranha suma de vista e o coloco, cheia de aflição, bem em cima dela. Então me encolho no sofá molenga, esperando pelo resgate. Quando Sam entra no apartamento, estou em um sono profundo.

- Ótimo. - Ele me cutuca na cintura. - Apesar de tudo, você dormiu. Eu nem precisava ter me preocupado.

- Precisava sim.

- Então, cadê a meliante?

\_ Ali - digo com a voz trêmula, apontando na direção do potinho de iogurte. - E se você disser que ela está com mais medo de mim do que eu dela, vou dar uma porrada em você. Dê só uma olhada em mim. Estou tremendo igual gelatina. Minhas pernas se transformaram em palitos de esponja.

Sam sacode a cabeça, fingindo seriedade.

- E eu achando que este aqui não era um assunto trivial.

- Ah, pelo amor de Deus, me poupe das piadas do seu pai - reclamo. E não estou brincando, sinto-me abalada de verdade. É um alívio quando Sam, todo à vontade com calças de moletom e uma camiseta vermelha desbotada, volta de mãos vazias pela porta da cozinha, sacudindo a cabeça para mim e sorrindo.

- Foi tudo para o lixo - diz. - A camisinha inclusive.

- Ai meu Deus ...

- Então, quem foi? - ele me provoca. - Uma entre aquelas centenas de ficadas de uma noite que você anda planejando, calculo.

- Não é da sua conta - respondo, nervosa.

- Bom, pelo menos você está fazendo sexo seguro.

- Você não é o meu pai - reclamo. - Não é da sua conta mesmo.

- Tudo bem. Tudo bem. - Sam ergue as mãos, derrotado. - Não vou perguntar nada.

Então, você vai fazer uma xícara de chá para mim ou não?

- Não - respondo. Mas faço, de todo modo, e levo-a até o sofá, onde ele se largou de cabeça para baixo, com a cabeça apoiada na minha almofada cor de chocolate preferida e com os pés descalços pendurados sobre as costas do móvel.

- Então, você acha que eu me virei bem ontem a noite? - pergunto. Agora que tanto o revoltante Max quanto a terrível aranha foram embora, posso pensar a respeito das conquistas de ontem. A comida estava mesmo muito boa. Pelo menos foi o que todo mundo disse. Eu estou, na verdade, sentindo-me bem orgulhosa. Talvez eu não seja uma incompetente total, no final das contas.

- Você sabe que sim. - Ele faz um cafuné afetuoso no meu cabelo. - Você foi brilhante.

- Tenho mais dois trabalhos na fila, sabia? - informo, toda orgulhosa. - Consegui os dois ontem à noite.

- Excelente.

- O negócio - explico - é que esses casamentos custam uma fortuna para mim. Quando é que eu posso mandar a conta?



Urna risada começa a nascer no peito de Sam e logo chega borbulhando à superfície.

- Meu Deus, você não serve mesmo para o mundo real, não é? - Ele se mata de rir. -

Você sabe como as empresas funcionam ou não?

- Não - respondo, decidida. - Não faço a mínima idéia. Você vai ter que me ajudar com a contabilidade e essas coisas.

- Mande a conta agora - diz Sam. - Assim, pelo menos, você vai receber daqui a 60 dias.

- O quê? - solto um berro. - Mas eu preciso do dinheiro agora. Se não, não vou poder comprar nem um pão, imagine só se vou poder bancar tudo que é preciso para um batizado. É daqui a três semanas. Merda, Sam. Corno é que eu posso ganhar algum dinheiro rápido?

Ele me olha de cima a baixo.

- Tirando urnas fotos pelada?

- Primeiro precisaria colocar uns implantes.

- É verdade. Loteria?

- Incerto demais.

- Então só sobrou um programa de TV - Ele sorri, me puxando na direção dele e me dando um abraço solidário. Vá lá no Show do Milhão, seduza o apresentador e responda às perguntas, que são fáceis.

- Não, não são - digo, tristonha. - Para alguém corno eu, não são não.

- Você é inteligente.

- Mas não tenho nenhum conhecimento geral- faço um muxoxo. - Só sei as respostas para perguntas como "Qual é o preço de um rímel e de um esmalte?" e "Em quantas cores existem os tênis Nike Air Max?". Acho que isso não vai me ajudar muito, não mesmo.

- Não, acho que não - comenta ele. - E um empréstimo? Um empréstimo de pequena empresa. Você só precisa de um plano claro de negócios e de marketing e pronto, fica tudo acertado. Foi assim que eu consegui começar a RP Freeman.

- Meu Deus - grunho. - Seu cafajeste tonto. Por que é que você tem que ser tão sensato?

- Alguém aqui tem que ser. E esse alguém nunca vai ser você, não é mesmo?

- Acho que não. Mas falando nisso, não faço a menor idéia de corno fazer um desses negócios de plano. A única coisa que consigo planejar é o que vou comer no jantar. Será que você não pode fazer isso para mim, enquanto *eu* assisto à TV?

- Não.

- Obrigada - reclamo. - Você não serve mesmo para nada. Essa coisa toda de serviço de bufê foi idéia sua, como você bem sabe.

- Acalme-se. - Sam dá tapinhas no meu ombro e toma um ruidoso gole de chá. - Eu não disse que não ia ajudar. Só disse que não vou fazer para você. Você precisa aprender, senão nunca vai saber como a coisa toda deve funcionar.

- Então você vai me ajudar? - fico mais animada.

- Claro que sim. - Ele me dá um abraço ligeiro antes de se levantar e secar a xícara de chá com um último gole. - Você pode ser urna porra de uma inútil, mas é praticamente minha irmã. Olhe só, me dê urna ligada durante a semana e a gente resolve tudo.

- Obrigada - digo, acompanhando-o até a porta. - Ah, e, Sam ...

- Pois não? - Ele se vira, com urna cara esquisita. É a mesma cara que vi através da escuridão quando dividimos a cama na casa dos pais de Poppy e, por um segundo, eu me sinto claramente estranha por dentro. Não tenho certeza se gostei ou não da sensação.

- Obrigada por ter me livrado daquela aranha.

- Sempre que precisar, Simpson. - Ele dá de ombros, procurando as chaves do carro.

Aposto que Max é um completo filinho-da-mamãe. Nas semanas seguintes, tento organizar o cardápio para meus dois próximos serviços, e ele me liga nada menos do que catorze vezes. Fala sério! É suficiente para a gente ficar com vontade de cuspir. Ainda assim, consigo filtrar as ligações de maneira bem eficiente, até uma quinta-feira, quando eu estou meio avoada e simplesmente atendo ao telefone. Sam me emprestou dinheiro bastante para eu segurar as pontas, de modo que tivesse condições de fornecer a comida para o batizado da pequena Ellis de Lewinshan e espero que seja a Sra. Ellis ligando para confirmar o que achou do bolo.

- Katie?

É ele.

- Não - quase grito, batendo o telefone na cara dele. Então ligo para Janice no escritório dela. Se a linha estiver ocupada, ele não vai ter oportunidade de conseguir ligar de novo. Preciso tomar mais cuidado no futuro.

- Eu vi o Max hoje - anuncia, quando vê que sou eu. Estou planejando uma saída.

- Que gentileza a sua.

- Por que é que você está filtrando as ligações dele?

- Foi ele quem disse isso?

- Foi. Então, por quê? E não minta.

- Não sei. Porque sim?

- Você é louca.

- Acho que ele contou que a gente trepou?

- Na verdade, não. Mas ele parece gostar de você um monte. Merda. Todo mundo aqui do trabalho vai ficar morrendo de inveja quando eu contar.

- Podem ficar com ele, se quiserem. Para mim, já deu.

- Mas ele é lindo.

- Então fique com ele para você.

- Até parece. - Ela ri. - Acho que agora eu estou comprometida.

- Então você ficou com ele? O Jasper, quer dizer. Não vai mais arrumar uns caras para suprir suas necessidades?

- Foi necessário - informa ela. - Honestamente, Katie, você tinha que ter visto. Ele ficou tão agradecido que foi patético.

- Então, larga dele.

- Não dá - diz, com firmeza. - Hoje de manhã, quando saí, roubei um extrato do banco.

- O que é que você fez?

- As garotas precisam saber das coisas - ela se defende.

- Você abriu?

- Claro. E está tudo certo. Ele é cheio da nota.

- Meu Deus. Eu é que queria ser. Ontem à noite, recusaram meu cartão de crédito quando eu tentei comprar uma lata de macarrão com queijo. Não tenho nem 68 centavos. Só Deus sabe como é que eu vou ter dinheiro para fumar e comprar itens de higiene pessoal caros. O empréstimo do Sam já está quase acabando.

- Você está reclamando à toa - comenta, nada solidária. - Preciso ver uma conta nova e estou ficando aqui todo dia até às dez. Deste jeito, nunca vou conseguir organizar o casamento.

- Você vai se casar? - engasgo. Pelo amor de Jesus todo-poderoso. Ela guardou bem o segredo.

- Claro que sim. Por que é que você acha que eu estou dando para aquele velho caquético?

- Bom, e quando é o casamento?

- Ah, ele ainda não sabe que vamos nos casar, para dizer a verdade - explica Janice. - Mas vai saber logo. Precisa saber. Dê uma olhada em mim. Sou um partidão. Fico impressionada com o otimismo dela.

- E quando ele pedir, você vai querer a coisa completa? De véu e grinalda na igreja e tudo?

- Mas é claro que sim - a voz dela ribomba, quase perfurando meu tímpano. - Meu Deus, se eu começar a convidar um monte de gente, vou ter que chamar a minha mãe também, não é mesmo?

- Ah, Janice - digo. - Ela é a sua mãe.

- Katie, ela ia aparecer lá com um vestido florido de tergal e ia ficar fumando a noite inteira. Ela ia me transformar em um show de horrores. Não posso me arriscar.

- Mas ...

- Mas nada. Desculpa, Katie, mas não vai dar para agüentar ela lá me fazendo passar vergonha, reclamando que o gaspacho está frio e perguntando onde fica o "toalete" aos berros.

Deixa para lá. Encare a coisa. A velha não tem o guarda-roupa adequado, vai ter que ficar em casa. Não mesmo. Quando nos casarmos, vai ser em alguma praia em algum lugar quente. Quente pra cacete. E eu vou usar um biquíni branco e flores no cabelo. Nada de convidados.

- Ah.

- Bom, mas acho que você pode ir - completa, toda generosa. - Já que você é minha melhor amiga.

- Obrigada. - Sinto-me melhor.

- Se você puder pagar, claro. Uma passagem de avião para o Havaí não sai nada barato.

- Ah.

- Pelo menos não vou ter que me preocupar com você me fazendo passar vergonha.

- Que bom.

- Quer dizer, não vou ter que me preocupar se o seu cabelo está melhor do que o meu nem nada assim, para começo de conversa.

A boa e velha Janice. Sempre sabe o que fazer para que eu me sinta melhor.

- E você pode tirar o cavalinho da chuva, porque também nunca vai ficar com um bronzado melhor do que o meu.

- Mmm.

- Suas pernas vão continuar parecendo duas garrafas de leite quando a gente voltar.

- Obrigada - digo, arrasada.

- Ah, alegre-se, Katie - diz ela, irritada. - Qual é o problema? Você deveria estar feliz por mim. Acho que você está sendo um tanto egoísta.

- Já disse. Estou lisa. E não é um caso de "não posso comprar presunto cru fatiado". - De repente, toda a comoção do meu sucesso no casamento de Poppy se foi e a realidade começou a tomar conta da minha vida. E se eu não tiver a mínima condição de abrir uma empresa? E se o batizado em que vou trabalhar for um fiasco completo e eu tiver jogado fora uma fortuna em açúcar que basta para cobrir o Millenium Dome?

- Bom - começa, toda importante. - Acho que eu tenho uma coisinha aqui que vai deixar você feliz.

- O quê? - Francamente, duvido muito que ela possa dizer alguma coisa para me alegrar. Os esforços de Janice para me alegrar geralmente envolvem um tempo absurdo em lojas caríssimas, seguida por uma sessão em um bar qualquer onde cada bebida custa seis libras a dose. E a probabilidade de o banco pagar por essas despesas está próxima do zero, portanto acho que vou ter que me conformar com a pobreza durante mais algum tempo.

- Bom - explica. - Lembra que eu disse que o Jasper tinha um apartamento em Paris?

- Mmmm? - Fico cutucando a unha do dedão do pé e inspecionando-a cuidadosamente. Talvez eu consiga mesmo me alegrar no final das contas. Bem que estou precisando de um fim de semana prolongado para colocar a cabeça no lugar, organizar minhas finanças e fazer com que o meu negócio comece a funcionar de verdade. Não tiro férias há séculos. Seria fantástico poder relaxar um pouco. Afinal, depois que eu começar a administrar meu conglomerado de serviço de bufê, passarei anos sem poder viajar. Durante um segundo, permito a mim mesma ficar animada. Um passeiozinho em Paris com Janice, que tal? Vamos nos divertir muito. Ela tem passado tanto tempo com Jasper nas últimas semanas que não posso evitar estar me sentindo meio deixada de lado. Especialmente porque George e David estão apaixonados, e a coisa está no último do brega. Sinceramente, tudo isso dá vontade de vomitar.

E, para ser honesta, agora fiquei um pouco preocupada, ao saber que ela está atrás de uma certidão de casamento assinada e selada, com certeza vamos nos afastar e, no final, nem vamos saber onde a outra está morando. Mas eu não precisava ficar assim tão preocupada. Janice é a minha melhor amiga de todas. Eu devia saber que ela nunca se esqueceria de mim.

Meu Deus. Paris. Vai ser exatamente como antigamente. Compras femininas nas Galleries Lafayette. Tardes preguiçosas e cheias de fofoca com cafés enormes e espumantes nas mãos, em um café de calçada. Encher a barriga de croissants de chocolate gigantes e fatias generosas de tarte au citron. Olhar a paisagem de cima da torre Eiffel. A vida boêmia em Montmartre. Les Tuileries. O Sacré Coeur ...

- E adivinhe só?

- O quê? - Pergunto, tão envolvida em minhas divagações que mal me importo em ouvir o que ela tem a dizer. Podemos até fazer um passeio de barco pelo Sena. Jogar um pouco de bocha. E nos embriagar lentamente de pastis antes de mastigar lesmas e bife com fritas em um lindo restaurantezinho cheio de alho em algum lugar qualquer.

- Ele vai me levar para lá para um fim de semana romântico. Não é fantástico?

Caio da minha nuvem com um baque. Como sou idiota. Claro que ela não queria que eu fosse com ela. Eu já devia saber que a mente de Janice funciona de um jeito esquisito.

Por que, exatamente, a perspectiva de um fim de semana de sexo enlouquecido para ela deve me deixar feliz, eu nunca vou saber, mas esta é a Janice, só para você saber.

Autocentrada no grau mais elevado.

- Claro que vou ter que transar com ele de novo, acho ela borbulha. - Mas tem boa chance de ele me pedir em casamento, não é? Quer dizer, estamos falando de Paris, colega. Quem é que não quer ficar noiva em Paris? É tããããã romântico...

Meu Deus, ela é um caso perdido.

- Janice, você praticamente tem que colocar um pauzinho de pirulito no pênis dele para ficar duro.

- Mas ele é rico.

- O Jake me levou para Paris - lembro. - E não me pediu em casamento.

- Ele não a levou - ressalta ela. - Ele fez você pagar sua parte.

É verdade. Fez mesmo. A decepção era palpável. Naquela época, eu estava louca para ter um fim de semana prolongado com ele. Achava que, em algum lugar novo, o sexo

seria mais excitante. E ficava imaginando nós dois decolando de Heathrow e pousando no Charles de Gaulle, onde pularíamos para dentro de uma limusine e nos dirigiríamos para o Georges V. No nosso quarto haveria uma cama com dossel, onde Jake faria coisas eróticas imencionáveis comigo, com garrafas de champanhe gelado. E seriam as melhores férias da minha vida. Inteira.

Na verdade, é claro que nos dirigimos para o terminal do Eurostar, onde ele comprou o bilhete dele e acenou para que eu losse até lá pagar pelo meu. Levou-me para um hotelzinho qualquer perto do Bois de Boulogne. Cheio de putas e a quilômetros de distância de qualquer coisa. De qualquer coisa legal, de todo modo. Era brega de doer. Ficamos bêbados com copos de chope de meio *pint* porque era tudo que o hotel tinha e o sexo que se seguiu foi tão patético que eu dormi no meio. Só sei disso porque, de tão bêbada, soltei uns roncoss bem altos e acordei, só para descobrir que a minha soneca não tinha feito com que Jake interrompesse sua busca egoísta pelo orgasmo. Deixei que ele terminasse o serviço, e caí em um sono de cachoeiras gorgolejantes e oceanos tempestuosos até que, nas primeiras horas da madrugada, acordei e descobri que estava toda molhada, pingava água em cima de mim.

E, calmo como tudo, lá estava Jake em cima de mim, me presenteando com uma chuva dourada.

Francamente, se eu estivesse a fim de esportes aquáticos, teria ido para o Algarve.

- Jake! - gritei, me desvencilhando dele.

- Estou no banheiro - ele berrou de volta, claramente em um sono bem pesado. - Saio em um minuto.

Apesar de eu saber que o fim de semana de Janice provavelmente não vá ser muito mais romântico do que o meu, não consigo evitar o sentimento de que a minha situação está bem pior do que a dela. Não tenho dinheiro nem para pagar um passeio de um dia ao interior. E não tenho a mínima idéia do que vou fazer a esse respeito. Então, depois de colocar o telefone no gancho, preparo para mim mesma um sanduíche qualquer de queijo, pimentão e pasta de amendoim e ligo a TV para assistir a um programa vespertino feminino, desses em que mulheres com leggings de náilon discutem os problemas dos adolescentes: as filhas desviadas e os filhos com o rosto coberto de espinhas.

Sam, no entanto, cumpre sua palavra. Na manhã de sábado, liga para a minha casa para ter certeza de que eu vou me levantar, então aparece lá com calças Levis novas, uma camiseta cinza com gola em V e um boné dos New York Yankees para me explicar como os adultos pedem um empréstimo.

- Você está bonito - digo, virando o boné dele para trás. - Um bom modelo para o fim de semana.

- Você também não está nada mal. - Ele me dá um abraço e ri porque ainda estou com meu pijama branco e rosa listrado, toda sonolenta. - Vamos lá, bafão de travesseiro. Vamos arrumar esta bagunça.

Deus o abençoe. Ele passa toda a manhã e boa parte da tarde me ajudando a definir meus objetivos. Na verdade, ele praticamente tem que me dizer quais são os meus objetivos, mas ajuda muito mesmo. Às quatro da tarde, tenho em mãos o que ele diz ser um sólido plano de negócios. E me sinto tão otimista que me ofereço para fazer um jantar para ele nesta noite, como uma espécie de agradecimento.

- Vai ter que ser feijão com torrada, aliás - explico. - A não ser que você esteja a fim de pagar.

- Ah, desculpe. - Ele parece meio envergonhado.

- Por quê? - preciso perguntar, apesar de isso não ser mesmo da minha conta.

- Bom, eu marquei de sair com alguém.

- Sei. - Por alguma razão, fico absolutamente puta da vida. Não é sempre que Sam rejeita meus convites para jantar. Ele prefere arrancar o pé a dentadas e dar para os vira-latas da rua mastigarem do que perder um dos meus banquetes improvisados.
- Com a Shana. A garota do casamento. Ela me ligou há um tem pinho. Vamos a algum clube da moda no West End.
- Ah - digo como quem não quer nada. - Largou a despeitada e catou essa daí, hein? Mas você detesta sair para dançar.
- Não é verdade.
- Comigo, você detesta. Sempre se recusa a ir.
- Porque você e o George sempre me obrigam a ir a clubes gays. E sempre ficam dando em cima de mim.
- Não seja tão homofóbico.
- Não sou. Eu só...
- Bom, de qualquer jeito - dou de ombros -, obrigada pela ajuda.
- Mas eu não preciso sair agora.
- Acho que é melhor assim - digo, e acho necessário concluir: - Acho que estou ocupada, aliás, bem ocupada. Mas muito obrigada mesmo por toda a ajuda.
- Mas ...
- Tchau.

Depois que ele vai embora, eu me jogo na cama e fico olhando para meu enorme globo espelhado, imaginando que diabos me fez agir daquela maneira. Só estou meio puta da vida porque ele já deve saber deste encontro há uma semana inteira. E nem se deu ao trabalho de me contar. Eu conto tudo para ele. Bom, quase tudo. E devo estar me protegendo, acho. Não gosto de Shana. Acho que ela não é uma pessoa muito legal. E Sam é como um irmão mais velho para mim. Não quero que ele leve um pé na bunda. Apesar de geralmente ser ele quem dá o pé na bunda.

O banco marca minha reunião para a próxima quarta-feira. E, quando o dia chega, coloco meu tailleur mais fino. Tem uma manchinha de frango madras na coxa esquerda, mas, se eu não tirar o paletó, não vai aparecer.

Afinal, este empréstimo é a minha última chance. Minha chance de fazer com que minha mãe tenha orgulho de mim. Afinal, isso é o mínimo que ela merece. Só Deus sabe, desde que papai foi embora, ela fez sacrifícios demais por mim. A última coisa que ela desejaria é uma filha que fica em casa o dia inteiro assistindo novelas. Falando nisso, a minha vida seria muito mais fácil se ela tivesse simplesmente largado mão. Aí eu poderia ser um fracasso completo sem me sentir culpada. Que droga. Por que é que ela não me rejeitou assim que eu nasci? Por que não levantou a mão e avisou para a parteira: "Desculpe, mas eu não consigo estabelecer uma conexão com esta criança. Pode mandar para a adoção." Ou por que simplesmente não me deixou dentro de uma caixa grande na frente de um hospital? Por que é que ela tem que ser tão presente, por que é que ela tem que me apoiar o tempo todo? É irritante. Ela não faz idéia da pressão que isso exerce sobre mim.

No banco, preciso ficar esperando uma boa hora do lado de fora do escritório da Gerente de Empréstimos. Estava pensando em dar o fora dali e mentir para Sam bem na hora em que um homem abre a porta e espia para fora.

- A senhora Faulkner vai recebê-la agora.
- Droga.

- Perdoe-me. - Ele coça a testa. - Não é mais Faulkner. Voltamos para Brisco. Eu sempre esqueço, sabe como é.  
- Certo. - Dou de ombros, pego minha mochila e não me sinto nem um pouquinho profissional. Não faço absolutamente a mínima idéia do que ele está dizendo. Mas Faulkner. Aquele nome me diz alguma coisa. Por quê? Fico me perguntando.  
Droga. Espero que não seja alguma amiga da minha mãe.  
- Sente-se. - A gerente aponta uma cadeira de plástico cor de laranja na frente da mesa dela. Quanta classe.

Ergo os olhos, cheia de expectativa. Quem fala primeiro? Não faço idéia do que vai acontecer. Mas que porra. Onde foi que eu já vi aquele rosto? Pelo menos não é nenhuma amiga da minha mãe. Ela é nova demais para isso. Ela é alta, extremamente alinhada e tem o cabelo preso em uma banana. Talvez trabalhasse como caixa em algum supermercado. Ou em uma loja de vinhos. Deve ser isso.

- Bom dia, senhora ...?

- Simpson - lembro a ela. Por Deus. Ela poderia pelo menos ter feito a lição de casa.

- E para que a senhora deseja um empréstimo?

- Quero abrir minha própria empresa.

Ela fica olhando para mim como se estivesse caçoando da minha cara, como se eu tivesse acabado de dizer que queria uma grana para fazer estoque de Bacardi, Coca-Cola e rímel azul.

- Bom, é isso mesmo. - Pega um lápis. - Geralmente é por isso que as pessoas vêm aqui.

- E eu quero mesmo que dê certo - digo, quase cuspiendo.

- Não é o que todos querem?

Ignoro o comentário. Porque, no momento em que articulo as palavras, percebo que quero, quero mesmo. Vou fazer com que isso dê certo, faça chuva ou faça sol.

Ela olha para mim e morde a pontinha do lápis. Então olha para mim de novo, desvia o olhar e olha de novo, abismada.

- Acho que nós nos conhecemos, não é mesmo?

- Acho que sim, de fato - digo rapidamente, contente.

Talvez isso me garanta algum tipo de vantagem para conseguir o empréstimo. - Será que fizemos a mesma faculdade?

- Ah não - interrompe ela. - Acho que foi algo mais recente do que isso.

- Perdão, eu não ...

- Ah, sim. Eu reconheceria seu rosto em qualquer lugar diz, com desdém.

- Perdão?

- Só preciso olhar as fotografias do meu casamento para ver você e aquele seu amigo exibindo aquelas calças horrorosas, bem à vontade.

E daí a ficha cai. Claro. Sei exatamente quem ela é.

Caralho.

É a noiva de Basildon.

- Foi uma boa lembrancinha do meu casamento, devo dizer - ela rosna. - Aliás, a única.

- Ah, certo - engasgo. - E como vai o seu... hmm ... marido?

- Ex-marido - ela cospe. - Estamos nos divorciando. Peguei ele encoxando uma das madrinhas três dias depois de voltarmos da lua-de-mel. Estou pedindo a metade de tudo, claro.

- Claro.

- Então, que tal? - pergunta ela.

- Sua lua-de-mel? Como é que eu vou saber?

- Transar com o meu marido?

Como é que ela acha que eu vou saber isso, não faço a mínima idéia. Ela acabou comigo. Fez minha cara cair no chão. De modo que não respondo. Em vez disso, eu me levanto, puxo a jaqueta para baixo para esconder a mancha de curry e sinto minhas bochechas queimarem.

- Acho que devo ir indo.

- Você é bem perspicaz.

Quando alcanço a porta, acho que vale a pena fazer uma última tentativa.

- Acho que não tenho a mínima chance de conseguir um empréstimo, não é?

- Você é mesmo muito perspicaz - responde. - Agora, vá se foder.

## TREZE

Quando digo a Sam que não consegui o empréstimo, ele se mostra solidário.

Médio.

- Vamos lá. - E me dá um abraço. Ele estava jogando futebol e está com cheiro de quem ficou ao ar livre.

- Sou um fracasso.

- Não é não.

- Sou sim. Não consegui o empréstimo.

- Sinto muito. - Ele parece preocupado. - Foi por que ...

- Não se preocupe - trato logo de assegurar. - Não foi seu plano de negócios. Acho que sou mesmo muito azarada. A mulher do empréstimo era aquela do casamento.

- Do casamento da Poppy?

- Não. Daquele casamento que eu entrei de bicona. A do marido que eu tracei.

- Ai meu Deus.

- Não fica com essa cara de quem está tentando não rir.

- Ah. Tudo bem.

- Você continua com essa cara.

- Não posso evitar. - O sorriso aberto de Sam explode em seu rosto mais uma vez. - Só você mesma para ferrar com alguma coisa de modo tão profissional. E com tanto estilo.

- Obrigada.

- Sinto muito. - Ele dá um sorriso amarelo. - Mas é engraçado. Quer chá?

- Preferia uma pizza - confesso.

- As coisas devem estar mal mesmo.

Faço uma careta. Para ele, é fácil falar. Tudo em que põe a mão dá certo. Todo mundo fica tão envolvido com o entusiasmo dele que é impossível não o ajudarem a fazer sua vida mais fácil. Eu só consigo demonstrar entusiasmo por bolo. E curry. E batatinhas fritas. A aptidão natural de Sam de puxar o saco e de concordar com os outros (ele só fica lá sentado, assentindo com a cabeça, mesmo que esteja com vontade de enfiar a mão na cara de seu interlocutor) o coloca em uma boa posição no que diz respeito a sua carreira. Se ele resolvesse entrar no serviço de bufê amanhã, pode ter certeza de que a



empresa dele teria muito mais sucesso do que a minha jamais terá. Apesar de eu cozinhar melhor.

Sam remexe nos folhetos jogados dentro da gaveta de talheres até encontrar um menu de pizzaria que entrega em casa. Coloca o telefone em viva-voz e disca.

- Alô. Gostaria de pedir uma pizza, por favor.

Apesar do meu mau-humor, abafa uma risadinha. O jeito como as pessoas sempre dizem isso é mesmo muito engraçado. Como se o cara da pizzaria achasse que alguém ligaria para ele para pedir um reboque para o carro quebrado. Ou que precisa de um táxi porque sua mulher está dando à luz e se ele não chegar em cinco minutos, a mobília vai ficar toda manchada.

- Ah, grande, com certeza - Sam diz para o homem do outro lado da linha. - Seria realmente fantástico, se você tivesse. Você tem? Maravilha. Bom, então a gente quer uma extragrande de queijo e tomate ...

- Massa fina - ressaltou.

- Massa fina, por favor. Com ...

- Anchovas.

- Você escutou? - ele diz para o atendente. - Queremos algumas das suas melhores anchovas para a dama e talvez alguns pedaços de abacaxi para combinar.

Fazemos o jogo da pizza desde que tínhamos uns 12 anos, cada um tinha que inventar uma cobertura mais esquisita que a outra e desafiar o outro a pedi-la. E, como eu estou triste, posso fazer todas as escolhas. Estas são as regras.

- E pimentão - peço, remexendo em um pêlo encravado novo no meu joelho.

- Pimentões também, por favor - Sam orienta o atendente. - E, para dar um ar sofisticado, talvez seja bom acrescentar alguns corações de alcachofra.

- Presunto de Parma - dou risada, começando a examinar minha outra perna. - E queijo apimentado e acebolado extra. E alcaparras.

- Você está anotando tudo isto? - Sam pergunta para o cara da pizza. - Não, não é piada. É que temos aqui uma dama muito esfomeada, só isso. E ela está com muita fome mesmo.

Passou a manhã inteira pensando que precisa trabalhar para sobreviver, por isso ela está absolutamente exausta.

- Vá se foder. - Dou risada, esquecida de que o cara da pizza também está me ouvindo.

- Não, sou eu que ela está mandando se foder - Sam explica. - Não é você.

- Ervilhas - interrompo. - Adoro pizza com ervilha. E ao curry.

- Curry? Ah não, desculpe, não queremos curry na pizza, mas queremos ervilhas, por favor. E um pouco de atum e uns cogumelos.

- E queijo de cabra - digo. - Pergunte se eles têm queijo de cabra.

- Queijo de cabra, então. E talvez uns camarõezinhos espalhados por cima?

- Eu detesto camarão - lembro a ele. - Umas vírgulas nojentinhas rosadas que têm sabor de esgoto.

- Está certo, desculpe, esqueça os camarões. Não, volte um pouco a fita e coloque camarões só em uma metade.

E assim por diante, até que escolhemos umas 20 coberturas diferentes cada um e o cara da pizza do outro lado nos diz com firmeza que a dupla chocolate e banana passa dos limites e que não dá para jogar M&M's por cima de tudo, não.

- Como é que eu nunca consigo fazer isso com nenhuma das minhas namoradas? - Sam me pergunta mais tarde, enquanto deglutimos a tal pizza que, quando chega, é do tamanho de uma tampa de lata de lixo.

- Porque você sempre dá preferência às anoréxicas - informo, com frieza, tirando um camarão intrometido da minha quarta fatia de pizza e jogando-o de volta para a caixa. -

Tipo aquela tal de Shana. Às vezes você é tão cego. Você acha mesmo que elas nascem com aquelas coxas da espessura de cordas de pular?

- Bom, você nasceu. - Sam arruma o cabelo alourado dentro do boné de beisebol e olha para as minhas pernas. Pela quantidade que come, já devia estar do tamanho de um prédio de apartamentos a esta altura.

- Bom, já que você mencionou, quando entro no supermercado, nunca ouço aquelas balanças falantes reclamarem. Não mesmo. - Dou risada, olhando para as minhas pernas.

- É mesmo, é bem improvável- Sam se junta a mim, rindo.

- Mas não sou tão magra assim - digo, para me defender. - Quer dizer, não tenho SCG.

- Hã?

- SCG. Síndrome da Cabeça Grande. Quer dizer, não pareço uma bola de futebol enfiada na ponta de uma lança, pareço?

- De jeito nenhum.

- Bom, então pronto - digo. - Fazer regime é uma chatice, Sam. Ficar contando unidades de gordura é ainda mais chato do que assistir à televisão à noite. Então, nem se preocupe com isso. Eu gosto mesmo é de comer muito.

- Meu Deus. - Sam rola para o chão e sorri para mim. Por que é que todas as mulheres não são iguais a você? As que eu costumo levar para jantar comem um aspargo e dizem que estão satisfeitas. Gasto uma fortuna em comida que vai para o lixo.

- E quando a gente pensa em todas aquelas pessoas que morrem de fome na África - digo -, é um crime. Bom, eu detesto desperdício.

- É mesmo?

- Com toda certeza. - Sorrio, sentindo-me muito melhor agora. - E é exatamente por isso que vou comer o último pedaço de pizza.

- Você está se achando, hein? - A cabeça de Sam se volta na direção da caixa onde repousa a última fatia, uma tentação coberta de queijo derretido com cheiro de cebola frita.

- Ah, estou sim - digo a ele. - É minha. Tem meu nome escrito.

- Tem certeza?

- Absoluta - digo. - Eu que vou comer.

- Não se eu chegar primeiro.

Nós dois pulamos em cima da caixa e lutamos para pegar o último pedaço, até que eu escorrego no chão encerado de Sam e caio, de bunda, com as costas em cima da caixa de pizza. No trajeto descendente, puxo a parte da frente do moletom de Sam e acabo derrubando-o junto comigo. Durante uma fração de segundo, ficamos um em cima do outro em um tipo de agarração farsesca.

Rapidamente me sento, empurrando-o para o chão.

- Sai fora. Seu cabelo está fazendo cócegas no meu nariz.

Ele se afasta de mim, rindo.

- Ah, meu Deus.

- O quê?

- Acho que nenhum de nós vai comer esta pizza agora. A maior parte ficou grudada na parte de trás da sua cabeça.

- Eca.

Enquanto eu vou tirando o grosso, Sam faz uma cara profundamente pensativa, como se de repente tivesse tido um idéia surpreendente.

- O que foi? - pergunto. - Não vá me dizer que você achou a solução de todos os meus problemas no fundo de uma caixa de pizza.

- Não - responde ele lentamente. - Mas tive uma idéia.

- O quê?

- Por que você não se muda para cá?

- E por que caralho eu ia querer fazer isso?

- Não estou falando para você vir morar comigo desse jeito - ele se apressa a me assegurar. - A não ser que você queira, claro.

- Você o quê?

- Estou brincando - diz rapidinho. - Mas você bem que podia ficar com o quarto extra, não é mesmo? Assim você economizaria no aluguel até o seu negócio deslanchar. E até podia usar o estúdio como escritório.

- Consigo me virar sozinha, obrigada.

- Simpson, não seja tão cabeça-dura. - Sam começa a tirar pedaços de mussarela do chão. - Você acabou de dizer que não tem dinheiro. E eu não posso mais emprestar, porque tudo que tenho está comprometido com a casa. E com a minha empresa. Mas posso dividir a minha casa com você, para você economizar. Vamos lá, Simpson. Você não tem muita escolha. A menos que você esteja a fim de voltar a trabalhar para alguém. E você sabe muito bem que não quer.

- E quem é você para dizer o que eu quero ou não quero? - digo com os dentes cerrados. Isso é bem típico de Sam, tentar me controlar deste jeito. Ele tem feito isso desde que o meu pai sumiu com sua tentação oriental.

- Bom, eu ... - ele parece surpreso com o tom da minha voz.

- Bom o quê?

- Só achei que era o melhor a fazer.

- Lá vem você de novo - estouro. - Achando que é o meu pai. Bom, eu sou vários meses mais velha do que você, Sam Freeman, não se esqueça disso.

- Não seja petulante.

- Então vê se pára de me pentelhar.

Sei que pareço mal agradecida. Mas não quero abrir mão da minha independência. Não consigo imaginar nada pior do que morar no apartamento de alguém, ter que fazer turnos na cozinha para preparar o jantar, ficar tentando ser discreta para não atrapalhar e ter que perder a novela porque os amigos dele estão jogando Grand Theft Auto no PlayStation 2. E o problema de Sam é que ele simplesmente não vai me deixar em paz. Ele vai achar que é da conta dele se meter em cada detalhe da minha vida, "só para ver se está tudo bem". E se eu quero mesmo abrir minha empresa, preciso sentir que posso fazer coisas por mim mesma. Sem ter alguma figura paterna sempre tomando conta de mim.

E é claro que não é só por isso. Tem ainda o fator Shana. Se li Meu Querido Pônei começasse a passar um tempo aqui, eu ia ter que parar de respirar ou qualquer coisa parecida.

- Então você acha que eu devo abrir mão do meu apartamento? - pergunto, com frieza.

- Se for preciso, acho que sim.

- Para sua informação, não é "preciso" fazer nada. Eu posso fazer o que eu bem entender. Tenho 30 anos de idade.

- Então ponha a mão na massa.

- Vá se catar - digo. - Ou, pensando melhor, eu é que vou dar o fora. Afinal, a casa é sua.

- Fique.

Acalmo-me um pouco depois que Sam me dá um cigarro. Hoje em dia não estou podendo comprar para mim. E acho que foi legal da parte dele oferecer. Afinal, só estava tentando ajudar. É que eu simplesmente não consigo aceitar a idéia de que

preciso de ajuda. Depois de tudo que eu passei com a porra do Jake Carpenter, preciso acreditar que consigo me virar sozinha.

- Está melhor? - pergunta ele quando dou uma tragada profunda.

-Tô.

- Que bom. - Ele sorri, obviamente aliviado de ver que estou mais calma, - Quer alguns para levar para casa? Acho que você não está podendo pagar por este tipo de luxo hoje em dia.

De repente, um clarão branco de fúria explode no meu peito, e até mesmo eu fico surpresa.

- Para mim, deu. - Levanto de um pulo, jogando o cigarro aceso no chão e colocando o casaco.

- Não faça isso.

- Por que não? - Aceno com a cabeça na direção da bituca de cigarro. - Isso aí não tem mais utilidade para mim.

- Quer dizer - Sam pega a ponta acesa e joga no cinzeiro -, não vá embora. Vamos esclarecer as coisas.

- Não preciso esclarecer nada, muito obrigada - digo. Especialmente com você. Não vou ficar aqui para ser tratada como alguma porra de um caso de caridade. Por acaso você já me viu vagando na porta do supermercado com uma latinha na mão, vendendo selos?

- Não, mas... eu só pensei que...

- O problema - cutuco o peito dele com o indicador - é que você não pensou muito bem, não é mesmo? Se pensasse, teria percebido que fez com que eu me sentisse deste tamaninho.

- Mostro meu polegar e indicador separados por um centímetro de distância.

- Eu só estava tentando ajudar - ele reclama quando abro a porta da frente e saio para o sol de verão.

- Não preciso da sua ajuda.

- Então, o que exatamente você pretende fazer? Ir para a casa da mamãe? Você não vai conseguir ficar morando naquele apartamento sem trabalho. Você sabe muito bem disso. Seu aluguel é caro demais para uma pessoa só.

- Bom, eu não exatamente obriguei a Janice a se mudar, não foi?

- E você também não tentou procurar alguém para substituí-la, não foi?

- Vá se foder, Sam, - Agora já estou gritando. - Eu não preciso substituí-la se eu não quiser. Eu faço o que eu bem entender.

- Ah, veja se cresce - ouço-o dizer logo antes de bater a porta na cara dele. Abro a portinhola de cartas.

- Você é que tem que crescer - grito através do buraco, e saio batendo o pé, quase dando de cara com a cerca-viva.

Quando chego à rua, olho para trás. Ele está parado na janela, com uma cara estranha (de desprezo, talvez).

- E não me chame de Simpson - berro o mais alto que consigo.

Desço a Hearnville Row espumando de raiva. E, crescer? Quem diabos ele pensa que é? Só porque ele joga aquele sorriso horroroso de apresentador de televisão para qualquer mulher que tem o azar de cruzar o caminho dele, comigo não vai funcionar. Só me irrita. E outra coisa que me irrita profundamente, digo a mim mesma, quando passo por dois homens de meia-idade que aproveitam o sol no parque de Clapham Common, é que, no minuto em que o sol mostra as caras, todo mundo na capital parece achar que não há problema em se comportar como se tivesse passado por uma espécie de lobotomia na parte do cérebro que controla o gosto. Por que é que caras com pernas

gordinhas, curtas e peludas acham que podem usar shorts o dia inteiro só porque a temperatura está acima dos 20°C?

Quando abro a porta do meu apartamento, ainda estou fumegando de ódio. E daí que eu não tenho emprego? Isso só quer dizer que posso passar o resto da tarde engolindo macarrão instantâneo salgado demais e assistindo a programas péssimos na televisão. E é exatamente o que faço.

Algumas horas depois, estou entretida com algum documentário de câmera escondida quando o telefone estrala e, provavelmente porque estou pelo pescoço da minha própria companhia e estou me sentindo irrequieta e meio tensa por causa da discussão com Sam, resolvo atender à porcaria para variar, apesar de o bom-senso me avisar que devo evitar todos os telefonemas no futuro imediato, até que Max enfie na cabeça que eu não quero mais saber dele.

Não é Max. É George, que exige minha presença imediata na parte mais chique de Islington.

- Não dá - balbucio, olhando para as calças de moletom cinzentas e a camiseta do Wham! "Choose Life" com que me arrasto pelo apartamento, sem vergonha nenhuma. - Acho que não posso sair de casa até descobrir se a família Harris, de Weston Super-Mare, vai ou não perder o avião. O Sr. Harris só tem meia hora para voltar ao aeroporto com o passaporte do pequeno Callum e, se não conseguir, vão perder a viagem de férias. Um ano inteiro de economia vai pelo cano. Estou aqui morrendo de ansiedade.

- Por favor? - George parece ansioso. - É importante.

- As férias dos Harris em Mallorca também são - brinco. - Pelo menos para eles. É a primeira vez que têm dinheiro para viajar para o exterior.

- Por favorzinho? - suplica ele. - Com mais cem mil por favores?

Caramba. Não é muito do feitio de George dizer por favor durante uma conversa. Duas vezes é inimaginável. Alguma coisa muito horrorosa deve ter acontecido.

- Tudo bem. Não precisa se descabelar. Ah, olha só. Ele voltou.

- Quem?

- O Sr. Harris. Já está bem acomodadinho na poltrona dele. Graças a Deus. Agora só preciso ver se Denise Mason, de 19 anos, de Hertford, consegue pegar o vôo para o qual está na fila de espera e pronto.

- Katie...

- Desculpa. Você vai me contar o que aconteceu?

- Não posso falar pelo telefone. - George fica todo mistério. - Só prometa que você vem, querida. Preciso da sua ajuda.

Bom, isso é bem diferente. Faz séculos que ninguém precisa de minha ajuda. Nem a minha mãe. Por alguma razão, faz umas duas semanas que ela nem se dá ao trabalho de ligar. E preciso reconhecer que estou um pouquinho curiosa. Normalmente, George não consegue ficar de boca fechada nem um segundo. Portanto o fato de ele ter se recusado a me contar pelo telefone o que é que o está incomodando prende a minha atenção mais do que um episódio de *Dawson's Creek*. Talvez seja alguma coisa animada e ilegal.

Meu Deus, espero que sim. Qualquer coisa para me alegrar um pouco.

- Onde é que a gente se encontra?

- No café italiano na Upper Street. Aquele de que a gente gosta, com o cardápio caro e os garçons morenos, e não aquele de que a gente não gosta, com aquelas toalhas vermelhas xadrezes horrorosas e velas em garrafas.

- O David também vai estar presente?

- Claro que sim - diz, todo exibido. - Nos encontramos lá, querida. E esteja fantástica, querida. Não quero vê-la de novo com cara de mamute que tomou ácido. Isto é muito importante.

Depois que ele desliga, olho para minhas roupas puídas de ficar em casa. Bom, então eu não posso sair com cara de mulher das cavernas. E, mais importante de tudo, será que tenho a matéria-prima para conseguir isso? As calcinhas estão escassas. As calcinhas limpas, então, nem se fala. Acho que usei a última que dava para o gasto com Max. Está mesmo na hora de eu lavar roupa, mas tenho muita coisa em que pensar neste momento. Desalojo Shish Kebab de onde está bem acomodado dormindo na minha gaveta de lingerie e começo a remexê-la, deparo com um monte de calcinhas encardidas e alguns sutiãs com a alça esgarçada. No fim, resolvo que um maiô transparente branco e rosa listrado é a coisa mais decente ali. Atiro por cima uma camisa de linho rosa-shocking que estava jogada ao pé da cama, dou uma cheirada para ver se não está com cheiro de comida de delivery ou algo pior, mas em vez disso sinto um delicioso cheiro de Comfort, que significa que só está amassada porque não tive saco de pendurar depois de lavar. Junto a ela calças tipo cargo pretas de lona, depois de tirar com uma toalha uma manchinha de ketchup e verificar se não tem nenhuma meia ou calcinha dentro dela que pode cismar de escapar pela barra assim que eu entrar no metrô latada. Virando-me para o espelho, tiro um pedaço de macarrão do cabelo e prendo os cachos no alto da cabeça, com um frufu verde-limão, deixando só algumas mechas acobreadas caindo. Minha pele está oleosa e cinzenta, de modo que passo um pouco de blush rosa nas bochechas, passo um pouco de batom cor de boca e, antes que perceba, já estou no piloto automático.

Afinal, saio na estação Angel do metrô, viro à direita na Islington High Street e me dirijo ao restaurante italiano preferido de George na Upper Street.

- Vim o mais rápido que pude - digo, dirigindo-me para o canto do pátio ensolarado onde George e David estão fofocando com uma garrafa pela metade de Pinot Grigio e uma travessinha cheia de azeitonas verdes brilhantes e rechonchudas entre eles.

- Nem precisa dizer, querida - George dá risadinhas. - Aaah, meu Deus. - Ele me olha de cima a baixo com o escárnio que só um esnobe profissional consegue demonstrar. - Meu Deus, você está meio horrorosa. Não está, David? O que aconteceu?

- Fim de semana agitado - minto, pegando o copo extra que eles colocaram para mim e despejando uma quantidade copiosa de vinho dentro dele.

- Ah, sei. - George parece incrédulo.

- Bom - reconheço -, é que eu não estou mais acostumada a sair muito, só isso. Nada de mais, percebe? E hoje estou um pouco puta da vida.

- Dá para perceber-diz George. - Sua cara está parecendo de novo uma bunda que levou umas palmadas. O que foi?

- Briguei com o Sam.

- Quando é que vocês dois vão reconhecer que gostam um do outro e se matar de trepar logo de uma vez? - pergunta George. - Tirar a coisa toda do seu sistema?

- Mas eu não gosto dele - digo. - Ele acha que é a porra do meu pai, para começo de conversa. E agora ele me deixou puta da vida de verdade. Ele pegou e me chamou para morar com ele.

- Eu disse - George sibila. - Ele ama você.

- Não foi assim, seu retardado. - Dou de ombros. - Ele só quer ficar de olho em mim porque acha que eu estou pobre.

- Tome mais um pouco de vinho - David oferece com gentileza, erguendo a garrafa e colocando mais no meu copo. E belisque um pouquinho também. Você gosta de azeitona? Não me lembro, Tem também anchovas marinadas, se você preferir.

Relaxo, jogando a cabeleira para trás para apreciar o sol que esquentava meu rosto.

- Não exagere - George avisa. - O visual de lagosta cozida não está com nada.

No lado oposto do pátio, um garçom delicioso conduz uma moça alta e magra com um vestido esvoaçante rosa-escuro até uma mesa ao lado do muro coberto de madressilvas. O cabelo dela, que cai sobre as costas como uma folha brilhante, tem cor de melão dourado e ela está perfeitamente arrumada. Tem algo nela que me faz observá-la, e não posso deixar de jogar um joguinho comigo mesma, imaginando quem é que ela está esperando. Pela maneira como fica conferindo o gloss nos lábios e olhando para o relógio, deve ser alguém especial.

Esta é a melhor coisa a respeito de não ter namorado. Pelo menos não preciso ficar me torturando com o medo disfarçado de que é por causa dele que ela está passando mais maquiagem.

George completa meu copo de vinho pela segunda vez, e na fração de segundo que demora até eu olhar para ele e tomar um gole, o pretendente da Vestido de Groselha acaba de chegar e se inclina para lhe dar um beijo na bochecha.

De alguma forma, ele parece muito familiar.

Absurdamente familiar, na verdade.

Quando se vira para chamar o garçom, consigo ver de relance o perfil dele.

E, com um lampejo de reconhecimento, quase começo a gritar.

É Jasper.

Caralho!

- Certo, vamos lá, garotas, contem tudo - suplico, antes que os rapazes reparem nele.

Não posso arriscar a possibilidade de darem uma surra nele. Se alguém vai informar a Janice a respeito deste pequeno rendez-vous, pode ter certeza de que vou ser eu.

E é claro que talvez nem seja ele. Afinal, eu só vi o cara de perfil. E, mesmo que seja ele, pode ser que a Vestido de Groselha não seja uma pulada de muro. Ela pode ser a filha, até onde eu sei. Então não é muito bonito ir logo tirando minhas conclusões.

Quer dizer, já os vi se beijando, mas com certeza línguas não estavam envolvidas, Pode ser alguma coisa perfeitamente inocente.

Ou não.

Ainda assim, não quero que ele me veja, de modo que, cuidadosamente, evito olhar direto para ele, fico irrequieta na cadeira e acabo com dor nas costas, e pergunto aos rapazes por que diabos me arrastam por meia Londres em uma tarde preguiçosa de domingo, quando eu poderia estar fazendo algo muito mais produtivo, como depilar a xoxota.

- Bom, fale logo - implora George. David trata logo de enfiar uma anchova na boca, para não precisar falar.

- Ah, caralho. - George passa a mão no cabelo aveludado tenta parecer sério. Não combina com ele. - Temos uma proposta para você.

- Não faça *ménage à trois*, vou logo avisando.

Pelo menos, acho que não. Pode-se dizer, razoavelmente, que eu acho os dois bem gostosinhos, mas isso me parece um tantinho sórdido.

Por outro lado, seria uma grande contribuição para o ano magro. Mas eu não sou mesmo esse tipo de mulher.

- Por Deus, não. - George parece chocado.

Bom, então tudo bem.

- Por acaso a gente está com cara disso? - pergunta. - Não. Desculpe, fofa, mas acho que ainda não estamos prontos para morder o tapete. Então, o que a gente queria dizer era...

- Sim? - dou uma força. - Não é mais uma vez aquela história de Aluguel de Útero, é? Porque já lhe dei a minha opinião a este respeito.

George respira fundo.

- Katie - começa ele, e eu preciso fazer um esforço gargantuesco para não me mijar de rir da expressão no rosto dele.

- Que tal... casamento?

Já estou rindo.

- Ah, George. Esta é a coisa mais romântica que alguém já me disse na vida.

E é mesmo. Sabe, sou inocente o bastante para achar que ele está falando de maneira metafórica. A idéia de nós três sermos amigos. Juntos o tempo todo. Um apoiando o outro. Exatamente como um casamento deve ser, mas que raramente é hoje em dia.

E é exatamente por isso que eu não fico preocupada. Então, a perspectiva de fazer um pacto de amizade com David e George é a oferta mais generosa que me foi feita em muito tempo. Fico superanimada. Nem ligo de não estar incluída na parte sexual.

Afinal, muita gente se casa de verdade e se esquece de todos os outros significados que a palavra tem. E nunca transa.

Bom, não um com o outro, de qualquer forma.

Nem passa pela minha cabeça, nem por um minuto, que George esteja falando literalmente. Em um cenário do tipo com toda a indumentária: vestido bufante, tiara ridícula na cabeça e percorrendo a igreja para assinar sobre a linha pontilhada de um papel e dar tchauzinho para todo o resto da vida.

Claro que não quer que eu me case com os dois, como explica depois de pedirem um prato de cabelo-de-anjo de massa negra, salada de folhas e parmesão, sorvete de cappuccino e mascarpone e uma garrafa de espumante com uma boa dose de Smirnoff para mim, para me amolecer. Essa parte foi uma metáfora. Mais ou menos.

Bom, é que, apesar do incidente no bar de vodca, David acha que não me conhece o suficiente para pedir algo tão enorme, e ele está um pouquinho aterrorizado. De modo que George concorda em fazer o pedido. Afinal, ele me conhece o suficiente para saber que o golpe deve ser atenuado com álcool e gordura.

O x da questão é que o visto de David acaba daqui a algumas semanas.

Que é quando, de acordo com as circunstâncias normais, ele volta direto para a terra de Kylie, dos coalas e dos cangurus. Mas é claro que não há como George aceitar esta possibilidade. Não na situação em que ele se encontra. Então, organizaram um casamento secreto. David ia se casar com Jemima, prima de George, uma médica de destaque em Edimburgo. Mas ela foi muito inconveniente e achou alguém por quem se apaixonar no último minuto e, como é bastante compreensível, resolveu então se casar com ele, não com David.

- Que vaca egoísta - balbucia George, engolindo mais vinho.

- Mas não é culpa dela, não é mesmo? - diz David, todo gentil. - Mas você percebe, Katie, isso nos deixou em um beco sem saída.

Até dá para ver que deixou mesmo, mas, tentando ganhar tempo para disfarçar minha surpresa, sugiro que não façamos nada com pressa. E se George fosse para a Austrália com David? Afinal, ele detesta o clima inglês. Ele é adorador número um do sol da Grã-Bretanha. Ele iria amar a Austrália, não é mesmo?

Todo aquele mar e todo aquele sol. Todas aquelas praias maravilhosas.

- E aqueles espancadores de bichas? - observa ele. - E todo aquele espaço vazio? Quilômetros e quilômetros de nada? Nenhum lugar para fazer compras, querida? E nenhum lugar para cortar o cabelo de maneira satisfatória?



- Ele está certo. - David dá de ombros. - O negócio lá é bem heterossexual. Muita bravata e pouco cérebro, para falar a verdade. E por enquanto a gente preferia ficar em Londres.

- Caralho, é melhor mesmo - confirma George, com amargor. - Acabamos de gastar uma fortuna em uma namoradeira nova para o jardim. É simbólico, querida. Não dá para mandar levar o móvel para o outro lado do mundo, não é mesmo? Então, o que você acha? Quer dizer, não me parece que você vai querer se casar com alguém nos próximos anos, né? Foi você mesma quem disse.

- Absolutamente - David concorda, colocando uma mão no joelho de George e virando uma taça de Amaretto com gelo de uma vez só. - Eu nem sonharia em perguntar se isso quisesse dizer que você precisaria abrir mão de sua liberdade. E ainda tem a pequena questão dos benefícios.

- O quê?

- Conte para ela - ele pede a George.

- Cinquenta mil. - George explode de animação. - Eu peguei um pouco do dinheiro da herança quando fiz 30 anos. Então você recebe 50 mil para se casar com o David, para que nós possamos ficar juntos. Diga que você vai pensar a respeito. Você pode até vir morar na minha casa, se quiser. Sem pagar aluguel.

- E a gente deixa você levar seus namorados lá - completa David.

- Isso mesmo - George concorda com a cabeça vigorosamente. - Não podemos oferecer nada melhor do que isso, não é mesmo? Nem todo marido deixa a mulher ficar fornicando com estranhos completos sob o mesmo teto.

Acendo um cigarro de George enquanto reflito sobre a questão por um instante.

Cinquenta mil significariam que eu posso tentar de novo investir no serviço de bufê. Do jeito certo. Orçamentos, projeções de fluxo de caixa, investimento, reserva, seja lá o que for. E George e David estão certos. Eu não quero me casar. De qualquer modo, não no sentido real da palavra. E se eu já estiver casada, não vou poder sofrer a tentação no futuro, não é mesmo?

Mas eu amo estes caras do fundo do coração. Os dois. Mesmo que David se recuse a ir para cama comigo. Não posso aceitar o dinheiro deles.

Posso?

De jeito nenhum.

- Desculpem - digo. - Não posso aceitar.

- Hã? - David parece decepcionado.

- Quer dizer, não posso aceitar o dinheiro. - Hesito. - Mas gostaria de ir morar com vocês. Ia me ajudar bastante.

Tudo bem, recusei a caridade de Sam. Mas isto aqui é diferente. Com George e David, estou dando algo em troca, de verdade. Sem aluguel para pagar, será muito mais fácil financiar minha empreitada atual. E, conhecendo George e David, eles não vão ficar no meu pescoço para controlar o fluxo de caixa e para que eu faça a coisa certa o tempo todo. Com sorte, vão me incentivar a ser tão irresponsável quanto eu quiser.

- E a coisa do casamento? - pergunta George.

- Bom - começo -, você está certo. Eu não quero me casar.

- Ah. - George está explodindo de felicidade.

- Então, tudo bem.

- Tudo bem mesmo?

- Claro.

Por um segundo, me pergunto se fiquei completamente maluca. Absolutamente insana. Totalmente doida. Para começar, todos nós podemos ter muitos problemas. Quer dizer,

essa função toda não é exatamente legal, até onde eu sei. Que diabos eu acabo de concordar em fazer?

Então reparo no sorriso deles. Parecem enormes fatias de melancia, dividindo o rosto de cada um deles na metade.

- Ah, Katie. - George, deliciado, se joga em cima de mim e me dá um abraço tão apertado que mal consigo respirar. Você é a melhor amiga do mundo.

- Obrigado, Katie. - David me dá tapinhas no ombro. Você é tudo.

- Eu sei - sorrio. - Mas eu quero a festa completa, se você não se importa. Não vá achando que eu sou uma qualquer que vai aceitar só uma procissão até o cartório e pronto.

- Vai ter vol-au-vents e tudo o mais - os dois prometem.

- Está certo. - Dou de ombros e sorrio para os meus amigos. - Então, quando é que eu me mudo?

## CATORZE

Dou uma passada na casa de Janice para dar-lhe a notícia em primeira mão. Devido à aproximação de um fim de semana em Paris, ela cometeu uma extravagância em compras. O quarto bacana dela, branco e esverdeado, está coberto com tudo que há de último grito da moda.

- Achei que você ia esperar até Paris para encher o seu guarda-roupa. - Pego um cigarro e me jogo em cima da cama, amassando de um só golpe toda a colcha branca de linho.

- Não há o menor sentido em economizar no figurino, não é mesmo? - declara, exibindo pilhas de lingerie nova. E não estamos falando de lingerie barata. Ela comprou calcinhas suficientes para manter o Agent Provocateur ocupado durante a próxima década e ainda mais um pouco. Criações estonteantes, quase transparentes, em cores de sorvete. Amora suave, rosa de glacê bem clarinho e pedacinhos de morango de seda foram comprados com todo o esmero, colocados dentro de saquinhos cor-de-rosa brilhantes, prontamente retirados dali e colocados em cima da cama para exame mais detalhado. Tudo, mas tudo mesmo, ela garante, enquanto vai jogando sacos e sacos de roupa de baixo encardida para fora do quarto pela janela, para a sacadinha lá embaixo, precisa ser novinho em folha antes de eles chegarem lá, para que ele pense que ela é uma garota estilos a e não uma relaxada e largada. E isso não diz respeito só à lingerie. Ela comprou vestidos reluzentes, camisolas glamourosas e um par de sapatos com saltos transparentes e tiras brilhantes, da cor do papel que envolve bombonzinhos recheados de nozes.

- Imagine só, Katie. - Ela sorri, mostrando um top branco de lantejoulas do tamanho de um lenço. - Daqui a seis meses, eu vou ser a Senhora Jasper.

Resolvo não contar sobre a moça de vestido cor de groselha. Afina, pode ser que ela não seja uma concorrente séria. E, de qualquer modo, Janice provavelmente não vai acreditar em mim. E não posso brigar com mais um amigo. Em vez disso, o que faço é tentar contar a proposta de George e David.

- Acho que George está apaixonado - começo.

- Ah, até parece - debocha ela. - Por ele mesmo, não é?

- Não - reclamo. - Pelo David.

- Nããããã.

- Bom, eles estão juntos já faz um tempinho - digo. – E eu acho que o George até está conseguindo ser fiel. Com certeza não é mais aquele tarado de algumas semanas atrás.

- Sei lá - Janice examina um retalho de renda cor de pistache que, aos olhos dela, é uma calça -, para eles é fácil, não é?

- O quê?

- Bom, uma dupla como eles não precisa ficar se torturando de ansiedade e insegurança por causa dos outros, não é?

- Como assim?

- Estou dizendo que é muito mais provável que eles saibam o que rola na cabeça um do outro do que você e o Jake, por exemplo.

- O que é que tem eu e o Jake? - de repente me coloco na defensiva.

- Bom, eles provavelmente gostam das mesmas pessoas. Até podem ir para cama com as mesmas pessoas, se tiverem vontade.

- Mas eu acho mesmo que eles se amam - protesto. – Vi os dois juntos no casamento da Poppy. Não conseguiam se largar.

- Ah, que bobagem - debocha Janice. - Você acredita mesmo em toda essa besteira?

- Bom, não, quer dizer...

- Nós já discutimos este assunto à exaustão, não é mesmo caras hoje em dia simplesmente não querem se comprometer - prossegue ela, colocando um baby-doll cor de ameixa na mala. - Quer dizer, olhe só para o Sam. Os casos dele mal têm a duração de um filme de longa metragem. A gente nunca vai vê-lo se desmanchando todo por uma mulher. Foi você mesma quem disse. Nem você quer mais um relacionamento sério. E foi por isso que você jogou o coitado do Max de uma altura tão grande, e ele todo apaixonado por você. Aliás, ainda estou tendo que agüentar essa história no trabalho.

Resolvo esperar até que eu consiga reatar a amizade com Sam antes de contar para Janice que vou me casar com David. Ela não está nem aí para o que eu tenho a dizer e, depois do que acabou de falar, não vejo por que ela deva saber primeiro, apesar de Sam estar me enfurecendo completamente neste momento. Portanto, ligo para Sam e combino de nos encontrarmos na casa dele mais tarde. E George e David prometem dar uma passada lá também, para poderem explicar a situação no caso de eu me confundir. Sam abre a porta rapidinho. E qualquer preocupação que eu tivesse sobre a possibilidade de vibrações malignas no ambiente somem como uma nuvem de fumaça. Ele sorri de orelha a orelha, igual ao gato de Alice no País das Maravilhas.

- Você cortou o cabelo - digo quando ele me abraça. Observo e registro a nova versão de cabelo curto. A franja desalinhada desapareceu e a cabeça dele, quando a acaricio, é bem macia ao toque. - Gostei.

- É mesmo? - Ele parece contente.

- Mesmo. - Sorrio. Eu deveria saber que Sam não deixaria que uma tola discordância a respeito da maneira como eu vivo estragasse nossa amizade. - Que bom falar com você.

- Você também, Simpson. - Ele sorri. - Você está com a mesma cara de sempre.

- O que isso quer dizer?

- Quer dizer que é bom ver que você continua não se importando em passar uma escova nesse cabelo.

- Há ha.

Por dentro, o apartamento de Sam está lindo. As paredes são brancas como neve, cheias de revistas de cinema guardadas por todos os cantos, as manchas amarelo-gema e azul-Matisse que ele chama de arte cobrem as paredes e são ótimas.

- Gostei - digo a ele. - Você conseguiu deixar tudo lindo mesmo.

- Claro que o mérito é quase todo meu - uma voz se infiltra na sala e Janice e eu erguemos a cabeça para ver Shana, magérrima com um casaquinho preto, uma microsaia escarlate e branca e um par de mules pretas sensuais, surgir da cozinha.  
- Meu Deus - Janice sibila. - É aquela vagabunda com fixação oral do casamento.  
- Escolhemos as cores juntos, não foi? - Ela levanta o olhar na direção de Sam.  
Sam parece momentaneamente envergonhado por ser flagrado em uma cena doméstica com uma mulher. E tinha mesmo que ficar. Faz só umas poucas semanas que os dois estão saindo.

- Hm...

- Ah, então você se mudou para cá? - Janice assunta.

- Bom...

- Ela só está ajudando na decoração - Sam responde rápido. - Foi ela quem escolheu aquela parede azul ali.

Shana parece puta da vida por um segundo e então, recompondo-se, alfineta:

- Que roupa extraordinária, Kylie.

- Katie - digo.

\_ Ah, desculpe. - Ela não parece nenhum pouco arrependida. - Claro, você foi a banqueteira do casamento da minha prima. Sabe, você precisava colocar umas jóias com esse top. Para chamar a atenção e afastar os olhoda sua cintura que parece que vai quebrar.

Espero até George e David chegarem, irrompendo na porta da frente de Sam, um borrão de catálogos de lojas de decoração c sacolas de compras, antes de contar a novidades a Sam e Janice.

- Chegamos - declaram em coro.

- Credo, querida, não fique com esse ar tão preocupado. - George, com quase dois metros de altura devido às botas de salto altíssimo, praticamente rasga as calças de vinil quando se abaixa para beijar minhas bochechas. - Parece que você está detonada, não é mesmo, David?

- Bom...

- Ah, saia dessa, querida, suas olheiras estão enormes. - George começa a batucar números no celular, todo animado. - Dá licença, querida. Preciso dar uma ligadinha para a Aria encomendar roupa de cama nova para o seu quarto.

- O quarto dela? - Sam pergunta, cheio de suspeita.

- Não ligue para ele. - Enxoto-o pala o outro lado e olho torto para George.

\_ Desculpe, querida. - George cobre a boca com a mão. - Então você não contou para eles?

- Contou o quê?

- É - Shana ronrona. - O que foi que você não contou?

- Nada - respondo.

- Jesus Cristo. - George joga o telefone na mesa, exasperado, e olha diretamente para Shana. - A porcaria da rede despenca mais do que você, fofa.

- George... - Sam avisa, enquanto Shana empina o narizinho lindo. Não sei por que ele se incomoda. Nem tenho certeza de que ela entendeu.

Quando George se acalma, eu afinal consigo dar a notícia de minhas núpcias que estão por vir aos outros. Quando termino, um silêncio desconfortável torna conta do recinto, seguido por urna inspiração ruidosa de Janice e Sam, quando o queixo deles cai até o chão. Acho que não dá para condená-los por se mostrarem tão chocados. Afinal, não é todo dia que urna garota mais avulsa do que urna passagem só de ida resolve se amarrar, mesmo que a razão por trás de tudo não seja exatamente um conto de fadas. Claro que não conto a história toda. Não no começo, pelo menos. Não digo com quem vou me

casar exatamente, primeiro deixo-os cozinhando um pouco. Pelo jeito, a única pessoa que parece remotamente satisfeita é a odiosa Shana. E deve ser só porque ela está aliviada por achar que isso significa que eu não vou mais ficar rodeando Sam como uma ratazana perto de uma lata de lixo. Ela parece ser do tipo que tem ciúme de amigas platônicas.

Enquanto vão absorvendo a notícia, Sam caminha de um lado para o outro, preparando chá quente e doce, como se fosse algum tipo de emergência, e Janice só fica lá parada, e parece absolutamente furiosa. O rosto dela assumiu exatamente a mesma expressão de quando Johnny Martin, com quem ela estava só por causa do boato de que ele teria um pau de 30 centímetros, deu um malho nela e daí vomitou na boca dela. Está absolutamente horrorizada. Simplesmente não consegue acreditar que passei na frente dela. Vou percorrer aquela igreja enfeitada antes dela. E ela com aquele monte de lingerie nova e tudo. Mas, até onde eu sei, ela sempre foi uma pessoa muito competitiva. Para ela, é igual a uma corrida beneficente de que participamos na faculdade, que eu ganhei. Depois daquilo, recusou-se a dividir cigarros comigo durante um mês.

- Você vai ser minha madrinha? - brinco, aproveitando meu momento de glória. Janice está com tanta inveja que ficou da cor de um pimentão bem vermelho. - Aposto como você nunca, nunquinha, imaginou que eu entraria na igreja antes de você. Não vai ser esquisito poder dizer "meu marido isso", "meu marido aquilo"?

- Mas... - ela gagueja, parecendo estupefata. - Como? Quem? E quando?

- E por quê? Por que você não contou para agente? - Sam não se contém.

- Estou contando agora.

- Mas a gente nem sabia que você estava saindo com alguém. É alguém que a gente conhece? Você está grávida?

- Não seja imbecil.

- Porque, se estiver, nós ajudamos. Não precisa tornar nenhuma decisão apressada, sabe como é. Ai! - ele grita quando Shana, fula da vida, enfia as unhas nas costelas dele.

- Quem é ele? - pergunta Shana. - Ele é bem de vida?

- É sim, porra - interrompe George, dando um daqueles seus olhares ferinos para ela. Fico deliciada de ver que ele a odeia pelo menos tanto quanto eu.

- Você já sabia disto? - Sam começa a parecer irritado de verdade.

- Claro, querido. - George pisca quando David, quase imperceptivelmente, pisa no pé dele.

- Você não pode ter conhecido alguém - Janice quase cospe. - Você nunca sai. E disse que estava feliz solteira. Você que disse...

Credo. Sinto-me como se tivesse prometido doces a ela na saída e depois tivesse mudado de ideia no último minuto.

- O que está acontecendo? - Sam olha para George com toda a afeição que a gente costuma reservar para um cachorro com raiva.

- Quer dizer - prossegue Janice -, foi você mesma quem disse que queria ficar solteira para sempre. Achei que você ia ficar igual àquelas mulheres do supermercado de meias-calças roxas esburacadas e boinas de tricô. Achei, achei mesmo que você acabaria morando no carro ou então assumiria o lugar daquela mulher que fica ali pela Trinity Road e mostra a bunda para os carros.

- Não é o Jake, é? - interrompe Sam, com uma expressão de muita preocupação no rosto.

- Quem? - pergunto. - A mulher que fica na Trinity? Acho que não. Quer dizer, sei que o Jake bem que gosta de ficar mostrando a bunda por aí, mas não acho que até mesmo um idiota como ele tenha vontade de deixar qualquer Zé Mané admirar o traseiro dele.

- Você sabe muito bem o que eu quero dizer.
- É que eu ainda não queria que vocês soubessem da história inteira - provoco. - Não antes de eu contar para a minha mãe. Mas...

Até parece que eu vou contar para a minha mãe. Ela tem um filho pela boca se sonhar que estou a fim de fazer o que estou planejando. Afinal, estamos falando de um casamento fajuto, não de bolo de noiva. Não foi exatamente isso que ela programou para mim quando fez economia e guardou o salário de professora para pagar meus estudos. Por algum motivo, não consigo enxergá-la lá, de conversa fiada com o pessoal. E não vou agüentar ferir os sentimentos dela com a história de "nada de netos" de novo. Até onde ela sabe, eu sou uma moça muito boazinha. Afinal, o que os olhos não vêem etc. etc.

- Bom - dou de ombros. - Vocês são meus melhores amigos do mundo.

- Com exceção dela. - George aponta para Shana.

Eu ignoro o comentário. Dá para ver que Sam já está puto da vida.

- Então, é claro que significaria muito para mim se vocês todos pudessem estar lá no meu grande dia. A gente queria que fosse no dia 4 de julho...

- Dia da Independência dos Estados Unidos – informa Sam, com uma certa ironia. Ignoro o comentário também.

- Mas tudo já estava reservado, então ficou para o começo de setembro. Então não venham me dizer que eu não avisei com antecedência.

Janice está calada. Na verdade, está tão ocupada perdendo o fôlego que não consegue dizer nada. Considero a possibilidade de dar um tapa na cara dela com o pretexto de acalmá-la, mas mudo de idéia para que não fiquem achando que é uma tentativa da minha parte de irritar todo mundo.

- Tenho tantas coisas para decidir - digo agitando as mãos como louca, representando bem meu papel de futura noiva atarefada. - Lista de convidados. Flores. Comida. É claro que o bolo vai ter que ser de arrasar, ainda mais que eu sou cozinheira e tal. Como é que eu vou achar tempo para tudo isso? – Na verdade, não ligo a mínima para o bolo. Claro que eu sonhava com um casamento de véu e grinalda quando eu era pequena, falava de princesas, pregas, pôneis e uma tenda cor-de-rosa enquanto chupávamos pirulitos e fazíamos anéis com balas e colocávamos no dedo, como alianças. Mas, agora, não vejo por que não fazer a recepção no Punjab Paradise ou no Peking Palace. Especialmente devido às circunstâncias amorosas serem o que são. E, no que diz respeito à lista de convidados, acho que vai ser bem curta.

- Não agüento esperar para ir comprar o vestido - completo.

Janice parece tão decepcionada, como se tivesse acabado de começar em um emprego novo e alguém lhe pedisse para limpar o banheiro. Tanto que não agüento segurar uma última gozação.

- Já estou vendo você de lilás. Com mangas bufantes.

O alívio no rosto dela quando afinal confesso que vou simplesmente me casar com David é histórico. No fim das contas, não me adiantei a ela. Não de verdade.

Infelizmente, no que diz respeito a Sam, a idéia toda desce como couve-de-bruxelas goela abaixo de uma criancinha.

- Não consigo pensar em nada pior do que casar com alguém que a gente não ama - balbucia ele.

Pessoalmente, acho que é bem bonito, vindo dele. Mas a amizade dele, e portanto sua aprovação, significa muito para mim. Amo Sam do fundo do coração. Não vou agüentar se ele ficar aborrecido comigo.

- Aaah, você não consegue? - comenta George. – Eu consigo.

- Eu também consigo - digo, toda alegre, tentando acalmar os ânimos.

- Tanta coisa, tanta coisa - George continua a divagar. Arranjos de flores de seda, para começar. Depois, tem o Lambrusco. Pensando bem, qualquer coisa com gosto de uva que tenha tampa de rosca. Hum...

- Gente bem caipira - completa David.

- E cafona - concorda Janice.

- Cigarros mentolados - (George de novo).

- Ficar gorda - (Shana).

- Ficar pobre - (Janice).

- Você sabe que vão perguntar qual é a cor da escova de dente dele, não sabe? - Shana coloca um suéter de angorá minúsculo e estremece, toda dengosa. - Eu vi em *Passaporte para o amor*.

Tenho vontade de dar um bofetão na cara dela, mas não quero que ela vá correndo ao Serviço de Imigração ou faça qualquer outra coisa ridícula e estrague tudo, então eu simplesmente explico que deixaremos para cruzar esta ponte quando chegarmos lá.

- E vai dar tudo certo - garanto.

- Para o George e o David vai mesmo - observa Sam. - E você?

- O que tem eu? - pergunto. - Não venha me perguntar se eu tenho certeza que o amo, pelo amor de Deus. Afinal, a gente nem vai se casar de verdade.

- Você vai se casar de verdade, bobinha.

- Só no papel. E também não estou entrando nesta de olhos fechados. Eu sei exatamente o que estou fazendo.

- Eles vão pagar a você? - dá praticamente para ver os cifrões fazendo aquele barulho de caixa registradora nos olhos de Janice.

- Não - respondo. - Mas é um acordo mútuo. Eu também tenho meus benefícios.

- Bom, espero que você não vá usar isso aí. - Shana olha para a minha roupa com desgosto. - Espero que um destes rapazes a pegue pela mão e arrume algo decente para você usar.

- Ela sabe escolher as próprias roupas, muito obrigado apunhala George. - E com certeza não acho que ela precise de conselhos de alguém como você, fofa. Você com esse seu nome aí e suas roupinhas de boneca. Aposto que a sua mãe tem um nome bem comum, tipo Cheryl.

O lábio inferior de Shana começa a tremer. George, como sempre, acertou bem na mosca.

Apresso-me para acalmar Sam, que parece furioso.

- Não. - Sam ergue as duas mãos e não consigo evitar notar como são enormes. Mãos grandes e seguras. - O que é que você estava falando mesmo dos seus benefícios?

- Bom - digo lentamente -, vou mudar. Afinal, faz sentido eu ir morar com o David se estivermos casados. Vai ser mais realista.

- Achei que você não quisesse sair do seu apartamento - comenta ele, com frieza. - Como é que era? Você não queria "abrir mão da sua independência". Bom, detesto dizer, Simpson, mas acho que foi exatamente o que você acabou de fazer. Então a casa do George serve para você, mas a minha, não.

- Ah, Sam, por favor tente entender. - Tento dar uma abraço nele, mas ele se afasta.

- Entender o quê? Que você está cometendo o maior erro da sua vida? Você está percebendo que vai acabar se arrependendo de tudo isso, não está?

- Claro que não vou. E, se me arrepender, estamos no século XXI. Existe uma coisa chamada divórcio hoje em dia. Não precisamos ficar juntos até que a morte nos separe.

- Mas essa é a idéia geral, não é? - ressalta Sam. - Quer dizer, isto não é exatamente o que se pode chamar de romântico, não é?

- E como é que você sabe? - pergunto. - Sua idéia de romance é trazer para casa uma comida de restaurante e pedir para a namorada esquentar.

- Eu vou - oferece Janice. - Eu vou apoiá-la, querida.

- Obrigada, amiga.

- Desde que eu possa levar o Jasper.

- Tudo bem.

- Eu também vou se você quiser - diz Shana. - Se a Kirsty...

- Katie.

- Desculpe. - Ela me manda um sorriso tão genuíno quanto uma bolsa Vuitton de camelô. - Se a Katie quer se casar, então com certeza todo mundo deveria apoiá-la. E eu adoro casamentos. - Olha para Sam com petulância.

- Aposto que sim - provoca George. - Vamos encarar, fofa. Para você, um bom casamento no sábado equivale às compras da semana no supermercado. Quem é que vai saber o que você será capaz de levar para casa. Ou quem, para ser mais exato.

- Isso não é justo, George - Sam diz baixinho. Eu estremeço. Odeio a voz baixinha de Sam. Significa que está sofrendo combustão interna. Acho melhor ir embora antes que ele estoure. Isso acontece com ele muito raramente, mas quando acontece, ele fica louco da vida mesmo.

- Ah, dá um tempo - corta George. - É exatamente isso que essa vaquinha faz. A mãe dela deve estar esperando há uma eternidade para entregá-la a um cara de sucesso como você. E ela não vai parar por aí. Você acha que ela ia ficar saindo com você um minuto se o Richard Branson desse duas olhadas para ela? Ah não, querido. Ela daria no pé rapidinho.

- Tudo bem. - Os lábios de Sam estão brancos de fúria. - Podem ir embora.

E então ele se volta para mim.

- E você... - enuncia, com o tom de voz decepcionado que minha mãe reserva para ocasiões em que quer me fazer sentir culpa extra. - Achei que tivesse mais noção das coisas. Espero que perceba como estes dois estão sendo egoístas antes que seja tarde demais.

- O principal é que ela está sendo bastante altruísta. - Janice faz uma tentativa, sem muito sucesso, de me dar uma força. Por azar, a tentativa não esfria nem um pouco o ânimo de Sam. Ele a ignora completamente; e aponta para mim.

- É feio mostrar com o dedo - digo, infantil.

- Não venha tirar sarro.

- Então pare de agir como se fosse o meu pai.

- Você não pensou direito sobre o assunto, não é, Simpson?- ele me passa um sermão. - O que vai acontecer daqui a cinco anos quando você de repente resolver que quer ter filhos antes que seja tarde demais e daí você está casada com esse Jaffa?

- Esse o quê? - George ressoa.

- Esse Jaffa - explico. - Sabe como é, seco.

- Aaah - George cospe. - Não tem nada de errado com a qualidade das sementes do David, muito obrigado. Meu Deus. Eu nunca achei que você fosse homofóbico, querido. Mas você bem sabe o que dizem por aí. De quem fica falando muito mal e tudo o mais. É preciso ser um para saber quem é.

- Olha, se algum dia eu mudar de idéia a respeito de ter filhos, eu procuro você, Sam, para pedir uma amostra do seu sêmen heterossexual de qualidade, está bem? De modo que você não precisa mesmo se preocupar. Eu vou ficar bem. Mesmo.

- Acho que você ainda vai se arrepender. - Ele olha para mim com tristeza.



- Acho que não - insisto. - E você provavelmente vai compreender quando tiver tempo de pensar sobre o assunto. Eu já falei. Não quero me casar. Nunca. Portanto, não estou perdendo nada.
- Não está?
- O quê?
- Deixe-a em paz. - George me puxa pelo braço. – Vamos lá, Katie, querida, vamos embora. Por que é que você tem que tentar estragar tudo, Sam? Só porque você não faz a mínima idéia do que é estar apaixonado.
- Ah, eu sei sim - Sam diz baixinho, enquanto Shana ergue o olhar na direção dele, estupefata. - Eu sei muito bem, muito obrigado.
- Estar apaixonado por si mesmo não conta. - Solto sem nem me virar para ele, para não ter que ver o olhar magoado na cara dele quando bater a porta na minha.

## QUINZE

Transfiro, em etapas, minha vida para a casa de George e David. No sábado seguinte, despeço-me de uma Janice bem animada, que vai a Paris, antes de enfiar dentro do Balde Enferrujado patins, roupas, CDs, som, máquina de espresso, livros, tigelas desconjuntadas e, por último, Graham e Shish Kebab, os dois bocejam, ultrajados, cada um em sua caixinha. Então dou uma última olhada no meu apartamento antes de nos dirigirmos para o norte, deixando Balham para trás, definitivamente.

- Para o alto e avante, hein, rapazes? – Aumento o volume do som velho do carro em direção a Clapham Common.

É óbvio que George estava esperando a nossa chegada. Vestindo com seu casaco felpudo roxo preferido e botas enormes, ele atravessa a porta da frente a passos pesados e apontando histericamente. Não faço idéia do que quer dizer, só dou de ombros e desligo o motor. Ele faz gestos para que abaixe o vidro.

- Estacione um pouco lá para a frente – sibila.

- Por quê? Não estou atrapalhando ninguém.

- Não queremos esta lata velha bem na frente de casa, querida. O que é que os vizinhos vão pensar?

Ignoro-o, saio pela porta do passageiro e abro a tampa de trás para soltar Graham e Shish Kebab.

- Ah, você não trouxe esses dois aí. – George parece horrorizado.

- Claro que trouxe. – Coloco a caixinha de Graham sobre a calçada e entrego Shish Kebab a George. Ele se afasta do animal e o gato, sentindo a presença de um possível rival, mia de indignação.

- O que você achava que eu ia fazer com eles? – digo, magoada. – Que ia mandar para a adoção?
- Até onde me diz respeito, você pode afogar os dois no reservatório de Finsbury Park. – George pega meu som e sai caminhando, rebolando com desdém exagerado, em direção à casa. – Você sabe que eu tenho uma alergia perigosa, não é? Posso ter um choque anafilático em segundos com esses pentelinhos por perto. Só espero que eles saibam usar o banheiro. Não quero vê-los batizando a mobília.
- Claro que sabem. – Abaixo-me para fazer um carinho no focinho de Graham através das barras da caixinha de viagem e recuo quando ele tenta me arranhar.
- Que sacaninha maldoso esse aí, heim? – George solta.
- Ele só está incomodado – reclamo. – Ficou amassado aí dentro tempo demais.
- Credo, sua vaca patética. – George pousa a caixinha do gato no hall de entrada, sem fazer nenhuma menção de soltar seu ocupante. – Daqui a pouco você já vai achar que esses sacos de cocô são seus filhos.

Apesar de serem bem indesejados, Graham e Shish Kebab parecem gostar da casa nova. E não posso reclamar. Meu quarto novo é duas vezes maior do que o velho. Além disso, posso usar todos os equipamentos de época da cozinha.

A primeira semana é tomada pelos preparativos do batizado em Lewisham e do casamento de uma moça cadavérica chamada Marina que conheci na festa de Poppy. Mas daí tenho a semana seguinte livre para pintar meu escritório alegremente, com um tom escuro e delicioso de rosa. E, quando termino, resolvo que gostei tanto que posso morar lá dentro. David generosamente me emprestou seu laptop, de modo que não preciso mais usar meu Mac antiquado, e coloco anúncios em todos os jornais locais, perto de propagandas de shows de comédia e artigos sobre a ameaça de fechamento de creches locais, com fotos de mães indignadas, cobertas de Hermes e pulando de Mercedes, munidas de pranchetas, atacando os passantes inocentes. Então me acomodo em meu adorável escritório cor-de-rosa e espero.

A primeira pessoa que liga para meu telefone comercial é, de modo bem previsível, minha mãe.

- Por que é que você não me contou? – pergunta ela, magoada.
- Eu ia contar depois que eu já estivesse estabelecida – suspiro, rasgando uma embalagem de um salgadinho e enfiando um pouco na boca. – Eu me mudei faz só uma semana.
- Você se mudou? – ela guincha.
- Sim – respondo. – Achei que era disso que você estava falando.
- Katherine Simpson, você não está dizendo que se mudou de casa e nem se deu o trabalho de mencionar o fato à própria mãe?
- Desculpa, mãe, eu...
- Sabe, o Jeff bem que estava certo – ela vocifera no bocal.
- O que é que Jeff tem a ver com isso? – reviro os olhos para o céu e pego mais um pouco de salgadinho.
- Sam esteve aqui outro dia, todo preocupado com uma briga qualquer que vocês dois tiveram. Honestamente, vocês estão piores agora do que quando eram crianças. E não vá ficar achando que eu não sei o que você fez com ele com aquela pazinha. Se já disse uma vez, já disse mil vezes. Tenho olhos atrás da cabeça.
- Eu tinha 4 anos.
- Já era grandinha o bastante para saber o que estava fazendo.

- Ele disse por que a gente brigou? – estou cheia de suspeita. Droga de Sam. Se ele comentou o casamento, vou cortar fora o pau dele.

- Ele se recusou – responde mamãe. – Acho que tinha a ver com a namorada. Uma coisinha fofa. Muito bem educada. Aliás, foi ela que mencionou o assunto.

- E passaram a maior parte do jantar falando disso, aposto – digo.

- O quê?

- Nada. – Suspiro. – É tudo uma enorme besteira. Aliás, mãe, estou morando na casa de George para economizar e começar minha empresa de bufê do jeito certo. Desta vez eu vou me empenhar de verdade.

Obviamente, não conto para ela qual é o outro lado do acordo. Isso vai ter que ser mantido em segredo total. Mas estou bem melhor de finanças agora que não preciso pagar aluguel, e o pai de Poppy, abençoado seja, pagou minha nota antecipadamente, de modo que espero não precisar dar o calote em ninguém.

- Que bom para você, querida. – Ela parece contente. – Sei que você vai ser um sucesso. Jesus do céu. Lá vem ela de novo, com todo seu carinho e apoio.

Agora eu vou mesmo ter que fazer com que a coisa seja um sucesso, não é mesmo? Ou então, vou ser acusada de causar a infelicidade de mulheres na menopausa. Mas é claro que já a estou colocando na fila de decepção. Vai ser muito pior quando ela estiver decepcionada e ficar se esforçando para disfarçar. Vai ser um longo caminho de culpa até o inferno.

Caralho. Por que é que ela simplesmente não ri na minha cara, como a Gloria, amiga dela, faria? Por que não diz que filha nenhuma dela vai ficar de avental, esticando massa para viver, com um trabalho igual ao de uma criada?

No entanto, dois dias depois de os jornais gratuitos com meu anúncio terem sido distribuídos pelas caixas de correio de toda a Londres, o telefone começou a tocar de verdade. Não dá para acreditar como é fácil. Uma mulher de Totteridge quer saber se posso fazer só comida vermelha para a festa de suas bodas de rubi. Um paisagista da TV precisa de um bufê de coisas verdes para comer com a mão quando abrir sua propriedade ao público, em Hertfordshire, em uma ação beneficente. Uma jovem esnobe de Battersea quer saber se eu posso “fazer” a despedida de solteira dela.

Acho melhor não revelar meu histórico de “fazer” com maridos também.

Lentamente, a cada contratação, minha autoconfiança, junto com meu caderninho de contatos, começa a crescer. E, nas semanas seguintes, fico tão ocupada, no meu escritório cor-de-rosa, planejando menus e tomando outras providências, que nem tenho tempo de pensar no casamento. Até mesmo a desaprovação de Sam passa para segundo plano quando penso em tudo que preciso fazer. Gasto cada minuto que tenho na cozinha. Faço minitortas de banana e tiramissus pequeninos para serem engolidos de uma só mordida para o Senhor Paisagista da TV. Bebezinhos rosados de mazipã para enfeitar um bolo de batizado em Nappy Valley. Ou pudins de morango do tamanho de piscininhas infantis para as bodas do Senhor e da Senhora Rubi. Certa tarde, estou me matando para fazer gelatina com vodca em formato fálico para a despedida de solteira em Battersea quando a campainha toca. Pouso a garrafa de Smirnoff na pia. Deve ser o cara sebooso com azeite da padaria, entregando uma cesta de focaccias, ciabatas gorduchos com azeite e pães de tomate seco que encomendei. Abro a porta.

Caramba.

Não é o sebooso coisa nenhuma. É um cara totalmente diferente. E vamos simplesmente dizer que, da última vez que vi coxas assim, estava babando em cima de um anúncio de calças da Calvin Klein. E isso foi antes de terem contratado aqueles fulanos com cara de Jarvis Cocker, que são só carne e osso, que mais parecem uns restos de remela.

Ah, sim. Este aqui Janice chamaria de “pedaço de mau caminho”.

Não é bem o tipo de velhote cheio da grana que ela tem caçado ultimamente, mas mesmo assim.

Digamos, em resumo, que é um ciclista bem gostoso.

Ele é mais novo do que eu, deve ter uns 25. usa um par de Adidas surrados, possivelmente bregas, daqueles das antigas, e tem olhos cor de café bem forte. Uma olhada rápida nos shorts de ciclista dele revela que as coxas não são a única saliência interessante que ele possui. Se ele peidasse na minha cama, eu certamente não o expulsaria dali.

Fico revirando minha bolsa. Em um dia normal, teria dado uma olhada em um cara com shorts de ciclista e pensaria “Eca, ele está todo suado”, e seguiria em frente. Mas hoje há algo no ar que me faz pensar duas vezes. Talvez seja porque o dia está tão lindo.

Praticamente dá para sentir os feromônios ricocheteando no ar. Ou talvez seja porque o cabelo castanho alourado dele esteja trançando em dread locks desalinhados. Ou pela maneira como ele se escora no batente da porta, preguiçoso e despreocupado.

Ou talvez eu só precise de uma boa transa.

Pode chamar de química, pode chamar de desespero, seja o que for, de repente sinto-me compelida a ir em cima dele. Em breve vou me casar, pelo amor de Deus. Preciso transar um pouco enquanto ainda é possível.

Tudo bem, Max continua ligando para o meu celular. O que significa que eu poderia simplesmente transar com ele e evitar maiores complicações. Mas Max é legal. E gente legal me dá nos nervos. Se Max estava atrás de algum tipo de relacionamento naquele dia em que nos esbarramos no metrô, devia ter feito com que eu assinasse um termo de compromisso. Não lhe fiz nenhuma promessa. Sou uma mulher solteira e independente. Não tenho nada por que me sentir culpada.

- Parece que não tenho dinheiro nenhum aqui – sorrio, fechando a mão em volta da nota novinha de dez libras que encontrei e dando um passo atrás, para dentro do hall imaculadamente pintado de creme. – Você se importa de entrar um pouquinho enquanto eu vou buscar lá em cima?

Ele dá um sorriso lento, sexy e levemente idiota que pode ou não ser interpretado como uma sugestão explícita. O que é ótimo, claro. Idiotice é bom. Não tenho o menor problema com gente idiota. As chances de uma garota levemente inteligente (apesar de ruiva) como eu estabelecer um relacionamento duradouro com alguém mais burro do que uma ameba estão perto do zero, de modo que posso arrastar este cara para o andar décima agora mesmo se eu tiver vontade, sem pensar a mínima nas possíveis consequências.

- Claro – ele entra no hall, atrás de mim. – Tanto faz.

Claro que no intervalo até eu esconder a nota que acabo de encontrar na bolsa na palma da mão, subir as escadas e descer de novo, segurando-a entre o polegar e o indicador, de repente percebo que não tenho a menor idéia do como passar uma cantada nele. Devo chegar junto e falar na lata: “Vamos lá, Marquinha Número Nove e Meio, chegou a sua hora”? Devo simplesmente passar meu telefone para ele e esperar que ele entre em ação? Ou será que assim pareceria que eu sou uma Dona de Casa Entediada? Mas e daí, não moro mais naquele apartamento zoneado e entulhado. Moro em uma casa tão imaculada e minimalista que só pode ser habitada por gays. De modo que não posso ser confundida com a Senhora Dois Vírgula Quatro Filhos.

Estou pensando em mandar tudo à merda e simplesmente entregar-lhe o dinheiro quando percebo que o olhar dele, vagamente surpreso, está voltado para a cozinha. Sigo o olhar dele até o lugar em que está a primeira leva de pauzinhos de gelatina cor-de-rosa, fora das formas e perfeitamente eretos (apesar de um pouco instáveis), em cima da pia. Droga. Ele deve estar achando que eu sou algum tipo de serial killer tarada que atrai

entregadores para dentro de casa para que possa torturá-los antes de golpeá-los na cabeça e guardá-los dentro do freezer para fazer coisas de gelatina mais tarde. Sei que, se estivesse no lugar dele, estaria um tantinho preocupada com minha segurança pessoal neste momento.

- Não é o que você está pensando – gaguejo. – Estou fazendo isso para uma despedida de solteira, sabe. Só por diversão. Quer dizer, não faço nada esquisito. Estou mais para M&M's do que para S&M, de verdade. Os primeiros são muito mais gostosos.

- Que pena.

Ele me presenteia com mais um sorriso preguiçoso e sexy, que me deixa de joelhos moles. Será que ele está tirando um sarro da minha cara ou não?

- Você é chef?

- Banqueteira – respondo. – Faço casamentos e coisas assim, principalmente. Estou começando agora.

Ele sorri.

- E a banqueteira testa os canapés? – ele acena com a cabeça na direção dos paus rosados, que agora parecem absolutamente ridículos, e eu me sinto compelida a me livrar deles assim que for possível.

- Na verdade, não – digo.

- E o entregador? – O sorriso dele se abre. – Será que ele pode experimentar?

- Pode ser. – Não consigo segurar a risada ao ver a expressão safada no rosto dele. –

Mas só um, por favor. Esses aí têm que estar em uma festa em Battersea amanhã. Mas eu devia saber. Eu devia saber que a minha capacidade para o álcool geralmente ultrapassa o “um só” que seria suficiente para mim. Nick, como se revela ser o nome dele, diz que meus paus de gelatina são tão gostosos que ele precisa de mais um. E eu mando tudo à merda e engulo alguns também. E depois de comer nove deles, ou mais ou menos isso, digo a mim mesma que não só ele é provavelmente o cara mais gostoso que vi desde que cheguei a Islington, como resolvo também que é um dos mais interessantes que já conheci.

E estamos nos dando tão bem.

- Falando sério – diz ele, engolindo a última gelatina e começando a falar um pouco enrolado. – Devo estar procurando alguém como você, sou DJ, sabe? Daqui a um ano vou ser famoso.

- É mesmo? – estou impressionada. – Que coisa fascinante.

A essa altura já estou tão bêbada que sirvo o que sobrou da vodca em copinhos de uma dose e literalmente faço com que escorram goela abaixo. Nem me passa pela cabeça imaginar por que ele está entregando pão no norte de Londres em uma bicicleta vagabunda se é um DJ tão famoso assim. E, para ser honesta, não dou a mínima.

- Um amigo meu vai organizar uma festa em breve. Precisa de alguém para fornecer a comida e tudo o mais. E se eu desse seu número para ele?

No estado alcoólico em que me encontro, resolvo que esta é uma tentativa descarada de dar em cima de mim. E, quando anoto o número do meu celular no canto de uma revista amarfanhada que ele estica na minha direção, e ele pega na minha mão, percebo que JÁ LEVEI.

E sem nem ter que me esforçar muito.

Dois segundos mais tarde, ele já está me beijando apaixonadamente, e um segundo depois já está explicando que não pode voltar para o trabalho neste estado, de modo que devemos ir para a cama logo. Não dou a mínima para o fato de ele estar sendo presunçoso. Nem me importo com a probabilidade de ele fazer isso o tempo todo. Na verdade, isso só faz dele o modelo ideal para uma ficada só.

O que me incomoda, no entanto, é o fato de ter trabalhado tanto o dia todo que nem tive tempo de tomar um banho. Conseqüentemente, estou cozinhando dentro das mesmas calças azedas com que dormi. Não posso permitir que ele me veja assim, independentemente do fato de que depois não quero vê-lo nunca mais.

- Espere aqui – me desvencilho da língua inquisidora dele.

- O-o quê?

- A TV fica ali. Só cinco minutinhos. Volto em...

Saio em disparada escada acima, com a intenção de tomar uma chuveirada de dois segundos, literalmente. Mas o chuveiro enorme do quarto de George e David está fora dos limites para mim então, por lealdade aos dois, uso a banheira anexa ao meu quarto. Abro os torneiras e tropeço, bêbada, pelo banheiro, procurando sabonete com cheiro de lavanda, espuma de banho e uma toalha limpa, antes de me deixar cair dentro da água deliciosamente quente e perfumada, inalando o vapor cheiroso. Há algo tão completamente decadente em tomar um banho de banheira quando se está completamente bêbada que eu deixo meu corpo relaxar totalmente. E, pensando bem, meu dia foi bem duro. Exaustivo, para falar a verdade. De fato, agora que você mencionou, estou muito, muito...

Merda.

Não faço idéia de quanto tempo se passou quando retomo a consciência. Só sei que estou congelando e que a ponta dos meus dedos está toda enrugada. Tremendo, enrolo uma toalha branca felpuda em volta do corpo e saio cambaleando pelo quarto, para o patamar da escada. Segundos depois, ouço a porta da frente batendo. Corro até a janela, com a intenção de fazer com que ele não vá embora. Mas não tem ninguém lá fora. E daí percebo por quê. Não é ele saindo é alguém entrando.

- Tem alguém em casa?

David.

- Ah, oi – desço a escada um tanto envergonhada. Credo. Minha cabeça dói. – Tudo certo?

- Tudo bem, obrigado. Acabei de arrumar um trabalho freelancer em uma revista nova. E o dinheiro também é ótimo.

- Que bem para você. Acho que você não...

- Hmmm?

- Tem mais alguém aí?

- Onde? Aqui? Acho que não... – David dá uma olhada na cozinha, na sala e em todos os aposentos, um por um. – Não. Ninguém.

- Droga.

- O quê?

- Nada.

Pode deixar comigo que eu sempre trato de perder uma boa trepada. Mas não posso ter ficado lá em cima tanto tempo assim. Que cara mais impaciente. Deviam ser umas três horas quando subi para o meu banho.

- Que horas são? – pergunto a David, da maneira mais desencanada que consigo.

Ele dá uma olhada no relógio.

- Cinco e meia. Caramba, Katie, está a maior bagunça aqui.

- O quê?

- Cinco e meia. – Ele olha para mim. – Não me diga que você foi abduzida por alienígenas e perdeu completamente as duas últimas horas.

- Algo assim – digo. – Merda, David, preciso encontrar Janice daqui a meia hora. Ela está voltando de Paris. Acho que você não se ofereceria para limpar toda a merda de

vodka que eu deixei na cozinha antes de o George chegar e ter um chilique nem se eu pagasse para você, não é?

- Pode ir. – David sorri para mim. – Quer dizer, você me mostrou a bunda pelo menos uma vez a vai ser minha esposa daqui a dois meses, então a mínimo que posso fazer é limpar um pouco de vodka derramada. Que porra você andou fazendo por aqui, falando nisso?

- Uma hora dessas eu conto. – Dou um abraço nele. – Valeu, amigo. A Janice me esfola viva se eu chegar atrasada. Ela deve estar louca para fofocar comigo.

Janice, quando afinal me encontrou com ela no Soho, está esbaforida. Jogando a bolsa baguete turquesa em cima da mesa, pede uma margarita grande, acende dois cigarros de uma vez e anuncia que a coisa toda em Paris foi um “fiasco total”.

Para falar a verdade, para mim não parece fiasco nenhum. Dias de sol glorioso, roupas de grife compradas em sacoladas, cortesia do cartão de crédito platinado de Jasper. Jantar no Ritz, que ela não pôde apreciar de verdade porque a suntuosidade explícita do cardápio significou que ela foi obrigada a romper completamente sua dieta de casamento, ate comeu sobremesa. E cada vez que colocava uma garfada na boca, ficava com palpitação, porque tinha certeza de que ele faria o pedido naquela noite, e não queria ter que contar aos netos que estava com a boca cheia de comida quando teve que responder “Aceito”.

Havia ainda a preocupação adicional de que ele poderia ter escondido o anel no suflê de chocolate e que não haveria nada de romântico se ele tivesse que ajudá-la a desengasgar.

Na última noite em Paris, sentaram-se na sacada de ferro batido do apartamento dele bebendo uma garrafa de vinho tinto extremamente suave, enquanto o barulho e a agitação da noite no Champs Elisées acontecia lá embaixo. Janice estava ficando desesperada. Aquela era, afinal de contas, a última noite das férias.

A última chance que Jasper tinha de pedir sua mão.

E, na medida em que ela vai descrevendo a conversa deles nos mínimos detalhes, minha mente fica voltando para trás como uma fita de vídeo, àquele acontecimento que, no turbilhão da notícia do meu noivado falso, esqueci completamente. O restaurante na Upper Street e a moça com vestido cor de groselha. Será que eu devia contar a ela o que vi?

Mas se eu contar, e no final das contas for algo completamente inofensivo, então eu é que vou ficar com fama de bruxa perversa.

Mas e se eu não contar para ela e ele estiver mesmo a enrolando todo esse tempo? O que acontece? Ela ficou transando por caridade quando podia estar traçando meia Londres.

- E, portanto, já tinha desistido da idéia toda – Janice bebe sua terceira margarita e olha para mim com curiosidade – quando ele diz... – Ela engasga.

Graças a Deus! No final das contas ele pediu a mão dela. Ufa! Estou salva! Não preciso mencionar a Vestido de Groselha. Afinal, desde que ela tenha a certidão de casamento e a conta no banco, não vai se preocupar com uma sombra de infidelidade, será que vai?

- Ele diz: “Tenho aqui uma coisa para você” – conclui ela. – E me aparece com uma caixinha da Tiffany. Eu sei que é da Tiffany, tudo bem, porque reconheço a cor, sabe como é, a mesma das paredes da minha cozinha.

Aceno com a cabeça cheia de ansiedade.

- Continue.

- Bom, claro que a essa altura já estou ficando animada de verdade, porque eu sei, eu simplesmente sei, que é um solitário e tudo o mais e que ele deve ter saído de manhã

para comprar enquanto eu dormia até mais tarde e ele foi comprar uns croissants frescos.

- Croissants também. – Debocho. – Garota de sorte. Então você não teve problema nessa área.

- Não seja boba. – Ela me fuzilou com o olhar. – As costas dele não conseguem se inclinar tanto assim. Não, estou falando de croissants de verdade. E aqueles pãozinhos com passas deliciosos e molhadinhos que a gente compra na boulangerie. Bom, nem me importo de dizer para você que engoli três deles porque já tinha mesmo perdido as esperanças de que fosse haver algum casamento de que falar, portanto não havia motivo para emagrecer mais. Então lá estávamos nós – ela prossegue, falando cada vez mais rápido para chegar exatamente ao ponto que deseja – na cidade mais romântica do mundo, e ele me dando aquela famosa caixinha cor de turquesa e eu querendo me matar por ter comido três pãozinhos no café da manhã, porque o momento afinal tinha chegado. E eu sabia, Katie, eu simplesmente sabia que aquele era o momento em que a minha vida ia mudar para sempre e que eu finalmente iria ser rica, de modo que demoro para abrir a caixa porque tem uma partezinha de mim preocupada, achando que ele escolheu o anel errado e eu vou odiar e não sei com que cara vou ficar se isso acontecer. Mas também não consigo esperar para ver, porque não posso esperar para saber e então abro a caixa e... e...

- E... – quase fico sem fôlego. Credo, estou até ficando excitada. Devo estar enlouquecendo.

- E é uma porra de uma enorme corrente com berloque – ela cospe. – Imagine, Katie. Um berloque de prata da Tiffany. E lá estou eu, com vontade de ir para o banheiro e chorar até morrer de tanta decepção com a coisa toda, e lá está ele, parado atrás de mim, esperando que eu morra de felicidade e dizendo: “Posso colocar no seu pescoço?” Que velho mais afetado.

- Ah, querida – digo para dar uma força.

- É isso mesmo, querida – repete, amarga, com uma lágrima gorda escorrendo pela bochecha. – Sabe, eu tinha tanta certeza que deixei ele transar comigo toda noite. Imagine só!

- Eca.

- E sabe o que é pior?

- O quê? – Faço um sinal para pedir mais bebida. Acho que precisamos.

- Chupei o pau dele e tudo o mais. Isso mesmo, fiz sexo oral. – Ela berra, enquanto todo mundo na mesa ao lado e a outra depois dela se volta, de boca aberta. – E engoli. E é esse o agradecimento que recebo. Uma porra de uma correntinha e uma dose completa de porra. E daí, quando voltamos para Londres, precisei tomar a porra do metrô sozinha. Nada de limusine. Nada de carro. Nem mesmo uma porcária de um táxi. Nada.

- Por quê? Para onde ele foi?

- Não faço a mínima idéia. – Ela dá de ombros. – Trabalhar, acho. Aquele homem é uma porra de um workaholic.

Decido que preciso contar a ela a respeito da Vestido de Groselha. Pelo menos ela não vai ficar transando com aquele velho caquético à toa. Em vez disso, pode achar um G&T para ir para a cama com ela.

- Janice – começo.

- O quê?

- Se ele estivesse tendo um caso, você ia querer saber?

- Ele está tendo um caso – explode. – Ele é velho, pelo amor de Deus. Quem é que ia querer ficar com ele?

- Você?



- Eu não quero particularmente transar com ele. – Dá uma tragada no cigarro e olha para mim de modo compreensivo. – Eu preciso.

- Está certo.

- Mas por que é que você está perguntando, aliás? – Vira a margarita em dois goles e faz sinal para pedir outra. – Você sabe de alguma coisa que eu não sei?

- Bom. – Hesito. – Lembra que eu contei que o George e o David me pediram em casamento durante o almoço?

- Ah-hã?

- Bom, o Jasper estava lá.

- Almoçando com você? – pergunta, toda inocente. – Bom, por mim, tudo bem. Por que é que você não diz logo? Não chamaria o fato de almoçar com ele de caso, não é mesmo? Confio em você. E não precisamos contar uma à outra cada coisinha.

- Ele não estava exatamente almoçando comigo – respondo. – Ele estava almoçando com uma mulher.

- Uma mulher? – Ela joga a cabeça para trás. – Que tipo de mulher?

- Só uma mulher – respondo. Acho que ela não precisa saber que a mulher era, bom, tão sensual que eu já estava olhando para ela mesmo antes de saber que era com Jasper que ela iria se encontrar. Ah, se pelo menos eu conseguisse fazer com que Janice tirasse da cabeça essa idéia maluca...

- Bom, podia ser a irmã dele, não podia?

- Duvido muito – digo com gentileza. – Acho que ela não tinha mais de 25 anos.

- A filha, então?

- Bom, foi o que pensei – digo, aliviada. – Ele tem filha?

- Não faço a menor idéia.

- Então pronto.

- E como é que você sabe que eles estavam tendo um caso? – ela exige saber. – Eles já foram logo se agarrando e dando uns beijos de língua ali mesmo na mesa, heim?

- Bom, não...

- Então? – ela se enfurece. – Ela podia ser qualquer uma. Até alguém do trabalho. Sabe qual é o seu problema, Katie? Você é uma invejosa.

- Não, não sou – digo, surpresa com seu tom de voz.

- Você é uma vaca triste e invejosa. Ninguém nunca quer transar com você, muito menos ter um relacionamento com você. Você vai ter que se casar com um estrangeiro qualquer porque ninguém mais quer ficar com você e você simplesmente não agüenta ver os outros felizes, não é mesmo?

- É exatamente isso – digo cheia de coragem, apesar de estar tremendo por dentro. Nem tive tempo de lamentar minha transa perdida com ela. Poderíamos ter rido bastante da situação, pelo menos. – Se você estivesse feliz, não seria tão mau. Mas você não está, não é mesmo? Você passou as férias inteiras querendo uma coisa e torcendo por ela, e simplesmente não rolou. Você nem conseguiu aproveitar as partes boas, como as compras grátis, e, bom, a foda.

- Ele parece um javali fodendo – ela ressalta. – nem você ia gostar.

Resolvo ignorá-la.

- Você não consegue aproveitar mais nada na vida porque está tão louca para casar. Não chame isso de felicidade.

- Ah, e como é que você vai saber? – vocifera, com tanta crueldade que não posso deixar de me perguntar se há mais algo errado. E com isso, dá as costas para mim e sai do bar batendo o pé.

A cada encomenda da Comidinhas Caprichadas, minha autoconfiança, junto com minha conta bancária, explode. O ponto de mutação ocorre certa manhã quando percebo que estou muito mais feliz misturando pimentões vermelhos com maionese e fatiando batatas para fritar do que jamais estive quando ficava na frente da tela da TV o dia inteiro, assistindo a gente gorda falar mal uma da outra, E, com minha recém-descoberta autoconfiança na carreira, vem uma atitude mais saudável em relação aos homens. Resolvo partir do princípio de que todos eles gostam de mim a não ser que demonstrem o contrário.

Por escrito.

O que significa que é de meu direito achar que Johnny Depp, Nicholas Cage e mais uns gostosinhos da TV vão vir bater na minha porta em diversas ocasiões no futuro próximo. Quer dizer, nenhum deles chegou a entrar em contato comigo para dizer que eu sou uma horrorosa, não é mesmo?

Tudo bem, então eu deixei passar um lindinho no outro dia quando permiti que o cara da padaria escorresse por entre os meus dedos, roncando dentro da banheira em vez de descer as escadas cheirando a óleo de bebê, tão gostosa que ele teria vontade de rasgar minhas roupas ali mesmo. Mas ninguém é perfeito.

E então, é claro, o diminuto Colin também não era nenhum partidão. Mas vamos esquecer esse capítulo. Não há motivo para ficar pensando de maneira negativa. No futuro, resolvo, amassando uma boa porção de massa de pizza, posso fazer e *ter* exatamente o que (e quem) eu quiser.

Eu, Katie Simpson, vou ser um sucesso.

No sábado à noite, enquanto folheio receitas para um Bar Mitzvah em um subúrbio de Hampstead Garden, meu celular toca.

- Sim? - atendo, tirando descuidadamente cachos de cabelo que caíram em cima do meu rosto. Cai um monte de farinha em cima do tapete verde novinho de George e David.

Merda.

- É o Max.

- Ah.

Está vendo só o que eu disse? Eles estão fazendo fila. Mas que droga. Achei que estava a salvo de Max. Faz *semanas* desde última vez que ele tentou ligar, achei que tinha captado a mensagem. O que é que ele está fazendo, por que não desgruda de mim?

- Só estava achando que...

- O que foi? - digo, irritada, entrando na cozinha, conferindo a data de expiração de uma bisnaga de creme azedo e enfiado uma colherada na boca.

- Bom, você está a fim de sair hoje à noite?

É sábado. Com que porra ele acha que está brincando? Qualquer mulher que vale seu peso em chocolate programa as noites de sábado com *muita* antecedência.

Bom, não eu, exatamente. Janice continua sem falar comigo, de modo que planejei uma noite na frente da TV com uma tijelona de caviare, uma montanha de blinis e um balde de creme azedo. Puramente por pesquisa, claro.

- Ou você está ocupada? - Ele parece cheio de dúvidas.

- Estou - digo, olhando para minha parafernália de cozinha brilhante.

- O que você vai fazer?

- Vou ficar em casa - digo com firmeza, apertando o botão para terminar a ligação.

Credo, se isso não bastar para convencê-lo de que ele não passa de uma ficada de uma noite, não sei mais o que posso fazer. Se ele continuar com esse nível de assédio, vou ter que pagar Janice para seduzi-lo e transar com ele para eu fingir que os peguei no pulo e fiquei arrasada.

Quase imediatamente, o telefone toca de novo.

- O QUÊ?

Mas não é o pobre Max. Na verdade, não sei quem diabos é. Meio que reconheço a voz, mas não consigo identificá-la.

- É o Nick.

- Nick? - digo, apressada.

Uma pergunta bem razoável, sob aquelas circunstâncias. Poderia, afinal, ser qualquer um. Uma moça solteira, mesmo que vá se casar daqui a alguns meses, precisa se cuidar.

- Só queria saber se está tudo bem - diz a voz.

- Estou ótima. - Coloco um pouco de caviare na boca com o dedinho, bem sexy. - Por que não estaria?

- Entreguei umas coisas na sua casa há cerca de uma semana e você desapareceu enquanto conversávamos. Achei que tinha assustado você. Não foi?

- Não foi o quê? - pergunto, antes de a ficha cair.

Caralho.

É o gostoso da padaria. Rapidamente, apesar de ele não estar me vendo, dou uma checada no meu reflexo no espelho do hall. Meu nariz está coberto de farinha de pizza e meu cabelo está melecado com alguma coisa que parece ovo cru. Que beleza.

- Ah, estou bem - respondo, consciente do tremor na voz.

- Então, o que você acha de jantar hoje à noite para consertar as coisas? Algo bem simples.

Agora, segundo a minha experiência, quando um cara diz "algo bem simples", ele está falando de uma lauta refeição de cinco pratos, seguida por uma rapidinha e um ato de desaparecimento imediato. Ele vai dar no pé antes que dê tempo para dizer: "Pode deixar que eu durmo em cima da mancha de porra." Bom, dessa vez não, queridinho, penso, tirando um pedaço espinafre preso entre meus dentes da frente. *Eu* é que vou dar o pé depois da trepada, muito obrigado.

- Tudo bem - consigo soar entediada, disfarçando o fato de que meu coração disparou no peito. Pelo menos este aqui é altamente inadequado. O que significa que eu provavelmente não vou ter problema nenhum para dispensá-lo.

- Pegu você às sete.

- Sem problema.

Dou uma olhada no relógio. Já são cinco e meia. Meu Deus. Isso é que é marcar algo em cima da hora. Talvez eu seja a segunda opção dele. Alguma galinha de cabelo brilhante deve ter dispensado o cara no último minuto. Ah, que se dane, azar dela, sorte minha, acho. Não estou muito preocupada se ele acha que eu sou especial ou não. Em tempo recorde dobrado, raspo os pêlos dos dedos dos pés, clareio o buço e aparo a xoxota; depois passo uns bons 20 minutos experimentando lingerie. Coloco meu conjunto de sutiã e calcinha cor de ameixa preferido, troco por um top de Lycra preto e calcinhas-shorts tipo anos 50, tiro e coloco um conjunto simples de algodão branco para fingir que não sou sexy, e daí volto direto para o conjunto cor de ameixa do começo. Então, ao me lembrar dos canapés que tinha preparando mais cedo, que precisam estar em uma mansãozinha de Saint Reetham até as seis e meia, pulo dentro de um táxi, entrego o mando o motorista voltar correndo para Islington. Às sete horas e três minutos

já tomei uma chuveirada rápida e coloquei jeans pretos apertados e um casaco preto sensual. Não é exatamente adequado para a noite de sexo selvagem que tenho em mente, mas serve. Só espero que ele não me apareça com alguma coisa remotamente fina. Eu deveria tê-lo avisado de antemão que para mim é impossível ter pensamentos sujos com alguém que usa terno. E se for terno com colete e tudo o mais, pode esquecer de vez.

Pior ainda, e se ele for um cavalheiro perfeito? E se ele quiser sair comigo mais de uma vez antes de me jogar na cama me comer com gosto? Que porra eu faço nesta situação? Bom, pelo menos ele não tem um nome horroroso tipo Derek. Ou Nigel. Nunca deixaria um Nigel se aproximar de minhas partes íntimas.

E é melhor que ele me leve a algum lugar legal. Eu gosto bastante de tailandês. Ou então poderíamos ir ao italiano bacana de George e David. Aquele dos garçons bonitos onde David (ou melhor, George, em nome dele) pediu a minha mão em casamento.

Seja onde for, ele está atrasado.

*Cafajeste* atrasado, aliás.

Às oito, o telefone toca e eu atendo, com um friozinho no estômago. Tudo bem, eu sei que não estou apaixonada pelo cara nem nada assim. Na verdade, tanto faz, mas passei batom e tudo o mais, e vou me sentir meio boba se levar o cano. Mas e daí? Com certeza eu não o amo. Na verdade, nem sei bem se estou *a fim* dele.

Então, por que é que vou sair com ele, para início de conversa?

Acho que só tem uma resposta para esta pergunta.

Porque posso.

Mas não é Nick me dando o cano. É Max. De novo.

- O que foi agora? - pergunto na lata.

- Se você estiver ocupada hoje à noite... - ele arrisca.

- Eu disse que estava, não disse?

- Bom, e amanhã? - Ele hesita. - Podíamos ir ao cinema. Ou algo assim.

Meu Deus, agora ele está se fazendo de trouxa. Será que o cara não tem orgulho nenhum? Todo esse derretimento para cima de mim. Ele deve ter mesmo algo de muito errado.

- Acho que vamos ter que ficar com "qualquer coisa assim" - respondo, desencanada. - Vou estar ocupada.

- Algum outro dia, então - insiste. - Sabe, o negócio é que...

- Pois não? - Agora estou impaciente. - Você vai ter que ser rápido, creio. Preciso estar em um lugar em dez minutos.

Se eu tiver muita sorte. Mas ele não precisa saber disso, não é mesmo?

- Sabe como é, o negócio é que - prossegue ele - eu gosto de você.

- Muito obrigada.

Bom, vamos encarar. O coitado é apenas humano.

- Gosto muito de você.

- Que bom.

- E gostaria muito que você fosse minha namorada.

- O quê?

- Eu disse...

- Tudo bem - sacudo as mãos para evitar que ele repita, apesar de ele não estar me enxergando. - Já ouvi.

- Bom, e então?

Credo. Qual é o problema dos homens? Há semanas eu evito os telefonemas dele e ele ainda acha que tem alguma chance comigo. Qualquer garota com respeito próprio do lado receptor deste telefonema já teria mandado ele se foder faz tempo. Ela teria ficado

em casa, balançando para a frente e para trás, virando garrafas de vodca, durante todas as noites das últimas três semanas.

- Não tem outra pessoa para você falar isso? - pergunto.

- Mas eu quero  *você* - ele choramanga, soando como uma criança petulante.

- Bom, acho que vou precisar lançar mão de um clichê para dar uma resposta - digo com firmeza, acendendo um cigarro e fazendo uma careta de terror quando vejo fagulhas do isqueiro caírem sobre a pele de carneiro em cima do sofá.

- Desculpe?

- Querer não é poder - digo, desligando o celular bem quando a campainha toca.

Fico aliviada ao ver que Nick, mesmo com uma hora e meia de atraso, parece aceitável, com jeans desfiados em uma camiseta arregaçada. A última está um pouco levantada, revelando um pacote de seis latinhas de cerveja. Hmmm.

Com sorte, passaremos a elas mais tarde.

- Posso deixar a bicicleta no hall?

Seguro-me para não cair para trás de surpresa. Passar na casa de alguém de bicicleta não é exatamente o que eu entendo como "pegar alguém para sair". Mas não faz muita diferença, não é mesmo? Não vou ficar envolvida com isso durante muito tempo, afinal de contas. De qualquer forma, é bastante agradável caminhar da casa de George pela Upper Street, observando as pessoas sentadas na calçada, comendo pratos que parecem deliciosos. Continua quente na rua, e vou sentindo o cheiro de churrasco no ar quando percorremos Islington Green e nos dirigimos para Highbury Comer.

Fico um pouco decepcionada quando Nick revela os parâmetros do nosso encontro. Mas daí me recomponho como posso e digo a mim mesma que me anime. Afinal, sexo selvagem é sexo selvagem, não importa o que se come antes. E eu sempre achei que tem algo muito sensual em comer batatas fritas direto do pacote, levando em conta toda a lambida de dedos e o estalar de lábios que a atividade inclui. E é claro que tem o negócio do ovo em conserva. Nick entra no lugar e já vai logo pedindo um, como se fosse a coisa mais natural do mundo. Secretamente, fico deliciada. Sempre fiquei me perguntando como eles seriam, pálidos, dentro daqueles potes enormes, lembrando-me das aulas de biologia na escola. Mas nunca conheci alguém que os comesse. E ninguém que conheço é capaz de se convencer a experimentar. Então, quando Nick pede um, resolvo dar uma chance também.

E não me decepiono.

Ficamos sentados lá em Highbury Fields, comendo nosso peixe com batata frita e sentindo o cheiro da grama recém-cortada, observando enquanto a luz se vai e os garotos terminam suas partidas de futebol para voltar para casa e dormir (ou ir assaltar velhinhas, seja qual for sua atividade preferida depois que escurece). À medida que comemos, não demoro para perceber que Nick e eu temos pouquíssimo em comum. Na verdade pode-se dizer com segurança que não temos absolutamente porra nenhuma em comum. Mas isso só faz com que a idéia de transar com ele pareça ainda mais animadora. E ele  *é* lindo. De tanto andar de bicicleta, ele ficou com o corpo bronzeado e torneado de um deus grego.

E aqueles olhos cor de café forte não são nada menos do que apetitosos.

Faço uma tentativa de puxar papo. Algo me diz que não faz o mínimo sentido falar de arte, livros ou decoração. De modo tento fazer perguntas sobre a vida dele enquanto engole o resto de batata frita e enxuga um pouco de baba engordurada do maxilar bem esculpido.

- O seu trabalho deve ser muito bom - solto. - Não ficar atrás de uma escrivadinha o dia inteiro. Ficar na rua, tomando ar fresco.

- O ar da Oxford Street não é bem fresco, não é mesmo? - ele observa.

- Mesmo assim, você sabe do que eu estou falando. Estremeço de prazer com o jeito como ele falou. - Com o sol na cabeça e tudo o mais.

- Só. - Ele concorda com a cabeça, amassando o invólucro do peixe com batata e jogando na direção de umas árvores.

Fico um pouco preocupada com a) ter acabado de comer muito antes de ele terminar e b) ter colocado a embalagem vazia na minha bolsa para jogar em uma lixeira depois.

- Só que no inverno fica um frio de lascar. Penetra nos ossos. Só que eu não preciso ir trabalhar se eu não quiser. É igual àquele negócio. Sei-lá-o-quê.

- Sei-lá-o-quê?

- Tipo os jornalistas. E os paparazzi. Gente que trabalha por conta própria e os outros contratam.

- Freelancer?

Meu Deus, ele é mais burro do que eu pensava. O que para mim está muito bem. Pelo menos é decorativo. O que me interessa é o que está dentro das calças dele, não da cabeça.

- É isso aí. A Poder dos Pedais é meio assim.

- Então você não trabalha exatamente para a padaria?

- Não. É uma agência. E se não quiser trabalhar um dia, é só fazer hora extra no outro. E a grana não é má. Acho que paga pelo perigo que a gente passa. A gente arrisca a vida quando anda nestas ruas com uma bicicleta de entrega.

Caio na risada e conto a ele que, da última vez que andei de bicicleta, apertei o freio errado quando uma mosca entrou no meu olho. Saí voando por cima do guidão, caí com tudo de queixo na sarjeta e ainda cortei os lábios com os dentes. Agora é uma história engraçada, mas na época não foi nem remotamente divertida, apesar de Sam quase ter feito xixi nas calças de tanto rir depois de ver que eu estava bem. Mas parece que Nick nem está ouvindo. Na verdade, parece que ele não está muito a fim de falar. Em vez disso, começa a esfregar minha perna com urgência em demasia, do jeito que os adolescentes fazem no primeiro encontro. Isto está um pouquinho rápido demais, até para mim, por isso continuo sentindo a necessidade de tagarelar como uma matraca.

- E quando você começa a trabalhar? - pergunto, apesar de não dar a mínima para isso, - Você tem que se apresentar em algum escritório no começo do expediente?

- Não, - Nick larga a minha coxa um instante, ajeita uma mecha de cabelo atrás da orelha, leva a lata de cerveja aos lábios dá de ombros, - Tem uma central de rádio, eu ligo para lá quando estou pronto para começar. Sabe como é. - Ele coloca um rádio imaginário perto da boca e manda: - "Um seis, um sei. Já tomei café e estou pronto para sair," Uma coisa assim. E daí eles me falam onde vou buscar a primeira encomenda.

Tudo bem, então não é tão glamouroso quanto ser um RP celebre ou trabalhar na TV, mas ter tanta liberdade assim é ótimo. E é por isso que cruzo os dedos e torço para que a Comidinhas Caprichadas dê certo. Percebo que já estou gostando imensamente de trabalhar para mim mesma. É tão melhor do que ter que ficar sentada em uma firma, sendo educada com gente com quem eu preferia nem ter que compartilhar o mesmo ar de um elevador se tivesse escolha, precisa fingir que nunca digo a palavra que começa com "F" e sem poder peidar.

- Não é mau - continua Nick. - Meu pai queria que eu entrasse nos negócios com ele.

- Negócios da bolsa?

- Não. Construção. Meu pai e minha mãe eram muito novos quando se conheceram. Foi uma loucura, Mas ele tomou jeito e ficou no negócio da construção, Ganhou a maior grana.

- Que bom para ele. - Dou um gole na minha lata de cerveja e fico um tanto acanhada ao perceber o papel ridículo que estou fazendo.

- É - ele dá de ombros. - E ele continua bem bravo porque eu não consegui fazer a mesma coisa.

- Você não quis fazer? - dou uns tapinhas no braço dele quando começa a percorrer minha coxa mais uma vez. Afinal, não quero que ele ache que eu sou respeitável. Ele pode parar. E isso não seria nada bom.

- Não - responde ele. - Eu queria. E para falar a verdade me esforcei bastante. Mas, como eu disse, não consegui. A primeira parede que fiz desabou.

- Nossa.

- Em cima de uns moleques.

- Que merda.

- É. Eles não se machucaram, mas depois disso eu não consegui mais me dedicar.

- Sei. - Apóio-me nele por um segundo, Ele parece tão doce quando faz careta. Igual a uma criancinha perdida. - Você ficou muito perturbado? - Apóio-me contra ele mais um pouco, só para dar seqüência às coisas, e ele se vira para o outro lado rapidinho.

- Desculpe. - Sinto-me uma tonta.

- Tudo bem. Só que você estava meio que me esmagando.

Credo. Mulher desajeitada esmaga garotinho frágil e o leva à morte no parque. Já estou vendo a manchete.

Mas nem precisava me preocupar. Quando me afasto, rapidinho, Nick me puxa de novo para ele, virando-se na minha direção e colocando dois dedos embaixo do meu queixo, puxando meu rosto para perto do dele, até que seus lábios carnudos deliciosos fiquem a um centímetro de distância dos meus. E, quando se encostam, uma onda de eletricidade faz formigar minha espinha e fico toda animadinha por antecipação.

- Tem mais uma coisa que eu preciso contar - diz ele, a língua passeando lentamente por meu lábio inferior até eu achar que vou *gritar* de tanto tesão.

- O quê? - digo, quase brava. Naquele momento, se ele me dissesse que era filho de dois assassinos em série, não faria a menor diferença. A única informação de que preciso no momento é o tamanho do...

A não ser que ele venha me contar que *não tem*. Isso *seria* um pouco prejudicial, preciso reconhecer.

Fora isso, ele pode dizer o que quiser que eu vou agarrá-lo pelos cabelos, puxar o rosto dele na direção do meu e dar uns malhos que o matarão de tesão.

- Você não é gay, é?

- Ah, não. - Ele aperta a minha cintura. - É que... o meu nome na verdade não é Nick. Ah, meu Deus. Ele é mesmo filho de um assassino.

- Não foi você que soltou aquela bomba no Carnaval, foi?

- É Dudley.

- Dudley? - não consigo segurar o riso. - Essa não é uma cidade do interior?

- É por causa do Dudley Moore. Fui concebido no fundo de um cinema - explica, com a respiração entrecortada, quando passo os dedos na nuca dele. - Meus pais tinham ido ver *Arthur*.

-Ah.

- Você não quer mais ficar comigo, não é?

- Muito pelo contrário. - Sorrio, agarrando um chumaço de cabelo dele e apertando sua boca contra a minha. O fato de estarmos fazendo isso ao ar livre faz com que eu me sinta completamente vadia, e de propósito. E, no que diz respeito a beijos, o de Nick (ou Dudley) é bem bom. Não consigo passar meus dedos no cabelo dele com tanto tesão como ele faz comigo, porque o dele é todo embaraçado, mas coloco as mãos em volta de seu pescoço e mando ver, até que ele me afasta.

- Não consigo respirar.

- Desculpe.

Pulamos dentro de um táxi e vamos para a casa dele, agarrando-nos como adolescentes no banco de trás, enquanto o motorista olha para a frente e finge não reparar.

- Você é linda de morrer - Nick me diz. - Quer dizer, é claro que eu tomei um E antes de sair...

- Tomou? - Então foi por isso que ele ficava esfregando a minha coxa daquele jeito. Talvez ele não goste tanto assim de mim, Que maravilha. Eu podia ser qualquer uma. Na verdade, ele só deve ter me ligado porque estava a fim de agarrar alguém.

- É. Mas você é um amor.

Ah, que se fada. Ele é homem, não é? E está aqui.

- Mas você é meio esquisita, viu? - completa.

- Sou? - Vejo a expressão do motorista no espelho retrovisor. Os lábios dele tremem nas pontas, como se ele estivesse tentando não rir.

- Mas você é um amor. - Nick/Dudley termina seu monólogo. - Tipo aquela Karen Élson.

- Quem?

- Aquela supermodelo ruiva. Parece meio extraterrestre.

- Obrigada.

- Tipo uma gata espacial total. Você me lembra ela.

Quando o táxi pára ainda estou confusa, sem saber se aquilo é um elogio. Encosta em frente de uma casa alta em Notting Hill. Depois de gastar seis libras e vinte centavos no jantar com cerveja, Nick não tem mais dinheiro, então, dizendo a mim mesma que não me importo, pego minha bolsinha cintilante pago o motorista enquanto Nick abre a porta.

Quando o táxi se afasta, dou um passo atrás e olho para a casa. É enorme, Presumivelmente, um cara como ele não ocupa o espaço todo. Fico achando que vou entrar lá dentro e descobrir que ele me arrastou para alguma espécie de quartinho apertado com uma caminha e um aquecedor barato e macarrão instantâneo queimado no fogão, E a cama dele vira sofá durante o dia mas que, como qualquer homem, ele não se importou em arrumar, de modo que estará coberta por um lençol imundo e é por isso que todo solteiro sempre tem lençóis verdes ou azul-marinho, que não deixam aparecer os fluidos corpóreos. E nem vai ter uma colcha.

Não podia estar mais enganada. Nick mora na casa inteira. Que é tão imensa quanto eu imaginava. E a decoração é linda. Só hall de entrada já é do tamanho do meu antigo apartamento Balham. O chão é acarpetado em amarelinho sedoso e cada sala está cheia de objetos que parecem ter sido agrupados com carinho, em anos de viagens. Tapetes indianos e sáris enfeitam as paredes de uma sala cor-de-rosa, bem ao lado da cozinha. Esculturas africanas em madeira enchem o estúdio. No banheiro do térreo, há várias cabeças chinesas de papier mâché e uma bandeira de prece nepalesa. E há fotos em porta-retratos prateado por todos os cantos. Um casal que presumo ser seus pais. E várias crianças fofas, uma das quais deve ser ele. Chupando picolé, agradando carneiros em uma fazendinha, andando de trator. Em todas elas, ele tem os mesmos olhos cor de café e sorriso adorável e maroto.

- Ahhh. - Escolho uma dele na praia. Devia ter uns 7 anos nela. Faltam vários dentes no sorriso dele e está sentado sobre um burrico preto e gordo, chupando um sorvete com cobertura. - O pequeno Dudley no litoral.

- Pare com isso - ele implora, rindo e me pegando pelo pulso, - Vamos lá para cima. Lá não tem nenhuma fotografia para me deixar com vergonha.



- Agora, espere só um pouquinho. - Viro o corpo e o pego desprevenido quando coloco a foto de volta a seu lugar, sobre a lareira enfeitada. - O que você acha que eu sou? Uma qualquer, que vai para a cama logo?

Nick/Dudley parece horrorizado.

- Desculpe - gagueja. - Não quis dizer isso. Não precisamos, sabe. Podemos só...

- Estou brincando, seu tontinho. - dou risada, empurrando-o na direção da escada e deixando que me conduza para o andar de cima. - Na verdade, já estava achando que você nunca ia me convidar.

Que *excelente*, Tudo bem, então não temos nada em comum, a não ser a bebida e a agarrção, mas não precisamos conversar, não é mesmo? De qualquer modo, ele está louco para me comer e eu estou totalmente sóbria. Vou dar uma trepada absolutamente insignificante e nem estou bêbada.

Nem me sinto culpada.

O quarto de Nick é tão maravilhoso quanto o resto da casa. Uma cama francesa com cabeceira domina o centro do quarto. Lençóis novinhos e brancos, cobertos com uma colcha cor de uva. Não tem muita cara de homem solteiro. Alguma coisa não está muito certa aqui. Em algum lugar na minha mente um alarme soa, ainda que baixinho. Ele é *entregador de bicicleta*, pelo amor de Deus. E não dos mais inteligentes. É de se esperar que alguém como ele viva em uma pocilga. Não neste palácio.

Penso em quando o táxi encostou. Ele *tinha* chave, não tinha?

Quer dizer, não acabamos de arrombar a casa de um estranho completo...

Acabamos?

Caralho. As idéias que eu tinha para esta noite eram bem diferentes disto.

Resolvo testá-lo.

- Onde é o banheiro?

Ele faz um sinal com a cabeça em direção a uma porta que se abre de dentro do quarto, Claro. Uma suíte. Bom, isso não quer dizer que ele more aqui. Qualquer pessoa (menos eu, obviamente) saberia que uma casa como estas teria um luxo destes, E o banheiro é luxuoso. Tudo é brilhante, caro e tem um certo toque feminino. Frascos de produtos da linha Romance de Ralph Lauren enchem a pia. Há até um tubo de creme depilatório no armarinho. Este último item só pode significar uma coisa, entre duas opções.

Costas peludas.

Ou namorada que mora com ele.

Sinceramente, espero que seja a segunda opção.

Nick insiste em tomar banho antes de ir para a cama, acabando com qualquer medo que eu tivesse no campo da higiene pessoal. Reparo que ele não usa a suíte. O que é esquisito. Como se fosse um hábito, vai a um outro banheiro, que sai do patamar da escada. E isso me parece muito estranho, Quando volta, todo limpinho e cheiroso, não recende a colônia francesa, como era de se esperar do dono de uma casa destas, mas sim a loção de pinho (ou algum desinfetante de banheiro). Fico feliz de constatar que não tem um carpete nas costas.

Então deve ter uma namorada que mora com ele, A menos que o creme tenha feito maravilhas. Afinal, esta é a casa de um, ou talvez dois, profissionais muito prósperos. Nick não pode morar aqui sozinho, de jeito nenhum. A mulher deve sustentá-lo. É um caso muito óbvio de Namorada Ausente.

Bom, com certeza eu não tenho nenhum problema com isso. Na verdade, para ser honesta, só deixa tudo mais excitante. Estou prestes a transar com um cara que eu não conheço na cama da namorada dele. Espero que ela não ligue se eu amassar os lençóis, penso, rindo, enquanto Nick abre o zíper do meu jeans, tira meu casaquinho com um movimento rápido e me empurra para cima da cama, cobrindo-me de beijos e colocando

a mão na minha bunda. Os movimentos dele são ávidos, quase como os de um adolescente fazendo sexo pela primeira vez. O que me faz rir. Fico imaginando se ele é assim com a namorada, a vaca rica.

Ainda assim, o fato de ele ter namorada já facilita bastante as coisas para o meu lado. Reduz em muito as chances de ele querer repetir a dose. Assim como a possibilidade de ele ficar me ligando insanamente como o louco do Max.

Pronto, fui lá e mandei ver. Só isso.

Consegui alcançar a Trepada Sem Compromisso perfeita. Vou poder cair fora antes de ele acordar e ele não vai dar a mínima. Provavelmente vai ficar feliz, porque isso vai lhe dar tempo para tomar banho, se secar e trocar os lençóis a tempo de evitar suspeitas.

No decorrer dos acontecimentos, nem dormimos de verdade porque Nick (bom, é muito mais sexy do que "Dudley", não é mesmo?) parece ser capaz de seguir em frente como um trem a noite toda. Para ser exata, transamos cinco vezes. E, às sete, quando ele me brinda com mais uma rodada de Croissants para o Café da Manhã, percebo que é mais difícil do que eu pensava dar no pé, Porque ainda quero mais e acho que não vou conseguir caminhar, quando um carro encosta e Nick pula como se tivesse levado um tiro no saco.

- Chiu.

Droga. A namorada dele, já? E bem quando eu estava prestes a ter aquele tipo de orgasmo que faz os ouvidos apitarem. Que atitude mais egoísta. Resignada (apesar de estar me cagando de medo de ser pega no pulo), tiro meus brincos. Não tem nada pior do que um lóbulo de orelha cortado, e me preparo para o pior.

Segundos mais tarde, a chave inevitável tilinta na fechadura e Nick corre pelo quarto como uma galinha sem cabeça, ainda com uma ereção em que dá para pendurar um casaco, recolhendo meus tênis, minha calça e meu casaco e jogando tudo em cima de mim.

- Rápido - ele balbucia, fazendo caretas de terror quando bate a ponta do pau na porta do guarda-roupa aberto. Silenciosamente, tenho convulsões de riso em silêncio. A namorada dele pode ter estragado as minhas chances de um último orgasmo, mas pode esquecer a ação sexual por um bom tempinho agora. Até a tarde, o pau de Nick vai estar parecendo um chouriço.

- Rápido - ele sibila de novo. - Vá se esconder no meu quarto.

Perdão?

- Seu quarto? - engulo em seco. - Mas este aqui não é...

Sem maiores explicações, abre a porta do quarto, me empurra (ainda totalmente nu, veja bem) para o patamar da escada e para dentro de um quarto de solteiro coberto de pôsteres do *Baywatch* e outras coisas do gênero. Pôsteres de revista. Bate a porta atrás de nós e solta um suspiro de alívio enquanto eu, mais zonzinha e confusa do que nunca, mas me mijando de medo um pouco, me afundo na colcha de *Star Trek Next Generation* e espero mais instruções, dividida entre me sentir incomodada e querendo que ele enfiasse a cabeça no meio das minhas pernas até que eu me sentisse satisfeita.

- No armário - ele sibila bem rápido, quando ouvimos passos subindo a escada e a voz de uma mulher chama o nome dele.

Encolho-me como uma aranha morta, xingando-o quando lima luva de beisebol acolhe a minha bunda nua. Estou louca para mijar e não faço idéia de quanto tempo devo permanecer aqui. Depois do que parece meia hora, tenho coragem de colocar a cabeça para fora. O quarto está vazio de modo que, com a idéia de fazer um xixizinho antes de procurar minhas roupas e sair fora em disparada, vou até a porta na ponta dos pés e abro.

A costa está limpa. Posso mijar em total segurança. Mas espera só um pouco. Esta casa aqui é velha. O assoalho estala bastante. Um passo em falso e sou fortíssima candidata a levar uma surra de uma vaca, sem falha. E não sou muito de briga. Na verdade, no que diz respeito à violência, sou meio cagona. Fujo de qualquer situação assim em uma fração de segundo. E, com uma iluminação absolutamente genial, percebo exatamente o que tenho de fazer.

Vou rolando.

É isso mesmo. Deito no chão e vou rolando igual a uma lingüiça até o banheiro. E estou quase lá quando meu peito direito bate em alguma coisa.

Um escarpin bem brilhante.

E dentro do sapato tem um pé.

Merda.

O mais lentamente possível, rolo para cima das costas e olho, gelada de medo, dentro dos olhos brilhantes de uma mulher de meia-idade que estava arrumando o armário do corredor.

- Olá, querida. - Ela sorri, aparentemente indiferente ao fato de eu estar completamente nua. - Você deve estar com um pouco de frio.

- Hm. Um pouco - reconheço.

- Vista isto aqui - diz toda prestativa, entregando para mim uma blusa florida pavorosa e uma coisa que só pode ser descrita como um calçolão. E ainda é bege. Não faço idéia de quem seja esta mulher, mas, se ela mora aqui, seu gosto para roupas não tem nada a ver com o gosto para a decoração. Relutante, fico em pé, coloco a blusa para cobrir meus seios e me enfio no calçolão toda desajeitada. - Melhorou. - A mulher abre um enorme sorriso. - Quem você é mesmo?

- Katie - respondo, bem idiota com a mão estendida para cumprimentá-la. - Katie Simpson.

"Credo, por que você não dá logo para ela seu endereço completo e também o número do telefone, sua tonta", caço a vozinha dentro da minha cabeça, quando percebo o grau de idiotice da situação.

- Sou a senhora Black - diz a mulher, apertando a minha mão.

- Oi.

Bom, eu continuo sem entender nada, não é mesmo? Quem é ela? A empregada? E se for, será que é uma empregada legal? Será que vai contar para a namorada de Nick que ele é um mentiroso e a está traindo, que é um cafajeste adúltero? Ou será que a gente se safou?

- Eu sou a mãe do Dudley - diz a mulher, prestativa, ao perceber minha confusão.

Engulo em seco, como um peixe fora d'água. *Mãe dele?*

- Bom, querida, você deve estar com fome. Vamos lá para baixo. Tem bastante café fresquinho e posso fritar mais um pouco de bacon, se você quiser.

E sem mais qualquer outra palavra, ela me empurra escada abaixo e para dentro da cozinha, onde Nick (desculpe, Dudley), uma menininha de uns 12 anos e um senhor de meia-idade de calça de moletom estão tomando café.

Olho para o esmalte turquesa nas unhas dos dedos dos meus pés. Isto é mesmo uma tortura.

- Bom, acomode-se, querida - vocifera o homem de moletom que, obviamente, é pai de Nick. - Deixe-me dar uma olhada em você.

Dou um passo à frente, sentindo-me ridícula com aquela roupa de mãe. O modelão já seria terrível sozinho, mas por azar eu ainda sou tão alta que a barra da calça mal chega no meio das minhas canelas.

- Bom, ela é uma moça legal, não é, mãe? - O pai dele ri, abocanhando uma garfada de gema de ovo e molho com um pedaço de pão branco. - Sabe, querida, estávamos bem preocupados. Achávamos que ele era bicha, mesmo. Nunca apareceu nenhuma moça por aqui, não é mesmo, mãe?

- Não. - A mãe de Nick sacode a cabeça. - Ele já está 18 anos e nunca ouvimos falar de namorada nenhuma.

*Peraí.*

Dezeito?

Credo. Isso me transforma praticamente em uma pervertida. Em uma corruptora de menores.

Fico brigando com a minha consciência durante todo o caminho de metrô até a minha casa. Depois que engoli meu bacon e dei no pé, Nick me levou até a porta com uma expressão ansiosa no rosto. E de repente ficou óbvio como ele era muito mais novo do que eu. Credo, às vezes eu não tenho a mínima noção mesmo.

- Será que a gente pode se ver de novo?

Ai credo. Não me venha com essa cara de cachorrinho apaixonado.

"Vá se foder", dizia minha consciência.

- Tudo bem - soltou minha enorme boca traidora. - ligue para mim. Quando quiser.

Agora que estou a caminho de casa, amaldição a mim mesma por minha completa incapacidade de concluir uma perfeita ficada de uma noite só.

Veja bem, só porque eu disse que ele podia me ligar, isso não significa que ele vai se dar ao trabalho, não é mesmo? Os caras são assim. Não dá para confiar neles nem um pouco. Afinal, não é exatamente por isso que eu não quero mais saber deles?

Durante todo o caminho até em casa, sinto-me como um monte de frustração. O Croissants Interruptus que rolou mais cedo me deixou insatisfeita e esquisita. Tento me apoiar no suporte de metal no meio do vagão, lembrando-me de uma vez que Janice contou ter tido um orgasmo-surpresa por causa da vibração.

Nada.

Nadinha de nada.

E todo mundo está olhando para mim, imaginando por que diabos eu estou ali parada no meio do trem em pé, já que metade dos assentos está vazia. Dou de ombros e me dirijo a um assento. Talvez Janice estivesse em uma linha diferente quando aconteceu.

De qualquer modo, não é nada que uns bolinhos e um ou dois minutos com o chuveirinho, em casa, não possam resolver.

Quando afinal atravesso o portão da frente, fico surpresa de ver uma pessoa agachada nos degraus de George e David. Não tenho muita certeza a respeito de quem é, mas, pela maneira como George está parado à janela de cima, olhando para os gerânios vermelhos da floreira da janela e jogando coisas para baixo, percebo que é alguém que não faz muito sucesso.

E então reconheço a camiseta que ele está usando.

É minha.

E que, devo dizer, eu bem que gostaria de ter de volta.

É. Você já adivinhou.

É a porra do Jake.

- O que é que você quer?

Minhas entranhas dão cambalhotas mais rápidas do que as de uma ginasta olímpica e meu coração usa minha língua de trampolim, mas eu desvio do tomate-cereja que George joga nele e consigo parecer tão fria quanto um picolé.

Quer dizer, até que Jake se levanta e eu percebo que ele continua tão alto e lindo como sempre. Aquele cabelo escuro desgrenhado é tão sexy que me deixa sem fôlego e involuntariamente dou um passo atrás, piso em falso e caio de bunda no chão.

Foi bem, Katie. Muito sutil.

- Como foi que você me achou?
- Sua mãe disse onde você estava.
- Disse?

Que porra *ela* está fazendo? Sabe como é, ela sempre gostou do Jake. Ele sempre era tão educado quando estava perto dela que ela nunca conseguiu entender muito bem por que eu o "larguei", como ela colocou. Claro que fiquei envergonhada demais para contar-lhe os detalhezinhos extras, tipo eu o ter pegado com a Fraser Calcinha de Peixe, de modo que ela não ficou com a idéia correta. Provavelmente está em casa agora mesmo, imaginando todos os tipos de *vol-au-vents* que servirá no nosso casamento.

George continua na janela do andar de cima, dividido entre tentar não mijar nas calças de tanto rir por causa do meu tombo e parecer absolutamente horrorizado com a perspectiva de eu convidar Jake para a casa dele.

O que, é claro, eu vou fazer. Quer dizer, não sou idiota. Eu sei que não devo perdoá-lo. Mas bem que gostaria de ouvir o que ele tem a dizer. E, preciso admitir, há uma partezinha de mim que espera que ele reconheça que errou.

Claro que, se ele reconhecer, não faço a menor idéia do que farei, mas vamos pagar para ver, pode ser?

Sorrio nervosamente para ele enquanto reviro a bolsa procurando a chave. Nesse ínterim, um berro histérico vem da janela lá em cima.

- O que você está fazendo, sua megera ridícula?
- Vai se foder, George - digo curta e grossa. - Pode deixar que eu cuido disto.

E a verdade é que eu simplesmente não consigo resistir a Jake. Os olhos brilhantes verdes dele parecem tão cheios de maldade como nunca. Para ser honesta, seria um duro golpe se ele tivesse perdido esta fagulha. Se os olhos de esmeralda dele tivessem perdido seu brilho verde pelo estresse de ter me deixado ir embora e por ter que cuidar da namorada vagabunda e da cria diabólica dela. Quer dizer, não tem nada mais legal do que cruzar com alguém que lhe deu o pé na bunda e ver que você é que se deu melhor na história toda, não é mesmo?

Deixo que ele entre em casa. Sorrio para ele quando ele sorri para mim. Faço um gesto para que ele se sente na sala de estar imaculadamente branca de George. Depois que ele está sentado, percebo que não faço a mínima idéia sobre o que devo fazer a seguir, de modo que dou uma checada na aparência no espelho veneziano em cima da lareira e fico horrorizada de ver que me pareço com um panda que tomou heroína. Enormes círculos de delineador preto escorreram até a metade das minhas bochechas e estou pavorosa. Meu modelão florido com calça curta também não está ajudando em nada. Eu devia ter lembrado de colocar minhas roupas antes de dar no pé.

Graham, aquele traidor gordo e ruivo, pula direto no colo de Jake, ronronando igual a um motor. Droga. Ele também não devia estar aqui. George vai ter o maior ataque se vir isto.

- Ah, Katie - Jake suspira, agradando a cabeça de Graham de maneira tão carinhosa que desejo ser eu no colo dele, e não o gato. - A vida não é esquisita?
- Do que você está falando?
- É que eu acho...
- Pois não?
- Quer dizer, não me leve a mal...
- Prossiga.

- Acho que cometi um erro enorme - termina o raciocínio, afinal.

-Ah.

Será que ele está falando em ficar de novo com a Calcinha de peixe ou de mim? Fico me perguntando.

- Quer dizer, ter filho não é assim tão emocionante quanto parece - continua ele.

George, descendo a escada, pega o rabicho da conversa.

- Fico com ele se você quiser. Quanto você quer? - pergunta na lata. - A menos que venha com 666 estampado na testa, claro.

- Perdão?

- Posso tirar a coisinha das suas mãos. Dependendo do rosto dela, claro. Não é gorda, é?

- Ela é perfeita - responde Jake. - Para falar a verdade, é linda. E não dá muito trabalho.

Eu... quer dizer, nós com certeza não queremos vendê-la.

.- Ah. - George parece decepcionado. - Tudo bem. Bom, se você mudar de idéia, já sabe onde estamos. Tchau, querida.

Ele me dá beijos nas bochechas e aproveita para cochichar: - Não faça nenhuma bobagem, querida. Não quero que a minha casa esteja cheirando a porra quando eu voltar.

- Aonde é que você vai? - corro atrás dele em pânico, de repente sem ter muita certeza se quero mesmo ficar sozinha com Jake.

- Vou jantar com a minha mãe. E tire essa bola de pêlo ruivos da minha sala antes de eu voltar.

- Posso ir com você?

- Não. - George ri. - Você pode muito bem ficar aqui e resolver seu assunto com esta porra deste homem infiel. Assegure-se de que ele não esteja mais aqui quando eu voltar. E não se preocupe. Não me esqueço do seu docinho.

Caio na risada. A boa e velha mãe de George já estava chegando aos 40 quando seu filho único nasceu. Quatro anos depois, o pai de George morreu. Desde então ela ficou sozinha, como George faz questão de lembrar toda vez que tento fazer com que ele conte a ela que é gay. Sabe, George, apesar da loucura toda de sua Vida Antes de David, sempre foi um filho exemplar, que sai correndo para visitá-la em sua casinha em Kent sempre que pode. Já me arrastou com ele para lá várias vezes. E a mãe dele, Deus a abençoe, nunca nos deixa ir embora sem ter nas mãos algo doce. Um biscoitinho, ou um toffee. Pessoalmente, não me importaria de apostar que ela tem total noção a respeito da situação da sexualidade dele e simplesmente não está nem aí. Não ficaria surpresa se toda aquela implicância com a solterice dele fosse só um jeito de dar corda. Ela é velhaca, essa mãe do George. Não tem muita coisa que ela não saiba. Só espero que um dos dois resolva abrir a boca antes que seja tarde demais. Seria uma pena se ela nunca ficasse sabendo como George está feliz com David.

- Na verdade - explica Jake quando George bate a porta atrás de si -, estou aqui por causa da Tallulah.

- Tallulah? - pergunto. - Quem diabos é Tallulah?

- O bebê.

- Ah, claro, desculpe.

- Você fez a comida do casamento de uns amigos meus. Em Hampton Court.

- Aquele com uma piscina, onde todo mundo entrou depois de estar completamente bêbado?

- Marina e Giles, isso mesmo.

- Não devem ser muito bons amigos, já que não o convidaram - solto, rápida como um chicote.

- Para falar a verdade, convidaram. - Ele sorri. - Só que a gente não conseguiu babá.

- Bom, se você está pensando em pedir para mim, nem se incomode. - digo, curta e seca.  
- Acho que não lhe devo nenhum favor. E não sou muito de fraldas cheias de merda.  
- Não, boba. - Ele sorri, e eu me lembro de como ele era quando nos conhecemos.  
Costumava dar aquele sorriso indulgente para mim o tempo todo. E apesar de eu saber que tinha um toque paternalista nele, fazia com que eu me sentisse desejada. Janice e Sam costumavam dizer que ele tentava fazer com que eu parecesse idiota, mas eu não ligava.  
Eu estava *apaixonada*, pelo amor de Deus.  
- Queria saber se você quer fazer o batizado dela - conclui, sorrindo como se estivesse me fazendo um tremendo favor. Vou dizer uma coisa, que cara mais petulante! Se ele acha mesmo que vou ficar correndo de um lado para o outro, servindo canapés de pepino para os amigos dele (que, por coincidência, costumavam ser *nossos* amigos), ele está muito enganado.  
. Mas espera aí um segundo. Jake, afinal das contas, é absolutamente brilhante no que diz respeito a formar rede de contatos. Ele conhece *montes* de gente bacana.  
- Que tipo de coisa você tem em mente? - pergunto.  
Negócios são negócios, afinal. E, desde que eu não transe com ele, qual é o problema?

## DEZESSETE

- Então, isso significa que vamos poder transar de vez em quando, com frequência? – Jake enxuga o pau na minha colcha e ajeita a calça jeans sobre a bundinha linda. Tudo bem, tudo bem, eu devia estar me sentindo bem idiota agora. E acabada. E provavelmente um pouquinho usada. E George deve voltar a qualquer minuto, e se pegar Jake ainda por aqui, vai ficar louco da vida.  
E acho que foi um pouco cruel deixar Jake me chupar logo depois de Nick. Mas, bom, eu não sabia o que ia acontecer, não é mesmo? E estava me sentindo toda frustrada. Claro que você provavelmente vai dizer que eu tenho um parafuso a menos por ir para a cama com Jake, só porque ele ficou reclamando sem parar que, desde que o bebê nasceu, nunca mais transou. A Calcinha de Peixe está preocupada demais com absorventes e exercícios pélvicos para prestar alguma atenção nele. Deve estar com medo de que, se não continuar fazendo exercícios, a bunda dela possa cair quando estiver rodando bolsinha por aí.  
A visão dela com as pernas levantadas e a região da diversão dela com aparência de acidente automobilístico também não ajudaram muito a libido dele, explicou, acariciando minha bochecha e dizendo o quanto sentia a minha falta. Claro que ela não tinha nada a ver com isso, aliás.

E eu fiquei toda alegreinha.

Na verdade, estava gostando tanto da atenção que esqueci de ser ferina e dizer que nunca entendi o que diabos um cara sexy e inteligente como Jake via em uma mulher que tem tanta classe quanto a lojinha de 1,99 da esquina. O fato de ele afinal ter tomado juízo já me basta.

Estou feliz da vida.

Na verdade, estou muito mais do que feliz. De repente, percebo que não ia ser mal ter Jake de volta à minha vida. Nada sério, claro. Não sou uma imbecil completa. Sei que nunca mais vou poder confiar nele. Mas, e se eu levar a sério a proposta de transar de vez em quando, com frequência? Será que teria *algum* problema?

Afinal, nem vou precisar fazer uma marquinha nova na cabeceira da cama. Ele já passou por lá, em todo caso, até comprou a camiseta. E, se houver a mais remota possibilidade de eu voltar a me apaixonar por ele de novo, não vou poder fazer nada a respeito. Com certeza não vou poder sonhar com casamento.

Porque eu já vou *estar* casada. Com David.

E, claro, há O Fator-Revanche. Enquanto a Calcinha de Peixe fica em casa limpando vômito de bebê e fazendo papinha, Jake e eu estaremos fazendo sexo sórdido e extraconjugal pelas costas dela. Tudo bem, é verdade que não dá para evitar sentir Um pouquinho de culpa. Tem um bebê envolvido nessa história no final das contas. E não é culpa da coitadinha se os pais dela são assim tão disfuncionais. Mas então digo a mim mesma que a verdade, não estou ameaçando nem um pouco a felicidade da pequena Tallulah. Afinal, com certeza eu não quero que Jake largue a Calcinha de Peixe para ficar comigo. Ela não precisa saber, nunca, que o pai dela é galinha.

Então, convenientemente, fico lustrando a memória do sexo com Jake antes de terminarmos. Esqueço que, na maior parte do tempo, o sexo na verdade era tão tedioso que eu pedia para ele sair da frente para eu poder enxergar a televisão. Porque transar com Jake agora parece algo tão natural, tão conhecido, que de repente percebo, com uma pontada de nostalgia, que é isso que eu quero. Estar com ele de novo, não faz mal se a frequência não for grande. Quero me sentir segura.

Tenho sentido a falta dele.

Nas semanas que se seguem, nós nos encontramos principalmente aos sábados. George e David costumam sair para dançar neste dia da semana. E é fácil para o Jake se livrar da Calcinha de Peixe. O que não é tão fácil assim, no entanto, é mentir para Nick/Dudley que, contra todas as probabilidades, revelou-se ser o maior meloso. O que é uma pena. Ele *tinha* mesmo potencial para cafajeste. Descobrir que alguém tão absolutamente incompatível está completamente apaixonado por mim é a mesma coisa que receber um cartão delicioso no Dia dos Namorados e perceber que foi a minha mãe quem mandou.

Ainda assim, resolvo que provavelmente é bom mantê-lo na reserva. Afinal, é alguém além de Jake. É bom sentir que eu estou meio que devolvendo a traição. Mesmo que ele ainda não saiba disso. Janice compreenderia. Só que eu não posso conversar com ela sobre isso porque ela foi passar um fim de semana de Vagabunda Rica em Ipswich sem nem me avisar. Foi George quem me contou.

- *Tem alguma vagabunda rica em Ipswich?* - perguntou a ele, cheia de dúvidas. Nós dois estamos sentados na cozinha da casa dele (ainda não consigo pensar que ali é a minha casa também), comendo iogurte de groselha com colheradas de mel.



- Bom, foi exatamente o que eu pensei - revela ele. - Devem fretar uns ônibus e levá-las para lá especialmente para a ocasião.
- E o que é que acontece nesse convescote de vagabundas ricas?
- O negócio todo é controlado por umas vagabundas insípidas, puxa-sacos e com hábito de correr atrás de fortunas – ele me assegura. - Falam para você exatamente o que precisa vestir e se comportam com a intenção de agarrar um velho rico. Ensinam a sair de carros em estréias sem mostrar a calcinha. Sabe, esse tipo de coisa. E se você tiver sotaque de caipira, ensinam a você como falar com sotaque aristocrático ou ficar de boca fechada. Ela está aprendendo a ser uma dama, para que Jasper se case com ela.
- Por que ela não contou que estava indo? - choramingo.
- Ela contou. - George lambe a parte de trás da colher. – Só que não deu para falar com você porque você anda ocupada demais. E ela ainda está aborrecida porque você inventou aquela história do Jasper com uma outra mulher.
- Mas eu o vi *mesmo* com outra mulher - insisto.
- Mas *eu* não vi - responde ele. - E acho que é melhor não se meter nesse assunto. Você não acha?
- Ah.

Acho que tenho *mesmo* estado meio ocupada ultimamente, já que a Comidinhas Caprichadas está indo tão bem. A propaganda boca a boca, parece, está se espalhando com tanta rapidez já que agora já estou recebendo encomendas para festas no interior. O batizado de Tallulah, para o qual forneço um enorme bolo em forma de T com uma cobertura rosa-bebê e mirtilos pequeninhos e fresquinhos, parece um sonho. Jake e eu até conseguimos dar uma escapada e dar uma rapidinha no banheiro quando ninguém estava olhando. Bom, *eu* me sinto culpada. Acho que ele nem pensa que está fazendo alguma coisa de errado. E, depois, eu nunca mais posso encontrar meus amigos no sábado à noite porque geralmente estou com Jake. Aparentemente, é muito mais fácil para ele escapar naquele dia porque é a noite mais fácil para brigar. A Calcinha de Peixe só quer saber de aproveitar o tempo que tem com ele quando o bebê está na cama. Isso com certeza inclui assistir a programas horrorosos na TV e comer comida entregue em casa.

- Corno se ela pudesse comer muito - ele observou certa noite. - Está do tamanho de um dirigível.

Até eu preciso ter um pouco de pena dela quando fico sabendo que a coitada da Calcinha de Peixe não pode nem comer o que quer.

Aparentemente, em um sábado normal, o jantar é seguido por um mecanismo ilusório que, Jake garante, é típico de "qualquer cara". Ele deixa a Calcinha de Peixe escolher o filme. Daí se senta para assisti-lo. E daí espera. E espera, Até que ela peça para ficar com o controle remoto para variar, Ou comece a falar nas partes mais importantes do filme. E daí ele sai batendo a porta e vem para a minha casa. Onde *nós* assistimos a TV juntos e pedimos urna comida. E daí transamos.

Fácil assim.

Que safado.

Ainda assim, foi a própria Calcinha de Peixe que preparou a cama dela (sem dúvida, com lençóis de babado e um guarda-pó horroroso), quando os dois brincaram de esconder o salame pelas minhas costas, de modo que ela pode muito bem se deitar nela, se quer saber a minha opinião. Afinal, não é minha culpa se Jake está achando a monogamia tão apetitosa quanto um daqueles shakes de proteína de regime, não é mesmo?

Nick, claro, pertence a urna categoria totalmente diferente. E quanto mais me encontro com ele, mais percebo que não temos absolutamente nada em comum, Pelo amor de

Deus, ele nasceu nos anos 80. Para ele, Milk Way sempre foi Milk Way. Nunca jogou Atari. Não sabe quem é Artur, o robô. Tinha uns 4 anos quando "Karma Chameleon", do Culture Club, fazia sucesso. Não assistia a "Os pioneiros". E nunca comeu Sem Parar quando eram urnas bolinhas.

Ainda assim, sem nenhum ponto de referência, não preciso me preocupar em conversar com ele. Podemos passar logo ao sexo. O que, devo dizer, pode ser bem excitante. O sexo com Nick era do tipo sórdido, daquele que a gente faz em um beco escuro. Ele adora fazer ao ar livre, de modo que passamos pouco tempo na cama e muito tempo atrás de caçambas, em bancos de parque e no quintal dos fundos dos outros. Bom, pelo menos isso deixa as coisas mais interessantes, pelo menos é o que eu disse a mim mesma com um suspiro certa noite, quando a de trás de urna casa se abriu pela metade e urna gorda com um penhoar cor de pêssego começou a gritar palavrões na nossa direção e nos jogou um balde de água fria.

Mas agora, quando George me diz na lata que até Janice, a própria Senhora Trabalho Antes dos Amigos, acha que eu não tenho mais tempo para ela, de repente me sinto deprimida. Lembro que nem tive tempo de fazer as pazes com Sam depois da briga sobre a minha mudança para a casa de George. E de repente fica claro para mim que, indiferentemente do que tenha sido dito ou não no calor do momento, Sam e Janice são meus melhores amigos. E não posso me dar ao luxo de perdê-los. Além disso, lá no fundo, eu sempre soube que há algo muito, muito importante que preciso pedir a Sam. Então, sentindo-me ridiculamente nervosa, ligo para pedir desculpa. E pergunto se posso levá-lo para jantar hoje à noite para fazermos as pazes.

- Claro que sim, Simpson. - Dá para ouvir o sorriso de Sam do outro lado da linha e eu o amo por isso. - Sempre me sinto feliz de aceitar o seu dinheiro.

- Passo aí lá pelas oito - digo, sentindo-me aliviada.

É uma daquelas noites bonitas e quentes de julho. As calçadas próximas a todos os bares por que passo no caminho até a estação de metrô Angel estão cheias de garotas de shorts e vestidinhos esvoaçantes, bebendo vodca, e caras bem urbanos cheirando a loção pós-barba cítrica e roupa que acabou de sair da lavanderia. O ar está espesso com tanta promessa de sexo e, quando saio da estação e vou até a casa de Sam, que acabou de ser pintada e com florzinhas roxas e alaranjadas na floreira das janelas, percebo que estou nervosa, nervosa mesmo, e não sei por quê. Claro que não pode ser porque eu gosto de Sam, logo ele. Além disso, mesmo se gostasse, já tenho o bastante com Jake e Nick.

Realmente, não tenho tempo para incluir um terceiro.

Ainda assim, quando Shana abre a porta, agitando a cabeleira loira, com um vestido de alcinha roxo pendurado em seus ombros ossudos, não posso evitar de me sentir um pouquinho incomodada.

- Ah - digo involuntariamente, quando ela aperta os olhos na minha direção.

- Estamos quase prontos - declara, com muita ênfase no verbo na primeira pessoa do plural. A atitude dela é definitivamente hostil. Mas, no minuto em que ouve os passos de Sam atrás de si, recolhe as garras e se transforma em uma gatinha manhosa. Na verdade, ela se parece tanto com uma gata que fico esperando ela sentar no chão e começar a lamber a bunda.

Sam vem atrás dela, com sua jaqueta de camurça bem gasta preferida em cima dos ombros.

- Simpson, sua velha safada. - Ele sorri e parece muito feliz de me ver depois de tanto tempo. - Que bom vê-la.

- Você também. - Devolvo o sorriso, aproveitando o olhar azedo no rosto de Shana quando ele me dá um beijão estalado em cada bochecha.

- Eu tenho vodca - diz ele. - Podemos tomar uns cosmopolitans antes de sair.

Shana e eu ficamos sentadas em silêncio quando ele entra na cozinha para preparar os drinks. Assim que ele sai do campo auditivo, ela se volta para mim.

- Você vai mesmo *sair* assim?

Examino o meu vestido-camisola azul, surpresa.

- Vou - respondo. - O que mais eu poderia usar?

- Nada. - Ela olha para mim com compaixão. - Eu só achei...

- Achou o quê?

- Bom, quer dizer, é como a sua mãe disse, não é?

- Você já viu a minha mãe? - digo, surpresa. - Quando?

- Várias vezes - conta, toda inocente. - Quando visitamos pai do Sam, ela sempre está por lá. Está desesperada para que você arrume um namorado, sabe como é. Discutimos a situação detalhadamente.

Repentinamente, tenho uma vaga lembrança de minha mãe mencionando algo a respeito de educação. Aposto que essa vaca tem falado todo tipo de merda em volta daquela mesa de jantar.

- Não que ela diria algo para você, claro.

- Eu sei.

Acho que devo conhecer a minha própria mãe melhor do que ela.

- Mas é como ela diz, não é mesmo? - Shana tira um pelinho do casaco de mulherzinha dela e olha para mim toca inocente, com seus olhos azuis. - Quer dizer, se você vai ficar andando por aí com essas roupas largas e esses sapatos, nenhum cara a um quilômetro de distância vai se interessar por você. Quer dizer, ela quase caiu no choro porque acha que você nunca vai vestir nada feminino nem se casar. Vou dizer, Sam e eu tivemos que nos esforçar para não falar nada sobre o seu casamento. Parece uma pena ela não poder estar presente no seu casamento. É muito egoísmo da sua parte. - O quê?

Mas, antes que a vaca nojentinha tivesse oportunidade de dizer qualquer outra coisa, Sam volta para a sala com nossas bebidas. A expressão no rosto de Shana muda, como se tivesse apertado um botão, de safada para aproveitadora inocente quando ele chega, e eu só posso ficar lá sentada, morrendo de raiva. E não só porque, mesmo com aquela calça branca apertada, ela conseguiu se livrar do efeito calcinha aparecendo. É porque eu sei a vaca manipuladora que ela é. Conseguiu me deixar pouco à vontade com a minha roupa no recorde de dois segundos. E fez com que eu ficasse preocupada com a minha mãe. Sam, obviamente, não tem a mínima noção. Não faz a menor idéia. Mas é claro que não é culpa dele; em parte, por ser homem, tem a desvantagem de só poder pensar pelo pênis. Mas colocou uma boa venda em cima dos olhos. Agora que ele está na sala, ela é só doçura e gentileza. Só que eu, com minha intuição feminina, sei que, toda vez que se vira para mim, fingindo interesse no que estou dizendo, sei que a base hidratante sobre o rosto dela está rachando, de tanto esforço.

Como, diabos, vou pedir a ele o que preciso pedir com ela no caminho?

- Acho que devemos ir, Sam - olho para o meu relógio. - A mesa está reservada para as nove e só faltam dez minutos.

- Certo. - Sam se levanta e pega a jaqueta.

Nós dois olhamos para Shana. É hora de ela se ligar e dar o fora.

- Ótimo. - Ela se levanta, colocando o cardigã sobre os ombros, como que para se proteger do meu olhar. - Aonde é que nós vamos? A algum lugar em que você possa comer seu peso em comida gordurosa, hein, Katie? - Ela me dá um tapinha no ombro um pouco forte demais. - Sam me contou como você gosta de comer, sua gluttona.

Sam ri, sem perceber como ela está sendo petulante. Eu, no entanto, enxergo tudo o que acontece dentro dela. É tão transparente quanto gim tônica. E se ele ficou surpreso por

ela se convidar para o jantar, é cavalheiro demais para demonstrar. Eu, por outro lado, estou cuspidando fogo. Se eu quisesse que ela fosse junto, teria convidado, não é mesmo, porra! E agora vou ter pagar para os dois. Não quero ficar com fama de ser uma mão-de-vaca completa.

Especialmente com ela.

Mas pelo menos a minha situação financeira melhorou um pouco com todos os casamentos e batizados que tenho feito ultimamente. Estou quase no azul de novo, graças a Deus.

Mas isso não impede que eu me sinta no direito de me vingar.

- Posso dar uma passadinha rápida no banheiro antes de a gente sair? - pergunto a Sam.

- Vá lá.

Dá para aprender muito sobre as pessoas olhando o banheiro delas. Tranco a porta atrás de mim e faço um xixizinho rápido antes de remexer nas coisas de Shana. Já devia saber que ela está tentando se instalar no apartamento dele. E há provas da presença dela em todo lugar.

Duas escovas de dente. Uma preta e uma de plástico transparente, com um monte de coraçõezinhos cor-de-rosa flutuando dentro do cabo. E a escova de dente não é o único sinal da tomada gradual do apartamento de Sam. Frascos de xampu e de condicionador caro, perfume Trésor, rímel e batom na prateleira em cima da pia. E o armário em cima da privada está cheio de absorvente interno, pomada depilatória e barbeadores cor-de-rosa de mulherzinha. Rápida como um flash, antes que tenha tempo de pensar nas consequências, pego a pomada depilatória e coloco um montão dentro do condicionador dela. Então, viro-me para o outro lado, recuso-me a me sentir culpada, abro a porta e desço a escada, toda saltitante.

Desculpem - digo a eles. - Estava apertada. Vamos?

Shana consegue engolir meia salsicha antes de pousar o garfo e a faca com um estalo e se declarar "cheia de estourar".

- Ufa - diz, dando tapinhas no estômago côncavo. - Isso já me deixou bem satisfeita.

Acho que só seria um aperitivo para você, Katie.

Sam ri, displicente, de nós duas, totalmente sem noção de que ela só quer me diminuir. Olho de viés para ela.

- Espero que todos os seus filhos nasçam com os dedos dos pés grudados. - E manchas vermelhas na cara, quase completo. Mas, preocupada por estar levando as coisas um pouco longe demais na frente de Sam, fico de boca fechada.

- Katie - reclama Sam, chocado. - A Shana só estava brincando, não estava, Shana?

- Claro que sim. - Ela sorri toda doce, olhando para mim por cima da cabeça dele enquanto ele acaricia seus cabelos. - Só estou me sentindo bem cheia.

- Bom, espero que você não engasgue com uma bola de pêlos.

- É que a Shana come pouco mesmo - Sam coloca panos quentes. - Ela não consegue comer tanto quanto você.

- Não - Shana ronrona. - Não consigo me encher de comida igual a você.

- Neste caso - não consigo me segurar -, posso ajudar enfiando a minha mão na sua goela, se você quiser.

- Katie - reclama Sam de novo. - Não seja desagradável.

- Desculpe. - Mordo a língua. Não há motivo para despertar a fúria de Sam agora. Não agora que tenho uma coisa tão importante para pedir a ele. Quando, meu Deus, quando, essa vaca vai ter a decência de ir vomitar no banheiro para eu poder conversar com ele sozinha?

- Tome mais um pouco de água. – Sirvo um copo para Shana. Se ela tem mesmo "um estômagozinho minúsculo", não vai demorar muito até que ela precise ir ao banheiro para esvaziá-lo.

Afinal, ela se levanta para passar mais um pouco de batom e eu fico com Sam só para mim. Nesta noite ele está especialmente charmoso. Meio arrumado, mas à vontade ao mesmo tempo. E, de repente, percebo que é isso que eu mais admiro nele. É a autoconfiança dele. Ele sabe como se vestir, como agir e como se comportar em qualquer situação. Dá para, literalmente, levá-lo a qualquer lugar.

- Sinto muito pelas coisas que eu disse quando saí da sua casa naquele dia - digo a ele. - Quando contei sobre o casamento, Eu estava perturbada.

- Tudo bem. - Ele afaga o meu cabelo com afeição. – Eu também estava. Fiquei me sentindo rejeitado porque você estava planejando morar na casa do George e não queria morar na minha. E eu convidei primeiro.

- Desculpe. - Apóio a cabeça no ombro dele. - É que, se eu ficasse na sua casa, ia parecer caridade.

- Você está morando na casa do George...

- Mas não faz mal - respondo. - Estou fazendo um favor para eles também. Casando com David, sabe como é.

- Claro.

- Sabe, comecei este ano com toda a certeza de que ia fazer tudo dar certo. Que não ia mais confiar em homem nenhum.

- Eu sei.

- E agora eu estraguei tudo. - Quero confessar a respeito de Jake. E de Nick. De repente, ficar com qualquer cara já não parece tão grandioso nem tão inteligente. E, apesar de eu morar com dois dos meus melhores amigos, ando me sentindo meio sozinha.

- Mas a Comidinhas Caprichadas está indo tão bem. – Ele afaga meu cabelo de novo. - Estou muito orgulhoso do que você conseguiu.

- Obrigada. E não poderia ter feito nada sem você, você sabe.

- De nada, Simpson, mesmo. - Ele vira o rosto e me encara. - Você sabe disso.

- Nem sem George nem David, claro - digo apressada.

Por alguma razão, achei que ele ia me beijar. Para falar a verdade, eu meio que fiquei querendo que ele beijasse. O que é, obviamente, ridículo. Quer dizer, este aqui é o *Sam*, pelo amor de Deus. Meu amigo mais antigo. Além do quê, voltei a sair com Jake. Bom, mais ou menos. E tem o Nick. Já tenho dois caras, então não devia estar me sentindo sozinha, não é mesmo?

- E esse casamento... - ele tenta começar.

\_ Você não vai ficar me dando bronca de novo, vai? - imploro. - Acho que não agüento. Sabe, você é uma parte enorme da minha vida, Sam. Sempre foi.

- E você da minha - retribui, acariciando minha bochecha.

- Na verdade - arrumo minha posição na cadeira e olho séria para ele -, preciso pedir uma coisa para você.

- Eu também - responde ele.

- Precisa?

- Sam? - Uma voz de repente quebra a intimidade do momento. - Estou cansada.

Podemos ir agora?

Shana, de volta do banheiro.

Droga.

Parece que eu nunca vou conseguir ficar com Sam sozinha para pedir que ele me entregue a David no casamento.

Sabe, apesar de eu saber que ele não aprova a idéia, significa mesmo muito para mim obter a bênção dele. Além disso, George insiste que tem que parecer o mais real possível. Caso o Serviço de Imigração resolva aparecer por lá. E nem posso pedir para o meu próprio pai, não é mesmo, já que não faço a mínima idéia de onde ele está.

Na manhã de domingo, acordo cedo com minha preocupação a respeito de Sam e a coisa toda da entrega rodando na minha cabeça. Vago pela cozinha iluminada onde George, com seus chinelos cor-de-rosa preferidos, bebe café fresco à mesa e digita mensagens de texto no celular para alguém do trabalho sobre os concorrentes para o programa de amanhã. David, quase nu com o seu shortinho de surfista, está sentado em frente com os pés em cima da mesa, conversando animadamente com a irmã Nettie, na Austrália. Pelo que posso apreender, está contando a ela sobre nosso casamento, como se fosse a coisa mais normal do mundo, Obviamente, aqui não há nenhum segredo.

- Você vai convidar a sua mãe para o casamento? - pergunto a George quando o telefone dele pára de apitar, assinalando o fim da digitação frenética de mensagens.

- Não sei. - Ele parece acabado. - Eu quero muito. Quer dizer, seria legal para ela poder se arrumar toda e ter algum lugar para ir. Mas não sei como explicar isto tudo para ela.

- Ela é mais durona do que você pensa, sabe, George. - Tiro uma xícara roxa do armário e sirvo café para mim mesma. - Por que é que você não experimenta? Ela ficaria feliz por você.

- Mesmo?

- Mesmo.

- Pode ser. - Ele parece um pouco desamparado. Então olha para mim e volta a ser o que sempre é. - Credo, querida, você está completamente detonada.

- O que foi? - David acaba de contar à irmã tudo a respeito do conteúdo do nécessaire de maquiagem da Posh Spice e coloca o telefone no gancho. - Aaah. Café. Delícia.

- A Katie - George aponta com a cabeça na minha direção, como se eu não estivesse ali

- está um pavor. Qual é o problema, querida? A sua empresa já faliu? Parece que você não dorme há semanas.

- Credo, é mesmo. - David dá um gole no café e parece estar pedindo desculpa. - Sinto muito, querida, mas você está mesmo um pouco horrível. Você poderia carregar todas as loções e poções do George nessas bolsas aí embaixo dos seus olhos.

- Não consigo dormir - digo, honestamente. - Estou nervosa com o casamento. E não sei o que fazer com o Jake.

- Você está apaixonada por ele?

- Acho que não. - Sacudo a cabeça. - E daí tem o Nick. Sabe, o cara da bicicleta?

- Sei - os dois dizem em coro, animados com a idéia de fofoca. - Sabemos quem é o cara da bicicleta.

- Continuo indo para a cama com ele.

- Aaaah - faz George, todo alegzinho. - Putaria completa. Conte tudo.

- Bom, parece que ele gosta de mim - digo. - Mas ele tem 18 anos. E não temos nada em comum.

- E daí? - George dá de ombros.

- Então, estou começando a perceber que sexo sem compromisso não é assim tão interessante quanto eu achei que seria.

- Certo, certo - George diz, com indiferença. – Quer dizer, desculpe se eu parecer insensível, mas já que nenhum deles está magoando você, será que podemos tratar de assuntos mais importantes? Tipo o casamento? Bom, então o tema é NGC.

- Hã? - pergunto, surpresa.

- Não seja burra, querida. - George olha para mim. - Nada de Gente Comum. Mas acho que podemos deixar a Janice vir, apesar de ela ter tomado banho no caldeirão da gentilha mais de uma vez. Afinal, ela é a sua melhor amiga. Depois de mim, claro.

- Bom, se ela ainda estiver falando comigo, é - raciocino. - Depois do que eu disse a respeito do Jasper.

- Claro que ela fala com você - George bebe mais café.

- Não se esqueça da surpresa. - David cutuca George.

- Ah. - George sacode as mãos, todo animado. - A surpresa. Claro. Ah, Katie, você nunca vai imaginar O que nós planejamos para você.

Claro que não posso imaginar. George não consegue se segurar e conta antes que eu possa abrir a boca. E quando o faz, fico chocada.

- *Um fim de semana de solteira?* - pergunto, só para ter certeza de que ouvi bem.

- Isso mesmo. - George parece tão contente consigo mesmo que parece até que acabou de inventar a roda.

- Foi idéia da Nettie. - David parece orgulhoso. – Ela diz que, como não pode vir ao casamento, pelo menos contribui com algumas idéias.

- Ela pode vir se quiser. Não me importo se a sua família estiver presente.

- Ela não pode. - David sacode a cabeça. - Para começar, vai me chamar de Davo na frente de todo mundo e vão ficar pensando que eu sou um daqueles australianos machões.

- Mas é para pensarem que você é hétero - observo. – Por um dia, pelo menos.

- Eu sei. - David ri. - Mas ela não pode vir mesmo. Não pode tirar a Iris e a Isabella da escola. Uma pena mesmo. Eu adoraria vê-las.

- Que tristeza. - George prossegue, para tratar de mais assuntos importantes. - Então. Seu fim de semana de solteira.

- Mas...

- Não seja mal agradecida. - George sacode o dedo para mim. - Só achamos que você ia gostar de umas férias, fofa. Afinal, você não vai poder participar da Lua-de-Mel de verdade. Você já sabe disso, não sabe? Três é demais, querida, se que você me entende.

- Mas tenho coisa demais para fazer - fico preocupada. - Tem a Comidinhas Caprichadas, para começar. Não vai funcionar sozinha, sabe como é. Tenho três casamentos e um batizado só em agosto. É muito salmão defumado e muita torta de fruta. E tem toda a burocracia.

- Mas nós já reservamos. Para cinco. Então você tem que vir com a gente.

- Não pode ser - observo. - O David acabou de falar com a irmã dele.

- Bom, está na nossa cabeça agora - George serve mais café para si mesmo. - Então é a mesma coisa.

- E cinco? - pergunto. - Por que cinco?

George conta nos dedos.

- Nós três, Janice e Sam. Sem parceiros.

- Que bom - digo. - Não quero nenhuma vagabunda magricela fedendo a verdura crua conosco, muito obrigada.

- Então, você topa? - David parece deliciado.

- Vou pensar a respeito.

E vou mesmo. Afinal, um pouco de sol ia me fazer bem. E talvez minha mãe gostasse de enfrentar o desafio de cuidar da Comidinhas Caprichadas durante um fim de semana. Afinal, é só um fim de semana. Ela provavelmente vai gostar da companhia de todos os clientes e tal. Ela deve se sentir sozinha de vez em quando.

- Aliás, para onde é que a gente vai?

- Para as ilhas Canárias - George parece estar soltando faíscas.

- Isso não é um pouco...

- Cafona? - George estremece e coloca uma camiseta "Alguns não. Alguns talvez. Eu, sim" estampado no peito em rosa cintilante. - Essa é a idéia. É irônico, querida. Uma breguice completa. Vamos passar um fim de semana na terra do ovo, das batatinhas fritas e das toalhas com a bandeira do Reino Unido estiradas na areia. Estou tão animado que nem consigo esperar.

- E prometeram para mim que só vai tocar música brega, o tempo todo. - David ri.

- Vamos dar uma batida em todas aquelas discotecas horrorosas, querida - George está emocionado. - Onde os pés da gente praticamente ficam colados no chão e o teto é cheio de ventiladores. Não vai ser uma maravilha?

- Bom...

- Uma mudança bem renovadora, estar o tempo todo com gente que não divide a minha história brilhante de sucesso. - George acende um cigarro e inspira profundamente. - Imagine como vai ser bom estar rodeado de gente cuja idéia de satisfação no trabalho é sacudir uma lata no ar e gritar: "Preciso que alguém confira o preço do feijão."

- Não quero ir.

- Quer sim - George diz com firmeza. - Você vai adorar. E vamos todos estar bem bronzeadinhos para o casamento.

- Duvido muito. Eu só fico quase morena quando todas as minhas sardas se unem.

- Mesmo assim, você vai estar linda ao lado de todas aquelas mulheres cor de tangerina na praia - George diz. - Com a bunda cheia de celulite e aquelas tatuagens vagabundas nos peitos.

- Você tem tatuagem - David observa.

- Querido, há um mundo de diferença entre uma tartaruga de gosto, cuidadosamente posicionada para ressaltar uma bundinha que já é bem gostosinha, e uma cabeça de tigre horrorosa no úbere de uma proletária - George explica. - Principalmente quando se trata de um úbere que era do tamanho de um ovo mas que inflou de tanto que a coitada comeu.

David ri tanto que seus chinelos de dedo roxos batem no chão repetidamente.

- Será que você pode tentar não se transformar completamente no George antes do casamento? - Imploro. - Você costumava ser tão adorável, e nem parecia gay.

- Tão adorável e tão não-gay que você mesma resolveu tentar a sorte - George caçoa.

- Ha ha - debocho. - Só não quero que a coisa toda pareça gay demais.

- Não venha me dizer que você está ficando nervosa - George experimenta.

- Bom - confesso -, você está ciente de que o que vamos fazer é crime, não está?

- Ah, fale sério. - George me sacode pelo ombro. - Desencana, fofa. Claro que sabemos. É por isso que queremos recompensá-la levando você direto para o centro da breguice, para você ficar do lado de skinheads com a pele vermelha de queimada, gritando na sua orelha.

- E a comida? - pergunto. - Você sabe que eu sou meio esnobe neste aspecto. Gosto de garçons que me recebem com um "Posso guardar seu casaco, senhora?", e não: "Você já participou da colheita?" Aliás, você costumava se recusar a ir a lugares como as



Canárias. Você disse que o governo devia proibir as pessoas comuns de viajar para o exterior porque elas estragavam tudo para todo mundo.

- Bom, isso é verdade, em parte - reconhece George. - Quer dizer, vamos nos misturar ao tipo de gente que ganha na loteria. Aquele tipo que não sabe o que fazer com o dinheiro quando ganha porque já assinou o pay-per-view dos jogos de futebol e não tem o gosto refinado de mudar para uma marca de cigarro melhor.

- Aquela gente que compra mansões Tudor falsas e decora tudo com tapetes vermelhos e torneiras douradas? – David pergunta.

- Essa gente mesmo. - George aperta a mão dele.

- Então, qual das Canárias em particular nós vamos visitar? - suspiro. - Lanzaroti ou Tenerife?

- Fuerteventura - diz George. - Você vem com a gente, e fim de discussão.

Fico me imaginando deitada em uma praia sem absolutamente nada para fazer.

Cerveja e batatinha aos baldes.

Livros grossos e vagabundos, uns tijolões cheios de marcas de dedo sujo de coco.

O sol quente pinicando a parte de trás dos meus joelhos. O cheiro de bolo de gengibre fresco na minha pele à medida que o sol esquenta.

- Que se foda - digo a eles. - Estou dentro. Mas só se os outros forem também. Não vou ficar segurando vela para vocês dois o fim de semana inteiro.

Convido Sam primeiro. Acho que ele deve estar se sentindo um pouco culpado por ter deixado Shana invadir nosso jantazinho bacana, de modo que ele me deve uma.

Estou certa.

- Olha - começa, assim que ouve a minha voz -, desculpe pelo jantar no outro dia. Quer dizer, de a Shana ter ido com a gente. Eu sinceramente não fazia idéia de que ela achava que tinha sido convidada.

- E não tinha - respondo.

- O quê?

- Nada não - respondo, - Tudo bem.

- Bom, desculpe. Só não achei que valia a pena criar caso, sabe como é. Ela é um pouco, bom, insegura, às vezes, e eu não queria urna cena.

- Certo.

Humpft. Desde que *ela* esteja bem, está tudo certo...

- Mas pelo menos voltamos a ser amigos - continua ele – Você e eu, quero dizer. Deve ter valido a pena, hein, Simpson?

- Claro - respondo. - Para falar a verdade, preciso de um favor.

- É?

- Bom, dois favores.

- É aquilo que você queria me pedir na outra noite?

- Bom, um deles é.

- Pode falar. - Ele parece ansioso.

- Eu queria que você me entregasse no altar.

- Ah. - Ele parece frio.

- Sam?

- Estou aqui.

- Então, você me entrega?

- Bom - diz ele com cuidado -, você sabe muito bem o que eu acho de tudo isso. Acho que você não devia. Você deveria se casar com alguém que a ama de verdade pelo que

você é. E não estou falando da porra do Jake Carpenter. Ou daquele garoto de 12 anos com quem você está saindo. Não fique achando que eu não sei dele. O George tem a boca maior do que um túnel. Encontrei com ele no Cuba Libre outro dia. Ele contou tudo depois de tomar uns Bellinis.

- Então, você não vai me entregar? - Meu coração fica apertado. Por alguma razão, não faço a menor idéia qual, coloquei essa coisa toda em um nível tão elevado de importância que, se ele disser não, não sei se consigo seguir em frente com essa história de casamento. Para ser honesta, estou tão nervosa a respeito da coisa toda que simplesmente preciso sentir que tem alguém do meu lado. E não existe mais ninguém no mundo para quem eu possa pedir isto.

Há um longo silêncio. Então...

- Não estou dizendo que *não vou* entregá-la - acaba por dizer. - Estou falando que preciso pensar a respeito.

- Obrigada, Sam - engasgo.

- Mas você vai ter que retribuir o favor.

- Claro que sim - respondo. - O que você quiser,

- Ah, é mesmo, Simpson? - brincou ele, me paquerando de mentirinha, para que eu saiba que tudo vai dar certo. - *Qualquer coisa* que eu quiser?

- Você sabe do que eu estou falando. - dou risada. - O que você quer?

- Na semana que vem, é meu aniversário - diz ele. - Pensei em fazer um churrasquinho se o tempo estiver bom. Chamar os caras. Bater uma bolinha e tal.

- Você e o seu futebol- brinco. - Então, qual é o plano?

- Você faz a comida? - pergunta. - Claro que eu pago.

- E se eu der um desconto? - estou corada de alegria por ele me pedir isto. - Só precisa pagar os ingredientes. Quer dizer, eu já não estou mais tão pobre quanto antes, mas ainda não dá para fazer de graça.

- Feito.

- Era isso que você queria me pedir na outra noite? Quando paguei um adorável e caro jantar para você e você foi arrastando para casa mais cedo?

- Hmm, é - responde. - Claro, era isso. E desculpe por aquilo, aliás.

- Então, para quando é este tal churrasco?

- No sábado que vem.

- Tudo bem.

- E qual era a outra coisa que você queria me pedir, Simpson?

- Ah, meu Deus - balbucio. - É uma porra de um fim de semana que os rapazes planejaram. Tipo um fim de semana de solteira nas ilhas Canárias. Em vez de uma lua-de-mel para mim.

Você vem com a gente?

- Bom...

- Por favor.

- Acalme-se, Simpson. Claro que vou - responde, e consigo ouvir o sorriso na voz dele.

- Seria ótimo passar um fim de semana fora. Claro que vou. Não perderia por nada no mundo.

Coloco o telefone no gancho me sentindo mais feliz do que me sinto há séculos.

Também consigo dar um jeito em Jake e Nick, agora que meu amigo mais antigo voltou para o meu lado.

Foi odioso discutir com ele a respeito de uma coisa tão simples como o lugar onde eu moro. E, penso, caridosa, não é culpa dele se sua namorada é uma vagabunda tóxica que não tem nada melhor na vida a fazer do que observar eu me contorcendo sob a lente de aumento dos olhos azuis dela.

Quando termino de falar com Sam, ligo para Janice.

- O que é que você tem feito? - pergunto. - Faz séculos.

- Eu sei, querida - responde ela, surpreendendo-me com sua gentileza. - Tenho estado muito ocupada com o trabalho. Ganhei uma conta nova. De uma empresa de telefonia celular. Com orçamento gigante e tudo o mais. Estou acabada. E tenho feito um pouco mais de esforço de visitar a minha mãe.

- Ah, isso é legal- digo. E estou falando sério. A coitada da mãe de Janice fica mesmo um pouco largada.

- É - prossegue Janice. - Quer dizer, a única coisa que ela faz o dia inteiro é assistir à TV. E ficar ouvindo aquela porcaria do Cliff Richard, claro. Aliás, ela andou decorando um pouco a casa. Pintou a cozinha. Esse tipo de coisa. O lugar já não está mais tão sombrio quanto era. De qualquer jeito, passei lá algumas vezes para bater um papo. Achei que ela podia me falar um pouco mais a respeito do meu pai. Achei que podia tentar encontrá-lo. Caso eu precise dele para me entregar no altar.

- Ah.

- A não ser que ele seja algo terrível, tipo lixeiro ou bêbado. Então pensei em pedir ao Sam. O que você acha?

O que eu acho? Acho que ela acabou de me fazer lembrar do meu próprio dilema. De qualquer modo, Sam é MEU amigo. Pode me chamar de infantil, mas se ele vai entregar alguém, tem que ser eu. Mas não digo nada. Em vez disso, pergunto a ela o que acha de viajar.

- Sei lá, Katie - murmura. - E se o Jasper resolver ficar todo romântico e eu estiver na porra do outro lado do mundo? Quer dizer, de acordo com você, ele já está tendo um caso. De modo que não posso me dar ao luxo de abandoná-lo, certo?

Credo, ela está dificultando as coisas. Fiquei o tempo todo me preocupando em como pedir desculpa por causa dessa historia toda de Jasper e "a outra". E ela só está preocupada consigo mesma. Vou dizer. Estou determinada a falar o que preciso. E é o que faço.

- Ah, isso - diz ela, quando termino. - Não estou muito preocupada se ele estava ou não com outra mulher. O pau dele parece um pescoço de peru, então eu duvido que ele esteja usando muito. Não. Eu só estava meio puta da vida com aquela historia toda de Paris. Sabe? Achei mesmo que ele ia me dar uma aliança e tudo.

- Eu sei. Então, voltamos a ser amigas?

- Claro - exclama ela. - Aliás, vamos sair para beber. Faz um tempão que não enchemos a cara juntas. E também queria pedir desculpa por isso. Eu já devia ter ido visitar você aí na casa do George, mas estou precisando cuidar daquele pau pelancudo. Vamos encarar. Ele já está mais para lá do que para cá. Um dia desses, pode bater as botas quando estiver transando.

- Ele podia apagar em cima de você? - engulo em seco.

- É. E eu ia ter que ficar lá até a faxineira chegar. E se o controle remoto não estivesse ao alcance da minha mão, a coisa ficaria bem tediosa. Especialmente se ela começar a chegar atrasada de novo para visitar o filho na prisão.

- Ah.

- Ah, Katie, você acha que ele vai pedir a minha mão logo? Já tem muito tempo.

- É verdade - concordo. - Se eu fosse você, estaria preocupada que ele pedisse o seguinte: "Você se importa se eu virá-la de costas e a comer por trás?".

- Credo. Estremeço só de pensar. Mas não. Não é do feitio dele, apesar de todas aquelas calças cargo e aquelas roupas jovial. Só queria que ele se apressasse e tirasse este pedido de casamento da frente. Vivo com os nervos à flor da pele.

- Viaje conosco, então - imploro. - Você sabe o que dizem, que a distância faz aumentar o amor e tal.

- Você acha?

- Acho - afirmo. - Quando você voltar, ele vai estar implorando para que você se case com ele. E você vai estar bronzeada e tudo.

- Sabe, Katie, você está certa. Dane-se. Eu vou.

- Ótimo.

- Mas só se pudermos fazer compras antes. Para levar um monte de roupa legal para a praia.

- Só vamos passar um fim de semana lá. E primeiro precisamos comprar seu vestido de madrinha.

- Só tenha certeza de passar bem longe do look ônibus de dois andares desta vez. Nos duas morremos de rir.

Comemoramos com uma saída. Como antigamente. Só nós duas. Jasper foi a uma conferência nas West Midlands, de modo que Janice não acha que precisa se esforçar nesta noite.

- Você está tranqüila mesmo com este casamento? – ela pergunta, na fila para o bar, para pedir Long Island iced tea.

- Claro.

- Mesmo?

- Não - respondo. - Estou me cagando toda, para falar a verdade.

- Você está preocupada porque nunca vai poder ter a cerimônia completa, com festa, bolo e tudo?

- Na verdade, não. Quer dizer, no final das contas, os caras são todos iguais, não são?

- São, com certeza. - Levanta o copo para brindar comigo. - Vamos beber esta por nosso casamento falso. Os dois. O meu e o seu, hein?

- Saúde.

- Ah, que se foda - exclama. - Vamos encher a cara.

Bebemos litros e litros. E paqueramos caras para ganhar bebidas grátis, apesar de termos todas as condições de pagar nós mesmas. Até eu, E não somos exatamente educadas com os caras que nos pagam bebidas. Na verdade, uma vez que cedem, perdemos todo o respeito por eles.

- Desculpe - Janice diz a um cara de queixo pontudo que a convida para dançar. - Sou membro pleno da LACaN.

- Hã?

- Liga Anti-Cafajestes Nauseantes, Então, dá o fora.

- E eu acabei de me unir à MuCIT - junto-me a ela. - Mulheres Contra Idiotas Tarados. É muito bom estar relaxando com a minha melhor amiga depois de trabalhar tanto para fazer a Comidinhas Caprichadas decolar. É quase como estar de novo na faculdade. Claro que, se estivesse, eu ficaria com esses caras, só para não ofender ninguém. E sairia com eles depois para não incomodá-los ainda mais. O que me deixaria tão deprimida que eu urraria de pena de mim mesma enquanto Janice e as outras pessoas que moravam comigo me trariam xícaras de chocolate quente com marshmallows e se sentariam na beirada da minha cama, parcialmente para fazer com que eu me sentisse melhor, mas principalmente por gostarem bastante de toda aquela atmosfera de cabaré.

- Credo - dou risada mais tarde, quando entramos no banheiro para retocar o batom e ajeitar a meia-calça. – Estou me sufocando com o cheiro de carro novo ali dentro e mesmo assim não consigo achar ninguém interessante. Quando resolvi assumir esta história de ficar solteira, achei que ia ser bem animado, sabe? Um cara novo a cada dia e tudo o mais? Nenhum compromisso.

- Um Homem Diário. - Janice ri, bêbada.
- Exatamente. - dou risada. - Com um Homem de Domingo para o fim de semana. Supergrosso e cheio de informação inútil.
- É isso mesmo.
- Mas parece que eu acabei com um ex-namorado e um garoto de 12 anos com quem não tenho nada em comum - faço uma careta. - Onde foi que eu errei, Janice? Ela me dá um abraço afetuoso.
- Não sei, amiga. Simplesmente, não sei.

Na sexta de manhã, deixo Nick na faculdade para ele fazer a prova de matemática e dou uma passada na casa de Sam, em Balham. Ele tirou a manhã de folga para preparar o cardápio do churrasco de aniversário comigo.

- Você gostou do convite? - pergunta.
- Não recebi. - Ergo os olhos da minha agenda, surpresa.
- O quê? - Ele passa a mão pelos cabelos, surpreso. - Mas a Shana colocou no correio há séculos.
- Será que a caixa de correio em que ela colocou o meu dizia: "Mantenha a Grã-Bretanha limpa"? - dou risada.
- Não seja boba, Simpson, a Shana gosta de você. Ela vive dizendo como você é ótima. Diz para você, penso, mordendo a ponta do lápis.

Ele faz uma careta.

- Mas acho que ela queria mesmo ajudar com a comida do meu aniversário.
- Você devia ter deixado ela ajudar, então - minto. - Eu não iria me importar. Só que, na verdade, eu teria ficado louca da vida. Percebo que estou morrendo de inveja do que Shana e Sam têm. Ele cuida dela tão bem. Eu não tenho esse tipo de segurança. Jake sempre está ocupado demais correndo de volta para a Calcinha de Peixe o bebê; e, com Nick, sou eu quem cuida dele. Ele é um garotão, afinal de contas.
- Tudo bem, Simpson - ele sorri para mim. Ele fica mesmo muito lindo quando sorri. Acho que não posso culpar Shana por me querer fora do caminho. Apesar de não haver absolutamente nada entre nós. - Você nunca a viu cozinhar.

- É tão mau assim, hein?

Fico ridiculamente feliz ao ouvi-lo criticá-la.

- Vamos colocar da seguinte forma: ela preparou um cheesebúrguer semipronto uma vez. Sabe, daqueles que vêm em caixa. Com o pão e tudo o mais.
- Eca. - Eu me contorço toda. - Que nojo.
- Exatamente. - Sorri. - Bom, o queijo parecia suspeitamente brilhante...
- Era do tipo plástico?
- Ah, era. Mas não foi só isso. Ela se esqueceu de tirar o plástico. Eu quase vomitei. Nós dois nos matamos de rir com a idéia de Sam engolindo um monte de celofane.
- Você vai fazer aqueles negocinhos de carne de porco e manga, não vai? - ele pergunta, sério de repente. - Aqueles no palitinho?
- Se a sua namorada não comer tudo para vomitar depois, com um bocejo multicolorido.
- Não seja maldosa.
- Desculpe. Não. Eu faço sim, mas com uma condição.
- O que você quiser. Vendo minha avó para conseguir estes negocinhos de carne de porco e manga.
- Preciso comprar meu vestido de noiva amanhã -. digo. - A Janice vai comigo, mas uma opinião masculina seria bem útil.

- Por quê? Seu futuro marido não vai dar a mínima para a sua aparência.

- Não, mas *eu* vou. - Acerto-o na cabeça com uma almofada de pele de carneiro. - Não quero entrar na igreja parecendo um pedaço de esterco coberto de tafetá, não é mesmo? *Por favor*, Sam.

- Marquei de almoçar com a mãe da Shana.

- Por favorzinho.

- Hmm...

- Carne de porco e manga no palitinho... - aceno com meu trunfo.

- Feito - responde ele. - Vou dizer que preciso trabalhar. Aliás, posso até ter a oportunidade de tentar fazer você desistir dessa idéia totalmente insana. Honestamente, Simpson, você se mete em cada roubada que eu vou dizer.

- Bom, eu sou assim. - Pegó uma azeitona da tigelinha na mesa. - Sempre pronta para sair voando da cadeia.

- É mesmo? - ele finge levantar minha saia jeans para conferir. - Você precisa me mostrar isso uma hora dessas. Ah, e tem mais um favorzinho que preciso pedir, já que estamos tratando deste assunto.

- O quê?

- Preciso levar a Lucy ao parque enquanto a Sal vai a uma entrevista de emprego. Há dois meses, Sal, irmã de Sam (três anos mais velha do que a gente e absolutamente assustadora quando éramos crianças muito obrigada), foi cerimoniosamente dispensada pelo marido do mercado financeiro. Ele se mudou para um apartamento no Barbican para "se encontrar" e ela se viu tendo que cuidar de uma filha de 4 anos e com um orçamento drasticamente reduzido.

- T-tá - digo, com cautela. - Quando?

- Na quinta, daqui a duas semanas. Você vai comigo?

- Não é um encontro amoroso, é? - dou risada.

- Ha ha. Só achei que ia ser divertido se você fosse comigo. E a Lucy ia gostar. Aposto que sim. Da última vez que cuidei dela, ela ficou guichando igual a um porquinho-da-índia, até que comprei um bambolê para ela e fiz com que experimentasse todas as minhas maquiagens, gastando todos os meus produtos caríssimos no processo. Mas fico feliz por ele ter pedido para eu ir com ele. Então, digo que sim.

No sábado de manhã, estou atarefada preparando canapezinhos para um almoço idiota em Fulham. Um monte de mulheres elétricas sem nada para fazer, que vão ficar bebericando Chardonnay mordiscando meus pãezinhos integrais com picles antes de ir ao banheiro botar tudo para fora. Como David escreveu sobre a Comidinhas Caprichadas na edição de julho da *Suki*, as reservas não param de entrar. E Sam, Deus o abençoe, também tem ajudado. Ele me contratou para o lançamento da vodca de pepino Nikerzoff, um cliente que conseguiu arrancar das garras da empresa em que trabalhava. Um bom passo para uma empresa que está começando, eu soube. De modo que meu caviar e meus coquetéis em breve serão saboreados pela elite dos destilados em Londres.

Logo, vou precisar pensar em contratar mais gente. As coisas não poderiam estar melhores.

Sam, de banho tornado depois de um jogo de futebol, chega à minha casa por volta da urna e meia, e às duas Janice nos pega subindo na calçada com um jipão, achatando um cachorro grande no meio da rua e quase me levando junto no processo.

- Meu carro está na oficina - explica. - O Jasper me emprestou esta idiotice aqui. Não estou conseguindo usar o câmbio.

Entramos no carro e vamos para a Noivas Bulímicas, ou qualquer porra dessas, em Covent Garden. Quando entramos, ouve-se uma agitação e uma mulher com delineador

azul elétrico, batom rosa cintilante e bochechas iguais às de um perdigueiro aparece, com seus escarpins se afundando sobre o carpete cor de creme.

Sam aperta minha mão.

- Tudo bem com você?

- Tudo. - Engulo em seco, apesar de cada fibra do meu corpo estar gritando: "Corra, Simpson, corra!"

Janice, claro, mal nota meu nervosismo. Está ocupada demais manuseando todo aquele tafetá e renda, seda e cetim em todos os tons de branco, creme e off-white.

- Bom, bom, bom - exala a Mulher Perdigueiro, mostrando dentes mais escuros do que se faz necessário em uma tarde de sábado. Ou qualquer tarde, aliás. - Quem é a sortuda, então?

- Sou eu - digo, sentindo corno se estivesse em uma espécie de pantomima. A qualquer minuto, Janice ou Sam podem gritar "Não, não é ela".

- Que casal mais lindo vocês dois vão formar, - Ela parece estar explodindo de felicidade, - Mas acho que vou ter que pedir para o senhor esperar lá fora. - Ela pega Sam pelos ombros largos, vira-o com firmeza e o empurra para fora.

Tenho vontade de berrar: "Olhe para trás!"

- Por que é que ele tem que esperar lá fora? - exijo saber.

- O noivo não pode ver a noiva antes do grande dia, não é mesmo?

- Ah, não, ele não é... - começo a dizer, gaguejando e balbuciando para tentar compor as palavras.

- Acho que não sou o sortudo. - Sam explode em uma risada. - É uma pessoa completamente diferente.

Sorrio para ele, agradecida, Parece que perdi todo o poder da oratória.

Ele pisca para mim, uma piscadela adorável e simpática que me acalma e me faz sentir toda mole por dentro ao mesmo tempo. Jesus. O que está acontecendo comigo? Claro que não posso estar desejando que fosse me casar com Sam, não é mesmo? Não, Estou ficando confusa. Só estou nervosa, digo a mim mesma. Só nervosa. Vou ficar bem quando sair deste buraco infernal cor de creme.

- Tudo bem - exulta a Perdigueiro, movendo-se lépida na direção de uma arara do outro lado da sala e tirando alguns vestidos dali. - Quando será o grande dia?

- Em breve - respondo.

- Bom, isto é óbvio, querida. - Olha para mim como se eu fosse retardada. - Mas quando, exatamente? Precisamos ter alguma idéia sobre como o clima vai estar para que possamos vesti-la apropriadamente, não é mesmo?

- Janice? - peço, Estou tão nervosa que até esqueci a data deste meu casamento de mentira.

- No começo de setembro - Janice informa, prestativa, examinando uma criação em seda em rosa antigo.

- Setembro? - a Perdigueiro parece absolutamente horrorizada. - Mas isto aqui é *couture*. - Pronuncia com um sotaque bem afetado. - Acho que vai ser impossível. Já estamos em julho. Precisamos de pelo menos seis meses de antecedência. Eles não aparecem em um estalar de dedos, sabe como é.

Ela consegue olhar para mim de modo tão desdenhoso que me sinto como se fosse uma noiva grávida, casando por obrigação.

- Sabe o quê? - Janice tem uma idéia. - Você devia experimentar alguns só para ter uma idéia do que gosta e daí a gente pede para o Didier fazer uma cópia. Ele é muito bom nisso.

Claro, Didier, amigo de George. Por que é que eu não pensei nisso antes? E também vai sair muito mais barato para o David. Afinal, ele insistiu em pagar pelo vestido.

- Creio que isto não será possível- menospreza a Perdigueiro. - Não posso deixá-la experimentar nada se a sua intenção não é comprar.

- Ah. - Fico desorientada. E agora?

- Com licença. - Sam assume o controle, apertando minha mão de novo e olhando a Perdigueiro bem no fundo dos olhos. - A jovem disse que quer experimentar alguns destes vestidos e é exatamente isto que ela vai fazer. Esta outra jovem aqui por acaso vai se casar... quando... a alguma altura do ano que vem? - Olha para Janice.

- Isso, definitivamente. - Ela acena com a cabeça, em resposta. - Bem no começo do ano que vem.

- E imagino que não haja muita demanda para vestidos de noiva em janeiro, não é mesmo? - Sam pergunta.

- Hmm, bom, não... - gagueja a Perdigueiro.

- Como eu pensei. - Sam sorri para mim e pisca de novo. - Então, você vai ser educada conosco agora e então talvez apenas talvez, se obtivermos o serviço completo hoje, voltaremos. Mas isso só depende de você.

- Claro - balbucia a Perdigueiro, saindo às pressas e voltando com pilhas de vestidos absolutamente lindos. Tomamos belénis de pêssego para comemorar meu casamento que se aproxima e, pela maneira como ela se comporta, dava até para acreditar que eu fosse a porra da Princesa Diana.

Ou Fergie, pelo menos.

- O que você acha deste aqui? - pergunta ela. - Nós chamamos de branco-chocolate.

- É creme, porra - Janice cochicha no meu ouvido. - Igual a todos os outros.

- Você tem alguma coisa que *não* seja creme? - agora estou começando a me divertir.

- Bom - a mulher responde -, como eu disse, isto aqui é branco-chocolate.

- Eu estava pensando em rosa-ostre - explico. - Na verdade não vai ser nada tradicional, sabe como é.

- Tem *certeza*, querida? - pergunta ela. - Rosa? Com o seu cabelo...

Então ela vê a expressão de Sam e sai correndo para os fundos da loja.

- *Aqui* está. - Ela me aparece com a criação mais estonteante do rosinha mais pálido, bordada com pontos dourados. - E pensei nisto aqui para combinar. - Ela segura uma linda tiara, feita de quartzo rosa e cristal. É tão lindo que eu quero. Com ou sem casamento.

- Experimenta - Sam pede.

E é o que faço.

O vestido cai como uma luva. Ajusta-se perfeitamente a cada parte do meu corpo, dando até mesmo a *mim* curvas sensuais. Coloco a tiara, abro a cortina do provador e...

T'CHAN-TCHAN-TCHAN-TCHAN!

Dou voltas e mais voltas, segura porque sei que não podia estar mais bonita - para alguém como eu, pelo menos.

Silêncio da parte de Janice e Sam.

- Vocês não gostaram? - Olho para baixo, acabada. - A parte de trás ficou presa na minha calcinha ou o quê?

- Está perfeito, querida - Janice parece deliciada.

- Você está linda. - Sam parece ter lágrimas nos olhos.

Ele me pega pela mão e me conduz até o espelho da parede do outro lado da sala. - Olhe só para você. Está maravilhosa.

Olho para mim. Ao lado dele. E, apesar de eu ser alta, ele é uns bons 12 ou 15 centímetros mais alto. Ficamos bem juntos.

De repente, percebo que gosto dele.

Só um pouquinho.



Mas aquele sentimento de tédio está lá.

Droga. E bem agora que estou prestes a me amarrar. Quanta inconveniência.

- Maravilhosa- repete ele, olhando para si mesmo ao meu lado e depois para ele mais uma vez.

Janice quebra o encanto.

- Ótimo - diz. - E já que serviu tão direitinho, será que ela já não podia levar?

- Bom, como eu disse - explica a Perdigueiro -, não vai dar tempo de mandar fazer um para ela.

- Mas ela não pode ficar com esse aí mesmo? - Janice quer saber. - Serviu, não serviu?

- Creio que não, querida. Este é o único modelo que temos.

- Ah. - Estou absolutamente decepcionada.

- Mas você pode levar a tiara - diz a Perdigueiro, sempre com sua alma de vendedora. - Só custa 500 libras.

- Ah, isso, Katie. - Janice está animada. - Leve. É um luxo.

- Não posso - digo por entre os dentes. - Não posso gastar todo esse dinheiro em um casamento que nem é de verdade. E uma estupidez.

- Tudo bem - Sam aparece com um cartão Visa. - Pode cobrar aqui. Meu presente, Simpson. Pode chamar de minha bênção. No lugar de entregá-la no altar.

- Então, você não vai...

- Vamos ver, pode ser?

- Mas e o vestido? - quer saber Janice.

- Tudo bem. - Sacudo a cabeça. - Acho que vou pedir para o Didier fazer um parecido. Vou lá me trocar.

- Espere um minutinho - Sam impede que eu me mova, tirando uma coisa do bolso do casaco. Uma câmera. - Acho que você não vai se importar se tirarmos uma fotografia, vai? - pergunta. - Já que ela está tão linda nele.

- Bom - a Perdigueiro morde o lábio murcho -, nós não costumamos...

- Bom, tem aquela outra loja ali embaixo de que você gostou - ele diz olhando claramente para Janice.

- Tudo bem, tudo bem - a Perdigueiro ergue a mão, assumindo sua derrota. - Pode tirar uma foto, se é mesmo necessário.

- Diga xis - Sam bate meu retrato. - Perfeito.

- Eu não estava pronta - reclamo mais tarde, sentada no carro, agarrando minha nova tiara cintilante com avidez. - Vou sair horrorosa.

- Ah, bom - Sam me abraça -, não faz mal. O vestido ficou lindo.

- Então ele pode muito bem se casar sem mim.

- Mas falando sério, Simpson, pelo menos agora o Didier vai saber como é o vestido para poder copiar.

- Obrigada. - dou um abraço nele.

Ele parece feliz, apesar de se recusar a beber um drinque de comemoração comigo e Janice depois das compras, dizendo que precisa encontrar-se com Joff no Bedford para conversar sobre o jogo Arsenal x Leeds United. Janice e eu o deixamos em casa e Janice diz que, se não vamos sair para beber, é melhor ela devolver o jipe para Jasper. Vou junto com ela.

- Podemos até pedir para ele preparar umas bebidas se já tiver voltado - diz Janice. - a martíni dele é demais.

- Excelente.

Esperamos uma eternidade até que um Mondeo prata liberasse uma vaga em frente ao apartamento luxuoso de Jasper, na beira do rio (sua residência na cidade) e então, bem quando estamos prontas para dar ré, um idiota em um Porsche azul aparece do nada,

zunindo atrás de nós, e entra na vaga antes mesmo que a luz de ré de Janice tenha tempo de acender.

- Eu estava com a porra do pisca-pisca ligado - ela grita para mim. - Dá para acreditar na audácia desse filho da puta?

Respondo que não, que o porra do filho da puta surpreendeu até mesmo a mim com tamanha arrogância.

A porra do filho da puta sai do carro, desfilando como um pavão, abaixando um par de óculos escuros de marca da cabeça para o nariz.

- É isso aí, amorzinho. - Ele sorri, todo exibido. - É assim que se faz quando a gente sabe dirigir.

O rosto de Janice fica enevoado. Por uma fração de segundo, tenho medo que ela esteja pensando em usar as chaves para dar um jeito no rosto dele. Mas nem precisava ter me preocupado. Ela tem algo muito mais espetacular em mente. Antes que eu tenha tempo para compreender exatamente o que está acontecendo, ela pisa fundo no acelerador e vira a direção completamente para a esquerda, dando uma fina em um parquímetro e dando uma batida de especialista na frente do Porsche. O Porsche se afunda todo, dobrando-se em volta da traseira do jipe que não sofre praticamente nenhum arranhão, como massa fresca em volta do recheio de pastel.

- Desculpe - ela me diz, achando que eu possa ter me machucado, já que a minha cabeça foi jogada para a frente e bateu no painel com um baque. - Precisei usar energia nuclear.

- Não tem problema nenhum - digo, trêmula, conferindo para ver se todos os meus ossos ainda estão no lugar.

Janice abaixa o vidro e pisca toda sexy para o motorista do Porsche, que olha absolutamente mortificado para os restos de seu precioso pênis substituto.

- É isso aí, amorzinho - diz, toda doce. - É assim que se faz quando a gente tem dinheiro.

Então engata a primeira no 4x4 e cruza a rua com calma, procurando outro lugar para estacionar.

- Suas sapatonas desgraçadas! - o homem grita para nós. E então, apontando para mim, completa: - Você é meio alta para ser mulher, não é? Já foi confundida com um homem?

Debruço-me sobre Janice e coloco a cabeça para fora da janela.

- Nunca. - Mostro o dedo mindinho para ele. - E você?

Ficamos morrendo de rir até chegar ao apartamento de Jasper onde, depois de apertar a campainha e não receber resposta, concluímos que ele não deve ter chegado.

- Só vou deixar as chaves do jipe lá dentro. - Janice destranca a porta da frente. - E podemos pegar umas garrafas de vinho, já que vamos entrar mesmo. Vamos comemorar um pouco lá em casa. Em nome da sua tiara.

- Tudo bem.

Por dentro, o apartamento de Jasper é lindo. Um plano aberto com muita madeira clara e paredes brancas por todos os lados.

- Que estranho. - Janice olha para as chaves e de novo para a fechadura.

- O quê?

- Só está fechado com uma volta. Normalmente, quando ele sai, dá duas voltas na chave. Está ficando gagá. Só não perde a cabeça porque está grudada no pescoço.

Quando entramos, no entanto, alguma coisa me parece muito esquisita.

- Que barulho é este? - ergo a cabeça na direção do teto.

- O quê?

- Esse barulho aí.

Ela escuta com atenção.

- É a Nina Simone. A preferida do velho caquético.
- Está bem alto, hein? - digo. - Parece que ele está dando uma festa ou algo assim.
- Melhor que não esteja. Não sem me convidar.
- Você acha que está tudo bem com ele? - digo. – Quer dizer, ele pode ter caído. Escorregado em uma casca de banana ou algo assim enquanto dançava para lá e para cá, sozinho e tristonho.
- Ele tem faxineira - ela lembra. - E não é *tão* velho assim.
- Coloco as mãos sobre o coração, fingindo pavor.
- Ele pode ter sido acometido por um ataque do coração quando tentava abrir uma simples latinha de ervilhas – digo.
- O pobre coitado.
- Não faça isso. - Parece que ela vai ter o maior ataque de riso.
- Ele pode ter apagado quando ia colocar mais uma moeda no aquecedor, só para ficar quentinho - digo. - Ou então engasgou com um pudim...
- Pare. - Ela segura a barriga. - Vamos lá. Vamos ver onde é essa festa. Provavelmente no vizinho de cima. O pessoal que mora lá é meio louco.
- Parece que a festa está a toda. E, aliás, parece que é mesmo no apartamento de Jasper. Quando subimos a escada em caracol, percebemos que a música vem do escritório dele. Enfiamos a cabeça na fresta da porta e deparamos com o traseiro flácido de Jasper. Ele está completamente nu, com a ereção em uma mão e uma câmara na outra. E, sentada na mesa dele, com um caderninho e uma caneta em uma mão e as pernas tão abertas que dá para ver o que ela tomou no café da manhã, uma vadia com um enorme piercing de diamante no nariz e peitos que ficam em pé sozinhos.
- Caralho - dizemos as duas, ao mesmo tempo.
- Ao nos ouvir, Jasper se vira para trás.
- Querida - diz para Janice. - Não ouvi...
- Isto está bem claro - diz ela friamente, agarrando a minha mão e me puxando escada abaixo.
- Tudo bem? - pergunto quando saímos.
- Tudo - ela responde lentamente. Está branca como uma folha de papel. - Mas acho que vou vomitar.
- Entrego-lhe um lençinho de papel, e ela manda ver em cima dos meus sapatos.
- Tente não se preocupar - digo, tentando reconfortá-la. Quer dizer, você só queria ficar com ele por causa do dinheiro não é?
- Bom, é - ela responde. - Claro. Mas *estou* um pouco chocada. Não achei que esse velho fosse capaz de algo assim.
- Algo está errado. Ela está estranhamente calma.
- Então, por que está passando mal? Ela nem está tão preocupada assim.
- Lá se vai a minha casa de campo em Winchester – lamenta amarga. - E você sabe, Katie, já chupei o cara cinco vezes. Não foi exatamente divertido.
- Tenho certeza de que não - digo, solidária.
- Até engoli duas vezes - reclama. - Imagine como eu estou me sentindo uma idiota completa agora.
- Digo que sei que ela está se sentindo idiota. Mas pelo menos não está chorando. Estava preocupada que ela abrisse o maior berreiro. Achei que ia ter catarro para todo lado. Mas não, é só o dinheiro. Não pode ser tão mau assim.
- Na verdade, Katie - ela me olha bem nos olhos -, é tão mau assim.
- Por quê? - pergunto. - Você não está devendo nada para ele, está?
- Não.
- Por quê, então?

Algo na maneira como ela me olha me passa um pressentimento muito ruim sobre a coisa toda.

Um pressentimento muito ruim mesmo.

- Bom, cansei de ficar esperando ele me pedir em casamento e resolvi experimentar uma tática nova - explica ela, com o lábio inferior tremendo um pouquinho.

- Ah.

- É isso aí - ela diz. - Resolvi usar o plano B. E olha que eu acho que deu certo, estou toda inchada.

-- Ah, fala sério, Janice, você não está gorda. Você acha que eu iria convidá-la para ser minha madrinha se você fosse uma gordalhona?

- Não estou falando de *agora*. - Olha para mim de maneira depreciativa. - Estou falando daqui a uns meses. *Sei* meses, para ser exata. Em seis meses, eu vou estar do tamanho de uma casa.

- O quê?

- Estou embuchada. Tenho um pãozinho no forno.

- Mas como?

- Transando. - Olha para mim, toda séria. - Desse jeito. Caralho, Katie, O que é que eu vou fazer?

- Ter um filho? - digo com a voz bem fraca.

- Bom, acho que já é um pouco tarde para qualquer outra coisa - responde. - Merda, é a história se repetindo mais uma vez. Eu me transformei na minha mãe. Aquela coitada daquela vaca.

- Mas você tem emprego - tento.

- Que eu odeio.

- Pelo menos você vai ter dinheiro para cuidar dele - continuo. - Você vai ser uma mãe ótima. Só não vá vendê-lo para o George.

Ela consegue dar um sorriso fraco.

- Você acha que eu devia largar o meu emprego e viver da previdência? - pergunta. - Não é isso que as mães solteiras fazem?

- Você pode contratar uma babá.

- Ai, credo. - Ela me ignora. - Eu. Mãe solteira. Claro que vou ter que mandar furar as orelhas desta criança, mesmo que seja menino. E vou ter que usar uns sapatos baratos horrorosos e pintar marcas roxas nas pernas para que as outras mães solteiras não fiquem achando que eu sou exibida.

- Tente se animar. - Não consigo pensar em nada melhor para dizer. - O parto não vai doer tanto assim.

- Katie, eu vou tipo ter que fazer passar um melão pelo buraco de uma agulha.

- Não se preocupe. O Jasper provavelmente vai mandar um chofer para tirar. E vai vir com piloto automático e tudo o mais. Vai sair a dez quilômetros por hora, com um charutão na boca.

Você nem vai precisar fazer força.

Janice consegue dar outro sorrisinho.

- Credo, ele era um imbecil mesmo, não era? - Ela ri. - Que idiota.

- Completamente. - Dou risada, caminhando na direção do jipe e colocando a mão na porta. - Você ainda está com as chaves?

Janice coloca a mão no bolso.

- Estou.

- Então pronto - digo. - Acho que você pode ficar com ele. E ainda tem a pensão alimentícia.

- Acho que é o único tipo de apoio que ele iria me dar.

- Então, você não vai contar para ele?
- De jeito nenhum. Você o viu, Katie. Não quero que meu filho tenha um pai daqueles.
- Onde é que você vai arrumar dinheiro para criá-lo, então?
- Vou ter que me virar sozinha, não é mesmo?
- Muito justo. - Abro a porta do jipe. - Mais uma razão para a gente esquecer tudo isso. Deixa que eu dirijo, pode ser?
- Depois a gente pega o seu carro.
- De repente, Janice sorri.
- Katie?
- Sim?
- Eu amo você do fundo do coração, porra.

## DEZENOVE

No dia do aniversário de Sam, chego à casa dele um pouco antes do primeiro convidado. Claro que Shana já está lá. E enquanto me ocupo com temperos e molhos de salada, ela se esparrama em cima do canapé de veludo azul de Sam e fica me alfinetando com toda sua gentileza. Só uma coisa parece estar diferente. Examino com mais atenção. É o cabelo dela. A juba brilhante loura foi cortada bem curtinha. Não combina.

- Resolveu mudar para o corte Joãozinho, é? - provoco, entrando na cozinha para acabar de preparar a comida.

Os convidados se reúnem no quintal e Sam serve Pimms transbordantes de morango, pepino e hortelã. Levo a comida para fora e começo a arrumar tudo sobre a mesa comprida encostada na parede. O sol forte que bate sobre as paredes caiadas do quintal de Sam fere meus olhos depois da relativa penumbra da cozinha, de modo que não consigo distinguir bem os convidados. Parece um pouco esquisito servir a comida na festa de aniversário do meu melhor amigo. Por direito, é claro, eu deveria estar com os outros, enchendo a cara de gim.

- Está maravilhoso. - Sam vem de dentro de casa e coloca o braço em volta dos meus ombros enquanto arrumo tigelas da minha salada de batatas especial e bandejas de queijo halloumi e kebabs de cebola roxa sobre a mesa.

- Obrigada. - Abraço-o também. O cheiro dele é adorável. De banho e de roupa recém-lavada. - Feliz aniversário.

À medida que os Pimms são entornados, vou ficando mais relaxada. Os convidados parecem estar se divertindo e, depois que acabo de preparar toda a comida, não há muito mais a fazer. Jeff, pai de Sam, é quem vai assar o churrasco, de modo que, se tiver sorte, não vou precisar me preocupar com isso. Até tenho chance de comer um pouquinho: acho uma cadeira perto de Janice, ao lado do muro do jardim, e admiro os vasos de terracota cheios de flores coloridas e os feijões vermelhos que crescem junto à parede. Até vejo Bertie, a tartaruga de Sam, mastigando um pedaço de pepino sobre um tufo de capim. É dele há anos.

- Tinha me esquecido dela - digo a Janice.

- Do quê? - Janice está mastigando um enroladinho. Faz uma semana que está louca para comê-los. Que nojo.

Mas nem dá tempo de apontar para Bertie, porque somos interrompidas por uma voz estridente. É Shana, que vem rebolando com uma parte de cima de biquíni vermelha e branca, quadriculada.

- Aaaah - começa ela, toda mordaz. - Olhe só para você, Katie, mandando ver com toda essa comida.

- Perdão? - olho para ela bem nos olhos.

- Bom, não cai muito bem, não é mesmo, a responsável pela comida ficar comendo tudo que vê pela frente. Quer dizer, você não deveria estar na cozinha, limpando tudo?

- Vaca - Janice fala quase para si mesma.

- Só que as coisas são um pouco diferentes, não são? - estou determinada a manter uma atitude adulta. - Um pouco mais relax. Já que Sam nem está me pagando nem nada. Nem sonharia com isso. Ele é meu melhor amigo.

- É o que você acha, não é mesmo? - insinua ela em um tom de voz tenebroso, do tipo "eu sei de alguma coisa que você não sabe".

- Perdão?

- Bom, se vocês são tão bons amigos assim, é de se pensar que não haveria nenhum segredo entre vocês - continua, toda alegre, quando Sam vem na nossa direção. Ele está muito lindo, e eu me surpreendo com este pensamento.

- Que segredo?

- Ah, nada - responde ela. - Oi, querido.

- Oi. - Sam parece confuso.

- Que segredo? - repito.

- Ah, deixa pra lá - Shana dá de ombros. - Ah, olha só, Katie, lá está a sua mãe. Preciso ir lá dar um oi.

E, com isso, dá no pé, deixando Sam e eu olhando um para o outro.

- Qual é o problema?

- Nada - respondo. Mas é tudo muito estranho.

Logo descubro o que Shana quer dizer. Mais tarde, depois que Sam já soprou as velinhas do bolo, minha mãe, com quem eu mal falei o dia inteiro, puxa-me pela mão e diz que tem uma notícia para me dar.

- O que é? - pergunto.

- Vamos chamar o Jeff primeiro, pode ser? - Ela me conduz na direção da porta da cozinha, onde Jeff está, fumando um charuto de comemoração e sorrindo para minha mãe de um jeito íntimo demais para o meu gosto.

- Pode ir *contando*, então - digo.

- Bom - minha mãe começa, virando-se para sorrir para Sam e Shana, que se postaram ao meu lado. Shana sorri tanto que seu rosto está quase se dilacerando de tanto esforço. O que foi? - pergunto, começando a ficar preocupada. - Não tenho o dia inteiro.

- Pedi a mão da sua mãe em casamento - revela Jeff, afinal.

- O quê? - estou embasbacada.

- Pedi sua mãe em casamento. - Repete ele.

- E o resto do corpo dela? - estouro, de repente. - Não basta para você?

Não entendo. Sei que estou sendo infantil, mas como é que minha mãe pode ser tão inocente a ponto de se deixar seduzir pelo charme do pai de Sam? Sempre fomos só eu e ela. Como é que ela pode pensar em se casar de novo, depois do que o meu pai fez com ela?

O que me deixa ainda mais magoada é que Sam e Shana já sabiam. Ela contou primeiro para eles. E Shana amou isso. Que vaca. Ficar puxando o saco da minha mãe.

- Você vai se acostumar com a idéia, querida. - Jeff dá um tapinha no meu ombro.

- Vou? - fico triste. De algum modo, duvido muito. E o pior é que não consigo parar de pensar em como Sam está lindo hoje. E que vai ser meu irmão.

Que perversão.

- Ele vai me fazer companhia, querida - acrescenta minha mãe.

- Certo.

- E o jardim da sua mãe é adorável - completa Jeff. - Vai ter mais espaço para os meus tomates.

- Ah, que beleza, não é mesmo? - cuspo. - Desde que esteja tudo bem com os seus tomates, está tudo uma maravilha.

Estou prestes a sair correndo para clarear as idéias quando Shana se intromete na conversa.

- Temos uma notícia nossa para dar também, não é mesmo, querido? - ela empurra Sam para a frente, como se ele fosse uma criancinha, meio envergonhado porque tem que falar na frente de todo mundo.

- Temos?

Não tenho certeza se é uma afirmação ou uma pergunta, mas, claramente, Sam está tão confuso quanto eu.

- Nós também vamos noivar - exclama ela, exultante.

- Ah' mas que porra, que maravilha - solto.

- Katie. - Sam segura a minha mão.

- Vai se foder.

- Qual é o seu problema?

- Não sei.

E é verdade. Não sei mesmo. Só sei que está tudo errado. Não consigo agüentar tudo isso. Dois anúncios de casamento em um dia só. E nem posso contar sobre o meu para minha própria mãe.

Droga.

- Vou para casa - digo. - Para a casa do George.

- Mas...

- Nada de mas. Fui.

Já estou meio fora da casa, entre lágrimas de risadas histéricas frente ao absurdo de tudo isso quando Sam me alcança.

- Qual é o problema?

Olho para o rosto dele, todo lindo e preocupado.

- Como é que você pode se casar com essa vaca? - desabafo.

- O quê?

- Você ouviu. Ela é uma vaca. Disse para todo mundo que foi ela quem fez a comida.

Eu ouvi.

E é mesmo verdade. Ouvi Joff cumprimentando-a pela maciez do kebab de frango. E ela simplesmente piscou os olhos e agradeceu. Deu vontade de pegá-la pelos cabelos e sacudi-la no ar, mas resolvi ser uma mulher superior na ocasião.

E aonde foi que isso me levou?

- Ela não faria isso.

- Ah sim, faria sim, porra. Vi quando ela ficou se exibindo por causa do tempero também.

Isso já é uma mentirinha, mas não posso perder a oportunidade.

- Agora você só está sendo ridícula - diz Sam e a expressão no seu rosto muda repentinamente.  
- O quê?  
- Ridícula e infantil.  
- Então você não vai querer falar comigo, não é mesmo? - cuspo. - Então, vá se foder.  
- Tudo bem, vou fazer isso mesmo. Ligue quando crescer - conclui ele. - E quando desistir desta farsa ridícula que é esta porcaria do seu casamento.  
E, sem dizer mais nenhuma palavra, dá meia-volta e retorna para dentro de casa.  
- Idem - grito de volta para ele. - Porra, seu cafajeste.  
E então eu me viro e vou até a estação de metrô batendo O pé.  
Droga. Agora eu consegui perder meu melhor amigo. E com a minha mãe se casando e com tudo por que eu passei, eu estava mesmo precisando dele. Já que George e David estão tão apaixonados o tempo todo e com os hormônios de Janice todos fazendo confusão, agora que ela está usando a barriga como prateleira para xícara de chá. E o pior de tudo é que estou achando que gosto de Sam.  
E ele vai ser meu irmão.  
Ele me odeia.  
*Que droga.*

Antes de experimentar meu vestido, fico morrendo de preocupação, bem estúpida, se Didier vai conseguir ou não fazer um vestido igual ao que eu escolhi. Sam me deu a foto assim que a revelou e George a entregou a Didier com bastante antecedência. Mas odeio pensar que, depois de achar o vestido perfeito, tudo pode ir por água abaixo.  
- E quero que o Sam ache que eu estou bonita - choramingo para Janice. - Depois de todo o trabalho que ele teve.  
- O Sam provavelmente nem *vai* ao casamento. - Dá tapinhas na barriga sem pensar no que está fazendo.  
- Como é que você sabe que ele não vai? - acuso. - Talvez ele vá.  
- Bom, *você* não sabe, sabe? - ela quase grita. - Então *eu* é que não vou saber mesmo. Daqui a alguns meses, vou ser mãe solteira, pelo amor de Deus. O que, puta que pariu, me dá o direito de não saber nada sobre nada. Daqui para a frente, só vou andar por aí com o ombro coberto de vômito e empurrando uma porra de um carrinho. E tenho bastante *propensão* para depressão pós-parto.  
- Não começa - digo.  
- Tudo bem. - Ela dá de ombros, cortando para si mesma uma fatia de stilton e cobrindo-a com mango chutney e pasta de amendoim. - Vou poder roubar coisas no supermercado e me safar.  
E então, como aconteceu um punhado de vezes nos últimos dias, de repente ela percebe, de novo, que vai ter mesmo um bebê de verdade, vivo.  
- Caraaaaaalho - grita a plenos pulmões. - Que porra eu vou fazer com esse pirralho quando ele chegar?  
Faço uma careta, tampando os ouvidos com as mãos.  
- Você vai deixar o coitadinho com os ouvidos apitando. E ele também vai ter síndrome de Tourette. Sua boca está toda suja de mango chutney. Limpe isso aí.  
Espero até George chegar em casa do trabalho e pergunto quando Didier vai lá. Ele está um pouco preocupado com os coliformes fecais que pode ter consumido depois de comer um peito de frango borrachudo no refeitório do trabalho, então acho que o momento é tão bom quanto qualquer outro. Não ficou exatamente feliz de ter que pedir



para Didier fazer o vestido, porque ele certa vez fora para a cama com ele, em um momento de fraqueza, e morre de medo que descubram, Mas acabou aceitando.

- Bom, não quero que você tenha que ir a uma loja de departamento qualquer e compre o primeiro vestido que encontrar pela frente - ponderou. - Então, acho que vai dar para suportar ele enfiando o nariz na nossa geladeira e desfilando aquele traseiro gordo pela casa durante um único dia.

A visita de Didier foi marcada para um domingo de manhã. Naquele dia, mandei Nick dar o fora assim que acabamos de transar e desci logo para a sala, onde George está com seus nervos de noiva à flor da pele, Está preparando chá como se o mundo fosse acabar e andando de um lado para o outro no corredor, como um pai esperando o filho nascer. Só falta o charuto.

- Ele está aí a manhã toda - David quase dá um ataque quando me joga no sofá. Estou com calor, melada e fedendo a sexo. Não sou bem o que se pode chamar de uma noivinha corada. - Dá até para achar que ele está ficando com medo.

- Dá até para achar que ele é a porra da *noiva* - digo com firmeza, tirando os pés dos tênis pretos esfarrapados que escolhi para usar naquele dia e fazendo uma careta quando Didier, que já chegou e está colossal, com um terno cor de malva, com colete, me manda ficar em cima da mesa de centro e corta minha circulação mais ou menos na altura da cintura com sua fita métrica.

- Cuidado - avisa ele, ajeitando a lapela da camisa cor de malva e franzindo o cenho. - Você vai rasgar o pano com esse seu pezão. - Dispõe montes de material rosa-dourado ao meu redor, prendendo e pregando pedaços de tecido com movimentos ágeis enquanto David nos fornece litros e litros de chá quente e sanduíches gordos de bacon, cheios de ketchup. - Esta é a cor certa, se não estou enganado?

Sou forçada a admitir que, sim, Didier é uma porra de um gênio. É *exatamente* a cor certa.

Ele abre um sorriso gordo, as bochechas vermelhinhas de tanta alegria. George faz uma careta, presumivelmente pensando na maldita noite em que dividiu a cama com ele.

- Obrigado, - Faz uma medida ridícula com o corpo. - E devo dizer que é fantástico poder trabalhar com alguém que não tem o menor sinal de seio sobre o peito.

- É mesmo? - grito, quando mais um alfinete espeta meu quadril.

- Ah, é. - Ele concorda com a cabeça, - Você tem a silhueta perfeita para este modelo. Peitões estragam tudo.

- Tenho mesmo?

- Claro. Nada melhor do que um cabide para pendurar roupas. Já pensou em ser modelo?

- Prefiro mijar sangue, obrigada.

- Ah.

- Desculpe - sacudo a cabeça -, mas não tenho tempo de ficar imaginando se a minha bunda vai ter celulite ou não ou se o meu cabelo vai ou não ficar perfeitamente liso - explico.

- Tenho coisas melhores com que me preocupar.

- Algumas das noivas que você atende devem querer que você faça milagres, não, Did?

- George diz.

- Querem mesmo.

- Na verdade, algumas delas têm o corpo quadrado, sabe como é, Katie - George prossegue. - Parecem uns cubos mágicos e chegam com o dedo em riste, pensando só em como querem estar quando desfilarem na igreja. E a gente não pode simplesmente dizer para elas que é impossível enfiar cinco quilos de salsicha em um saquinho de um quilo. Pode?

- Não. - Didier puxa as alças do ombro, quase me sufocando. - Respire fundo, querida. Não, você tem toda a razão, Georgie. Meus talentos são bem consideráveis, mas a gente precisa estabelecer os limites. Não dá para fazer uma bolsa Pucci com a bunda de um porco, por mais que se tente.

Fico lá parada, entediada até os ossos, enquanto Didier alfineta e dobra, costura e tagarela à minha volta. Minha mente está em outro lugar. Não consigo parar de me preocupar com os bolos de café e outras delícias que preciso fazer para algum tipo de comemoração em Lavender Hill. Quando é que vou achar tempo para fazer tudo isso?

- Não é uma maravilha? - George está ajudando Didier e ajeitando meu cabelo, todo animado, - Isto aqui é como ter nosso próprio Mundo das Mulheres. Cadê aquela tiara que você comprou?

- Está no meu quarto. - George obedientemente vai lá em cima buscá-la e a ajeita sobre os meus cabelos. Olho no espelho e fico maravilhada com todo o meu brilho.

- Que engraçado, não é mesmo? - exclamo quando George, David e eu fazemos uma pausa para tomar nossa décima xícara de chá. - Quer dizer, não faz porra de diferença nenhuma se eu vou estar bonita ou não, já que ninguém vai me ver mesmo, já que não temos convidados. Podia colocar minhas calças cargo e minhas botas Timberland, não podia?

- Ninguém? - George ejacula.

- Ninguém? - Didier ecoa.

- Eu não diria que o *Mareel* não é ninguém, não é mesmo, querida? - guincha George. - Ele já fez arranjos florais para a Fergie mais de uma vez.

- E a Davina McCall- acrescenta Didier. - Ela está *super* na onda.

- Ah, e tem aquela Dorien da novela, aliás – completa David. - Ele fez uns canteiros lindos para ela. Parece que ela é uma fofa na vida real. Não aquela vagabunda que aparece na TV.

- E daí tem Fran, o Trans, e a Ermintrude – continua George. - Só porque deixaram cortar um pedaço não quer dizer que não são ninguém, querida. Ficariam muito magoados se a ouvissem dizendo essas coisas.

- *Elas* vão ao casamento?

- Dissemos que elas podiam jogar arroz depois da cerimônia - admite David. - Estavam se sentindo meio por fora, por isso vão fazer uma chuva de pétalas de rosa quando você sair da igreja. E também chamamos o Prosper e o Rex para fazer número.

- Que número? - pergunto, revoltada.

George ergue as sobrelanceias para o céu. Na verdade, ergue só uma. No momento, só tem uma. Uma monocelha. Normalmente, depila o tufinho do meio. Mas a cabeça dele tem estado cheia demais de pensamentos cor-de-rosa histéricos sobre casamento. Tanto que não tem tempo de cuidar da própria beleza.

- O que  *você* acha? - pergunta, em tom cansado. - Qualquer coisa para encher o recinto. Convidados, crianças e cachorrinhos, claro. Sei lá.

- Mas não vai *ter* nenhum convidado - reclamo. - Além de Janice e do Sam, claro.

Na verdade, depois da nossa discussão, ainda não sei se Sam vai. Mas não posso me preocupar com isso agora. Preciso ter pensamentos positivos.

- *Claro* que ele vai - responde George, lendo meus pensamentos. - E é *claro* que vamos ter convidados. Convidamos todo mundo em quem pudemos pensar.

- Mas achei que tínhamos combinado...

- Ah, que *se dane* a nossa combinação, querida – debocha George. - Estou pagando toda esta porra, então faço o que bem entender, se você não achar ruim.

- Você não acha que vai ficar parecendo meio gay? – pergunto. - Com todas essas bichas? E se o Departamento de Imigração resolver investigar? Não vão ficar com a

pulga atrás da orelha quando virem que os convidados todos parecem integrantes do Village People?

- O Sam vai estar lá - David me garante. - *Ele não é gay.*

- É triste, mas é verdade - comenta George.

Os dois caem na risada.

- Ótimo - reclamo. - O Sam e a Shana. Ele acompanhado de uma tira de linguini não é exatamente uma boa representação para o Clube de Heterossexuais de Londres.

- E *you* vai estar lá - exclama David. - Com seu vestido rosa de mulherzinha e seus sapatos brilhantes. Bom, se a gente fosse colocar uma roupa de sapatona caminhoneira em você, aí dava para entender a sua preocupação.

- É mesmo - concorda George. - E agora você não pode mais vir com essa de fingir que é machona, querida. Não com esse monte de namorados que você tem.

- *Não* faça com que a gente cancele tudo - implora David.

- Não, não faça - suplica George. - Afinal, é o *nosso* dia. Acho que não posso discordar disso. Posso até ser *eu* que vou assinar o pedaço de papel, mas quem está assumindo compromisso são George e David, na verdade. Afinal, eles se amam profundamente, não é mesmo?

Não é *mesmo*?

Claro que sim. Ou pelo menos é o que eu espero. Ou então, por que é que eu iria estar me submetendo a tudo isso?

"Talvez você esteja fugindo de alguma coisa", cochicha uma vozinha no fundo da minha cabeça.

"Ah, é", desafio. "Tipo o quê?"

"Talvez você esteja com medo de se magoar de novo, será'?", ela me provoca.

"Ah, é, sei", respondo com mais firmeza desta vez. "Acho que já me curei do Jake Carpenter, muito obrigada. Desta vez, está tudo sob controle. Então, quem é que manda agora, hein?"

Mas alguma coisa continua me incomodando, lá no fundinho. E, quanto mais penso nisso, a imagem de Sam me vem à mente.

Que coisa mais estranha!

Não é Jake. Não é Nick. Não é nem mesmo o tonto do Max, que não quer largar do meu pé. É Sam. Simples assim.

Não que eu o *deseje*, claro. Quer dizer, eu não me interessava por ele quando ele era solteiro, não é mesmo? Quando ele saía com qualquer loira de Londres? *Claro* que não. Eu preferia comer fibra de vidro moída antes de sair com o Sam de antigamente.

Então, o que mudou?

"É, você *quer* ficar com ele", a voz na minha cabeça informa.

"Não, não quero nada", reclamo.

"Ah, quer sim", insiste a voz.

"*Ah*, vá se foder", mando. "Isto aqui não é uma porra de uma pantomima."

"Você quer ficar com ele", persiste a voz, "porque agora você não pode mais tê-lo."

"Merda", digo. Mas preciso reconhecer, eu sempre fui um pouco assim. Sempre querendo o impossível. Tipo quando eu tinha dois anos e queria que a minha toalha de banho secasse instantaneamente. Não servia uma nova. Isso aconteceu muito antes de existirem secadoras de roupas, e meus pais tentaram me explicar que simplesmente não era assim. Mas eu não aceitava. Gritava até ficar com a cara roxa e tinham que me dar chocolate para eu me acalmar.

Mas com Sam é diferente. Claro que eu não quero ficar com ele. Não assim. Mas devo me encontrar logo com ele, para levarmos Lucy ao parque. E não quero decepcioná-la. Já tínhamos combinado antes da briga. Agora eu simplesmente não sei se devo aparecer

ou não. George continua tagarelando quando eu desperto do meu sonho acordado. Está dizendo algo sobre ter que economizar para o casamento. De quanto vai custar e tudo o mais.

- Depois de pagar tudo, vou ficar oficialmente pobre - ameaça. - Provavelmente vou ter que abrir mão da minha casa linda e ter que me mudar para a zona oeste. Acho que vou terminar em Stoke Newington. Provavelmente. Ou Barking. Talvez vá para algum lugar que nem tem metrô.

- Ah é, com certeza. - Eu me encolho toda quando Didier, rápido como um raio, enfia a mão no meu sutiã para arrumar a posição de um dos meus mamilos. Parece que os dois não são alinhados, e isso está estragando o caimento do vestido.

- Claro que sim, querida - explica George. - Quando chegar o inverno, vamos ter que usar malhas compradas no supermercado. Vamos ser obrigados a adquirir uma panela elétrica de fritura e um daqueles aparelhos para ligar a internet na TV, e vamos morar em um edifício bem alto, de apartamentos populares. Um bem decrepito, com cheiro de mijo. Sabe, tipo aqueles que aparecem no telejornal. E todos os nossos vizinhos serão feios e mal-vestidos, querida, e vamos ter medo de sair de casa para não sermos assaltados, então vamos ter que ficar em casa no sábado à noite no nosso sofá cor de laranja, assistindo à novela com o som bem alto e comendo Miojo.

Ele só se esqueceu de que tem uma herança suficiente para pagar a dívida externa do Terceiro Mundo.

VINTE

Sam e Lucy, usando bonés azul-marinho combinando, estão me esperando perto da ponte, como Sam disse que estaria. Quando vou me arrastando na direção deles, Sam sorri, e Lucy, com jeans cintilantes e tênis cor-de-rosa que acendem quando batem no chão, corre para me dar um abraço.

- A mamãe disse que agora você vai ser a minha tia Katie. Você e o meu tio Sam vão se casar?

Dou risada.

- Não. Minha mãe é que vai se casar com o seu avô. O que meio que me transforma na irmã nova da sua mãe e do Sam.

- Ah. - Lucy parece um pouco confusa, mas se anima quase que imediatamente. - Tenho uma pipa. Você me ajuda a empinar?

- Claro. - Levanto as sobrancelhas para Sam. - Mas só se pudermos comer bolo primeiro.

- Ta bom.

Marchamos até o café. Temo que Sam ainda esteja de mal comigo depois da nossa briga, de modo que os convido para um chá com bolo. Normalmente, eu não gastaria dinheiro com algo assim, mas acho que se faz necessário sob essas circunstâncias. E quando Lucy já comeu sua fatia de bolo de gengibre e ficou toda animada por causa do açúcar de um copão de Coca-Cola, sai correndo pelo gramado para se enroscar no fio da pipa e peço mil desculpas a Sam.

- Tudo bem. - Ele sacode a cabeça e bebe o chá. – Acho que foi meio que um choque para você.

- Fiquei mal porque você soube da minha mãe e do seu pai antes de mim. - Olho para as migalhas no meu prato. – E a Shana também. E ela nem é da família. Bom, pelo menos não por enquanto.

- Não. - Sam perde o olhar a distância, observando Lucy em um borrão de purpurina e luz piscante.

- E então? - digo, já que não acho nada melhor para falar.

- E então?

- Então, vocês já pensaram na data?

- Que data? - Ele parece confuso. - Nós quem?

- Para o seu casamento, dâh. Ou será que você esqueceu?

- Credo. - Coloca na boca mais torta de banana. – Estou tão preocupado com a empresa no momento que nem posso pensar nisto. Vou fazer a inauguração de um restaurante novo no Distrito Financeiro na semana que vem. É um evento de alto nível.

- Que ótimo, Sam. - Fico feliz.

- Então, acho - termina de tomar o chá - que devíamos falar do *seu* casamento. Você não acha? Quer dizer, você vai se casar muito antes de mim.

- Parece que sim - reconheço, observando quando duas garotas, de pernas compridas e casaquinhos justos, ficam olhando para Sam. - Mas é o maior tédio. Quer dizer, não é de verdade, não é mesmo? Não tem paixão nem romance nem nada.

- Achei que você não acreditava em toda essa bobagem. - Sam mexe no meu cabelo.

- Não acredito. É por isso que meu casamento vai ser de mentira.

- Sua louca. - Ele sorri, bem quando uma voz de indignação vem de algum lugar a distância.

- Tio Sam!

- Lá vamos nós - suspira ele. - Chegou a hora obrigatória do parquinho. Você vem comigo?

- Acho que vou comer mais um pouco de bolo, obrigada.

- Típico - rosna, correndo para ajudar Lucy a desvencilhar a pipa de um banco próximo. Um cachorro de algum modo se envolveu na confusão e eu quase engasgo com o bolo enquanto assisto Sam se enrolar todo na linha, o cachorro latindo no pé lide e Lucy gritando de tanta alegria. Particularmente, acho que criaturas detestáveis como aquela deviam ser proibidas, mas daí fica claro que a dona está sentada na mesa ao lado.

Piscando para mim, a senhora ajeita o chapéu de abas e assobia para o cachorro, que vem trotando obedientemente e enfia o focinho no meu quadril. Sou obrigada a dar tapinhas afetuoso na cabeça dele e finjo que acho uma graça, e então ela pisca de novo para mim e faz um gesto com a cabeça na direção de Sam e Lucy.

- Ela gosta do pai, não é mesmo?

- Quem? - ergo os olhos rapidamente.

- Sua filhinha.

- Ah, não. - Dou risada. - Ele não é, quer dizer, ela não é nossa filha. Está emprestada para nós.

- A-ha. - A mulher pisca de novo. - Estão treinando, é?

Nem fodendo. Ainda assim, o fato de a senhora do cachorro ter achado que eu e Sam estávamos juntos me deixa imensamente contente por alguma razão ridícula. E a idéia de filhos e bebês me faz pensar em Janice, que provavelmente está sozinha em casa tricotando sapatinhos. Ou bebendo gim e dançando, se eu bem a conheço. Então, depois de mais uma hora de malabarismos com pipas, dou uma passada no apartamento de Janice. Ela parece deliciada ao me ver, porque interrompi um trabalho que ela estava fazendo para uma marca nova de drinque gasoso.

- Como você se deu ao trabalho de vir até aqui, seria muita falta de educação mandá-la embora, não seria? - Sorri, acariciando a barriga.

- Muita falta de educação.

Jogo-me sobre seu sofá imaculado e imediatamente amasso as almofadas de veludo.

Janice faz aquela cara de "o que eu vou fazer com você" para mim e decreta que precisamos fazer compras.

- Para quê?

- Para as férias. - Ela se levanta. - Para isto. Vamos lá. Você precisa de um maiô novo. Não quer que o Sam ache que você está passada, não é?

- Por que é que eu me importaria com o que o Sam pensa?

- Ah, vamos lá. Você me parece rosadinha demais para alguém que passou o dia inteiro com uma criancinha.

- Está ventando.

- E você está meio derretida.

- Não estou.

- Está. Está escrito na sua testa. Agora vamos lá. Vamos às compras.

A teoria de Janice é a seguinte: se ela vai se parecer com um ovo pochê com torrada nas férias, então pelo menos vai precisar de uns acessórios de luxo. Pessoalmente, ainda nem consigo ver a barriga, mas quando examinamos cabides e cabides de roupas, ela parece tão feliz quanto um porquinho na lama.

- Era exatamente disto que estávamos precisando. - Ela examina uma arara de vestidos da Kookai. - Compras sempre fazem com que eu me sinta melhor.

- Qual é o seu problema, então? Achei que você já tinha aceitado a idéia do bebê.

- Aceitei. Mais ou menos. Mas ainda preciso contar para a minha mãe que ela vai ser avó. Estou morrendo de medo.

- Você acha que ela vai ficar brava?

- *Credo*, não. - Ela sacode a cabeça. - Exatamente o contrário. Ela vai ficar nas nuvens, porra. Estou morrendo de medo das roupas que ela vai comprar para o pirralho.

Provavelmente um daqueles chapéus de pelúcia horrorosos, com orelhinhas. Por que algumas pessoas vestem os filhos igual a cachorros ou ursos e acham fofo, Katie?

- Sei lá.

- E ela vai insistir para que a criança a chame de alguma coisa bem brega.

- E daí?

- Que porra. - Solta a gola alta cor-de-rosa que está examinando e dá de ombros. - Nada disto vai servir em mim daqui a alguns meses. Mas só porque eu vou parecer uma astronauta nas fotos das férias, não significa que você tem que ficar igual. Você não quer aparecer em todas elas sentada em uma espreguiçadeira, com a pele queimada, coberta de suor e um chapelão, quer? Você precisa de um guarda-roupa inteiramente novo, Um biquíni diferente para cada dia.

- Você não está parecendo uma astronauta. E só vamos ficar um fim de semana lá - observo. - Mas você também precisa de roupas novas - digo. - Para o futuro. Você vai engordar sem parar, não esqueça.

- Vou mesmo, não é? - diz meio tristonha, olhando para os peitos, que em breve vão se parecer com duas bóias náuticas.

Vou ficar a *maior* gordalhona. Não ia conseguir ficar mais gorda nem que tentasse.

- Quando é que o seu umbigo vai sair para fora? – fico curiosa.

- Não tenho certeza. - Ela sorri. - Estou ansiosa para chegar nesta parte. Os caras ficam aterrorizados.

- Você não vai encher o seu armário com aquelas roupas horrorosas que têm bolsas enormes, parecidas com cangurus, na frente, para segurar a barriga gigantesca, vai? - pergunto.

- Credo, não. Vou andar de biquíni e deixar tudo solto. Igual à Madonna. E a Posh Spice. E não vou me largar *completamente*. Enquanto estivermos na Espanha, vou nadar o tempo todo. E só vou comer salada.

- Eu não - digo. - Vou ficar na maior preguiça comendo só coisas engordativas. Tomar chope no café da manhã, piña colada no almoço e comer tudo com batatinha. Mal posso esperar.

E *estou* mesmo ansiosa pela viagem, engraçado, apesar de ainda estar surpresa por George ter resolvido economizar nas férias. Geralmente, pacote para ele é algo que se compra na seção de alimentos da Harrods, cheio de pedaços de carne de rena defumada e fatias de salmão selvagem.

Será que ele não sabe que vôos fretados só têm uma classe?

Se é que dá para chamar aquilo de classe.

Como é que ele vai agüentar?

Infelizmente, as compras não fazem com que eu me sinta feliz por muito tempo.

Quando chego em casa, George e David saíram e deixaram um bilhete avisando que foram ver um filme, e eu de repente me sinto solitária e aterrorizada por causa do casamento. No momento, estou dormindo em um quarto cheio de calças do David, para o caso de o Departamento de Imigração resolver fazer uma visita-surpresa às sete da manhã e não nos pegar desprevenidos, e não estou tendo certeza se estou fazendo a coisa certa, ao concordar com esta loucura.

Só que vi George e David juntos. E, apesar de serem afetados por natureza, sei que se amam enormemente. Então, não posso dar para trás agora, não é mesmo? Não sem mandar David direto de volta para a Austrália e acabar com a vida de duas pessoas ao mesmo tempo. Mas, apesar de os meus planos de me casar com David não serem exatamente convencionais, pelo menos vou deixar os dois felizes. Então, quando a irmã de Sam, Sally, e eu nos encontrarmos para tomar um café e planejar a recepção do casamento de minha mãe e Jeff, e ela perguntar se eu tenho certeza de que não vou me arrepender, poderei dizer com certeza absoluta que sei que estou fazendo a coisa certa.

- Não se preocupe por minha causa, Sal. Não preciso retomar razão. Já vi como as coisas são. E são chatas, chatas, chatas.

- Sabe, não estou falando só por falar - franze o cenho. - É para o seu próprio bem.

Particularmente, duvido muito. Quando alguém diz que alguma coisa é para o seu próprio bem, pode saber que é alguma coisa tão agradável quanto irrigação do cólon.

- Para ser honesta, Sal - explico -, essa coisa toda de amor e casamento não cola comigo. Pela minha experiência, os caras só servem para transar, largar e nada mais.

O dia de nossa partida se aproxima e resolvo não me dar ao trabalho de dizer nem a Nick nem a Jake que vou passar o fim de semana na ensolarada Espanha (bom, mais ou

menos na Espanha). Eles que descubram sozinhos. Janice vem até a casa de George para checar a minha mala.

- Olé, olé - ela canta, irrompendo porta adentro sobre saltos com os quais daria para pescar salmão, com um casaquinho cor-de-rosa minúsculo e um short branco de algodão imaculado.

- Olhe só para isto aqui. - E mostra um trapo amarelo-limão minúsculo. - É o meu biquíni novo. E olha só este tubinho prateado. Quer dizer, posso até ter um pãozinho no forno, mas minha bunda ainda não foi tomada pela celulite, de modo que posso exibi-la ainda mais uma vez antes que pareça feita de cachos de uva. *a* que você acha?

- Ah, Janice. - Sacudo a cabeça, fingindo morrer de pena dela.

- O quê?

- Nada. - Dou um abraço nela. - Você sabe que eu amo *você* do fundo do coração.

- Eu também, querida. - Ela também me abraça. - Então vamos lá. Mostre o seu biquíni.

- Aqui está. - Seguro um maiô bem grandão. Praticamente de gola alta, é a única coisa que me aventuro a usar na praia. Quer dizer, a não ser uma armadura completa.

- Que porra é essa? - ela estrila.

- Qualquer outra coisa me deixava com cara de membro do Pernas e Companhia - explico.

- Mas essa é, tipo, a intenção. - Ela sorri. - Sua louca. Ainda acho que você devia ter comprado aquele azul-clarinho com uns pompons nos seios. Você ficou linda com ele. Dou de ombros.

- Não sei por que a minha aparência faz alguma diferença. Tenho certeza absoluta de que o meu noivo é uma bicha escandalosa. Vai precisar muito mais do que um trapo de lycra e alguns daiquiris de banana para fazer com que ele entre na minha.

Ela ri.

- É verdade.

- E acredite - não consigo segurar o riso -, eu já tentei.

Janice joga a cabeça para trás e dá uma gargalhada.

- Mas não é exatamente sexy, não é mesmo? - ela reclama quando se recupera do ataque de riso. - O seu maiô, quero dizer, não o seu noivo. Que é, aliás, muito, muito sexy.

- *Muito* - concordo.

- É o tipo de coisa que a gente vê mulheres de meia-idade usando na piscina. Aquelas que usam touca de borracha com florzinhas e ficam com a cabeça para fora da água para não borra, a sombra.

- Tanto faz.

- Você comprou protetor 50?

- Peguei um cinco. - Olho para o frasco. - Será que basta?

- Katie, você *sabe* que não pode se queimar - ela me recrimina. - E sardas saíram de moda faz *tempo*. Li na *Marie Claire*.

Você quer mesmo aparecer no seu casamento com cara de ligar os pontinhos?

- Compro um bloqueador no aeroporto.

- E você está levando uns livros vagabundos para a praia? - pergunta ela. - Eu peguei *Appassionata* da Jilly Cooper e o novo da Penny Vincenzi.

- Estou levando *Me pega por trás*, da Fawn Starr, e *Me come até eu ficar vermelha*, da Regina De Vine.

- Sério?

- Não.

- Então, o que você vai levar?

- O *bandolim de Corelli* e *Memórias de uma gueixa* - respondo.



- Eu disse "porcaria" - reclama ela. - Você está precisando de umas boas compras de uma coisa bem ruim, do tamanho de um tijolo. Vou emprestar um para você. Agora, vamos conferir o resto logo. Toalha de praia?

Pego uma coisa puída, laranja e roxa, que usava na aula de natação da escola. Uma etiqueta com o meu nome ainda está costurada na barra.

- Hmm. Certo. Repelente de mosquito?

- A gente precisa é de repelente de *plebe*. - George aparece da sala com três copos enormes de sex on the beach e um suco de laranja para Janice. - Meu Deus, se alguém inventasse um spray de bolso para manter longe meias brancas e espinhas, já estaria podre de rico.

Enxugamos os coquetéis para entrar no clima de férias e entramos em um táxi em direção a Gatwiclc. O aeroporto está cheio de famílias, todas ansiosas para passar algumas semanas sob o sol. George torce o nariz.

- Esse povo todo deve ter passado o ano inteiro economizando - comenta. - Quer dizer, eu tenho dinheiro para ir, voltar, dar meia-volta e ir de novo, se eu quiser.

- Que esnobe - reclamo.

- Mas é emocionante, não é? - Ele esfrega as mãos de satisfação. - Não agüento esperar para que uma aeromoça de pele alaranjada venha nos perguntar se precisamos de ajuda com a bagagem.

Surpreendentemente, conseguimos achar o balcão da companhia aérea sem percalços, então George declara que não há como fazer o check-in antes de fumar um cigarro, de modo que todos nós, obediamente, marchamos até a área de fumantes e ficamos lá esperando até ele saciar seu vício por nicotina.

- Cadê o Sam? - olho ao redor, preocupada. - Ele já devia estar aqui.

- Sei lá - George dá uma tragada, - Vou dizer uma coisa - ele dá um sorriso devasso para David. - Não vejo a hora de entrarmos no avião. Adoro quando o piloto fala: "Equipe de cabine, preparar para a decolagem,"

- Por quê? - fico confusa.

- Porque eles sempre têm aquela voz maravilhosa de "vem para a cama", não é mesmo?

- Ele dá risada. - Faz parte do treinamento, você não acha, aprender a falar com voz de seda?

- Acho que deve ser. - Reflito a respeito do assunto e concluo que ele deve ter razão. - Quer dizer, a gente nunca pega pilotos com voz esganiçada, não é mesmo?

- Exatamente. - Ele assente com a cabeça. - Nem com sotaque caipira. Quando foi que você já ouviu um piloto falar tudo errado?

- Eles sempre têm aquela voz de comercial - concorda Janice.

David ri.

- Podiam ter uma carreira paralela como substitutos do cara que faz a narração dos trailers de cinema.

- Se ele não tivesse conseguido o trabalho primeiro observo.

- Obviamente.

- E sempre são altos, morenos e lindos também, não são? - Janice parece animada.

- Ah, por favor, não vá transar com o piloto - imploro.

- Duvido muito. - Ela cutuca a própria barriga, que ainda não cresceu nem um pouco. - Isso aqui vai atraparlar um pouco, você não acha?

- Mas eu sei do que você está falando - David diz de repente. - Acho que eles devem eliminar as loiras da seleção.

- Não combinam muito com o uniforme - George observa.

- E deve ser complicado quando se trabalha para a KLM - diz Janice. - Ou para a Finn Air. Não deve ter muitas morenas por lá.

- Talvez precisem contratar umas loiras só para completar os quadros - resume George. Todo mundo começa a rir. Eu caio na risada também, apesar de, por dentro, estar em um pânico maluco. Cadê o Sam? Ele já devia estar aqui. Quer dizer, sei que está muito ocupado com o trabalho, E Shana deve estar furiosa com ele, por ir viajar sem ela, mas ele prometeu. A viagem não será a mesma sem ele.

- Que se foda. - George entrega nossos passaportes para a moça simpática atrás do balcão e diz a ela que, sim, foi ele mesmo que fez a mala, mas que, se tivesse dinheiro suficiente, bem que contrataria a porra de um criado para fazer isso para ele, Ela começa a empalidecer sob a base alaranjada.

George insiste que não dá mais para ficar esperando Sam. Ele precisa passar no free shop para comprar umas coisas. Estamos escolhendo cigarros suficientes para durar todo o fim de semana quando meu celular toca. Como sempre, está bem escondidinho no fundo da minha bolsa.

- Droga - reviro tudo lá dentro, tentando pegar o desgraçado antes que pare de tocar. - Deve ser a porra da minha mãe ligando para me mandar tomar cuidado...

- E por que você acha que ela não devia ligar? - George a defende.

- Bom, o que ela acha que eu vou fazer? - pergunto, ainda revirando a bolsa. - Vou me dar ao trabalho de *não* tomar cuidado. Vou me jogar do avião no caminho para lá? Vou pegar malária de propósito?

- Não tem malária em Tenerife - Janice observa.

- Não vamos para Tenerife, sua burra - lembra George.

- Tanto faz, dá no mesmo. - Ela dá de ombros.

- Ou talvez ela ache que eu vou ficar com algum cara que anda com um canivete no bolso.

- Não acho isso totalmente impossível- provoca Janice.

- Vá se foder. - Olho de viés para ela, e finalmente acho o telefone. - Alô?

- Katie?

Merda.

Sam.

Meu coração dispara no peito só com o som da voz dele. Sacudo a cabeça. Qual é o meu *problema*? Sam é só meu amigo. Mas e se ele estiver ligando para dizer que não vai conseguir ir? Acho que vou ficar deprimida demais para sobreviver ao fim de semana se o meu melhor amigo não estiver junto.

- Onde você está? - pergunta ele.

- Estou no aeroporto - respondo. - Onde você achou que eu estava?

- Merda. Quer dizer que a viagem é agora? Tipo hoje?

- Bom, é, obviamente - respondo. - Quer dizer, não vim até aqui para ficar vendo os aviões decolarem o dia inteiro. E também não vou fazer um documentário de televisão sobre comida de avião. Estou embarcando de verdade. Daqui a mais ou menos uma hora e meia, estaremos rumando para as Canárias.

- Droga.

A linha fica muda.

- Quem era? - Janice percebe minha expressão confusa.

- O Sam.

- O que ele queria?

- Só Deus sabe. - Fico olhando para o aparelho como se de contivesse todas as respostas. - Ele não disse exatamente.

- Não disse que ama você loucamente, né? - Ela sorri.

- Vá se foder.

Por alguma razão, nós duas achamos isto hilariante.

- Ele está a caminho?

- Não sei. - Olho para o celular, deprimida.

Ao meio dia e 35, bem quando nosso avião está para ser chamado, ouvimos um anúncio pelo alto-falante.

- *Senhorita Katherine Simpson, favor dirigir-se ao balcão de informações da Britannia Airways imediatamente.*

- Merda. - Olho para o relógio. - Vamos perder o avião.

- É melhor você ir, querida - aconselha Janice. – Pode ser urgente.

- Deve ser a porra da sua mãe dizendo para você ter cuidado - George dá risada.

- Muito provável. - Enfio o passaporte na bolsa e me desloco na direção do balcão de informações. Minha mãe era bem capaz de quase fazer com que eu perdesse as primeiras férias que tenho em quinze anos.

- Senhorita Simpson?

- Pois não?

- Telefone para a senhorita.

É a porra da minha mãe.

- Alô?

- Senhorita Simpson?

- *Pois não?*

Merda. Quantas vezes mais?

- Aqui é do check-in. Temos aqui o Senhor Freeman no balcão. Ele diz que a passagem dele está com a senhorita.

- O Senhor...

- Freeman.

Ai meu Deus.

Sam.

Ele está *aqui*.

Ele veio.

Vamos nos divertir muito, afinal de contas.

Mas espere aí. *Estou* com a passagem dele? Será que eu trouxe comigo? Ah caralho, caralho. CARALHO.

Put a porra que pariu.

Não está comigo.

Está sim. Aqui está.

Não. Isto aqui é a nota da camiseta preta do Oasis que eu comprei. Merda.

Espera um minuto. Isso. Está aqui.

Beleeeeeeeza.

- Está aqui - digo ao homem do outro lado da linha.

Sam está parado, todo vermelho, lindo, na entrada do embarque. O cabelo dele está todo desgrenhado e a camiseta está toda torta na cintura. Quando me aproximo, ouço nossos nomes sendo chamados para o voo.

- O que você está fazendo aqui? - Pergunto quando ele atravessa o portão e me dá um abraço. Ele está todo quente e suado. Adorável.

- Estou saindo de férias. - Ele sorri. - O que você acha?

- Temos dois minutos para pegar o avião. Achei que você não vinha.

- Desculpe. Ando ocupado demais no trabalho. Confundi as datas. Sabia que tinha que estar em algum lugar hoje, mas achei que era algum restaurante. E quando cheguei lá e me falaram que era na semana que vem, lembrei que estava saindo de férias.

- Louco.

- Você é que é louca, Simpson. - Agarra a minha mão e saímos correndo.

Quando embarcamos, bem em cima da hora, de repente me sinto ridiculamente feliz. Meu melhor amigo está aqui. Por alguma razão insana, neste momento tão maluco e confuso da minha vida, este simples fato significa o mundo para mim.

## VINTE E UM

Eu me ajeito em meu minúsculo assento de avião e digo a Sam que, agora que ele se lembrou de participar do meu fim de semana de solteira, talvez possa tentar não ficar paquerando as aeromoças que passam empurrando os carrinhos de produtos de free shop.

- Vai ser uma desgraça se alguma delas ficar toda distraída e soltar o freio do carrinho sem querer. Não queremos que todos os perfumes e cigarros terminem no banheiro. George e David caem na risada, mas Sam nem está ouvindo. Está ocupado demais olhando pela janela, para conferir se as asas estão na posição correta. E está da cor de guacamole.

- Qual é o problema?

- Você sabe que os aviões às vezes passam só a cem metros um do outro? - Ele parece preocupado. - E os passageiros nem são avisados?

- Quase nunca. - Dou tapinhas no joelho dele, lembrando-me de que ele simplesmente morre de medo de andar de avião. Quando viaja a negócios, precisa tornar calmantes. Mas está agüentando. Por mim.

*Abençoado seja.*

- O que foi esse barulho?

- É o trem de aterrissagem sendo recolhido, seu trouxa. - Dou risada. - Você tem tanto medo assim?

- Tenho. - Ele me dá uma olhada pálida. - Não vou nem conseguir comer minha comida quando trouxerem.

- É?

- É. Mas não fique achando que vou dar para você. Vai continuar na embalagem.

Ainda se cagando de medo, Sam apóia a cabeça no meu ombro. Sinto o cheiro do cabelo dele e me seguro para não lambê-lo nem enchê-lo de beijos, enquanto o resto do nosso grupo pega doces e revistas e se prepara para o voo de quatro horas.

- Isto aqui vai ser um horror - grunhe Sam.

- Não se preocupe. Vamos nos divertir quando chegarmos lá.

- É verdade.

- Desde que você não estrague tudo nos obrigando a fazer um monte de exercício. - Eu meio que gosto da maneira como o medo faz com que ele busque aconchego em mim. - O único esporte que praticarei neste fim de semana é levantamento de copo.

- Ou transar com um garçom grego. - Janice ergue os olhos da *Marie Claire*.

- Estamos indo para as Canárias - observa George.

- E daí?

- E daí que lá as pessoas são tão gregas quanto você, sua retardada - solta ele. - Lá se fala espanhol.

- Tanto faz.

Recosto na cadeira e aproveito o voo, feliz com a proximidade de Sam. Devo ser eu, mas sinto que há uma correntezinha elétrica entre nós, crepitando no ar. Ele tem tanto pavor de acidente de avião que eu me aproveito, puxando-o para mais perto pensando em todas as coisas que gostaria de fazer com ele.

Credo. Ainda bem que eu não sou homem. Se não, estaria com o pau bem duro agora. Na verdade, nunca entendi muito bem por que as pessoas têm medo de avião. Eu adoro todos os aspectos de voar, desde a sensação de importância que tenho quando me perguntam se fui eu mesma quem fez a mala até o batom cor de laranja especial que as aeromoças usam.

Afinal, as pessoas no mundo real nunca usam aquela cor, não é mesmo?

Adoro até a comida de plástico que servem. Na verdade, o único momento em que fico apreensiva é quando o carrinho passa pelo corredor. Porque fico apavorada com a idéia de que podem se esquecer de mim. Como é que todo mundo consegue ficar tão calmo, só abre a bandejinha e fica lendo até o último minuto? Eu sou bem diferente, fico agitada, ansiosa, viro a cabeça de um lado para o outro assim que sinto aquele cheiro tão familiar de cantina de colégio.

- Posso comer os seus pretzels se você não quiser?

Sam me entrega o pacote em silêncio.

- Não sei por que você perde tempo olhando esse folheto de segurança - George se intromete.

- *George* - aviso.

- Bom - começa ele, petulante -, você sabe o que a Fran diz.

- Quem é Fran? - Sam parece preocupado.

- Fran, o Trans - George responde. - Você conhece.

- Ah. Sei.

Fran é a única mulher que eu conheço com pêlos encravados no rosto e um pomo de Adão saliente demais. Ainda assim, ela conseguiu arranjar um emprego de empurradora de carrinho antes que a empresa aérea em questão certo dia a descobrisse com um saco de cigarros roubados e um pênis.

Para falar a verdade, quando ficaram sabendo do pênis, mostraram-se dispostos a mantê-la, já que tinha a altura exigida e não cuspiu na comida dos passageiros chatos. Mas ela se recusou a pegar leve na maquiagem e usar calças em vez de saia, de modo que a demitiram.

E ela foi embora.

- O que é que Fran, o Trans, diz?

Sam parece aterrorizado.

- Bom...

- George, não - digo.

Tarde demais.

- Quando estavam em treinamento... - continua George, ferino. - Bom, disseram que aquele teatro todo com as máscaras de oxigênio e as saídas de emergência e os coletes

salva-vidas são uma bobagem completa para deixar os passageiros à vontade. Porque, basicamente...

- Prossiga.

- Basicamente, via de regra, se você estiver a nove mil metros de altitude sobre o Atlântico e as duas turbinas pararem, fodeu.

Apesar dos medos de Sam, aterrissamos em segurança no aeroporto de Fuerteventura, onde somos recebidos por uma loira oxigenada com uma camiseta de uniforme da Férias de Alta Classe. A cor dela é brilhante, de tangerina, e as panturrilhas são musculosas. Os pés estão enfiados em escarpins de plástico azul-marinho.

Ela sorri.

- Bem-vindos às suas Férias de Alta Classe. - Só que ela não diz bem "alta", porque seu sotaque a impede de pronunciar o L adequadamente. Janice e eu seguramos a risada enquanto ela nos conduz até um ônibus que parece estar de pé graças a pedaços de barbante e em seguida vamos chacoalhando para lá e para cá por quilômetros e quilômetros de terreno árido coberto de arbustos ressecados até que chegamos ao nosso "resort".

Se eu estava esperando ficar rodeada por gente bonita e alegre, pronta para aproveitar o Sol, o Mar, a Areia e quem sabe um pouquinho de Sexo, parece que cometi um erro muito triste. A julgar pelo estado dos nossos companheiros de viagem, parece que, em meados de agosto, o que rola são Crianças Remelentas, Sovacos Suados e Chinelos.

Ainda assim, reprimo uma sombra de decepção e me forço a manter o otimismo.

Isto é, até que paramos no lugar em que devemos descer.

Nosso resort é conhecido como "Oásis", que é o nome mais inadequado que eu já vi na vida. Talvez "Pocilga" fosse mais apropriado. Ou então "Cortiço". O lugar se parece com um enorme shopping center de concreto, dominado por salas de bingo, máquinas de frutas e o tipo de restaurante que eu costumo associar a ovo, batata frita, chá fraco, bitucas de cigarro e estações de ônibus do interior. E só quando somos conduzidos li nosso quarto é que de repente me lembro da importância de ler entre as linhas dos folhetos de turismo. É absolutamente vital tomar cuidado com as seguintes frases enganadoras e seu verdadeiro significado.

"Muito animado, com agito até de madrugada", na verdade significa: "Bem perto da pista do aeroporto, com aviões pousando e decolando a porra da noite inteira."

"Próximo a lojas e serviços de conveniência" mais provavelmente quer dizer: "Fossa séptica bem embaixo da sua sacada."

E sacada, claro, é um eufemismo para descrever um parapeito de janela metido a besta. E pode-se ler "Boa amostra da flora e da fauna local" como "Fungos e mofo esverdeado no banheiro e cozinha cheia de varejeiras, todas atraídas pelas delícias gastronômicas da fossa séptica local".

Ah, e tem sempre a frase de efeito de praxe: "A maior parte dos resorts que aparecem neste folheto ficam muito próximos de praias espetaculares."

O que, pode ter certeza, significa: "Menos o seu."

Metade do nosso bloco de apartamentos está coberta de andaimes e a vista da janela dá para uma pilha de lixo.

Vamos encarar. Está bem longe de ser um oásis. E é tão exótico quanto um bairro suburbano qualquer.

Algo me diz que este fim de semana vai vir recheado de linguagem pesada desde o início. Bom, pelo menos foi George quem pagou tudo. De modo que eu não devia estar nem um pouco preocupada sobre o lugar onde estamos.

É isso aí. Foda-se. Vai fazer o maior calor escaldante.

E isso já basta para mim.

É claro que uma ruiva como eu não devia ficar no sol. Não faz bem, não é mesmo? Mas eu simplesmente adoro ir lá, ficar cinco minutos no sol, suspirar e dizer: “Ah, está quente demais aqui. Vou ter que dar uma entradinha na piscina e depois vou para a sombra, tomar uma cerveja e comer uma batatinha.”

Afinal, é para isso que o descanso serve.

Sinto-me bem melhor depois que encontramos um lugarzinho bacana para jantar. Mas é difícil manter o otimismo quando o cheiro de esgoto é tão forte que se faz necessário deixar todas as janelas bem fechadas. E, quando chega a hora de dividir os quartos, fico horrorizada ao descobrir que vou ter que dormir com Sam. Como é que eu vou me segurar e não tentar ver o pau dele toda vez que ele sair do chuveiro?

*Droga* de Janice. Ela insistiu muito para ficar com o quarto de solteiro. Parece que não anda dormindo muito bem. A idéia de que logo logo ela vai estar a maior gordona está lhe tirando o sono. E não quer impedir que ninguém mais durma. Pessoalmente, acho que não há nada de errado com o padrão de sono dela. Ela só não quer dividir nada.

Depois de darmos uma passada no quarto, nos reunimos na sacada-parapeito para mandar goela abaixo o champanhe que George comprou no aeroporto. E, à medida que vamos ficando soltinhos com as bolhas, declaramos que a atmosfera está mais para a Primeira Residência Suburbana de um Casal Pobre do que para Vila Espanhola. E não é totalmente piada quando Sam diz que aposta cinco mil pesetas comigo como o som de cigarras que ouvimos é gravado e tocado sem parar por alto-falantes escondidos ao longo do caminho no jardim.

O encontro de boas-vindas não ajuda muito para aumentar nossas expectativas. Dee (a representante da empresa com pele alaranjada) nos recebe mais uma vez a nossas Férias Da Porra com uma bandeja cheia de copos de plástico com sangria de ontem e aperta a mão de cada um de nós.

Seria minha imaginação ou parece que ela está nos dando os pêsames?

Ela prossegue e nos avisa para não beber água da torneira porque, apesar de não fazer mal, é cheia de minerais e tem gosto de ovo podre. Também avisa que algumas das praias próximas estão cheias de naturalistas, mas eu acho que ela quer dizer naturistas. E daí explica que o resort quase não tem verde e parece mais árido do que a Elizabeth I porque as ilhas Canárias só recebem quinze centímetros de chuva por ano. Para nossa sorte, a maior parte disso está prevista para os próximos dias.

Enquanto vamos absorvendo essa notícia, ela nos informa, toda alegre, que este resort em particular fica a quilômetros de distância de qualquer coisa e que não há quase nada a fazer por ali, especialmente quando chove, e que seria muito sensato gastar uma pequena fortuna para se juntar a grupos de famílias barulhentas com roupas de praia escandalosas em alguns dos passeios que a empresa organiza a locais não muito interessantes.

- Alguma dúvida? - pergunta ela, afinal.

- Sim - berra George. - Você acha que seria muita falta de educação da minha parte pedir para você parar de falar agora?

- Isso é piada? - alguém pergunta, tentando ajudar.

- A gente ganha Prozac de graça? - pergunta Janice.

- O que você acha de reformular a descrição desta viagem no folheto? - pergunta George.

- Como assim, reformular? - Dee está confusa.
- Mudar para Uma Viagem ao Inferno.

Como se revela mais tarde, isso não é mentira. Não somos vítimas inocentes de um programa de pegadinhas. E, quando saímos caminhando a passos incertos para explorar os arredores, logo percebemos que "inferno" é uma descrição bastante exata do lugar em que nos encontramos. O resort fica em uma zona desprovida de prazer. Bem do lado do nosso complexo de apartamentos, há uma obra do tamanho de um país pequeno. E não temos capacetes. Dou um pulo quando um cano enferrujado, amarrado em uma toalha, dá um rasante sobre a nossa cabeça. Janice chora quando tropeça com seus sapatos Jimmy Choo na cabeça de uma boneca abandonada, com os olhos afundados para dentro do crânio sem cabelos e a bunda retorcida em um ângulo muito desajeitado.

- Desculpem - guincha. - São os hormônios.
- Tudo bem. - Todos nos apressamos a reconfortá-la.

Ainda assim, considero aquilo um mau presságio.

Os únicos lugares para comer são restaurantes chineses vagabundos e bares esportivos, e tudo vem com batata frita e ervilhas molengas. Quando chega o fim do dia, ainda não conseguimos ver nenhuma verdura fresca e nenhum espanhol, e estou morrendo de fome, tanto que comi um pacote inteiro de antiácido.

O bar do resort não é muito melhor. Cheio de famílias barulhentas, nem preciso pedir desculpas por ter achado que ia ter um show do Westlife ali.

- Vamos tentar nos divertir. - Sam coloca sua mão protetora no meio das minhas costas e tento ignorar o arrepio delicioso que sobe pela minha coluna. Meu Deus. Preciso me segurar. - Este aqui é o fim de semana de solteira da Katie - ele lembra a todo mundo. - Ela merece se divertir, pensando em tudo que vai ter de abrir mão por você, George.
- *Tudo bem* - responde George, amuado.

- Obrigado, Katie - David se apressa. - Você sabe que nós somos muito agradecidos, não sabe?

- Eu sei - respondo. - E, por mim, tudo bem. Mesmo.

E *tudo bem* mesmo. Apesar de, é claro, eu também estar me cagando toda de medo. Sam vai para o bar.

- San Miguel para todo mundo, por favor - pede, com firmeza. Até mesmo Janice é obrigada a dar um golinho para superar a decepção de se encontrar em um recinto de compras e não em um paraíso tropical.

- Só servimos cerveja inglesa aqui - informa o barman, todo orgulhoso. - Vocês podem tomar Heineken, Stripe ou Stella.

- Stella não é... - começo, mas George me manda ficar quieta.

- Esquece - solta. - A idéia dela de ir para o continente é mudar de marca de cigarro.

Passamos a noite bebendo cerveja e jogando baralho até que Janice esfrega as próprias costas e diz que está cansada. Então todos a acompanhamos até o apartamento, para que ela chegue até lá a salvo. Afinal, George observa, isto aqui pode ser um resort de férias, mas provavelmente é tão perigoso quanto qualquer gueto de Londres.

E então todos enchemos a cara.

Sam fica estranhamente quieto enquanto David e George fazem aparecer garrafas de licor de melão e champanhe e introduzem brincadeiras de beber na equação. Quando vamos para o nosso quarto, Sam aparece com duas vodcas em miniatura, entrega uma para mim e faz um gesto para que eu me sente na cama, ao lado dele.

- Devo uma desculpa a você, Simpson.
- Por quê?
- \_ Pela Shana. - Abre uma garrafa de água tônica.
- O que tem a Shana?



Ele suspira.

- Não vai ter casamento nenhum.

Uma onda de esperança enche meu peito. Tento reprimi-la, dizendo a mim mesma que é óbvio que não é por minha causa. Deve ter outra razão para o cancelamento do casamento.

- Por quê? - gaguejo.

Sam respira fundo, vira a vodka em um gole e começa a contar.

Parece que, logo antes de eu chegar à casa dele para preparar a comida da festa de aniversário, Shana soltou uma bomba. Ela disse a Sam que estava grávida. Que já estava desconfiando havia um tempo mas então teve certeza. Uma amiga dela, médica, tinha feito um teste, e tinha dado positivo. E era dele.

- O que eu podia fazer? - disse, franzindo o rosto. - Não podia abandoná-la, podia? Seria errado. Apesar de eu não querer exatamente um filho. Não com ela.

- É?

- Eu sabia que entre nós nunca haveria nada sério, mas achei que, bom, se não posso ficar com a mulher que amo, vou ficar com a que me ama.

- Ah.

Ele parece tão adoravelmente confuso que é a única coisa que consigo fazer para não perguntar: "Então, quem é a mulher que você ama?" Mas consigo me conter. Porque todas as fibras do meu corpo estão gritando: "Tomara que seja eu", e sei que não pode ser. Provavelmente é a Cindy Crawford. De modo que não digo nada.

- E então papai e a Mary anunciaram que iam se casar, o que é verdade, eu soube antes de você, e sinto muito por não ter lhe contado, mas achei que eles é que deviam dar a notícia - gagueja ele -, e daí ela vem e fala que a gente também vai casar, bom, eu fiquei mais surpreso do que qualquer outra pessoa. - Ele franze a testa. - Mas eu não podia humilhá-la em público, podia? Como é que eu ia dizer que não fazia a mínima idéia a respeito daquilo? Não com ela tendo um filho meu e tudo o mais. Precisei ficar do lado dela. Então, só fui na dela.

Sinto uma enorme onda de afeição por ele. Ele é tão racional.

- Então, por que você mudou de idéia? - digo. - O que aconteceu?

- Ela inventou tudo - revela ele.

- O quê? Inventou que queria casar com você?

- Não. - Ele sacode a cabeça. - O bebê. Não tinha bebê nenhum. Nunca teve. Ela só queria casar, por isso disse que estava grávida.

- Não acredito.

- Acredite.

- Como foi que você descobriu?

- Por acaso, alguns dias depois, mencionei a história toda à amiga médica dela. E ela disse que, apesar de as consultas médicas serem confidenciais, ela achava melhor eu saber que Shana não tinha feito *nenhuma* consulta com ela. Não fazia idéia de bebê nenhum. Ficou tão abismada quanto eu. Então, confrontei a Shana. E ela confessou.

- Ela chorou? - pergunto.

- Chorou.

-Bom.

- Ah, Simpson. - Sam de repente ergue os olhos e sorri para mim.

- O quê?

- Acabei de lembrar por que eu amo você do fundo do coração.

"Do fundo do coração." São as palavras que fazem a diferença, não são? A diferença entre "Eu amo você, quero passar o resto da minha vida com você" e "Eu amo você como uma boa amiga". Mas Sam me puxa na direção dele e me abraça, de qualquer

jeito, e vamos dormir, encaixadinhos como duas colheres, naquela enorme cama dupla. Quando acordo no dia seguinte, ele não está lá. Tem um bilhete em cima da mesa.

"Fui tomar café."

Abro as cortinas toda animada, louca para um dia de banho de sol. Fico decepcionada. Está frio, cinzento e cai uma chuva contínua. Não consigo evitar o sentimento de depressão. Os quinze centímetros de chuva que as Canárias recebem por ano obviamente estão chegando hoje. Coloco uma calça jeans e um blusão de moletom e saio do quarto. Sob a chuva, o resort parece ainda mais deprimente do que antes. E, sem sinal de Sam, eu me sinto vazia por dentro. No bar do resort, todos os outros hóspedes estão assistindo a seriados na TV e comendo salgadinhos. Dou meia-volta e vou saindo, quando vejo George, tremendo à beira da piscina.

- Tudo bem?

- Não - desabafa ele, a voz trêmula. - Estou um tanto preocupado com a quantidade de jóias douradas que tem por aqui. E olhe só para a comida insípida. Meu Deus. Eu faria qualquer coisa por um tomate seco.

Dou uma olhada rápida em volta. Ele está certo. As pessoas aqui são... digamos que são diferentes. Meninas de rosto vermelho do interior que estão ali "em busca de encrenca", e uma mulher gorda, de uns 50 anos, com um vestido cor de laranja todo franzido e um sapatinho de plástico para combinar, com bicos pontudos, praticamente um tubo de silo de cereais de ponta -cabeça.

- Credo - repete George. - Parece uma cidadezinha do interior em miniatura.

- Pare com isso - digo, tentando não rir. Pelo menos ele está animando um pouquinho.

- É verdade. As pessoas que estão aqui provavelmente trouxeram caixas de esterco, porque não conseguem comer merda estrangeira.

Sou poupada de ter que responder por Saro, que aparece todo arrumadinho no bar, com um enorme saco de pão quentinho no braço e uma cara toda contente.

- O que você aprontou?

- Vamos lá para o quarto que eu conto. - Ele me pega pela mão. - Você também, George. Tenho uma surpresa para vocês.

Com acompanhamento de pão crocante com manteiga e geléia de damasco, Sam conta para todo mundo que conseguiu nos transferir para um hotel do outro lado da cidade.

- Como é o hotel? - George parece cheio de dúvidas.

- Ah, fala sério - Janice, ainda com seu chambre atalhado, olha para ele. - Não pode ser pior do que este lixo.

- Façam as malas e vamos ver. - Sam sorri para mim. - É por minha conta.

- Você está falando que pagou? - pergunto. - Ah, Sam, você não pode...

- Posso sim. Vamos lá, Simpson. - Ele me dá uns tapinhas no ombro. - É o seu fim de semana. Você está fazendo uma coisa altruísta de verdade. Merece se divertir.

- Ah, Sam. - Sorrio para ele. - Obrigada.

- Sempre que precisar - diz ele. - Agora vamos. Vamos para lá.

Todo mundo se arruma em um salto. Menos eu, quer dizer. Apesar de tudo, não consigo me mexer. Fico só olhando para Sam, lindo, com um par de jeans desbotados e sem camisa. E tenho vontade de abraçá-lo. Nunca me senti assim antes. Meu estômago está se revirando como um peixe fora d' água e não sei que diabos está acontecendo.

Só sei que tem mais coisa além de ser a fim dele.

Droga.

*Não posso estar apaixonada por ele.*

Posso?

Por sorte, sou salva de pensar mais profundamente sobre o assunto por Janice, que de repente começa a urrar como uma criatura dos infernos.

- AimeuDeus.

- Chutou? - Corremos todos para colocar a mão na barriga dela.

- Não. - Ela nos empurra para longe. - Saíam daqui. É cedo demais para isso. Só que eu pensei em uma coisa. E se o bebê for gordo? Uma criança horrorosa e gorda? Vou ter que colocá-lo de regime e ele vai ficar traumatizado a vida inteira.

- Não vai ser gordo - garanto a ela.

- Você vai gostar dele, independentemente da cara dele. Não vai, Katie?

- Como é que eu vou saber, porra? - pergunto.

De repente, ele parece triste, e eu me sinto culpada. Deve estar pensando no filho que achou que ia ter há algumas semanas. Merda. Talvez ele quisesse a criança de verdade. Ai meu Deus. Será que eu fiz com que ele se sentisse pior?

Por sorte, George nos distrai.

- *Aaaah* - grita ele de repente, correndo para a sacada. David, olha lá. Lá está o fio-dental de oncinha. Na chuva e tudo. Passa aqui o visualizador de bofes.

David passa para George o binóculo deles para que possa observar um pedaço de carne masculina de primeira que se dirige para o bar.

- Que corpão, - George devolve o binóculo.

- Para mim, parece meio alemão - Janice declara.

- Tem certeza? - Eu mesma pego o binóculo. - Quantas espreguiçadeiras ele matou? Todos morremos de rir e então saímos correndo para fazer as malas antes que Sam mude de idéia a respeito do hotel bacana. Nenhum de nós quer ficar ali nem mais um minuto. O bingo ao lado da piscina está prestes a começar, e isso pode fazer com que George tenha um ataque. Quando estamos prontos, vamos procurar Dee. Está sentada em um canto do bar obscuro com um copo de chope na frente.

- Bebendo no trabalho? - pergunto. Tenho um pouco de pena dela. Estamos fugindo. Imagine como é ter que morar aqui.

Não dá nem para pensar.

- Estamos indo embora - digo, tentando ser o mais educada possível.

Ela dá de ombros, olhando em volta do bar, para os outros turistas, com seus filhos que não param de gritar, seus roupões e suas sandálias plataforma com salto de corda. Ela não nos culpa, diz. Vai dar o fora assim que acabar o contrato. Só está cobrindo uma licença-maternidade. A menina que fazia este serviço antes dela ficou grávida de um morador local há seis meses e voltou para casa para dar à luz em um hospital decente.

- Mas não faz mal, o lugar em que eu estava antes era muito pior. Estava em Zákinthos, sabe - explica ela. - Lá não existe comida inglesa decente de jeito nenhum, nem que você pague os olhos da cara. Só tinha salada e aquele monte de merda grega. Aqui, pelo menos a gente não precisa nem passar perto de uma paella se não estiver a fim. E fazem um omelete com batata frita delicioso no hotel ali mais para baixo. E os caras locais não vêm bater na porta de trás toda vez que a gente vai para a cama com eles.

- Ela está falando de dar o eu. - George, que aparece atrás de mim com nossas malas, pega só o finzinho do que ela está falando. - De pegar por trás e...

- Certo, muito obrigada, George, eu sei do que ela está falando - digo rapidamente. - Acho que esse tipo de informação não vai servir para mim, na verdade - declaro a Dee. - Já vi alguns dos locais e acho que não vou oferecer nenhum dos meus orifícios para nenhum deles. Mas obrigada pela dica.

Pegamos táxis e vamos para o outro hotel. George e David vão com Sam, e Janice e eu os seguimos com todas as malas. Janice dá uns tapinhas afetuoso no meu joelho.

- Tudo bem com você? - pergunto a ela.

- Mmmm. Estou cansada - responde ela. - Então, Katie, por que você simplesmente não conta para ele?

- Contar o que para quem?
- Para o Sam, sua tonta. Conte logo para ele, antes que seja tarde demais.
- Não sinto nada por ele - minto.
- Bobagem - exclama. - Já vi como você olha para ele,
- Não posso - gaguejo, - E se ele não sentir a mesma coisa?
- Não seja cega. - Ela me abraça. Estou tremendo. – Já vi o jeito que ele olha para você quando ele acha que ninguém está vendo. Ele faz isso há séculos. E ele vai pagar o hotel bacana, não vai? Com certeza você não está achando que é por causa de mim, não é? Ou do George? Ou do David?

Dou de ombros.

- Sei lá.
- Mas você gosta *mesmo* dele, não é?
- Gosto - balbucio, com uma vozinha que surpreende até a mim mesma, - Acho que sim.
- Então, conte para ele. - Ela sacode meus ombros com firmeza. - Antes que seja tarde demais. Ah, e, Katie...
- O que foi?
- O pau dele é de arrasar, falando nisso.
- Como é que você sabe?

- Aquela Paella me contou em uma noite que enchemos a cara de Pemod. Disse que ele é um verdadeiro garanhão.

Com isso, caímos na gargalhada. Dois minutos depois, estacionamos na porta do hotel e quase perco o fôlego.

É lindo. Tem até jardim. É o primeiro verde que vejo desde que chegamos aqui. Quer dizer, sem contar com a cara de Sam quando estávamos voando. Acho que o lindo gramado provavelmente se deve a irrigadores e muito desperdício de água, mas e daí? É lindo demais.

Lá dentro, é a mesma coisa. Cada quarto tem seu próprio banheiro, cada um deles é do tamanho de um minivestibulo, cheio de pilhas de toalhas fofas e frascos enormes de óleos de banho, loções e poções caríssimas. George e David dividem um quarto, Janice tem um para si. Mais uma vez, Sam olha para mim.

- Achei que podíamos dividir o quarto de novo. Se estiver tudo bem para você.
- Claro. - Dou de ombros. - Assim você economiza, não é mesmo? Ai! - grito quando Janice chuta a minha canela.

Naquela noite, todos nós bem mais relaxados, jantamos sob as estrelas, que afinal apareceram, depois que a chuva parou. Às onze e meia, Janice vai para a cama, não sem antes me dar o maior chutão por baixo da mesa. À meia-noite, depois de mais dois Portos para cada um, George e David dizem que é hora de ir dormir também. Sobramos Sam e eu, sozinhos.

E não consigo falar nada. Mas preciso dizer para ele como eu me sinto. Janice tem razão. Se eu não fizer isto, pode ser tarde demais. E só tenho esta noite e a noite de amanhã antes que voltemos para casa. E de volta a Londres, com a pressão do trabalho e daquele clima horroroso, não vai ser a mesma coisa.

Quando voltamos para o quarto, Sam me puxa pelas duas mãos, me coloca de pé e me dá um abraço de urso.

- Gostou da surpresa?
- Amei - respondo, falando a verdade, e quase acrescentando: "Só ia melhorar se eu pudesse transar com você."

E amei mesmo. Nosso quarto tem portas francesas, que nos conduzem a nosso próprio deck, com uma Jacuzzi borbulhando a distância e, ao lado, duas espreguiçadeiras de madeira com um monte de toalhas brancas felpudas. Os frascos de espuma de banho

cítrica e de água de lavanda do banheiro são grátis, e não são daquele tamanhinho de sempre: são de litro. O mesmo se aplica às garrafas de gim e de vodca no balcãozinho lateral.

Além disso, a geladeira está lotada de chocolates belgas e de champanhe Veuve Clicquot.

Um paraíso.

Eu poderia ficar *super-acostumada* com isto.

- Você merece um pouco de luxo. - Ele dá de ombros. - Fico feliz por você ter gostado.

Dou um abraço nele.

- Considere isto o seu presente de casamento - ele ri.

Nos refestelamos na banheira quente durante um tempo, aproveitando o ar agradável e bebendo a garrafa de espumante que encontramos no gelo (a etiqueta no gargalo diz "Felicitações na sua lua-de-mel", mas resolvemos bebê-la de qualquer maneira).

Descubro que é quase impossível ficar assim tão perto dele sem dizer como eu me sinto.

Mas não tenho coragem. E se eu tiver que enfrentar rejeição?

Mas nossas pernas já estão tão próximas, quase se tocando, que é uma tortura não esticar o braço e colocar a mão na cintura dele, que já está com um bronzado mediterrâneo (e só Deus sabe quando ele teve tempo para isso). Ao lado dele, me sinto mais britânica do que uma torta de miúdos.

Acovardo-me e não digo nada, claro, e ocupamos lados opostos da enorme cama dupla.

Mas não consigo dormir.

Parece que ele também não.

- Como é que você está se sentindo sobre esta história de casamento? - pergunta ele de repente.

- Como assim?

- Bom, você vai se casar daqui a umas semanas, e como você e o Jake voltaram, eu achei que...

- Eu preciso ficar com alguém, não preciso? - Acho graça. - E não posso ir para a cama com o meu noivo. Afinal, ele prefere as entregas pela porta dos fundos.

- Eu me ofereci para ir para a cama com você - diz Sam. - Se é que você se lembra.

- Ofereceu? - Eu não me lembro disso. - Quando?

- No seu aniversário. Mas você disse que preferia ficar *com* um careca dentuço.

- Tem certeza?

- Absoluta.

- Não era um velho de peruca?

- Não.

- Estou brincando.

E estou mesmo. Mas uma idéia não me sai da cabeça.

Ele podia pelo menos ter a fineza de me comer agora.

Bom, não podia?

A maior parte dos caras já teria dado uma investida a esta altura. Ainda mais que a gente está viajando e tudo o mais. E está no mesmo quarto. E bebemos um monte, então ele não pode estar tímido.

E além do mais, cada fibra do meu corpo está gritando. Deve ser extremamente óbvio que eu estou a fim dele.

Mas, de algum modo, a alguma altura, devemos ter desmaiado. Porque, quando acordo de manhã, fico achando que não aconteceu nada. E eu não estava *tão* bêbada assim.

Durante o delicioso café da manhã com manga e melancia, que tomamos ao lado da piscina, lamento minha sina a Janice.

- Só depende de você - aconselha ela. - Você tem que dar o primeiro passo.

- Por quê?

- Porque ele ainda acha que você está com o Jake, lembra?

E com o Nick. Ele não pode dar o primeiro passo. Não seria apropriado. Ele é educado demais.

- Ele é? - pergunto, surpresa. Pensando bem, acho que é sim. Só que nunca pensei nele deste jeito. Quer dizer, estava pronto para ficar ao lado de Shana quando achou que a tinha engravidado, não estava? E ele nem gostava dela. Quer dizer, por acaso ele podia ser mais educado? Um cavalheiro tirado das páginas de Jane Austen, porra.

Meu Deus. Pensando bem, ele é mesmo um *amorzinho*.

Por que diabos estaria interessando em mim?

- Vou dizer a ele hoje à noite - afirmo.

- Muito bem. - Janice volta para sua manga e pede ao garçom cebolas em conserva para acompanhar.

- Você é podre - digo a ela.

Passo o dia todo com Sam. George e David estão tentando andar de windsurf e Janice prefere ficar largada no rasiño, chupando picolé, de modo que nos esticamos ao lado da piscina e lemos nosso livro. E *ainda assim* eu me acovardo e não digo nada. Mais tarde, fico me xingando. Só falta uma noite. Como é que eu vou conseguir?

Claro que não vou. Estamos na Jacuzzi, comendo um pacote de salgadinho com sabor de presunto e um copo de vinho antes de nos preparar para o jantar, quando Sam de repente olha para mim.

- O que foi?

- Preciso fazer uma pergunta a respeito do Jake.

- *Tudo bem...* - digo, cheia de cautela. Espero que este não seja o início de um dos sermões de irmão de Sam. Porque, se for, eu vou ter que ficar um pouco emburrada, e isso não é exatamente uma introdução muito boa para dizer a alguém que você não o consegue tirar da cabeça, não é?

- Você gosta dele?

Sai vinho pelo meu nariz.

- Credo, não - solto em um ronco. - Acho que nem vou mais me dar ao trabalho de sair com ele quando voltarmos. Ele ficou para trás, basicamente. Acho que só transei com ele para me sentir melhor.

- E os outros? Tem alguma coisa séria rolando?

Caio na risada.

- Eu me livrei do Max - digo. - Ele me deixava enjoada. E o Nick tem 18 anos, pelo amor de Deus - lembro. - Quando ele assistiu *O casamento de Muriel* no DVD, achou que o Abba era alguma banda moderninha australiana que ia começar a fazer o maior sucesso. E acho que isso não nos garante muita coisa em comum, não é mesmo? Então, não precisa se apressar para ir alugar o seu smoking para a cerimônia.

- Bom, mas precisa sim, não é mesmo?

- Hã?

- Você *vai* se casar, não vai?

- O quê? Ah, merda. É. Acho que vou.

Eu meio que convenientemente me esqueci das minhas núpcias que estão por vir. E estaria mentindo se dissesse que não tenho dúvidas. Porque estou cheia delas. Dúvidas enormes e gigantescas. Mas não vou contar isto a Sam.

Ele só vai dizer: "Eu bem que disse."

- Pode até ser que eu vá me casar - engulo em seco-, mas não estou envolvida em nenhuma relação. Não com o David, não com o Max, não com o Nick, nem com o Jake

nem com qualquer pessoa, aliás. Relacionamento são um saco. Experimentei alguns e nunca achei nenhum que chegasse aos pés de uma boa barra de chocolate.

À medida que vou dizendo estas palavras, percebo que é verdade. Eu detesto até o começo dos relacionamentos. A parte em que o casal está em lua-de-mel. Tudo bem, e daí que a maior parte das pessoas gosta mais desta parte? É nova e excitante, mas também é a mais estressante. Talvez as coisas possam ser diferentes com Sam.

Ou talvez não.

Acho que Janice concordaria comigo a respeito do estresse do início das relações. A espera pelos telefonemas. A agonia a respeito do que vestir para um encontro. O gasto com a compra de acessórios novos o tempo todo. E Janice não conseguiu nem ir ao banheiro no meio da noite para mijar nas primeiras vezes que ficou na casa de Jasper. Não conseguiria conviver com a idéia de que Jasper deixasse de gostar dela depois de ouvi-la esvaziando a bexiga em um jato na privada dele. Então, ela costumava ir ao andar de baixo e encontrar algum tipo de receptáculo (com mais frequência, um bule de chá) para mijar dentro. Daí passava uma agüinha e guardava de volta. E ele nunca percebeu. Agora morro de rir com a idéia de que ele deve ter pensado que ela nunca precisava mijar.

E cagar? Pode esquecer.

- Mas se você estivesse em uma relação com a pessoa certa, ia ser melhor do que uma barra de chocolate - insiste Sam.

- É, sei - digo, sarcástica. - Tipo a minha vida de repente ia se transformar em um chocolate gigante da Godiva só porque eu teria um namorado legal. Cai na real, Sam. Sabe, eu não sou como a Janice era quando estava procurando o Podre de Rico. Não quero um cara que vai me cobrir de Gucci e me levar a algum bar da moda toda noite. Também não quero um que me dê vinho e me leve para jantar em restaurantes tão silenciosos em que dá medo de comer porque os outros podem ouvir você mastigar. Eu só quero poder relaxar e aproveitar a vida.

Ah, e acho que quero Sam.

Mas e se eu *não* quiser? E se ele não me quiser? E se eu atacar e ele me rejeitar? Mas e se eu abrir meu coraçãozinho para ele e ele disser que se sente do mesmo jeito? E daí eu descubro que, com Shana fora do caminho, eu de repente *não* quero ficar com ele, no final das contas? E daí, o que acontece?

- E você, falando nisso? - Acho justo revezar o lugar na cadeira do interrogatório. - A Shana não era a sua barra de chocolate, era?

- Credo, não. - Ele ri. - Ela não era nem um docinho. E eu detesto docinhos. Não dava nem para levá-la para jantar e me divertir. Não é fácil, Katie, posso garantir, sempre sentir que você está comendo sozinho porque as garotas com quem você sai estão de regime.

- Se você não quisesse sempre sair com garotas que se assemelham a tábuas, talvez você pudesse encontrar uma namorada com quem se divertir. - Prefiro a abordagem implacável. - Uma que goste de comer e que suje as roupas.

- Até parece.

- Uma que goste de ficar na cama domingo de manhã fazendo brincadeiras infantis só porque sim.

- O quê, tipo você? É isso que você está dizendo? - debocha.

- Bom, não exatamente como eu. - *Sim, sim. Exatamente como eu. Eu peido. Na verdade, é isso mesmo, sou eu que você quer. Só eu. Véja se me escolhe. Eu adoro brincadeiras.* - Quer dizer, não ruiva, de qualquer modo - completo, apressada. Por que caralho eu fui dizer isso? Credo, estou conseguindo ferrar com tudo mesmo, não é? Claramente tenho toda a técnica de sedução de um porquinho rechonchudo.

- Por que não? - pergunta ele. - Quem foi que disse que tinha alguma coisa errada com as ruivas?
- Elas não são metade da população da Inglaterra?

Sáímos e enchemos a cara naquela noite. Mais uma vez, bebo mais do que o normal, provavelmente porque Sam está me deixando nervosa demais. Janice não pára de olhar para mim do outro lado da mesa, querendo que eu tome uma atitude. É uma coisa ridícula, a maneira como a presença do meu amigo mais antigo, de quem eu quase tirei o cérebro com uma pазinha, entre outras coisas, pode fazer, de repente, com que eu destruа as cutículas dos meus polegares como se estivesse roendo ossos de costelinhas. E como bebi vinho, e uma ou outra cerveja, e uma vodka sabor marshmallow (ah, e mais um monte de coisa), de repente percebo que estou toda molenga.

Digo que quero ir para o quarto.

- Vou com você. - Sam se levanta de um pulo. - Tudo bem com você?
- Tudo. - Olho para Janice. - Você fica bem aqui? Deixa os rapazes a levarem para casa depois?

- Claro que sim. - George ergue o copo.

Janice me faz um sinal de positivo silencioso. E, ao sairmos, a mão de Sam repousa, protetora, no meio das minhas costas, fazendo com que meu corpo todo formigue. Talvez ele *de fato* sinta a mesma coisa.

E, neste caso, esta pode ser minha chance. Pode ser minha chance.

Quando voltamos para o hotel, Sam faz com que eu sente no bidê. Na nossa opinião, bidês só servem mesmo para isso, não conseguimos ver qual é sua utilidade. Então ele molha uma toalhinha felpuda com água fria e passa na minha testa.

- Assim você não vai ver o quarto girar. Não quero que seu cérebro fique rodando igual a uma hélice de helicóptero, se depender de mim.
- Desculpe - digo quando ele me faz sentar sobre a colcha de linho engomado da cama e ajeita uma mecha de cabelo molhado atrás da minha orelha.
- Sem problema, Simpson. Peso-pena - arremata ele, para demonstrar sua educação.
- Vai se catar. - Bato nele com meu chinelo de dedo.
- Ai.

Então eu o machuco. Um pouquinho. Mas ele devia estar mais ligado. Quer dizer, não é por acaso que eu ia vomitar no banheiro do Grêmio Estudantil só para poder beber mais.

- Você vai ver só uma coisa, Sam Freeman. - Caio na risada, jogando meu outro chinelo de dedo mais ou menos na direção dele.

- Vou ver o quê? - ele brinca.

- Não seja folgado - debocho. Mas, de qualquer modo, estou rosadinha de tanta alegria. Pelo menos, acho que estou. Não dá para saber ao certo, porque, apesar de eu estar me vendo no espelho, enxergo tudo em dobro. Ou serão tremores?

- Tudo bem. - Pego uma garrafa de um litro de vodka. O que temos aqui? A saideira, acho.

- Simpson, tem certeza?

- Claro que tenho. - Desatarraxo a tampa e sirvo uma dose mais do que generosa para cada um. - Mande ver, garotão.

E Sam, sempre se pode contar com ele, se une a mim e bebemos metade da garrafa.

Não me lembro de ter ido dormir. Mas acordo com a calça jeans pelas canelas, de modo que devo ter tentado tirar a roupa. Abro os olhos lentamente.



- Quem levou o chão embora? - reclamo, tentando sair da cama. Droga. Precisamos ir embora daqui a pouco e nem nos beijamos, imagine só se transamos. Nesta noite, voltamos para a gélida Londres.

- Não fui eu. - Sam, delicioso, usando nada além de um short jeans desbotado e seu bronzeado, aparece com uma bandeja.

- O que é isso? - pergunto. - E por que você está tão animado hoje?

- Café da manhã - responde ele. - E você fala quando dorme.

- Falo? - Olho para os croissants gorduchos e crocantes, os morangos frescos, o suco de laranja e o café cheiroso arranjados na bandeja.

- Você não devia fazer isso, sabia? - brinca ele, cutucando o meu braço. - Uma moça pode revelar vários segredos dessa maneira.

Merda. Não fiz isso. Fiz? Mas o rosto de Sam não revela nada. Dou uma mordida em um croissant e mudo de assunto.

- Seria ótimo se não fôssemos embora hoje - suspiro. Eu já estava me acostumando com tudo isso.

- Eu também. - Ele dá uma rodada nos canais de TV Não sei por que ele se dá ao trabalho. Nenhum de nós consegue entender nem uma palavra do que se diz. E só um blablabla.

De repente, percebo que preciso dizer alguma coisa. Mas não consigo. Minha língua parece cimento fresco. E então, repentinamente, Sam fala.

- Na noite passada, antes de você começar a roncar – conta ele -, estávamos falando sobre...

- Hmmm?

- Você acha que algum dia vai se casar? Com a pessoa certa, quer dizer.

- Não sei, Sam. - Dou de ombros. - Eu já me magoei, você sabe.

- Eu sei. - Ele acaricia minha bochecha e minhas entranhas quase explodem.

- E você? - faço a mesma pergunta para ele. - Você não quer se casar? Ficar quieto?

- Quero.

- Não. \_ Estou estupefata. - Claro que não. Sam Freeman? O Casanova de Clapham?

- É Balham, para falar a verdade - observa. - E por que não? Todos os meus amigos estão se casando. O Joff ficou noivo daquela moça que você conheceu no seu aniversário.

- Quem, a Jabba? - pergunto, sem acreditar. - Quer dizer, a Chantal?

- Ah-hã. A gorda.

- Mas... quando... Por quê?

- Você acha que ele não ia querer saber dela porque ela gorda? - pergunta ele. - Nem todos nós somos superficiais, sabe como é.

- Eu não... quer dizer... Eu não sabia.

- Bom, é verdade. Parece que ela dá a melhor chupada que já deram nele. Ele está totalmente derretido por ela. E também, não o culpo. Saí com eles algumas vezes. Ela é superdivertida.

- Você saiu com eles? Quando?

- Como eu disse. Algumas vezes. Ela é ótima. Tem um senso de humor fantástico.

- Que bom - digo. E é verdade. Chantal é uma das poucas pessoas de quem eu gostava quando trabalhava na revista. Espero que Joff a faça feliz.

- Até o George está se amarrando - completa. - E agora você vai se casar.

- Mas é um casamento falso - lembro.

- Não - Sam começa, e então suspira. - Você vai se casar de verdade. Quer dizer, pelo amor de Deus, Katie. Você encara esta coisa como uma espécie de brincadeira. Como duas criancinhas brincando de se casar. Mas vocês vão estar legalmente casados. Isso

vai afetar tudo que você fizer pelo resto da sua vida. E você pode se complicar de verdade se o Departamento de Imigração descobrir.

- Credo, não seja tão quadrado.

- Desculpe. - Sam ergue os braços, assumindo a derrota. - Bom, mas o que eu estava dizendo é que, sim, um dia eu gostaria de me casar. Com a mulher certa, quer dizer.

- Não com uma galinha burra parecida com um pirulito?

- A Shana, você quer dizer?

- Claro. - Caio na risada. - Será que você poderia me fazer um favor? Da próxima vez, saia com alguém normal. Alguém que goste de comer torta.

Ah, pronto! Lá vou eu, preenchendo todos os critérios mais uma vez.

Ele ri.

- Tudo bem, vou tentar. Preciso sair com alguém do meu tipo para variar.

- Bom, qual é o seu tipo?

- Qual é o seu?

- Bom - respondo com cuidado -, acho que, se a pessoa certa aparecesse, eu teria que reconsiderar minha opinião a respeito das relações. Mas ia ter que ser mesmo O Cara Certo, O Cara Mais ou Menos pode ir se foder. Até mesmo O Cara Quase Certo pode cair fora rapidinho. A vida é curta demais.

- Como é que você sabe que ainda não conhece esse cara? E como é que ele seria, O Cara Certo?

- Bom - digo pensativa, pegando um bombom do pacote que ele de repente tirou da bolsa -, ele ia ter que me fazer rir, obviamente. Às vezes até eu mijar nas calças de tanto gargalhar. E ele não poderia ficar chocado se isso acontecesse. Ele só ia lá limpar.

- Está certo. - Sam parece estar se divertindo muito. - Algo mais?

- Ele tinha que gostar de tomar banho de banheira comigo, em vez de ficar falando que eu sempre atrapalhava, como Jake sempre fazia. E ia ter sempre que ficar do lado da torneira.

- Ah-hã.

- E ia ter que deixar eu sentar no primeiro banco do andar de cima do ônibus sem me chamar de criançona.

- O que mais?

- E ia ter que deixar eu comer bala de goma no banho. E ia sempre comer os bombons de laranja, mesmo que eu já tivesse dado uma mordida. Porque nunca dá para saber, não é mesmo? Entre os de laranja e os de malte, quer dizer? Sabe, os de laranja me deixam enjoada. Tipo, enjoada de verdade. E ele ia ter que me servir rosbife com batatinha e mostarda de café da manhã no Dia dos Namorados porque sabe que é minha comida preferida. Quer dizer, não sou idiota. Não acho que seria um mar de rosas o tempo todo. Eu sei que aquela sensação de novidade acaba depois de uns anos. Mas tem que sobrar alguma coisa, não tem? Senão, qual seria o sentido de tudo isto. Ai, eca!

- O quê?

- Bombom de laranja - digo, cuspiendo o chocolate na mão.

- Quer?

- Claro.

- E você? - pergunto. - Qual é o seu tipo?

- O que você acha?

- Não seja idiota - digo, e meu estômago de repente começa a se revirar. - Não sei ler pensamento, porra. Quer dizer, você disse outro dia que não podia ficar com a mulher que você ama, então ia ficar com a que amava você. Você acha mesmo isso?

- Não, não acho mais.

- Então, quem é esta mulher misteriosa? - Porque, vamos encarar, estou morrendo de inveja dela. - Ah Sam, fale logo - peço, com urgência. - Abra logo a boca. Quem é a sua barra de chocolate? Vocês se conheceram no trabalho?

- Você pode se surpreender - responde ele. - Sabe, também quero alguém que me faça rir. Alguém que eu possa levar para jantar. Que seja capaz de comer alguma coisa bem gordurosa, coberta de manteiga, sem se preocupar se vai ou não ficar gorda. E depois, ainda vai pedir uma mousse de chocolate. Com creme extra.

- Você nunca saiu com ninguém assim na vida - digo, surpresa. Sinto uma coisa estranha no estômago, que se recusa a me deixar em paz. Não devo ficar achando muita coisa disto tudo. Quer dizer, é claro que há um suspense no ar, mas parece que Sam já encontrou sua mulher ideal. Então esta coisa que estou sentindo provavelmente é só porque eu e Sam nunca conversamos deste jeito profundo antes. Tudo bem, houve vezes que tocamos em assuntos sérios, mas nunca assim.

Parece que rompemos algum limite.

- Talvez seja porque ninguém assim nunca quis sair comigo.

Será minha imaginação' ou ele está um pouquinho mais perto de mim do que estava antes?

E por que é que o meu coração está batendo igual a uma gorda pulando na cama elástica de novo?

Falando sério, por que é que as minhas partes baixas estão agitadas como se não houvesse amanhã?

Sam provavelmente morreria de rir se soubesse como eu estou me sentindo.

Será?

De repente, quase imperceptivelmente, ele se aproxima de mim até que nos tocamos de verdade. Então ele tira uma mecha de cabelo que caiu sobre a minha bochecha.

- Será que eu preciso dizer com todas as letras? - pergunta ele, quando uma pontada forte e aguda atravessa meu corpo, da ponta dos dedos dos pés até o fim do rabo de cavalo, levando minha xoxota para cima com ela. Que diabos está acontecendo?

- O quê? - pergunto, nervosa.

- Eu comi o de laranja, Katie - continua. - Não basta para você?

- O que de laranja?

- O bombom de laranja. - Coloca o dedo embaixo do meu queixo e vira meu rosto de frente para ele. Estamos tão próximos que posso sentir seu cheiro. Cheira a cerveja de ontem à noite e morangos e ar livre. Delicioso. Por um instante, parece que sou adolescente de novo.

- Eu sempre como os seus bombons de laranja, Simpson. Tenho feito isso desde que temos 6 anos.

- E daí?

Merda.

Por que é que meu coração se recusa a bater normalmente?

- Você, sua louca - diz ele, todo gentil, puxando-me na direção dele até que minha boca quase encosta na dele. - Você é o meu tipo.

Há alguma coisa incrível e maluca em beijar alguém que você conhece bem de verdade. E quando termina, os dois estão meio acanhados. E não é como aquela vez no casamento de Poppy, quando os dois tentaram esconder o que tinha acontecido embaixo do tapete. Quer dizer, daquela vez eu fiquei confusa. Eu não sabia o que eu queria.

Agora eu sei.

E quero Sam.

## VINTE E DOIS

Durante o resto da manhã, mal consigo olhar para Sam. É um pouco como quando a gente tem um sonho desconfortável. Sabe, daquele tipo que você sonha que está transando com alguém que conhece muito bem na vida real.

Só que, na vida real, você não é nem um pouco a fim dessa pessoa. Mas quando acorda, depois de sonhar com ela, fica confusa. De alguma maneira, essa pessoa que você vê todos os dias, em situações normais, no trabalho, no ponto de ônibus, servindo seu cafezinho, mistura-se com a pessoa que a estava deixando louca na noite anterior. Então, só durante um ou dois dias, você começa a achar que essa pessoa é bem interessante. Estar perto dela a deixa nervosa. E você descobre que não consegue olhá-la nos olhos.

Janice uma vez teve um sonho desses com um dos nossos professores. Na vida real, ele cheirava a cheddar azedo, tinha pêlos no nariz e uma pinta molenga e azulada no queixo. Mas, mesmo assim, ela ficou tão abalada que, quando ele veio ajudá-la em uma experiência, ela botou fogo na franja com o bico de Bunsen.

E o fato de eu e Sam termos nos beijado hoje de manhã quase parece um sonho. E é tão surreal que não posso deixar de me sentir toda estranha por dentro.

Mas não posso negar que, cada vez que ele olha para mim, há uma conexão que não existia antes. É uma faceta totalmente nova da nossa amizade que eu nunca, até muito recentemente, sabia que existia. Acho que nos pegou os dois de surpresa.

E o que eu faço com minha resolução cheia de boas intenções? E aquela história de Aja Como um Homem? Transar e dispensar? Tregar e jogar fora?

E aquela história de nunca mais permitir que eu me apaixonasse? Nunca?

Bom, já é tarde demais para voltar atrás, digo a mim mesma, enquanto enfio o biquíni e o short na mala enorme. Estou feliz. Feliz mesmo, de verdade. Sam olha para mim e sorri.

- É esquisito, não é? - sorrio.

- Não tão esquisito assim. - Ele chega mais perto e coloca as mãos sobre os meus ombros.

- Não?

- Não muito. Eu amo você. Sempre amei. Acho que desde que éramos crianças. Eu disse hoje de manhã.

- Desde que eu abri a sua cabeça com aquela pazinha? - sorrio.

- Bom, talvez não naquela ocasião. Naquele dia em particular, eu achei que você era a maior sacana. Principalmente quando os pontos caíram.

- Essa não é uma atitude muito cristã - digo. - Ficar guardando rancor desse jeito.

- Talvez eu não seja um rapaz muito cristão. - Ele sorri para mim, lentamente. - Se você se comportar bem, pode até vir a descobrir isto por si só. Mas, Simpson, aquele negócio da pazinha foi mesmo algo totalmente dispensável. Espero que você não faça a mesma coisa com o meu pai se a sua mãe deixá-lo sentar no colo dela.

Mas nem estou ouvindo.

- Como é que você pode me amar? - pergunto, estupefata com o que ele acabou de dizer. - Eu sou ruiva. Como igual a uma porca. E a gente acabou de se beijar pela primeira vez.

- Você é demais - diz ele, abaixando-se com doçura para beijar minha bochecha. - Você é você. E a gente se conhece há séculos.

- Mas eu não tenho peitão.

- Seu peito é adorável. - Passa a mão em um dos meus seios de modo tão gentil que fico achando que vou gritar de tesão.

Nunca senti tanto desejo por alguém na vida.

- Você pode transar comigo se quiser - digo. - Não vou quebrar.

- Acho que devemos esperar até chegar em casa. - Ele sorri. - Assim ainda vai parecer que é verdade quando voltarmos.

- Certo.

Obviamente, fico levemente decepcionada. Estava louca para descobrir se o pau dele era mesmo tudo aquilo. Mas vou ter que esperar...

Além disso, nunca ninguém jamais me disse que me amava *antes* de transar.

Quer dizer, é muito mais natural falarem uma coisa dessas bem no meio do ato sórdido. Quando estamos mandando ver em um beco escuro. Vamos encarar: tem gente que fala bem na hora de gozar.

E pelo menos ele me conhece bem o bastante para compreender que não podemos nos casar. Não até que saia meu divórcio com David, de qualquer maneira. E além do mais, será que precisamos seguir o caminho convencional de casa, casamento, filhos? Será que não podemos ser apenas nós mesmos? Dois amigos que por acaso fazem sexo, monogâmico e adorável. Encarando os acontecimentos, assim é muito menos assustador.

Estou terminando de fazer a mala quando Sam dá uma saída e volta com flores.

- Para que isso?

- Queria pedir a sua mão em casamento. Mas aqui não tem nenhum lugar para comprar uma aliança. A não ser que você queira uma de plástico verde-limão da máquina no fliperama.

- Ah, Sam. - Sorrio por causa da doçura dele. - Você sabe que eu não posso aceitar.

- Por que não? - pergunta ele. - Não é por causa daquela sua besteira de resolução de Ano-Novo, é? Toda aquela bobajada de ficar solteira.

- Eu vou me casar com o David daqui a duas semanas explico. - Lembra?

O que acontece a seguir será uma espécie de borrão.

- Achei que... - ele gagueja. - Achei que agora... quer dizer, com a gente junto e...

Honestamente, não lhe ocorreu que eu vou dar prosseguimento ao plano de ajudar David e George ficarem juntos.

Ele permitiu a si mesmo acreditar que, se nós ficássemos juntos, tudo iria ser diferente.

- \_Eu nunca disse isso - estouro. Não é minha intenção, mas não posso decepcionar meus amigos. Nem mesmo por Sam. Fiz uma promessa. Preciso honrá-la.

- E nem precisava dizer - Sam grita. - Quer dizer, se você me amasse, nem ia precisar pensar sobre isso.

Fico tão louca da vida por ele estar gritando que resolvo que ele provavelmente só planejou toda esta situação para me impedir de casar com David. E berro com ele por causa disto.

Sam diz que estou falando besteira, dizendo que é lógico que ele me ama, que sempre amou e sempre amará.

- Então, você não pode me deixar casar com o David e ficar comigo mesmo assim? - pergunto, desesperada.

Sam fica olhando para mim por um instante, e sinto um lampejo de esperança.

Então, sempre muito lentamente, ele sacode a cabeça.

- Não, não posso. É tudo ou nada, acho. Preto no branco. Não quero que haja toda uma área cinzenta em que tudo é confuso. E não posso mesmo suportar a idéia de você se casando com alguém que não ama.

- Mas eu amo o David - digo, surpresa. - E o George. E fiz uma promessa para eles. Se eu não me casar com o David, ele vai ter que ir embora. E agora que percebemos como nos sentimos em relação um ao outro, você com certeza consegue entender como isso seria horrível.

- O George só pensa nele mesmo - Sam solta. - E ele está bem feliz de ver você abrir mão da sua felicidade, não está?

- Pare com isso - digo, amargamente decepcionada. Pare já. O George ainda nem sabe o que está rolando com a gente. Então, como é que ele pode achar que eu estou abrindo mão da minha felicidade? E isso não precisa acontecer. Nós podemos ficar juntos mesmo que eu me case com David.

- Não, não podemos. - Sam sacode a cabeça. - Não quero dividir você com ninguém.

- Então você vai ter que esquecer. - Agora estou brava. Brava por ver como ele está sendo egoísta. Será que ele não consegue ver que o meu casamento com David não vai mudar nada entre nós dois? Se ele me amasse, compreenderia.

- Esquecer o quê?

- Tudo. Nós dois. Vamos ter que creditar aquele nosso beijo à bebida e ao cenário.

Ainda bem que ainda não tivemos a oportunidade de transar. Eu não teria chegado perto de você se não estivéssemos viajando. Sabe de uma coisa, Sam Freeman? Eu preferia...

- Ficar com um careca dentuço. É, eu sei - diz ele, tristonho.

## VINTE E TRES

- Não vou me sentar do lado dele - torço o nariz queimado de sol e brigo com a comissária de bordo, batendo o tênis no chão para mostrar que estou falando sério. Janice, apertando-se em seu assento, lança para mim um olhar solidário. Ainda bem que ela está do meu lado.

Sinto-me a maior idiota. O que eu estava pensando, achando que eu e Sam tínhamos um futuro juntos? Como é que ele pode ser tão egoísta que nem me deixa casar com outra pessoa se eu quiser? Quer dizer, pode me chamar de antiquada, mas...

O que é que aconteceu com o amor incondicional?

Sam simplesmente ergue as sobrancelhas para o céu como se este fosse exatamente o tipo de atitude que ele esperasse de alguém tão infantil quanto eu. Então ele assume aquele tom de voz dele de "eu sou tão razoável" e pergunta ao homem ao lado dele se ele se importa de pular uma cadeira para ficar entre nós dois.

Tipo um anteparo central.

- Pode confiar em mim, companheiro - ele reconforta o homem que, não é de surpreender, reluta em abrir mão de seu confortável assento de corredor. - Você só vai ter que ouvi-la reclamando até chegarmos a Heathrow.

- Faz tempo que vocês são casados, hein? - pergunta o homem, em pé para permitir que eu passe.

- Meu Deus, vocês são tão previsíveis que chega a ser patético - grunho, abaixando-me na frente do homem de modo que possamos dar prosseguimento a nossa conversa. - Todos os homens unidos, não é? Encheção é um termo inventado pelos homens para impedir as mulheres de conseguir o que elas querem, sabe como é. Como vocês são machistas.

Mesmo com o homem sentado bem quietinho entre nós dois, a viagem de volta a Londres é um pesadelo. Para começar, ele é do tipo que abre os cotovelos na hora de comer, de modo que sou obrigada a fazer a mesma coisa, apesar de não ser algo que eu faria normalmente, mas preciso mostrar de algum jeito que não tenho espaço bastante para mim.

O que é pior, do outro lado do corredor, um pirralho remelento, com corte de cabelo de skinhead, jaqueta de couro e brinco de ouro está tendo um ataque histérico só porque pode.

Eu sei bem como ele se sente.

Para piorar tudo, quando chego à casa de George (ele e David vão passar a noite no hotel Savoy, porque querem), Jake está sentado na mureta do jardim.

Conversando com Nick.

E os dois parecem extremamente bravos.

Fui descoberta.

Droga.

Engato a ré no carro e vou para a casa de Janice.

- Vou ficar aqui - aviso a ela. - O Jake e o Nick estão na frente da casa do George. Estão conversando.

- Ah, querida...

- Não estou com saco de enfrentar isto agora.

- Você não acha que é melhor ir lá? - Ela se levanta e eu imediatamente me sinto culpada porque ela parece supercansada. No momento, está começando a se sentir enjoada o tempo todo. - Eu vou com você, se você quiser.

- Será que não dá só para eu ficar aqui? - Dou uma olhada geral no apartamento dela, que não está tão calmo, bacana e arrumado como de costume. Exemplares de revistas tipo *Pais e Filhos* e livros de nomes de bebês cobrem o chão. - Eu podia ficar escondida aqui e ajudá-la quando você estiver do tamanho de uma casa.

- Ah, querida, você sabe que pode ficar aqui. - Janice me dá um abraço. - Mas nada de arrumação. Daqui a alguns meses, este lugar vai estar cheio de fraldas sujas de leite e pedaços de plástico de cores primárias. Com sinos. É melhor já ir me acostumando a viver na bagunça. Mas você não acha que precisa resolver essa questão?

- Por quê?

- Para falar a verdade, não sei. Para dar um fim. E poder seguir em frente. Daqui a menos de duas semanas, você vai ser uma mulher casada. Não se esqueça disto.

- Ah, meu Deus.

- Ele não vai ajudá-la agora. Vamos lá. Dá um fim nisso tudo logo.

Com relutância, entro de novo no Balde Enferrujado, fazendo uma pausa só para deixar que Janice entre pelo lado do passageiro. Então nos dirigimos para Islington para encarar o problema de frente.

- Ah, olha só - digo, fingindo estar decepcionada quando estacionamos na frente da casa de George. - Os dois foram embora. Não faz mal. O fim desta história vai ter que esperar, simplesmente. Tenho biscoitos de chocolate lá dentro.

Mas, quando abro a porta, logo percebo que não estamos sozinhas. Dá para ouvir o barulho das panelas no fogão. A porta da geladeira abrir e fechar. E a voz da minha mãe, clara e alegre, quando vem me cumprimentar.

- Katie - ela sorri -, como foi a viagem?

- Foi ótima, obrigada, mãe. - Fico surpresa por ficar tão contente de vê-la. Ela parece me reconfortar, de certo modo, depois de tudo que aconteceu nos últimos dias.

- E Janice. - Minha mãe irradia. - Como vai o pequenino? Meu Deus, você já está do tamanho de um ônibus, não é mesmo?

Na verdade, Janice continua pequenininha, mas esta é só a minha mãe sendo ela mesma.

- Muito bem, obrigada, senhora S.

- E como vai o Sam? Ele aproveitou bem? Ele disse que ligaria quando voltasse, mas ainda não tivemos notícias dele.

Nadinha.

- Humpf.

- Ah, vocês não brigaram de novo, brigaram? Não faz mal. Trouxe um pouco de cozido que sobrou, para o caso de vocês estarem com fome. E cuidei de toda a burocracia para você. E achei estes dois aqui na porta. Olha. Este jovem simpático aqui disse que veio devolver as suas calças.

Droga.

Put a porra que pariu.

Sentados um de cada lado da mesa da cozinha de George, cada um com um prato fumegante de cozido de cordeiro e pedacinhos de massa de minha mãe, estão Nick e Jake.

- Disse a eles que eram bem-vindos a qualquer momento - ela solta, depois de pegar uma cadeira para Janice.

- Ótimo.

- Não se preocupe - ela cochicha no meu ouvido e aponta para Jake quando vou pegar uma xícara para o chá. - Esse aí não presta.

Sorrio. Apesar do estômago embrulhado e da perspectiva de um escândalo, não posso deixar de pensar em como é maravilhoso que a minha mãe sempre soube como Jake é na verdade. E eu achando que ele a enganava.

- Tem alguma coisa que você gostaria de dizer, Katie? - Jake olha para mim, cheio de raiva.

- Tem sim - dou um gole no chá da minha mãe. - Você é o maior punheteiro.

Nick não diz nada. Apenas se serve de mais uma porção de cozido de minha mãe. O bobalhão ainda nem se ligou no que está acontecendo.

- Vim aqui para me oferecer a abandonar a Tracy. - Jake está completamente tomado pela raiva.

Dou de ombros.

- Bom, você ia ter que cair na real alguma hora.

- Mas parece que você está saindo com outra pessoa - aponta Nick com a cabeça. Nick ergue os olhos de uma montanha de purê de batata e sorri para mim todo fofo.



- Eu disse para ele - confessa. - Espero que você não se importe. Sabe, o negócio é que eu dei uma passada aqui para devolver as suas roupas. A minha mãe lavou tudo.

- Hmm, é, obrigada.

- Eu meio que estava achando mesmo que não estava dando certo. Tipo eu e você. É que você é inteligente demais.

- Bom - balbucio, sentindo uma punhalada de prazer por causa do olhar de fúria no rosto de Jake.

- Quer dizer, você lê aqueles jornais grandes e tudo o mais.

- Tudo bem, Nick. - Sorrio para ele. Meu Deus, isto aqui vai ser fácil demais.

Nick/Dudley, seja qual for o nome dele, não parece estar nem um pouco magoado. Na verdade, desde que eu não me meta entre ele e o prato, acho que ele vai sair daqui tão feliz quanto um porco chafurdando na merda.

Jake, por outro lado, é um assunto completamente diferente. Eu realmente não estou nem aí para a maneira como ele se sente. E tenho minha mãe e Janice aqui para segurar a minha mão.

- Então, é verdade? - desafia Jake.

- Bom, você ouviu o cara - digo. - E ele não é algum ator caríssimo que eu contratei só para sacanear você.

- Achei que nós estávamos juntos. - Jake empurra o prato de comida para longe com desgosto e minha mãe, ao perceber isto, fica com cara de quem está prestes a acertá-lo na cabeça com a frigideira que está lavando.

- Estávamos - concordo. - Mas eu também estava com outras pessoas. Igualzinho a você. Mas agora eu não estou mais com vontade de ficar com você. Então você pode voltar para a Calcinha de Peixe. Vamos lá. Sai fora.

Estupefato, Jake levanta, pega o celular e olha para a minha mãe. Ela cruza os braços como quem diz Não se Meta Comigo e ele se dirige para a porta. Janice faz uma careta de nojo. Preocupada porque ele pode se sentir afrontado, olho para Nick. Mas ele só ergue os olhos do prato e pergunta se alguém se importa se ele comer o que Jake deixou.

À medida que Janice vai ficando maior, começa a se sentir cada vez mais enjoada, então fico no apartamento dela até o dia do casamento; dou umas passadas na casa de George só para pegar livros de receita e dar comida para os gatos. Aliás, prefiro não ficar na casa deles no momento. Afinal, dá azar a noiva ver o noivo antes do casamento. E a última coisa de que preciso agora é de uma visita do Serviço de Imigração.

Também torço para que a companhia constante e a conversa entre mulheres façam com que eu pare de pensar em Sam. Mas até parece. Depois de três dias tentando me convencer de que eu o odeio, resolvo tentar falar com ele.

Porque eu não o odeio. De jeito nenhum. E não suporto deixar as coisas deste jeito.

Vou até a casa dele e toco a campainha. Enfio as mãos nos bolsos. Não consigo evitar o sentimento de nervosismo. Meu coração está alojado na boca do estômago e eu me sinto enjoada.

Ele demora uma eternidade para abrir a porta. Mas afinal ouço passos no corredor e a porta se abre.

É Shana.

- Ah.

- Oi. - Ela sorri, toda doce.

- Hmm. ai.

- Você quer alguma coisa?

- O Sam está?
- Não - ela sorri de novo. - Ele saiu.
- Ah. Tudo bem.
- Ele contou para você que nós voltamos? - pergunta ela.
- Não.

Sinto-me como se tivesse levado um chute. No estômago, por trás. O choque de saber que Sam tinha ido correndo de volta para Shana é quase demais para suportar. Se foi capaz de fazer isso, não me amava tanto assim mesmo.

Amava?

Não me dou ao trabalho de dizer mais nada a Shana. Nem consigo esconder como estou perturbada. Vou embora, com lágrimas nos olhos, um caroço do tamanho de Júpiter na garganta e minha dignidade em frangalhos. Então volto a pé até a casa de Janice, sem nem mesmo parar na lojinha da esquina para comprar chocolate e cigarro.

Quando Janice olha para a minha cara, sai correndo para a lojinha da esquina para comprar chocolate e cigarro.

- Cafajeste - ela diz quando conto tudo.
- Cafajeste filho da puta - concordo.
- Cafajeste filho da puta da porra. - Ela enxuga meu rosto com um lençinho. - Eu não achava mesmo que ele fosse assim.
- Claro que ele é assim. - Fungo no meu choro e assoo forte o nariz. - Ele é o maior cafajeste do mundo.
- E verdade.

Na manhã do meu casamento com David, Janice e eu assistimos a vídeos para acalmar os meus nervos, copo de champanhe em uma mão, um punhado de pipoca caramelizada na outra.

Laurence Llewelyn-Bowen, por outro lado, está aplicando um papel de parede de zebra horroroso em cima das paredes cor de carvalho de uma casa de fazenda do século XVIII em Shropshire.

- Você não está pensando que queria fazer uma troca de noivos, está? - Janice aperta minha mão.
- Queria mesmo trocar de *útero*, para falar a verdade - solto. - Estou com uma cólica que você não ia acreditar. Devo ser a única noiva da história que vai passar a noite do casamento sozinha, de TPM.
- Mas também, o noivo vai passá-la trepando com outra pessoa, não vai? - Ela ri. - Se quiser, pode trocar de útero comigo. O meu está ficando meio cheio.
- Mesmo assim, eu prefiro me casar com o David a casar com esse cara aí - aceno na direção da TV e tomo um enorme gole de champanhe como que para reprimir qualquer dúvida que eu ainda possa ter.
- Eu também - reconhece Janice. - Então, nenhum arrependimento?
- Nada de arrependimento - digo. - Nunca fui capaz de manter uma resolução de Ano-Novo, então não sei por que deveria começar agora. E não vou me casar *de verdade*, você sabe. Não no sentido de "amarre um colchão nas minhas costas e me prenda à pia com uma colher de pau na mão". Na teoria, vou continuar a ser Linda, Leve e Solta.
- Acho que está mais para Velha, Largada e Burra. - Janice sorri, dando um golão no champanhe dela (só uma tacinha, viu) e voltando sua atenção para a TV, onde Linda Barker está passando massa corrida na parede da cozinha de um apartamento do décimo

andar de um prédio popular em Ilford, cor de terracota para dar uma aparência de interior de villa na Toscana.

- Mas eu não estava falando do seu casamento. – Janice coloca o braço em volta dos meus ombros. - Você sabe do que eu estou falando. E não é de não respeitar suas resoluções de Ano-Novo idiotas. Estou perguntando se você gostaria de esperar mais um pouco pelo Intervalo para uma Coca Light.

- Você está falando do Sam?

- Exatamente. Ou de alguém como ele.

- Acho que não. - Respondo. - Pelo menos descobri como ele é de verdade. Não dá para acreditar que ele voltou correndo para aquela tonta. De qualquer modo, estou dando minha contribuição para o amor verdadeiro, fazendo com que David fique no país para que ele e o George possam ficar juntos. O David é a primeira pessoa que o George ama, sabe, além dele mesmo. E da mãe dele. Seria muito injusto se ele estivesse a milhares de quilômetros de distância, abrindo latinhas de cerveja geladas em uma praia, sozinho.

- Em vez de demonstrar toda a sua utilidade e preparar daiquiris para o David, é isso? - diz Janice, e nós duas temos um ataque de riso como não temos há uma semana.

E rir faz bem.

Não menciono que, se George e David não tivessem me dado um quarto, um escritório e um lugar para ficar, nunca teria conseguido fazer com que a Comidinhas Caprichadas decolasse. Eles me proporcionaram uma carreira de que me orgulhar. Não posso jogar nada na cara deles, posso?

Tudo bem, convenientemente esqueço que a idéia toda foi de Sam, para começar. Não posso pensar nisso agora. Já tenho muita coisa com que me preocupar, com a forte probabilidade de que eu esqueça o que tenho de dizer na hora da cerimônia. E com a possibilidade de que o Departamento de Imigração se ligue no fato de eu estar me casando com um gay estrangeiro e resolva dar uma passadinha por lá.

E não só para jogar confete.

É legal ver George e David tão felizes. E fico aliviada de saber que vai ficar tudo bem com Janice. Ela tirou esta semana de folga do trabalho para me ajudar, enquanto eu assava um enorme bolo de casamento cor-de-rosa decorado com coraçõezinhos, bolinhas prateadas e balinhas adoráveis. Juntas, fizemos tortinhas de camarão com gergelim, panquequinhas de pato e enormes tonéis de sopa apimentada e com creme azedo, frango com castanha de caju e lula com molho de feijão preto.

Aquela última visita que fiz a Sam me ensinou algumas coisas.

Que eu com certeza tinha tomado a decisão certa.

Eu sei quem são os meus amigos.

E não vou para a cama com nenhum deles.

Quando coloco meu vestido (um tufo de tecido rosa-dourado, longo e elegante; Didier me deixou orgulhosa) e Janice dá os últimos retoques no meu cabelo e me leva para fora, até o táxi que espera, esmago as últimas dúvidas que podia ter e resolvo tratar o dia de hoje como uma grande festa.

*Minha festa.*

E vou chorar se bem entender, porra.

Mas também, talvez eu só ria bastante.

Pela maneira como estou me sentindo, quem é que vai saber?

- Só uma coisa - Janice cochicha quando entramos no táxi preto. - Você pode estar muito bem se metendo em um casamento sem sexo, mas onde há fumaça, há fogo.

- O quê?

- Lembra quando o Rory Wilsher me deu o pé na bunda? - começa ela, consertando uma das alcinhas de seu vestido de madrinha rosa-Barbie. - Eu costumava gastar a maior grana com táxi. Até para ir trabalhar.

- Ah, é - lembro. - Gastava mesmo. Mas achei que era porque você ficou arrasada demais com a perda, tanto que não conseguia nem mais andar.

- O caralho que era. - Ela sorri. - Então, sente aí. Bem no meio.

Obedeço, movendo-me um pouco para o lado, quase derrubando meu buquê de botões de rosa cor-de-rosa no chão do carro.

- Pronto. Está sentindo alguma coisa?

- Estou - respondo, com um sorriso se esparramando pelo meu rosto. - Acho que sim.

- Então pronto. Melhor do que um vibrador em um dia de tédio.

Ficamos rindo durante todo o trajeto até o cartório de Chelsea. Ainda estou um pouco bêbada por causa de todo o champanhe que entornei de manhã, mas George (Deus o abençoe) se lembra de colocar um cobertor na minha cabeça quando vamos do carro até o prédio, para que, se a minha mãe por acaso resolver passar ali bem naquele instante, não me veja e não dê à luz ali mesmo na calçada.

- Todo mundo vai ficar achando que você é uma pop star - diz ele quando subimos os degraus.

- É disso que tenho medo - balbucio. - Anda logo, será que é possível? Não estou enxergando porra nenhuma. E não quero chamar atenção.

No final, quem me entrega é um amigo de David, Rigby Hétero. Nunca o tinha visto antes, mas ele parece muito legal. E apesar de a coisa toda parecer muito estranha, por eu ser a única heterossexual (além de Rigby e Janice) no meu casamento, percebo que não faz a mínima diferença.

Pelo menos não tem ninguém do Departamento de Imigração aqui. A coisa toda parece uma gayzice só.

E acho que todo o cor-de-rosa não ajuda em nada. E o confete glitter também está um pouco espalhafatoso demais.

Dou uma olhada no público e percebo que há alguns outros heterossexuais por ali.

Poppy e Seb apareceram. Poppy, grávida e majestosa em um tubinho de seda roxa rosada. Seb com um terno escuro e uma gravata roxa rosada combinando com o vestido dela. Deus os abençoe. Isto *aqui* não tem nada a ver com ela, mas fico feliz com o apoio deles. E (aimeuDeus), sentada lá na frente, do outro lado, piscando para mim como se a vida dela dependesse disto, está a mãe de George. Ela me manda um beijo. Olho para George, que está exultante.

- Eu contei - confidencia.

Meu coração se enche de orgulho. Eu sabia que ele podia contar. E, obviamente, está tudo bem. A boa e querida mãe dele compareceu ao casamento do namorado.

Eu sabia que ela era legal pra cacete.

A única pessoa que realmente está faltando é Sam.

Suspiro. Por mais que eu tenha tentado fingir que não, tinha meia esperança de que ele aparecesse e parasse o casamento no meio. Uma batida no chão, ao estilo de *Quatro casamentos e um funeral*, quando chega na parte: "Se alguém aqui conhece alguma razão para que este casamento não se realize."

Mas ele não aparece. E aliás, a cerimônia é tão rápida que eu mal percebo quando acaba. Nada de canções. Nada de leituras.

Em poucos minutos, sou uma mulher casada.

Que caralho.

É hora de beber até cair dura.

O chefe de George nos emprestou seu barco no Tâmis para a recepção do casamento. Está todo enfeitado com dezenas de lanternas chinesas de papel, em todos os tons de rosa imagináveis. Rosa tutti-frutti, rosa-Barbie, rosa salmão, rosa de bala, rosa de flor, todas flutuando no ar, junto com as gérberas que George pendurou de cabeça para baixo, espaçadas, em um arame esticado em cima do convés. Três garçons de smoking com gravatas-borboleta cor-de-rosa servem drinques cor-de-rosa em copos altos e vários convidados já parecem um tanto embriagados.

- Vamos lá - anima Janice, pressentindo minha felicidade por não encontrar Sam entre eles. - Vamos encher a cara.

Bom,  *você*  pode - completa, rindo. - Para mim, melhor não. O Jasper Júnior pode não gostar.

-  *Você não*  vai dar o nome dele para o bebê! - exclamo, chocada.

- Nunca se sabe. - Ela sorri. - Estou brincando – completa apressada, tendo visto que estou prestes a sugerir que se coloque o bastardozinho para adoção, no final das contas.

– O nome dele não vai ser nenhum que comece com J. Então Jerome, Jemima e Jessica também estão fora. E Josh. É melhor  *você*  começar a pensar.

- Por que eu?

- Quero que  *você*  seja a madrinha.

- Quer?

- Claro.

- Ah, Janice - digo. - Obrigada.

E então caio no choro.

- Minha mãe está contente, sabe? - conta ela. - Já começou a tricotar. Não agüenta esperar até o bebê nascer.

- E  *você* ?

- Cagando de medo.  *Você vai*  me acompanhar no hospital, não vai?

- Claro que vou. - Aceito um drinque e me afundo em urna mesa na outra ponta do convés, esquecendo por um instante que estou de vestido, portanto minhas anáguas estão à mostra para quem quiser ver. - Vou ficar esperando lá fora com charutos grossos e champanhe.

- Ah não, nada de charuto, por favor. - Ela sorri, gentil. - Já agüentei charutos suficientes para a minha vida inteira. E eu estava querendo que  *você*  fosse lá para segurar a minha mão.

Olho para a minha melhor amiga. Ela parece um pouquinho assustada. De modo que lhe dou um abraço bem forte, reconfortante.

- Claro que vou segurar - digo. -  *Você*  sabe que eu amo  *você*  do fundo do coração, porra.

- Eu também amo  *você* . - Ela me devolve o sorriso, agradecida.

Definitivamente, é uma festa a ser lembrada. E, muito mais tarde, quando o sol está se pondo sobre o rio e todas as drag queens, ice queens e acid queens que são os amigos de George e David já estão indo para casa, David me puxa de lado.

- Obrigado. - Ele me dá um abraço bem apertado. – Mais do que tudo. Eu agradeço do fundo do coração. Pouca gente faria o que  *você*  fez hoje. Foi muito altruísta.

Caralho se foi, foi mesmo, pensei.  *Você*  não sabe o quão altruísta.

Mas ele sabe.

- Eu sei do Sam - revela ele. - A Janice contou para a gente. Eu sei como  *você*  abriu mão dele por mim e pelo George. E nunca vou poder devolver o favor. Eu amo  *você* .

- Eu também amo você. - Dou um abraço nele. - E muito de nada.  
É irônico, mesmo. Lá estava eu no começo do ano, tão determinada a ficar solteira, tão determinada a ficar com tantos caras quantos eu quisesse que nem percebi que estava me apaixonando por acidente.  
Apaixonei-me por Sam por descuido.  
E ainda assim, aonde foi que tudo isso me levou? Ele com certeza não me quer mais agora, quer?  
Honestamente, achei que ele poderia ter aparecido hoje à tarde. Se não para a cerimônia, pelo menos para a festa. E olha que esta festa *foi* divertida.  
- Eu não teria vindo - concorda George.  
- Eu sei que não, seu cafajeste egoísta.  
Ele sorri.  
- A vida é quase perfeita.  
- Não é tão má, é? - digo.  
E não é, percebo. Realmente não é. Posso ter perdido Sam, mas tenho três amigos que me amam demais.  
E vou ter um afilhado.  
Que amor.  
- Quase perfeita? - pergunta David. - Do que mais você precisa?  
- De um bebê? - sugere George. - Katie, querida, você tem certeza de que Janice não está a fim de vender?  
Caio na risada.  
- Tenho certeza.  
Ele nunca vai mudar.  
- E você? A resposta continua sendo não?  
- Vamos dizer que ainda não estou pronta para andar por aí com uma placa "Útero de Aluguel".  
- Que bom ouvir isso - diz uma voz bem conhecida.  
Meu coração dá um salto.  
David e George instintivamente desaparecem no cenário, e eu fico sozinha.  
- Você se casou mesmo, então.  
Assinto com a cabeça lentamente.  
- É, casei.  
- Nenhum arrependimento? - pergunta Sam.  
- Nenhum - respondo, falando a verdade. - Estava ajudando a um amigo. Dois amigos. Só queria fazê-los felizes. Eles dois *se* amam, sabe?  
- Sei - responde Sam. - Pena que as coisas terminaram do jeito que terminaram. Entre nós, quero dizer.  
- Sei.  
- Você acha que ainda podemos ser amigos?  
- Espero que sim.  
- Você gostaria?  
Lentamente, vindo de algum lugar bem lá dentro de mim, consigo dar um sorrisinho.  
- Gostaria - digo, de verdade. - Não temos muita escolha, para falar a verdade, não é?  
Nós vamos ser parentes, lembra?  
- Ah, é. - Ele sorri, pesaroso. - Você vai ser minha irmã.  
- Então, talvez seja melhor não, sabe...  
- Sei. - Ele me dá um abraço. Desta vez, um abraço de irmão. E sinto uma pontada de arrependimento.  
Mas bem pequenininha.

- Tchau, por enquanto. - Digo, tentando ser forte. Talvez possamos sair para beber alguma coisa quando isso tudo estiver um pouco mais... você sabe.

- Sei.

É esquisito voltar para casa sozinha depois do meu próprio casamento. Estou prestes a entrar em um táxi em Kew Bridge quando ouço alguém correndo atrás de mim.

Sam.

- Posso lhe fazer companhia? - pergunta. - Hoje à noite, quer dizer?

- Não sei. - Sacudo a cabeça. - Não tenho certeza...

- Por favor?

- Tudo bem.

Quando chegamos em casa, me sinto estranhamente acabada. Só quero um banho quente e uma cama.

- Você dá comida para o Graham e o Shish para mim?

- Claro.

Não quero tomar banho só por causa do banho. Apenas sinto a necessidade de fugir de Sam. Estou confusa, Por que ele está aqui? E cadê Shana?

Credo, isto dói demais.

Tudo bem, então somos amigos de novo. E fico feliz com isso. Feliz de verdade. Nós nos conhecemos desde sempre. Teria detestado perdê-lo.

Mas quanto tempo vai demorar? Para esquecê-lo, quero dizer.

E corno é que eu vou conseguir ser uma boa irmã para alguém por quem estou loucamente apaixonada?

Especialmente porque vou ter que ficar assistindo a ele e Shana todos felizes juntos.

Deito-me sobre um monte de bolhas com cheiro de sândalo, olhando para minha aliança de ouro branco com um sorriso amarelo. George insistiu para que não fosse de ouro amarelo, por que senão pareceria comum.

Fecho os olhos, afundando-me sob a superfície para lavar todas as dificuldades do dia.

De repente, corno que vindo do nada, sou atingida por pedras.

- Que porra é esta?

Subo à superfície cuspiendo e tossindo.

- O quê...

Sam está entrando na banheira de roupa.

- Que porra você está fazendo?

- Estou ficando do lado da torneira. O que você acha?

- Não estou entendendo.

- Não está? - ecoa ele, gentil, sentando-se de repente, de modo que a água cai pelas laterais da banheira e se espalha pelo chão.

- E o que é isto? - coloco a mão embaixo da minha nádega direita para ver o que está me incomodando. - Porra, isso machuca. Por que é que você estava jogando pedra na banheira?

E então, com um pequeno arrepio por dentro, percebo que não é uma pedra.

É uma bala de goma.

Urna bala de goma vermelha.

E há pacotes de batatinha por todo o chão do banheiro.

- Eu amo você, Katie -- diz Sam, completamente ridículo com sua jaqueta da Diesel, sentado dentro de uma banheira cheia, fedendo a sândalo e rodeado por doces de cores fortes. - Você pode me obrigar a ficar do lado da torneira quantas vezes você quiser, que vou continuar amando você.

- Mas você ainda vai se casar com a Shana.

- De onde foi que você tirou esta idéia?

- Fui até a sua casa. E ela estava lá. Trazendo todas as coisas dela.
- Tonta. - Ele dá um peteleco e manda um monte de bolhas para o meu nariz. - Ela estava levando tudo embora. Dei a chave para ela porque queria que ela tirasse o resto das coisas dela da minha casa. Tinha deixado um montão de coisa por lá.
- Então ela inventou? - pergunto, meu coração de repente ficando leve.
- Claro que sim -- exclama ele. - Estou surpreso por você não ter percebido. Você sabe do que ela é capaz.
- Então, por que você não foi ao casamento?
- Eu não queria impedi-la de fazer o que você queria fazer, fosse lá o que fosse. E não faz mal. Você estar casada com o David, quer dizer.
- Sinceramente?
- Sinceramente. Pensei que faria, mas não faz. A única coisa que interessa é que eu amo você. Casada ou não. Quer dizer, não é corno se você estivesse casada no sentido literal da palavra, é?
- Bom... - começo; daí, vejo a cara dele e começo a rir. - Estou brincando.
- Então, você topa? Podemos?
- Ah, Sam. - Caio na risada, afinal me sentindo completamente feliz. - Vá lá buscar um pedaço do meu bolo de casamento que eu vou pensar.

## EPILOGO

O bebê de Janice nasceu; é menina. Ela queria que se chamasse Katherine (por minha causa), mas consegui convencê-la de que seria um nome tedioso, que ninguém nunca sabe escrever, então ela escolheu Lucille. Ela é linda. Parece-se muito com Janice e nada com Jasper. A mãe de Janice foi morar com elas e cuida de Lucille enquanto Janice está no trabalho. A mãe de Janice adora não precisar morar em um prédio horrível onde os elevadores já nem funcionam mais. E Janice está saindo com um cara novo. O nome dele é Ethan e ele também tem uma filhinha. Levam as crianças ao parque todo fim de semana. Não sei se estão exatamente apaixonados, mas parecem bem felizes. Ainda bem.

George passa lá para visitá-las o tempo todo. Ele é um padrinho exemplar. Parou de trabalhar, de modo que ele e David estão viajando muito no momento, porque têm a esperança de comprar um bebê em algum país do Terceiro Mundo. Até agora, acho que não encontraram nenhum que combine com o estofamento do carro novo, mas tenho certeza de que logo acharão algo adequado.

Revelou-se que o nome de Jasper não era Jasper coisa nenhuma. O nome verdadeiro dele é Archie Higgs e ele é procurado pela polícia por causa de um esquema de



prostituição que opera em Hampstead já há algum tempo. Eu vi a notícia em um tablóide.

Poppy teve as gêmeas Molly e Holly em setembro. Sendo Poppy, seu parto foi perfeito e indolor. Não como o de Janice, que deixou a sala de parto muito parecida com um abatedouro e seu períneo em frangalhos. Elas só choram em circunstâncias extremas e quase nunca ficam doentes. Na única vez que Poppy viu a filha de Janice, Lucille regurgitou em cima dela inteira, para a enorme diversão de Janice e minha.

Não sei o que aconteceu com Max porque, ainda bem, nunca mais o vi.

Nick e minha mãe ficaram amigos depois do cozido e ele aparece de vez em quando na casa dela e de Jeff para jantar.

Jake e a Calcinha de Peixe se casaram não há muito tempo. O noivo vestiu Hugo Boss e a calcinha da noiva ficou aparecendo.

Uma semana dessas, o casamento de Shana com um membro de baixo escalão da família real encheu as páginas das revistas de celebridades.

E eu finalmente consegui ir para a cama com alguém na noite do meu casamento.

E, sim, o pau dele com certeza não decepcionou ninguém.

Minha mãe está no sétimo céu agora que eu e Sam estamos juntos. Ela não pára de falar em sinos de igreja e está difícil esconder dela o meu divórcio, que está para sair.

Mas acho que Sam e eu não nos casaremos.

Quer dizer, não dá exatamente para casar quando o pai do noivo e a mãe da noiva formam um casal, não é?

Você acha que dá?

FIM